

CATIRA




Uma tradição de 450 anos

CATIRA

Uma tradição de 450 anos

2014





A Vale é uma mineradora brasileira, presente nos cinco continentes, que tem como missão transformar recursos naturais em prosperidade e desenvolvimento sustentável. Somos líderes na produção de minério de ferro, segunda maior produtora de níquel e atuamos também em outros segmentos minerais como carvão, fertilizantes, cobre, manganês e ferroliga. Com investimentos em tecnologia e logística, garantimos eficiência, crescimento e sustentabilidade de nossas operações.

O investimento da empresa se estende também às pessoas e ao meio ambiente. Buscamos construir uma cultura organizacional que valorize a diversidade, seja justa e inclusiva, ofereça oportunidades de crescimento profissional e privilegie a saúde e a segurança dos nossos empregados. Além de construir uma relação forte e aberta nas comunidades em que atuamos, contribuindo para o desenvolvimento das regiões.

A sustentabilidade é um dos nossos pilares estratégicos, fundamentada no conceito de que só há desenvolvimento sustentável quando a empresa e a sociedade trabalham juntas, compartilhando o valor gerado. Promovendo o diálogo intercultural e valorizando as identidades locais, a Vale busca contribuir para a promoção da cultura, pois acredita em seu poder transformador.

Temos orgulho de patrocinar o projeto “Catira – Uma tradição de 450 anos”, valorizando e propagando a diversidade cultural brasileira para as atuais e futuras gerações.

Vale. Para um mundo com novos valores

FICHA TÉCNICA

© 2014, Fundação Cultural de Uberaba
1ª edição – 1ª impressão
Tiragem: 1.000 exemplares
32cmx 24cm . 200 p.

Este livro é parte integrante do Projeto CATIRA- UMA TRADIÇÃO DE 450 ANOS da Fundação Cultural de Uberaba, aprovado pela Lei Rouanet e publicado no D.O.U. em 08 de junho de 2012, patrocinado pela empresa VALE S/A. O Projeto consiste de três partes: lançamento do DVD documentário; o site www.catiranobrasil.com.br; e Livro lançado em 21 de junho de 2014. O Projeto foi idealizado por Gilberto de Andrade Rezende. Concepção do Projeto e Coordenação Geral do Livro – Lisete Maria Alves Resende

Idealização e Colaboração de Texto
Gilberto de Andrade Rezende

Pesquisa e textos
Lisete Resende

Colaboração
Eliane Mendonça Marques de Rezende
Fabiana Silbor

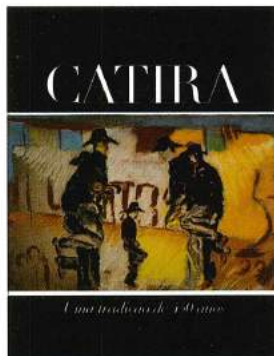
Revisão
Suzy Mary de Almeida Leandro

Fotografia
Adilson Ramos (Digital Vídeo) e Rúbio Marra

Projeto Gráfico
First Class Solutions

Diretor Criativo
Dudu Assis

Endereço /Distribuição:
Fundação Cultural de Uberaba
Praça Rui Barbosa, 356 – Centro – CEP: 38.010.240 - Uberaba / MG / Brasil
fone/fax: 55 - 34 – 3331 9200
culturauberaba@gmail.com



CAPA: Paulo Miranda/artista
Memorial - "Catira"

Desenho: técnica mista sobre papel - 25x38cm 2014
Desenho executado a partir de uma imagem da apresentação do grupo "Catira Raízes". É um trabalho figurativo composto por tons mais escuros nas extremidades. Pretos e cinzas, passando pelo azul até atingir o tom de terra, de grande significado na dança. A luz entra no trabalho através do amarelo e do branco. A composição da cena traz como foco principal a imagem ao centro de uma criança representando simbolicamente a renovação dessa dança tão tradicional trazida pelo colonizador, mas que encontrou terra fértil no Triângulo Mineiro, principalmente em Uberaba. (Paulo Miranda)



Equipe responsável pelas filmagens e entrevistas e a coordenadora do Projeto "Catira - Uma tradição de 450 anos". Na foto Neto, Adilson, Lisete e Eduardo Ferreira

PREFÁCIO	07
PARTE 1 - CATIRA	11
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	15
O CONTEXTO GERAL DOS COLONIZADORES DO BRASIL-	16
ORIGEM DO CATIRA.....	19
ESTRUTURA MUSICAL E COREOGRÁFICA DO CATIRA	22
A MÚSICA.....	25
A VIOLA	26
VÁRIAS AFINAÇÃO DAS VIOLAS	29
A MODA	31
RECORTADO	33
TRANSMISSÃO E APRENDIZADO.....	35
CULTURA CAIPIRA.....	37
INFLUÊNCIAS GEOGRÁFICAS NO CATIRA.....	39
TEMPOS MODERNOS.....	41
CONCLUSÃO	43
MEU ENCONTRO COM O CATIRA GILBERTO DE ANDRADE REZENDE.....	46
SEGUNDA PARTE CATIREIROS.....	53
GRUPO DE CATIRA OS IRMÃOS FLORENCIO.....	56
GRUPO CATIREIROS DE ARARAS.....	60
GRUPO DE CATIRA NOVA GERAÇÃO	62
GRUPO DE CATIRA VIENA.....	65
GRUPO DE CATIRA TRADIÇÃO DE MINAS.....	69
GRUPO DE CATIRA MINEIROS DO PÉS QUENTE	73
GRUPO VIOLA E CATIRA TERRA BATIDA	78
GRUPO DE CATIRA MARREQUITOS.....	82

GRUPO OS DEFENSORES DA CATIRA	86
GRUPO DE CATIRA POR AMOR A PÁTRIA	94
GRUPO DE CATIRA DE EXTREMA.....	98
GRUPO DE CATIRA NOVOS ARAÇÁS.....	102
GRUPO DE CATIRA OS GUARÁS	106
GRUPO DE CATIRA GERAÇÃO POR GERAÇÃO	110
GRUPO OS BRUTOS DO CATIRA.....	114
GRUPO DE CATIRA OS CONSIDERADOS.....	118
GRUPO DE CATIRA LASCA TÁBUA	124
GRUPO DE CATIRA VIOLEIROS DO CATIRA.....	129
GRUPO CATIREIROS DE JOANÓPOLIS.....	132
GRUPO DE CATIRA FLOR DO MATO.....	136
GRUPO DE CATIRA OS AMIGOS	139
GRUPO DE CATIRA ESPORA DE PRATA	142
GRUPO DE CATIRA RAIZES	145
GRUPO DE CATIRA IRMÃOS OLIVEIRA	149
GRUPO DE CATIRA BOTAS DE OURO.....	154
COMPANHIA DE CATIRA DO TABUADO	161
GRUPO DE CATIRA PEDRO PEDRINHO	163
GRUPO DE CATIRA RAÍZES DO SERTÃO.....	167
GRUPO DE CATIRA VIOLA EM CACO	170
GRUPO DE CATIRA OS FILHOS DE APARECIDA	174
GRUPO DE CATIRA AS MENINAS DE APARECIDA	174
GRUPO DE CATIRA ORGULHO CAIPIRA	179
GRUPO DE CATIRA DOS BORGES.....	184
GRUPO CATIREIROS DO ARAGUAIA	188
OS GRUPOS.....	194
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200

Por mais que se esforce para se estudar e conhecer o Brasil e as manifestações populares, muita coisa ainda está por ser feita para seu maior conhecimento e divulgação.

Entre elas, o estudo e conhecimento do Catira ou Cateretê, que, inclusive, como exposto neste livro, foi tido como de origem africana quando é indígena, tendo sido utilizado pelo genial (e agora também santo católico) José de Anchieta em sua atividade catequisadora.

Na sociedade consumista contemporânea, as produções culturais eruditas e autenticamente populares estão marginalizadas, existindo e atuando apenas (quando podem) em pequenos e restritos nichos. É o caso, entre todos os outros, do Catira, essa “coreografia índia”, no dizer de Alceu Maynard Araújo, citado no livro.

Notável, pois, o trabalho e o esforço despendidos em Uberaba por Gilberto Andrade Resende, provavelmente o maior pesquisador e divulgador dessa manifestação musical no Brasil e cuja atividade incessante faz da cidade um dos maiores centros de Catira do país.

Além dos inumeráveis espetáculos por ele organizados e promovidos em sua legendaria Casa do Folclore, outro empreendimento pioneiro e singular no país, Gilberto Resende divulga o Catira por meio dos procedimentos eletrônicos disponíveis numa pertinácia e constância únicas e exemplares.

Um desses instrumentos de estudo, pesquisa e divulgação do Catira, dos mais importantes e significativos, constitui o presente livro, por ele ideado e elaborado e organizado por Lisete Resende, incansável e arguta pesquisadora, livro do qual não escapa, como se pode verificar no sumário, nenhum de seus aspectos essenciais, desde a indicação de sua origem, coreografia e estrutura musical até a focalização instrumental e influência geográfica, culminando na abordagem de mais de três dezenas de grupos catireiros do país.

Capítulo expressivo e elucidativo para compreensão do extraordinário empenho de Gilberto Resende nessa persistente prática recuperadora e divulgadora de uma de nossas maiores heranças musicais e coreográficas, constitui “Meu Encontro Com o Catira”, de onde se conclui que não é só (e nem basta) o contato com essa ou com qualquer outra manifestação da criatividade humana para se apreciá-las, tornando-se imprescindíveis a curiosidade, o interesse, o reconhecimento de seu valor e importância e os decorrentes – e também necessários – receptividade e entusiasmo, atributos que, no caso, são comuns a ambos, ideador e autora, como demonstram a atividade de um e a pesquisa, organização e autoria de outra.

Tudo isso e mais “engenho e arte” de que fala Camões compõem o presente livro, relevante contribuição da inteligência brasileira para conhecimento e divulgação de uma de suas criações mais significativas.

Guido Bilharinho





“A pesquisa folclórica produtiva será aquela que constituir avanço teórico na compreensão do tema e em resultados práticos que beneficiem os agrupamentos estudados, objetivando também a autovalorização do portador e do seu grupo quanto à relevância de cada expressão, a ser preservada e transmitida às novas gerações.

Recomenda-se o desenvolvimento de programas de pesquisas integradas, regionais e nacionais, sobre temas específicos, com metodologias comuns, com o objetivo de propiciar estudos comparativos.

Recomenda-se, como metodologia de pesquisa, atuação participativa, integrando pesquisador e pesquisado em todas as etapas de apreensão, compreensão e devolução dos resultados da pesquisa à comunidade.

Recomenda-se que as Comissões Estaduais se articulem com os órgãos locais para realização de pesquisas e outras atividades que visem a promoção e a salvaguarda dos portadores e de grupos folclóricos de qualquer natureza.”

Recomendações contidas na Releitura da Carta do Folclore, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995.



PARTE 1

CATIRA



O projeto Catira – Uma Tradição de 450 Anos foi realizado com o objetivo de mapear os grupos de Catira em atividade no País. Sendo a ocorrência do Catiramais comum em algumas regiões do Brasil, uma expressiva amostragem foi coletada fornecendo um importante panorama sobre essa atividade cultural nos dias de hoje.

Apoiado pelo Ministério da Cultura por meio da Lei Rouanet e, patrocinado pela empresa VALE, este documentário pretende evidenciar a relevância do papel da cultura e, especialmente, do folclore na construção da identidade nacional.

A nação brasileira, além da questão de entidade política, é constituída por um sistema de representações culturais que possibilitam às pessoas se identificarem, se reconhecerem, e desenvolverem o sentido de pertencimento àquele determinado povo.

Nosso País tardou um pouco a discutir a questão nacional, fato que só ocorreu no Século XIX, quando se iniciou por aqui a busca do caráter e da identidade nacional. A filósofa Marilena Chauí (2004) considera a identidade nacional uma construção ideológica, e define a ideia de caráter nacional como “disposição natural de um povo e sua expressão cultural”.⁽¹⁾

O Catira é visto aqui como um dos elementos importantes na composição desse caráter nacional, com suas origens que remontam ao início da ocupação do território brasileiro nos anos de 1500, motivo da proposta do presente trabalho, cujo intuito não foi outro que não o de obter um panorama da situação desse rico patrimônio cultural no País, cinco séculos depois.

O folclore se perpetua por apropriação, devida, de certa forma, à identificação, ao conjunto particular e dinâmico de relações humanas e sociais e à aceitação coletiva. Em cada região de nosso vasto País uma variedade de manifestações caracteriza seu povo, sua cultura, tornando-se parte de sua identidade. Nas regiões elencadas nesta pesquisa verificou-se que o Catira, bem como a Folia de Reis, são as formas mais incidentes de manifestação cultural, não havendo quem não as conhecesse ou não as pudesse descrever.

A pesquisa foi realizada em duas regiões do país: Sudeste (Minas Gerais e São Paulo), e Centro-Oeste (Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal). Os grupos de Catira foram entrevistados, filmados, fotografados, e o resultado se materializa neste registro, bem como em um DVD e, ainda, pelo site www.catiranobrasil.com.br.

O contato com cada grupo de Catira, com suas origens, sua música e sua coreografia; a busca pelo fator que motiva essas diferenças; ter contato com cada aspecto que compõe cada grupo e, principalmente, descobrir qual o futuro, promessa de continuidade e manutenção dessa tradição, foram os grandes incentivos para seguir viagem, para entrar no mapa em busca da história cultural viva e registrar suas intrigantes especificidades.

Buscou-se entender como a prática do Catira, executada naquela determinada região e comunidade, ocorria dentro de um cenário contemporâneo, sujeito aos impactos da globalização; qual o esforço preservacionista empregado; o espírito de proteção das tradições; as canções; as origens e as esperanças para o futuro.

As premissas fundamentais desta pesquisa foram duas: ressaltar o papel do próprio grupo na continuidade e manutenção dessa tradição, e detectar os motivos que contribuem para a dissolução ou para a continuidade dos grupos.

A primeira parte deste trabalho apresenta o cenário cultural que, acredita-se, redundou no Catira que hoje conhecemos. Volta no tempo para observar a linguagem, a música e a dança no encontro entre indígenas e jesuítas, os entrelaçamentos das etnias mais diversas no panorama cultural de Portugal, e o instrumento musical popular que trouxeram. Descreve as particularidades de cada peça que compõe o Catira, sua música, coreografia, e, fundamentalmente, a criatividade e peculiaridade do homem, do compositor, do dançador, e perpetuador desse grande patrimônio cultural.

Na segunda parte apresentamos as transcrições dos depoimentos colhidos. É o Catira pela voz do próprio catireiro. Muito foi revelado em suas histórias, em suas falas e, no que diz respeito aos aspectos como sustentação, continuidade, objetivos, muitas vezes contraditórios entre si. Descobertas vão se sucedendo à medida que nos aprofundamos em seu mundo e em sua arte, e as apresentamos para que o leitor as conheça e possa compartilhar essas viagens conosco.

Muito mais que um trabalho realizado, o que se guarda desta experiência é a emoção da convivência, a hospitalidade, em muitas ocasiões regada a almoços e boas prosas, o muito que aprendemos, e o quanto esperamos que este trabalho cumpra seu propósito de divulgar e estimular a permanência do Catira por mais muitos séculos.

A Dança é a mais antiga das Artes criadas pelo homem, sua primeira manifestação social. O ato de dançar pode ser definido como uma manifestação instintiva, já que existem registros de que o homem executava movimentos ritmados no período da pré-história, não só para manter a temperatura do corpo, mas também para se comunicar. Traços de danças populares enquadram-se nas tradições enraizadas em todos os países e colaboram na compreensão de suas origens.

A história do Catira com seus ritmos, suas danças, suas melodias, e seus dobramentos pelo imenso território nacional é um estudo que, certamente, está longe de ser esgotado. Primeira manifestação cultural genuína brasileira, o Catira, ou Cateretê, venceu o tempo e se tornou uma atividade cultural comum em algumas regiões do País. É um testemunho vivo da história da colonização do Brasil.

Considerada uma “coreografia índia sabiamente aproveitada pelos catequistas”⁽²⁾, o Catira ou Cateretê, dança de nome tupi, teria sido “usada por Anchieta para catequizar os selvagens, deformando-lhe os textos no sentido da Religião Católica”⁽³⁾

De fato, na esquadra do primeiro governador-geral Tomé de Sousa, no ano de 1549 chega ao país a primeira leva de padres da Companhia de Jesus, designados para converter os pagãos da terra à religião cristã. Os meios utilizados pelos jesuítas para facilitar a comunicação com os nativos foram os cantos, as músicas, o teatro e as danças, atividades que, logo perceberam, facilitavam a formação de um ambiente cultural português e cristão no processo de edificação da nação brasileira.

A busca por Grupos de Catira nos estados que mantêm vivo esse patrimônio cultural 450 anos depois, revelou a consanguinidade brasileira dessa tradição, que subsiste como a herança que um pai deixa a seu filho. Sem papel, sem pauta, sem manual de instrução, essa manifestação folclórica atravessou séculos e se instalou no coração, apaixonando seus cantadores e dançadores.

O CONTEXTO
GERAL DOS
COLONIZADORES
DO BRASIL

Antes da formação da nacionalidade portuguesa, o panorama ibérico era constituído por diferentes etnias que gradativamente foram ocupando o território e, ao longo de sua permanência, foram deixando vestígios da sua cultura.

Os Iberos, provavelmente vindos do Norte da África, deram origem ao nome da Península Ibérica; Os Celtas, vindos da Europa, e de cuja fusão com os Iberos resultaram os Celtiberos, e os Fenícios, que vieram do Mediterrâneo e trouxeram o alfabeto. Os Gregos trouxeram o uso da moeda e os Cartagineses, a conservação dos alimentos através do sal. Depois vieram os Lusitanos, descendentes dos Celtiberos, e por causa deles ainda hoje os portugueses são chamados de lusitanos. Romanos vindos de Itália permaneceram na Península por oito séculos, e trouxeram consigo a religião cristã e a sua língua, o latim, que deu origem à língua portuguesa. Os Visigodos chegaram por volta do ano 400 e permaneceram por 300 anos até a chegada dos muçulmanos: árabes e mouros, no ano 711.

Com a queda do Império Romano no Século V teve início um período histórico denominado Idade Média, que se estendeu até o Século XV. O comércio, por volta do Século XI, foi marcado pelas mudanças da conjuntura europeia ocasionadas pelas Cruzadas. As Cruzadas trouxeram consequências, tais como a dinamização do comércio entre Oriente e Ocidente; a ligação dos monarcas com os burgueses enriquecidos; a formação das cidades que gradativamente se organizaram, e o surgimento de bancos.

A cultura, nesse período subordinado ao poderio supremo da Igreja, ficou marcada pelas proibições das danças e músicas profanas, provocando o retardamento dessas atividades que já estavam se fortalecendo em formas de ritos e de músicas populares.

Com a Revolução de Avis, que colocou no trono o rei D. João I de Portugal (1385-1433), Portugal foi o primeiro reino a se unificar e tornar-se uma monarquia nacional. A dinastia de Avis perdurou até o ano de 1581. O rei era um monarca absoluto, apoiado pela Igreja Católica, por uma nobreza parasitária que vivia de privilégios, e por uma burguesia mercantil ávida por enriquecer-se. Era a “arraia miúda”.

Em 1415, forças de D. João I conquistaram a cidade de Ceuta, no Norte da África. Foi o início do expansionismo português. A chegada de Cristóvão Colombo à América em 1492 precipitou uma negociação entre D. João II e os Reis Católicos de Castela e Aragão. Como resultado foi assinado em 1494 o Tratado de Tordesilhas, dividindo o mundo em duas áreas de exploração. Desse modo, as terras ainda por serem descobertas na América do Sul, antes mesmo de 1500, já pertenciam ao soberano português.

O apogeu da expansão portuguesa ocorreu durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521), tornando possível o tão sonhado monopólio do comércio das Índias, processo atingido em 1498, quando uma expedição comandada por Vasco da Gama chegou até Calecute. Dois

anos depois, as conquistas portuguesas se ampliaram e com a esquadra mais bem equipada, comandada por Pedro Álvares Cabral, aportam em terras brasileiras, no litoral baiano.

Várias expedições foram enviadas para garantir a sua posse e ao mesmo tempo conhecê-la. Nela foi constatada a inexistência de metais e a impossibilidade de comércio de trocas de produtos, uma vez que os nativos não consumiam nada que era produzido em Portugal. Possivelmente concluíram que não valia a pena investir no Brasil e deixar o lucrativo comércio com as Índias. Desse modo passaram-se 30 anos de indiferença em relação ao nosso território.

Entretanto, com a decadência dos empreendimentos comerciais portugueses devido à saturação do mercado europeu de especiarias; com a manutenção do mesmo padrão de luxo da corte portuguesa; com a expulsão dos judeus (camada rica da sociedade), que partiram levando grande parte do capital circulante de Portugal e, ainda, pela ascensão do processo de expansão marítima de outras nações europeias, as terras do Brasil tornaram-se o principal foco do mercantilismo português.

Neste contexto, Portugal, sob o reinado de D. João III (1521 – 1557), resolve colonizar o Brasil no ano de 1530.

Os colonizadores portugueses que aqui aportaram trouxeram na bagagem sua cultura, plantando as sementes que do que viria a ser, séculos depois, a identidade cultural do País.

Portugal, na época quinhentista, era o lugar, por excelência, de circulação de ideias, de pensadores, centro de atividades intelectuais⁽⁴⁾. Na música prevalecia o canto gregoriano, originada no Século XV, também conhecida como polifônica renascentista (espanhola), foi a base da teoria musical europeia. Foi esse o estilo musical predominantemente ensinado aos indígenas.

Nas Artes Plásticas predominava em Portugal a arte renascentista, e o começo da fase barroca. Os jesuítas trouxeram algumas influências religiosas que foram predominantes no Barroco para serem utilizadas nas construções e nas imagens feitas no Brasil. Na Literatura ocorria a introdução de novos gêneros literários, como a poesia pastoral, lírica e épica; os sonetos; prosas no estilo romance de cavalaria e, em crônicas, a literatura de viagem, como a Carta de Pero Vaz de Caminha, considerada o início da criação de obras literárias no País.

O Renascimento despertou a sociedade para a dança teatral, a qual foi sendo introduzida nas cortes, nomeadamente o minueto, a valsa, as danças em grupo ou em pares. “Em meados do Sec. XVI havia em Lisboa 14 escolas públicas de dança. No Teatro eram encenadas peças de carácter devocional, comédias e tragicomédias. Na segunda metade do século a igreja assume duplo papel na evolução do teatro substituindo as pompas palacianas pelo teatro escolar, ao mesmo tempo em que exerce a censura e proibições várias sobre o teatro popular”.⁽⁵⁾

Dentro desse contexto é possível obter uma ideia geral do desenrolar histórico e cultural dos colonizadores que aqui chegaram.

A chegada de Cabral ao Brasil foi documentada pela carta de Pero Vaz Caminha, escrivão da esquadra, e contém detalhes do contato dos portugueses com a nação indígena, uma vez que o território brasileiro já era habitado desde tempos pré-históricos. Cinco milhões de índios é que se especula haver no País, que se espalhavam particularmente ao longo do litoral, em 1500.

Provavelmente cada tribo tivesse seus próprios cantos ritualísticos, instrumentos musicais e danças, mas todas as tribos indígenas possuíam alguma espécie de manifestação musical que “se assemelhavam quanto aos seus objetivos: Rituais e Recreativas”.⁽⁶⁾

Os documentos jesuíticos que foram preservados também nos dão alguns registros importantes sobre a cultura e os hábitos musicais das tribos indígenas. “O Catira, denominado também Cateretê em algumas regiões do Brasil, dança rural conhecida desde os tempos coloniais,⁽⁷⁾ tem sido considerada por folcloristas e historiadores uma dança de origem indígena.

Couto Magalhães, que iniciou os estudos folclóricos no Brasil, descreve em seu livro “O Selvagem” (1935), um estudo sobre as danças, onde diz: “As (danças) europeias são a valsa, a quadrilha; a africana é o batuque, que é pouco moral; a brasileira, essencialmente paulista, mineira e fluminense, é o cateretê, tão profundamente honesta (era dança religiosa entre os tupis) que o padre José de Anchieta introduziu nas festas de Santa Cruz, São Gonçalo, Espírito Santo, São João e Senhora da Conceição, compondo para elas versos em tupi, que existem até hoje e de que possuo cópia”.⁽⁸⁾

Sendo ele próprio testemunha de algumas apresentações, escreveu: “Tenho assistido muitas vezes a estas festas e danças ao som da viola, que era instrumento indígena de três cordas de tripa, a que eles chamam guararapeva. O cateretê tem a vantagem de importar em maior exercício físico e intelectual, por causa do canto e do verso, do que as danças europeias. Nós que, por força, queremos ser europeus, também desprezamos estas danças americanas por imorais, quando o padre José de Anchieta as adotou e introduziu nas festas religiosas. Os jesuítas não coligiram a literatura dos aborígenes, mas serviram-se de suas músicas e de suas danças religiosas para atraí-los ao cristianismo”.⁽⁹⁾

Sobre as danças religiosas às quais Couto Magalhães se refere, o Catira figurava em seus estudos, como uma dança indígena religiosa. Ele diz: “Entre essas danças havia duas, o cateretê e o cururu, que eram religiosas para os tupis e guaranis, e que todos os filhos do interior do Brasil conhecem, menos os que, querendo passar por franceses ou parisienses, afetam desprezar o que é nacional. As toadas, profundamente melancólicas, dessas músicas e a dança foram adotadas pelos jesuítas, com o profundo conhecimento que tinham do coração humano, para as festas do divino Espírito Santo, São Gonçalo, Santa Cruz, São João e Senhora da Conceição”.⁽¹⁰⁾

Suas narrativas são importantes ao nos dar pistas sobre a origem do Catira, visto que

são raros os documentos sobre o tema. E sendo o Brasil um país com uma população formada por várias etnias é sempre mais simples considerar muitas expressões da cultura popular como decorrente da miscigenação entre portugueses, índios e africanos. O que se quer buscar, entretanto, não é somente entendê-la nos dias de hoje, ou quais os povos que contribuíram para o seu formato atual, ou ainda analisar nos dias de hoje quais etnias foram responsáveis pelo seu resultado final, uma vez que ao longo da história do País difícil seria encontrar uma pessoa que não tivesse um ancestral pertencente a algum desses três povos. Difícil também seria encontrar algum grupo de Catira que não houvesse sofrido adaptações e complementações de algum outro imigrante que para cá viera.

A origem nos remete à ideia iniciante, à semente. E nesse sentido é que se busca o DNA do Catira, tenta-se descobrir sua nascente. A pouca documentação existente é um grande entrave, ao lado de outra dificuldade que é o próprio tema, a dança. Coreografias que envolvem bater os pés, ou bater palmas são referências em várias culturas nos mais diversos países. O que as diferenciam são o ritmo, a constância, a intenção, o número de instrumentos que as acompanham, a forma como são executadas, a posição dos dançadores, a própria coreografia, a música que as definem, entre outras características e, principalmente, sua história.

Ao se levantar a hipótese que o Catira tenha suas raízes essencialmente na cultura indígena e portuguesa não significa que se esteja afirmando que não tenha sofrido influências de outros povos até que chegasse ao formato como hoje é conhecido. Ao buscar sua origem o que se quer definir é sua fonte primária e, nesse sentido, a definição geográfica de onde é praticado o Catira e quais os povos que ali habitaram anteriormente, ao lado das pesquisas e referências de historiadores, são instrumentos norteadores que devem ser considerados.

Prof. Dr. A.A.Bispo (1966), em reunião de encerramento do Conservatório Musical Carlos Gomes, em dezembro de 1966, proferiu sua conclusão após considerar várias leituras sobre a origem do Catira. Quando cita Dalmo Belfort de Mattos, ele afirma que “o Catira floresceu em todos os antigos aldeamentos jesuíticos, tais como Carapicuíba, Itanhaém e Peruíbe, tendo sido levado pelas bandeiras para o Interior. Uma influência africanizante poderia ser observada, sobretudo, no Rio de Janeiro. O Cateretê fluminense difere assim do genuíno Catira paulista, do Sul mineiro e de Goiás. Quanto à melodia, observa-se o canto a duas vozes, dançando-se após o canto, quando a viola continua a tocar. Em todo o caso, a música parece ser secundária no Cateretê. O principal é a letra, o sapateado e o palmeado”.⁽¹¹⁾

O Catira, ou Cateretê, portanto, segundo Belfort de Mattos, não tem origem africa-

na, o que foi afirmado por alguns autores, afirma Bispo. “Tanto com relação ao tema quanto à música, não apresenta características propriamente de música de negros. A área do Cateretê paulista é a de Carapicuíba, a da zona rural de Itú e Pirapora, ou seja, a área que corresponde historicamente à fixação da gente do Planalto. Do ponto de vista etnográfico, corresponde à zona de dispersão do caboclo meridional, a assim chamada área mameluca ou planaltina. Na verdade, porém, o ritmado da música sugere não o toque de tambores, mas sim o sapatear e o palmear”.⁽¹²⁾



ESTRUTURA
MUSICAL E
COREOGRÁFICA
DO CATIRA

A estrutura musical do Catira é executada por dois violeiros, onde cabe a um deles fazer a primeira voz e, ao outro, a segunda voz uma terça abaixo (ou acima). Os dançadores são também coadjuvantes na execução da música, no momento do Recortado, por meio de seu sapateado que acrescenta percussão à melodia, marcando o ritmo e adicionando sonoridade à apresentação. Os violeiros são os únicos que cantam. Eles se posicionam na cabeceira do grupo e são os responsáveis pela marcação do ritmo durante toda a apresentação.

Uma adaptação ocorrida com as apresentações feitas com microfones para os violeiros, nos tempos atuais, é que uma das partes, denominada “visitação” na região do Triângulo Mineiro, onde os violeiros vão se deslocando com o grupo, não ocorre e, então, os violeiros permanecem em seus lugares e são os únicos que não dançam.

Rosa Nepomuceno em seu livro *Música Caipira – Da Roça ao Rodeio*, resume a estrutura do Catira no trecho: “De estrutura muito antiga, o Catira visto hoje no interior mineiro e paulista, mantém traços originais na forma de se cantar versos, em solo e coro, acompanhados de sapateado e palmeado. O Catira tem momentos bem definidos, no início é moda de viola, narrando fatos [...] entrecortados por ponteados de viola (os solos). Nesse ponto as danças evoluem. O desfecho é chamado recortado, quando as peripécias com o sapateado chegam ao “clímax” e a cantoria se mistura a elas”.⁽¹³⁾

No disco “Braço de Viola” de Chico Lobo, encontramos a música “Catira”, onde o autor retrata com simplicidade objetiva o Catira, nos versos:

Pra se dançar o Catira
 Tem que se bater o pé
 Vem depois um palmeado
 Só não dança quem não quer
 Pro Catira sair gostoso
 Tem que ser bem animado
 Pra se dançar o Catira
 Tem que ter bons violeiros
 Nós tocando de Viola
 Podem vir os catireiros.

Os violeiros, no início da apresentação, fazem uma saudação com solos de viola e coro. Tem início a Moda de Viola, entremeada nos refrãos por sapateados e palmeados, dançando, ao final, o Recortado. A configuração básica da coreografia do Catira consiste na

formação de duas fileiras de dançadores, composta por quatro a oito pares, que se posicionam um de frente para o outro, sincronizam as palmas e o sapateado ao ritmo das violas executadas por uma dupla de violeiros (o mestre e o contramestre). Os puxadores de palmas e condutores da coreografia se posicionam ao lado dos violeiros e, suas funções são, além de executar, determinar quais os passos ou as palmas que serão executadas, para os demais companheiros.

A indumentária geralmente inclui chapéu, lenço, camisa, calça com cinto e par de botas, figurino provavelmente herdado dos tropeiros e considerado uma vestimenta típica de “cowboys”, expressão usada no Brasil para determinar o estilo de roupa apropriada para montaria em cavalo ou rodeios.

Normalmente o Catira é executado sobre um assoalho ou tablado de madeira para realçar o som. Nos tempos primários, todavia, bem comum seria que fosse executada no chão de terra, com os dançadores descalços. Com a evolução da construção de casas com madeiramento nos pisos, o Catira passou a ser executado no assoalho das casas, motivo que o levou a ser apelidado de “dança de sala”. Essa prática é ainda comum nas fazendas, buscando-se sempre melhor sonoridade para o sapateado.

A prática concentra-se atualmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Na tradição, a dança antes executada exclusivamente por homens, atualmente tem envolvido as mulheres e as crianças em suas formações, havendo grupos compostos exclusivamente por pessoas do sexo feminino em algumas regiões.

A música do Catira, seus violeiros, suas poesias e ritmos são a base imprescindível para a existência dos grupos de Catira. Ao iniciar uma apresentação, os violeiros entoam versos de saudação, evoluindo para a Moda. O ritmo dos dois é idêntico, mais lento, e diferente da última parte da evolução, quando é entoado o Recortado.

Com temas que retratam a vida no campo, amores, trabalhos, tristezas, vitórias e tantos outros, os Recortados e as Modas determinam os ritmos, conduzem os dançadores que, para se considerarem bons catireiros, têm que “pisar as cordas da viola”, termo que designa uma perfeita sincronia do palmeado e sapateado com o toque da Viola.

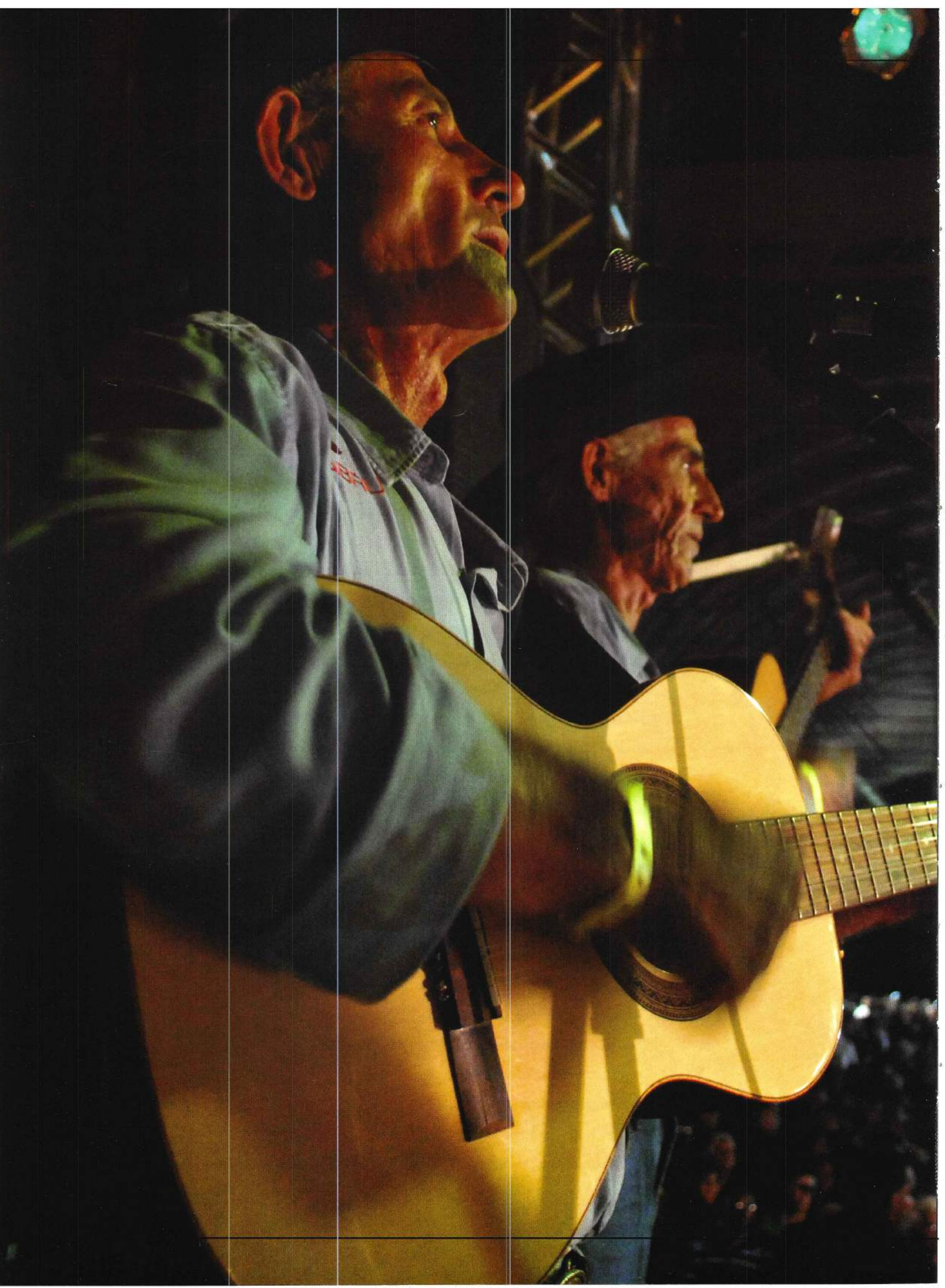
Entre os violeiros, alguns compõem suas próprias canções, e outros entoam Modas decompositores consagrados pela mídia como, entre outros, Vieira e Vieirinha, Tônico e Tinoco, e Tião Carreiro e Pardino.

Para Gilberto Rezende (2004), folclorista da região do Triângulo, “O Catira é antes de tudo uma Poesia que é enriquecida com uma melodia e uma coreografia. Mas se amanhã, mesmo que não se encontrem mais palmeiros, que não se encontrem mais violeiros, a poesia ficará, pois ela é a manifestação simples da alma do sertanejo. São sonhos e esperanças do homem do campo manifestadas através de seus poetas. Ela fala do homem e da sua sensibilidade, e enquanto existir a humanidade, existirá a poesia”.⁽¹⁴⁾

Alguns compositores do interior, ainda que desconhecidos da mídia, são muito reverenciados pelos grupos de Catira, como é o caso do Sr. Manoel Rodrigues da Cunha, na região do Triângulo Mineiro. Manezinho, como era chamado, compôs mais de 300 músicas, dedicando 51 anos dos seus 66 vividos à poesia caipira, tendo sido reconhecido como “Rei do Catira” nos idos de 1920.

Eu já fui um catireiro
 No tempo da mocidade
 Que tinha meus companheiro
 De firmeza e lealdade
 Eu tinha os dedos ligeiro
 Corpo em agilidade
 Naqueles tempo primeiro
 Conquistei muita amizade
 Da vida de violeiro
 Lembro hoje tenho saudade.⁽¹⁵⁾

(Trecho da Moda Saudade de Violeiro. REZENDE, Gilberto. Catira – Poesiada Sertão. P.46.)



A viola, primeiro instrumento de cordas que o português divulgou no Brasil, tornou-se o instrumento preferencial para a manifestação e acompanhamento de gêneros musicais daquele tempo. Referências sobre a presença da viola em solo brasileiro aparecem nas cartas dos jesuítas, sendo eles os responsáveis por sua introdução no País, além de outros instrumentos musicais europeus.

Os jesuítas não só pertenciam às classes dominantes como também eram a elite intelectual da Colônia. A pesquisadora Márcia Taborda (2002) afirma que ao introduzir a viola na catequese de forma sistemática, os jesuítas transmitiram rudimentos da técnica de execução, assim como da técnica de confecção; “ainda vivo no Brasil atual, há um tipo de viola rústica – a viola de cocho – tipo de instrumento de madeira não envernizada, dotado de cordas de tripa, usado no acompanhamento dos cururus, dos siriris e dos cateretês, gêneros originados da catequese”.⁽¹⁶⁾

O padre Fernão Cardim, ao viajar pela Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente (SP), entre os anos de 1583 e 1590, fornece informações sobre o que viu nas missões jesuíticas visitadas, em cartas endereçadas ao Provincial em Portugal. “Por toda a parte foram os visitantes recebidos por índios, [...] uns cantando e tangendo a seu modo, outros [...] com uma dança de escudos à portuguesa, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro, tamboril e flauta”.⁽¹⁷⁾

Aproveitando o talento e a predisposição do índio para a dança, “o padre José de Anchieta ensinava aos seus pequenos atores movimentos diferentes à maneira de Portugal [...]”, conforme encontramos em A. Cardoso (1970). “Quanto aos instrumentos musicais os missionários jesuítas introduziam violas, pífaros, pandeiros, gaitas e até harpa, cravo, com efeito extraordinário para o ouvido sensibilizado do índio”.⁽¹⁸⁾

Em Portugal, nos Séculos XV e XVI, a Viola era um instrumento largamente difundido pelo povo. Ivan Meirelles (2008) afirma que “a presença dos árabes e de seus instrumentos na Península Ibérica fez com que este lugar se tornasse um dos grandes berços dos instrumentos de cordas dedilhadas do planeta”.⁽¹⁹⁾ Por sua grande popularidade entre os portugueses, colonos e jesuítas, é certo que a Viola tenha acompanhado os colonizadores e se disseminado pelo País.

Durante os dois primeiros séculos de colonização, a viola foi o principal instrumento acompanhador do canto. O instrumento foi se disseminando pelas recém formadas cidades e se tornando parte do cotidiano, principalmente entre os tropeiros e bandeirantes. Referências de seu uso no ano de 1689 são encontradas nos versos de Gregório de Matos e Guerra, no poema “Andanças de uma Viola de Cabaço”, onde escreveu: “Fazia apreço particular de uma viola, que por suas curiosas mãos fizera de cabaço, frequentado diverti-

mento de seus trabalhos; e nunca sem ela foi visto nas funções a que o convidavam”.⁽²⁰⁾

A identificação da viola com os primeiros habitantes da região de São Paulo se fortaleceu e o fato de encontrarmos a viola nessa região denota o quanto foi um instrumento presente na cultura bandeirante e, posteriormente tropeira, a ponto de se firmar como elemento cultural nos espaços onde andaram e se fixaram as bandeiras. Viajantes dos Séculos XVIII e XIX relatam a musicalidade dos tropeiros, que nas horas do rancho improvisavam versos ao som da viola.

Apesar de uma origem em comum, diferentes maneiras de se tocar a viola no País podem ser observadas. No Nordeste e Sudeste, por exemplo, conforme explica Ivan Vilela(2008), a diferença se deve ao fato que durante os dois primeiros séculos de Brasil, as instâncias administrativas portuguesas estiveram mais voltadas ao Nordeste, devido às rentáveis atividades econômicas como a cana de açúcar. Sua presença no Nordeste fez com que se fixassem algumas das maneiras cultas do tocar. Já no Sudeste, a viola nas mãos de bandeirantes e mamelucos perdeu o requinte técnico, mas ganhou uma abordagem rítmica mais aberta. Prova disso é a quantidade de ritmos presentes dentro do que conhecemos por música dos caipiras.⁽²¹⁾

A viola é um dos únicos instrumentos de cordas que possui inúmeras afinações, o que o torna mais fascinante. Ivan Vilela (2008) estima que existam aproximadamente vinte maneiras de se afinar a viola no Brasil. “Das possíveis nove afinações presentes em Portugal que vieram para o Brasil, aqui se desenvolveram muitas outras. É possível tentarmos estabelecer uma relação entre afinação e localidade. As afinações têm nomes distintos: Paraguaçu, Boiadeira, Meia Guitarra, Natural, Cebolinha, Rio Acima, Rio Abaixo, Cebolão, Cana Verde, Paulistinha.”⁽²²⁾

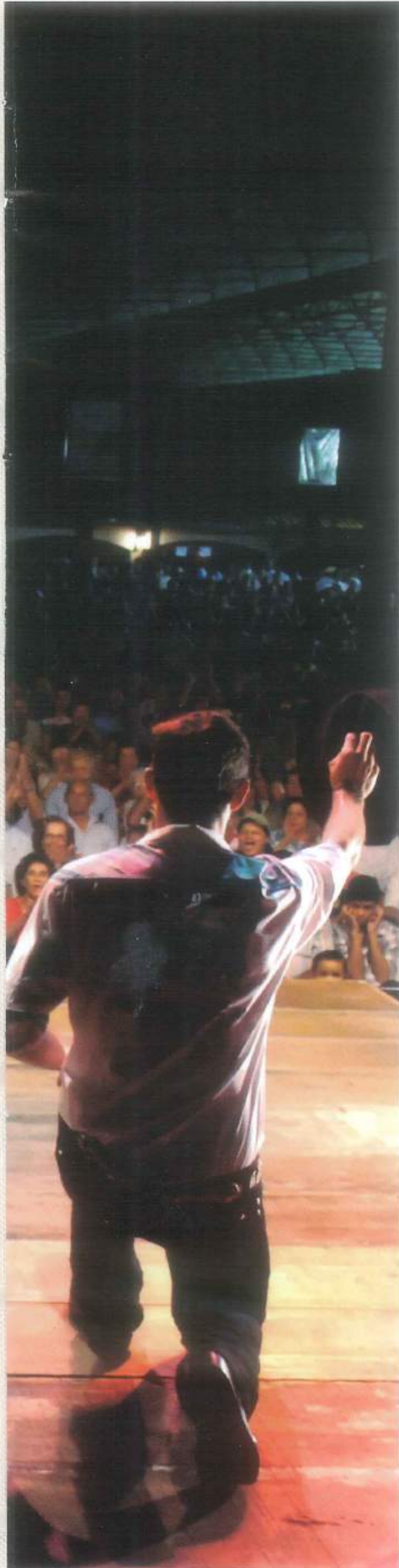
A afinação varia conforme os diversos tipos de Viola existentes, conforme as regiões onde ela é executada e, mesmo dentro da mesma região, variam conforme os gêneros musicais que se têm em vista. Vilela explica que “nas regiões povoadas pelas bandeiras, regiões estas que coincidem com as áreas de acomodação do que entendemos por cultura caipira, ou seja, São Paulo, Sul de Minas e Triângulo Mineiro, Goiás, Mato Grosso do Sul, parte do Mato Grosso, parte de Tocantins e norte do Paraná, a afinação mais usual é a de nome Cebolão, afinação surgida nesta região dos caipiras. Encontramos o Cebolão em diversas alturas. As mais usuais são Cebolão em mi, Cebolão em ré e Cebolão em mi bemol”.

Possíveis diferenças entre as afinações em Cebolão em Mi, ou em Ré podem ser sentidas pelo tocador, uma vez que com a viola afinada em Mi, as cordas ficam com uma tensão mais alta, portanto, mais dura para ser tocada. Assim, o som emitido é mais alto, mais forte e pode-se dizer que a viola “grita”. Porém, as cordas duram menos tempo, arrebentando com mais facilidade. Em Ré o toque se torna mais acetinado e o volume do som menor.

Na região do Norte de Minas e região da capital mineira usa-se com mais frequência a afinação chamada Rio Abaixo. Nas palavras de Vilela “o Rio Abaixo é uma afinação de origem portuguesa, presente na região de Amarante e região de São Gonçalo. Podemos pensar que as Minas Gerais, mais presas ao crivo da administração portuguesa devido às riquezas minerais, conservaram traços mais profundos da cultura e costumes portugueses que a Paulistânia. A permanência de uma afinação vinda de Portugal pode ser um indicativo”⁽²³⁾

Os ritmos das violas para o Catira, Moda e Recortado, segundo observam alguns grupos, são definidos por um estilo próprio de música composta para essa finalidade. Assim, não será possível apresentar uma coreografia ao som de músicas de outros estilos, ainda que sertaneja ou de raiz. Outro ponto interessante é que não é por um tocador ser um bom violeiro que lhe esteja garantido ser um bom executor de música de Catira. Possuindo um ritmo muito peculiar é preciso “pegar o jeito certo” para sua execução. Dr. José Maria Campos (2013) explica assim: “[...] porque violeiro de som de pagode que o Tião Carreiro fazia ’tá cheio no Brasil aí, mas você pegar uma viola, tocar uma música com afinação natural pra Catira é totalmente diferente. Eu já tive violeiros, não vou citar o nome aqui, são violeiros famosos [...] ficaram aqui uma semana para aprender batida de Catira, [...]mas batida de Catira é uma coisa que ’tá no coração da pessoa, ’tá na mente dele, ele nasceu com aquilo na cabeça”⁽²⁴⁾





Inicialmente, após o posicionamento do grupo, os violeiros começam sua saudação ao evento daquele momento. São versos apropriados à ocasião, às vezes, improvisados. Na sequência entoam um ritmo denominado *Moda*, mais lento, cuja música tem como tema letras melodiosas, de forma mais narrativa, muitas vezes verdadeiras composições poéticas. Durante o canto dessas toadas pelos violeiros, entoado em terças, não há evolução dos dançadores. As danças apenas ocorrem em momentos especiais como ao final de uma estrofe e início da outra, no intervalo de um verso para outro. Uma *Moda* pode ter a duração de 3 a 20 minutos, tempo para que toda a letra da música possa ser apresentada. Geralmente conta uma história, fala sobre amor, desabafos, exaltações, entre outros diversos temas, e é considerada o coração do *Catira* para os apreciadores.

Sua sequência, com algumas variações entre os grupos e as regiões, inicia-se com a primeira batida da viola para sapateios e palmas iniciais. Canta-se o cabeçalho, definido como uma saudação de abertura aos donos da festa, ao local, ou ainda à ocasião. Seguem-se outras séries de sapateios e palmas, e troca de lugares. Tem início o canto da *Moda*, que uma vez iniciada não sofre interrupções, permanecendo os dançadores imóveis. As evoluções só ocorrem na *Moda* nos intervalos das estrofes. Para marcar suas entradas, os violeiros interrompem os cantos e executam um rasqueado na viola, indicando que naquele momento será retomada a coreografia. Antes do “suspeditamento” (versos finais), os dançadores rodam em cumprimento à plateia, sapateando e palmeando, voltam aos seus lugares, executam o “travesseiro”, voltam aos seus lugares e aguardam os violeiros cantarem o último verso da *moda*.

Para os *catireiros*, o momento de execução da *Moda* é o momento “nobre” da apresentação, o que remete ao verdadeiro significado do *Catira*. Nos seus versos há uma história sendo contada e entoada. A *Moda* difere do *Recortado* no ritmo, geralmente mais lento, no número de versos mais numerosos e, no conteúdo das letras, que são verdadeiras histórias contadas. Segundo Mario de Andrade “a linha melódica das *Modas* é eminentemente improvisatória, no sentido mais musical da palavra. [...] Há por assim dizer uma preguiça de melodizar nelas. Por mais fixas que sejam suas linhas melódicas, repetindo-se exatamente de estrofe a estrofe, a indecisão da linha, da evolução harmônica, a moleza de movimento as tornam eminentíssimamente vagas, improvisatórias, quase oratórias. É no sentido mais legítimo do termo, um recitativo”⁽²⁵⁾

Após o término da Moda tem início o Recortado. “Muito mais dinâmico e com mais movimentação, é marcado por músicas com estrofes menores de seis ou mais versos, com cinco ou seis sílabas, com temas mais vibrantes, muitas vezes irônicos e divertidos.”⁽²⁶⁾

A coreografia envolve “uma série de mudanças de lugar entre os dançadores, aproximam-se e recuam, balanceiam o corpo, vão para diante e para trás, pulam, formam uma roda, sempre sapateando e batendo palmas.”⁽²⁷⁾ A variação na técnica de apresentação são adaptações feitas por cada grupo, e variam de acordo com a região, conforme foi observado durante esse documentário. Segundo Gilberto Rezende (2004), é possível destacar coreografias utilizadas em Minas, especialmente na cidade do Prata e Uberaba, como o “Passo Goiano”, que significa a raspagem dos solados das botas no chão; o “Miolo”, iniciado na cidade de Ituiutaba, quando dois catireiros desenvolvem um intenso sapateado curto, desfilando por meio de alas formadas pelos outros dançadores que os acompanham batendo palmas. De volta aos seus lugares, a dupla passa ao palmeado enquanto seus companheiros executam o sapateado; o “Passo Goiano”, com ritmo de marcha; e a “Ficada” que é uma batida seca no chão executada com os dois pés simultaneamente, característica do término da apresentação.”⁽²⁸⁾

A variedade de nomenclatura para os passos se multiplica conforme as regiões. Entre os mais conhecidos estão os passos denominados “Passo Mexicano”, quando os catireiros dançam arrastando os pés para trás; o “Ensaboado” quando esfregam os pés no chão fazendo círculos; a “Escova”, um bate-pé, bate-mão, que são realizados diversas vezes durante o desenvolvimento da Moda de Viola, intercalados por pulos, transpasses e voltas. Quando termina a Moda, os dançadores iniciam o passo “Serra Acima”, quando rodam um atrás do outro, da esquerda para a direita, batendo os pés e depois as mãos. Depois de completada a volta, tem início o “Serra Abaixo”, que é executado com o grupo se deslocando em círculo e com uma batida de pé que marca o compasso da dança, até que todos voltem aos seus lugares iniciais.

Em relação às coreografias, o mais seguro é concluir que o Catira está longe de ser um patrimônio estático, com evoluções e nomenclaturas definidas. O que se observa nos grupos é justamente a busca pelo diferente, pela variação, pelas criações próprias. As adições de cada grupo, o enriquecimento com a criatividade e o talento de cada catireiro têm dotado os grupos de características muito particulares, e sem nomenclaturas. Armínio (2013) complementa esse argumento: “Mudaram as coreografias hoje. O Catira há vinte, trinta, quarenta anos que eu conheço, e já participei muito, só sapateava e batia palmas. Não tem os gestos e a coreografia que têm hoje. O que embeleza o Catira são as coreografias, são os gestos que eles fazem hoje. Antigamente, só batia palma e sapateava, hoje tem muita coreografia e muitos gestos, embelezou mais e enriqueceu o Catira.”⁽²⁹⁾

A continuidade de uma tradição, como o Catira, depende essencialmente do gosto popular, do que seja considerado relevante para determinada comunidade e, muito mais de aspectos como a afetividade, ancestralidade, valores que ligam os grupos de Catira a seus familiares, às suas origens, suas terras e sua gente.

“A transmissão está em geral ligada à família, à fé ou a ambas. O repasse se dá na convivência, de forma oral, não passa por métodos nem lições. Baseia-se, com frequência, na imitação do adulto pela criança.”⁽³⁰⁾ Os depoimentos revelam como a influência do pai e avô foi fundamental para despertar o interesse e incentivar a continuidade dessa tradição.

A dança do Catira está, na maioria dos grupos encontrados, associada a outra manifestação popular, que é a Folia de Reis: tradição de devoção religiosa que significa a peregrinação dos Três Reis Santos ao encontro do Menino Jesus, praticada entre os dias vinte e seis de dezembro e seis de janeiro.

Essas influências familiares e religiosas marcam a formação do indivíduo e, no decorrer de sua vida vão disseminando pela comunidade, preservando suas práticas, o que é fundamental na transmissão e na continuidade dessas tradições.

Anair Souza (2013) relata que “os nossos antepassados, os nossos pais, avós, já dançavam o Catira por volta de 1900. Em 2004 resolvemos fundar o grupo de Catira Companhia de Catira do Tabuado, por meio dos nossos companheiros da Companhia de Reis. Então, a gente trabalha com a Folia de Reis e, entre amigos ali, entre os componentes, começamos a dançar o Catira, nas pousadas por onde a gente passava. Então, a gente dançava o Catira, aí resolvemos então melhorar o grupo né, e passar a por mais integrantes”⁽³¹⁾

A preservação e o aprendizado, bem como a continuidade, estão imbuídos de valores importantes como a família, a vontade, o desejo de dar sequência a um bem que vem de outras gerações, sendo esses os principais fatores que sustentam esse folclore nos tempos atuais.

A esses motivadores pode-se nomeá-los, para efeito didático como “naturais”, onde é possível distinguir nesses grupos de Catira, um passado, um ancestral, um tempo remoto ao qual se busca dar continuidade. E nos tempos atuais dominados pela mídia, a preservação tem encontrado colaboradores e motivadores inéditos, como a formação de novos grupos compostos por admiradores, e aulas de Catira em escolas, ou particulares, transmissores que empenham suas ações sem prol da preservação.

O interesse pelo estudo das culturas de raiz, consideradas lastros poderosos com a cultura ancestral de seu povo, ocorreu no Brasil no final do Século XVIII e início do XIX, quando se afirmava que a cultura popular tendia a desaparecer sob o impacto da revolução industrial.

O ideal da preservação e valorização dessa cultura de raiz estava assentado sob o desejo de se estabelecer no País um caráter de nacionalidade, encontrar elementos que pudessem compor a identidade brasileira.

A cultura popular, o folclore, a cultura de raiz, a cultura de massa, a cultura regional, o caipira, todos esses termos e seus conteúdos, dos quais a elite e a burguesia que se formava no País desejavam não se assemelhar, tornaram-se referências importantes na formação do povo brasileiro e foram considerados essenciais para compor os traços referenciais da formação da identidade nacional.

A palavra “caipira” remetia, de imediato, à ideia de pessoas que vivem longe das cidades, que não têm muita instrução, e que continuam a tocar a vida sem a adição de modernidades, utilizando fogão a lenha, luz de lampiões, que falam “errado” e escrevem rudimentarmente. Em suma, uma pessoa caipira reflete atrasos, ingenuidade e ignorância. O personagem criado por Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, é um bom exemplo da conotação, um tanto pejorativa, da palavra caipira. Não há que se assustar, portanto, que fosse indesejado a qualquer habitante das cidades ser considerado um capiau, um matuto, e tantos outros codinomes existentes.

Adentrando as terras brasileiras, os Bandeirantes, pioneiros na exploração de novos territórios pelo interior, depois com os tropeiros, no final do Séc. XVII e início do Séc. XVIII, abrindo novas trilhas de acesso e, com o surgimento dos pequenos agricultores e sitiantes, foi se moldando uma cultura com vasto conhecimento empírico, de domínio da natureza, de crenças, costumes e valores peculiares. É nesse habitat que se encontram as sementes, a origem da cultura caipira.

Caipira é também aquele que fala o dialeto caipira. Palavras como “paia” (palha), “cuié” (colher), “oreia” (orelha) são exemplos desse dialeto que é, na verdade, a primeira língua brasileira. Mistura de português com palavras tupis, e sotaque da língua brasileira, denominada nheengatu, foi criada no Século 16 pelos jesuítas e usada até ser proibida por Portugal, no Século 18. O tempo acabou por impor o português, mas o dialeto persiste em alguns pontos do Brasil e, principalmente, em partes das zonas rurais, nas roças, onde é maior a resistência às modernidades e prevalece a manutenção dos valores tradicionais.

A partir do estudo e da valorização da cultura e do saber preservados naturalmente pelos “caipiras”, revelou-se ser possível desvelar muito da cultura da época em que a brasilidade engatinhava enquanto colônia de Portugal e, de se tentar, além de conhecer, preservar esses

saberes como raízes da cultura nacional.

É nesse universo que se reproduz um conjunto de criações culturais baseadas nas suas tradições, mantenedoras de vários traços primários da ocupação do solo brasileiro, e do qual faz parte as diversas manifestações folclóricas, entre elas a Folia de Reis, as “Traições”, a música caipira e o Catira.

O Catira pode ser considerado, então, uma atividade de cultura popular, uma manifestação que integra o folclore brasileiro, um patrimônio cultural mais comumente encontrado na região Sudeste do País, mas, fundamentalmente, o Catira é caipira. Com muito orgulho.

A região e o meio onde se vive, o trabalho que se executa e as crenças coletivas inegavelmente influenciam as relações sociais, familiares e a visão de mundo. O espaço físico é um referencial para o estabelecimento da identidade cultural, e os grupos de Catira, em geral, identificam-se com a cultura da sua localização, ao mesmo tempo em que a influenciam.

A riqueza de características da execução do Catira em suas regiões potencializa a magnitude dessa manifestação cultural como um todo. São as diversidades e multiplicidades das formações, das coreografias e dos cantos que o transformam em uma manifestação repleta de sentido, que despertam o interesse, que fazem valer a pena o encontro e que estimulam o estudo.

No Estado de São Paulo há grupos que afirmam dançar o Catira paulista e, nos outros estados a história se repete, os grupos estão executando um Catira mineiro, ou Catira goiano, variações nas coreografias e nos ritmos de uma mesma expressão cultural.

Relacionar as características de dança a um lugar determinado é, porém, algo arriscado, uma vez que as tradições culturais e a forma de repassar essa tradição estão muito mais ligadas às pessoas. Ao carregarem consigo os ensinamentos que absorveram de seus antepassados e, potencialmente capazes de darem continuidade àquilo que aprenderam, atravessam estados ou regiões levando sua forma específica de expressão. Entretanto, no contato com o outro, na convivência com um novo meio, é natural que transformações sejam estimuladas, gerando modificações no que se considerava, até então, como tradição.

Assim é que numa mesma região e mesmo dentro de um mesmo grupo, coexistem traços das características do que se considera ser o Catira de um estado ou de outro. Na região do Triângulo, em Minas Gerais, ao leigo é nítido observar a cadência mais lenta no ritmo das músicas e das coreografias, a valorização do que se considera como raiz e tradição do “verdadeiro” Catira. No Estado de Goiás os sapateados são feitos com batidas mais fortes, as músicas entoadas num ritmo mais acelerado, os palmeados e sapateados são mais vigorosos, o grande orgulho é sempre “arrancar a poeira do chão”, o que redundava em apresentações sempre muito dinâmicas. No Catira paulista as batidas dos pés também enérgicas são intercaladas por maior número de pulos e movimentações “aéreas”, batendo um pé no outro no ar; coreografias com palmeados, enfim, variações e criatividades adicionadas à tradicional expressão cultural que foi sendo recriada e reinterpretada em cada lugar e se diferenciaram.

Ao ouvido e olhar desatento pode parecer difícil perceber as diferenças entre as coreografias e ritmos e, muito mais estranho ainda, perceber as diferentes coreografias de um mesmo grupo. Francisco (2013), que compõe as músicas do seu grupo de Catira, explica com

A cultura popular sobreviveu nos séculos anteriores unicamente nos seus próprios nichos, mantida pela tradição familiar, pela convivência, pela devoção, resistindo ao tempo por essas vias de transmissão que buscavam resgatar a memória dos mais velhos, e manter as tradições locais. A escassez de contato entre culturas diferentes favorecia a manutenção da identidade, da naturalidade dessas atividades.

Com o fenômeno da globalização, o surgimento de novas culturas e a interação com novas formas de expressão cultural foram inevitáveis. A era moderna trouxe liberdade de expressão, diversidade, riquezas e também um traço forte de transitoriedade. As pessoas vivem em uma sociedade que dissolve, a todo momento, suas referências culturais, criando e recriando novas necessidades e novos valores o que, de certa forma, faz com que não consigam se sentir representados no ambiente em que estão inseridos.

Num mundo culturalmente mutante, ávido por novas expressões, seria óbvio apostar que a cultura popular corresse sério risco de sucumbir. O ser humano, entretanto, tem necessidade de sentir-se representado, de possuir uma identidade, símbolos e vínculos. Nessa lógica é que se assenta o valor da bandeira do seu país, das cores, hinos, suas comidas regionais, entre outros elementos. E mais do que apenas traços subjetivos, ele quer ver sua identidade local sendo reconhecida e valorizada em outras culturas.

Para identificar-se com o local onde vive, o homem contemporâneo define os símbolos pertencentes àquela localidade, e que a constituem, como os alicerces da sua identidade regional. A cultura popular, por suas tradições, seus elementos culturais e históricos, incorpora muitos significados que reforçam nas pessoas o sentimento de saberem de onde vêm, de reconhecerem suas raízes e se orgulharem delas.

Sobrevivendo em um mundo moderno, a cultura popular continuou seu processo dinâmico, incorporando fatos novos construídos sem rupturas com o passado. Adaptações são elementos importantes da continuidade e, assim, cada dançador de Catira, cada violeiro ao longo dos séculos influenciaram com suas formas de tocar e dançar, as novas coreografias e ritmos.

Sob o manto da dinamicidade e da sua capacidade de integrar expressões tradicionais e contemporâneas, o Catira seguiu dançando da roça até os palcos, ganhou novas formas de aprendizado, novas formas de se vestir, está nas escolas, foi para a televisão, gravou CDs, e segue conquistando mais e mais público.

A sociedade está sempre se alterando e a cultura vai se adaptando, sofre modificações, recria-se, reinventa-se, numa tentativa de sobrevivência dos grupos e de manter o interesse das pessoas na atualidade. “O folclore está presente no mundo contemporâneo e enquanto houver povo, vai ter cultura popular. A globalização não vai extinguir o folclore. Algumas manifestações, talvez, possam sofrer uma influência ao ponto de serem alteradas. Mas a cultura popular tradicional vai se renovando pela incorporação de novos elementos [...]”⁽³³⁾

A história do Catira, diferentemente de outras artes, é feita muito mais pela trajetória que percorreu do que por referências em obras, manuscritos, partituras ou autores. Conseguiu se esparramar por algumas regiões por meio dos tropeiros, dos indígenas e da miscigenação entre os dois, e chegou até os dias de hoje porque acabou se tornando a tradição de um lugar, uma espécie de herança de família. E permaneceu pelo significado de continuidade dessa tradição, de manutenção de uma cultura associada a um estilo de vida. E porque é bom, vivaz e bonito!

Sua origem permite inferências e interpretações, como no caso deste documentário, que toma como certo as raízes portuguesas e indígenas em sua formação. Esse argumento foi embasado em análises realizadas no País por historiadores, sociólogos e folclorista e, apesar de correntes que afirmam haver contribuições de outros povos em sua evolução, o que certamente é verdadeiro, permanece a ideia de que a origem é tupi e lusitana.

A existência de grupos de Catira, no formato como se considera nesta pesquisa, realizada com a presença de dois cantadores, uma ou duas violas, grupos de 3 a 12 pares de dançadores e cuja coreografia é composta por palmeados e sapateados, mostrou sua presença mais forte, prioritariamente, nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, locais onde, então, concentrou-se este levantamento.

Nos locais visitados foi possível verificar diferenças entre os ritmos e coreografias das regiões, e parece menos correto creditar essa variedade à geografia e muito mais a outros fatores como o gosto musical, a preferência por um ritmo, o talento, a criatividade de cada elemento que compõe os grupos, a tradição cultural daquela região. Com a internet, a velocidade da comunicação e com o estilo de uma região sendo disponibilizado de forma irrestrita, poderá ocorrer uma tendência maior de influências de uma região para outra no futuro.

Interessante foi perceber as concessões e modificações que ocorreram no Catira nos tempos mais recentes, responsáveis, talvez, por manter uma cultura ancestral viva após vários séculos. Uma das modificações notada foi a motivação existente para a formação de um grupo de Catira. Até meados do Século XX, os grupos eram compostos de forma espontânea, por elementos afins, de uma mesma família, ou de uma mesma fazenda, por vizinhos, e sobreviviam por puro gosto, por interesses próprios, ou melhor, desinteressadamente. Não havia uma ação planejada, ou ensaios, uniformes, tablados, o que havia era apenas o momento, o desejo de se divertir e a ocasião.

Atualmente os grupos, em sua maioria, são formados por uma ou mais pessoas que têm ligação pregressa com o Catira, descendentes de catireiros, ou por identificação às suas tradições locais, ou por alguma história de vida, ou até mesmo por paixão, e que vão

estimulando outros companheiros, vão compondo e dando continuidade ao grupo. São elementos de resistência que acabam emprestando às suas cidades uma tradição cultural.

Pensando no futuro, existem em alguns locais, oficinas culturais de Catira, ou ensino do Catira em escolas. O compositor e catireiro Wosley Torquato (2013), numa iniciativa particular, mantém um espaço aberto para ensinar qualquer pessoa que deseja aprender. “Não tem custo nenhum, vai lá quem quiser ver, quem quiser aprender, pode ir lá. [...] Tem uma quantidade de gente tão grande, que vai pra ver e aprender, que acaba tendo que fazer isso, juntar o ensaio.”⁽³⁴⁾

Outras localidades contam com a colaboração efetiva do poder público para a promoção das aulas de Catira nas escolas e têm conseguido plantar essas sementes em seus municípios. A interferência positiva do poder público é outra modificação incorporada. Alguns grupos declaram que sem o seu suporte pode ser difícil dar continuidade ao Catira. A persistente coordenadora Nilmaria, do grupo de Catira em Aparecida de Goiânia, campeão nacional no 1º Festival Nacional de Catira de Uberaba em 2010, afirma que sem essa ajuda o Catira estaria morto. “O nosso prefeito aqui, e o nosso secretário, eles são muito bons, tanto que os catireiros do grupo ‘Os Filhos de Aparecida’, eles são todos contratados pela prefeitura de Aparecida.”⁽³⁵⁾ Atentos à força que a cultura possui, o Poder Executivo de muitas localidades está fortalecendo suas comunidades com seu apoio.

O que antes poderia ser afirmado sobre o Catira ser uma cultura de tradição, passado às próximas gerações de forma espontânea, hoje já se verifica uma característica mais folclórica, uma expressão cultural que faz parte da história das regiões onde é executada, mas que envolve esforço, interesse e ações planejadas para ser mantida. Grupos tradicionais como o Catira dos Borges, em Uberaba (MG), com mais de meio século de existência, estão sem perspectiva de futuro. “Se você falasse num Catira, você formava dois grupos de Borges de Catira, com facilidade. E hoje você não forma fácil”, explica o responsável pelo grupo, Sr. Romeu Borges. “É a mudança, e a migração (referindo-se à mudança da zona rural para a cidade), é a evolução dos tempos, porque hoje tem televisão, tem rádio, tem computador, tem internet, hoje a vida mudou demais.”⁽³⁶⁾

De fato, a incorporação de traços urbanos à vida das pessoas que emigram do campo para a cidade, faz com que se redefinam enquanto ser cultural como forma de adaptação aos padrões da vida urbana. O que não será traduzido por perda de suas referências historicamente estabelecidas, mas como um ritual, um processo de passagem para assimilar as exigências da vida nas cidades. Nessa transição, a incorporação desses novos traços significa mudanças, enquanto a conservação da sua tradição aparece como defesa da sua cultura de origem. Assim é que o esforço de manter o Catira vivo e ativo significa,

para muitos grupos, um desejo de não perder suas referências primárias, simboliza uma cicatriz nesse conflito.

O contato com os grupos de Catira durante a realização deste trabalho foi muito importante para a cultura de forma geral. Significando uma amostragem do que ocorre com a cultura popular no País, foi possível observar que o Catira vem sendo preservado por iniciativa popular, por apaixonados, e encontra-se minimamente inserido nas políticas públicas para a cultura em seus estados e cidades de origem.

Primeira manifestação cultural genuína brasileira, o Catira é parte da identidade do País, cabendo às políticas públicas estimular sua reprodução por meio de programas de ação cultural. Por enquanto, adaptando-se aos impactos da globalização, enriquecendo em conteúdo e expressão a cada adição, inovação, renovação, tem sobrevivido e passa bem. Muito ainda será feito, as palmas, poesia e o sapateado do Catira cravou, definitivamente, suas garras no solo e no coração dos brasileiros.

MEU ENCONTRO COM O CATIRA

Gilberto de Andrade Rezende

Amor à primeira vista. Assim pode ser considerado meu encontro com esta manifestação folclórica.

Neste primeiro encontro, em 1947, aos quatorze anos, estava confinado por um ano inteiro na fazenda São José, de propriedade de meus avós paternos Manoel Gonçalves Rezende e Idalina de Mello Rezende.

As dificuldades de manter a disciplina exigida pelos Irmãos Maristas no Colégio Diocesano e as extravagâncias próprias da juventude foram as razões deste merecido internamento na fazenda.

Meu contato diário com os agregados da fazenda me revelava uma faceta totalmente diferente da vida da cidade. Uma vida simples dedicada ao trabalho, de sol a sol, com almoço às 10 horas da manhã e jantar por volta das três horas da tarde.

Com eles me misturei na capina de roça e posteriormente, com a decisão de meu tio João Rezende, fui promovido a campeiro.

Todos os fins de semana, já no ocaso, grande parte do pessoal se reunia no pátio da fazenda – na maioria das famílias Faquinelli, Ribeiro Oliveira, Colodino, Arruda, Baltazar, Martins, Borges e ainda as famílias do Jerônimo do café e a do Juventino.

Uma grande roda se formava sentados em pequenos tamboretas, violeiros, cantadores, contadores de causos, mexeriqueiros, arautos e ainda aqueles que gostavam de um dedo de prosa.

Esta era a hora de se contar as novidades da semana, de se puxar pelas lembranças de outros lugares e principalmente de se ouvir o tanger das violas em modas improvisadas, o que causava suspiros de admiração nos que presenciavam.

Este grupo não tinha o privilégio de ouvir rádio, invenção ainda recente, e que ficava restrito à sede da fazenda por determinados momentos, já que também dependia da energia de um pequeno motor movido à querosene, mais utilizado para o corte de cana para o gado e que era controlado pelo tio Álvaro Rezende.

Cada fazenda de médio porte da região era uma pequena comunidade. Meeiros, colonos, capinadores, carreiros, candeeiros, campeadores, carpinteiros, ordenhadores e administradores aproveitavam destes inesquecíveis encontros para mostrarem suas diversas vocações artísticas.

Era nestas reuniões, onde o tanger das violas às vezes varava a noite de lindos luares e o aroma inebriante da relva molhada chegava através das suaves ondas de brisa; onde a escuridão da noite era apenas quebrada pelo lampejo de algumas lamparinas; onde o sereno era companheiro constante e quando as lindas melodias entoadas ao som das violas às vezes faziam as pessoas chorar.

Mas era também o local para se esparramar as novidades acumuladas na semana. Foi

exatamente numa destas rodadas que tomei conhecimento da grande novidade. A fazenda ia ser palco de um grande casamento naquele final de ano. Um namoro que se arrastava preguiçosamente ao longo dos anos, finalmente ia ter um desfecho.

Um casamento duplo entre duas famílias residentes na fazenda. Da família Faquinelli, dois irmãos – Raul e Antenor – iriam se unir em matrimônio com duas irmãs da família do Franklin de Oliveira – Francisca e Lourdes.

Os entrelaçamentos familiares sempre foram muito comuns no meio rural. As famílias eram constituídas entre os próprios moradores da localidade. Todavia, um casamento duplo era uma novidade e tanto.

Dava para perceber o alvoroço provocado pela notícia. Preparos mil se faziam necessários. Todos queriam dar um palpite. Todos queriam participar. Todos tinham um convidado para apresentar. A relação – amigos e parentes – era imensa.

Da fazenda estavam todos convidados. Este assunto passou a dominar os encontros semanais. Plantou-se um clima de expectativa. Nas rodas, histórias dos noivos, da família. Quem seriam os padrinhos. Que presentes os noivos iam gostar mais. Como seria o jantar oferecido nas bodas.

O movimento da Loja São Geraldo, da Rua Padre Zeferino, em Uberaba, foi muito grande naquela época. Era lá onde os habitantes da zona rural de Uberaba e de outros municípios ao redor se abasteciam de suas vestimentas. E foram para lá os convidados do grande casamento que estavam preocupados em comprar novas botinas de mateiro, novos chapéus de palha, novas calças de brim e camisas brancas de manga comprida.

A ansiedade de todos para que se chegasse o tão esperado dia era tão grande que o tempo parecia não passar. Por isto, quando finalmente amanheceu na fazenda, neste tão esperado momento, a madrugada foi saudada com um grande foguetório. Rojões pipocavam no céu antecedendo os raios solares e quebrando a rotina do pacato lugar, assustando os animais de cria, tudo para festejar o maior evento que iria acontecer naquelas paragens nos últimos anos.

Antes do brilho do horizonte provocado pelo nascimento do dia, ainda no curral começando a lida da ordenha, podia-se notar a chegada de caminhões trazendo material da festa e também convidados que moravam nos lugares mais distantes.

Na parte da tarde, os empregados foram dispensados para que todos se preparassem para a grande festa. A cerimônia estava marcada para ser iniciada ao pôr do sol, já que relógio era objeto de patrões.

Para mim foi fácil. Só tinha mesmo uma muda de roupa para visitar a cidade uma vez por mês. Todavia, além de grande festa de que ia participar, estava na expectativa de uma das convidadas, uma namorada que viria de Uberaba, ela que também foi uma das razões do meu confinamento.

A casa dos pais das noivas era perto da sede onde eu residia. Menos de meia légua. Ficava atrás de um ribeirão, a última de um conjunto de três moradias. A primeira era dos Colodinos, a segunda dos Martins e a terceira a do Franklin. Não carecia condução.

Fui um dos primeiros a chegar na expectativa da namorada. E que emoção quando na terceira leva do caminhão desceu, acompanhada de sua irmã, a pessoa que tanto esperava.

Dali para frente tudo foi como num sonho. O amor é lindo. Transforma todas as coisas, por menor que seja. Tudo fica bonito. Tudo fica interessante. Os noivos apaixonados, se casando. Eu, apaixonado, só admirando.

Chega a hora do jantar. Comida farta. Nunca apreciei nada tão bom na vida. Como toda comida de roça, carne de frango, de porco e de vaca. Os mais variados acompanhamentos. Sobremesas de frutas em calda ou cristalizadas – laranja, marmelo, figo, mamão, além do doce de leite com acompanhamento de uma fatia branca de queijo fresco.

Nem o vento que trouxe a poeira vermelha do campo conseguiu tirar o brilho e o entusiasmo de tudo o que estava acontecendo. O chão batido de terra da casa resistiu à ventania bem como as paredes de pau-a-pique, recentemente barreada, não deixando frestas.

Passado o susto, todo mundo já bem servido, os homens reforçados com uma boa pinga de engenho tomada de mão em mão nas cabaças, eram animação pura e procuravam tomar seus lugares para os festejos.

Como de praxe, uma tenda no quintal era destinada aos jovens que quisessem dançar ao som de um animado sanfoneiro, com músicas de ritmos variados como valsas, marchinhas e polcas.

Na sala ficavam os adultos para apreciar os violeiros com suas modas sentidas. Foi neste momento que vi descendo do último caminhão, um grupo de homens da raça negra que, a convite do dono da casa, vinham apresentar a dança do Catira.

Para mim foi uma grande surpresa. Já conhecia desde os cinco anos de idade o canto em grupo formado pelas Folias de Reis. Quando dormia na fazenda em fins ou início de ano, bastava escutar o batido de uma caixa que eu já disparava para assistir a cantoria.

Agora, Catira, apesar de seu nome ter sido ventilado nas rodas de violeiros da fazenda, nunca poderia imaginar o que seria essa dança.

Movido pela curiosidade fui informado no local que aquela dança era só para homens e que só apresentavam em festas ou em mutirões.

Na sala dos pais da noiva, três tocos serrados na mesma altura, de setenta centímetros, suportavam duas tábuas alinhadas ocupando um espaço de um pouco mais de três metros, quase que o comprimento do cômodo, por cerca de mais ou menos oitenta centímetros de largura.

Seis homens subiram neste improvisado tablado, entre eles o Juventino, um dos moradores da fazenda, destacando-se dos demais pela sua altura de quase dois metros.

Nas Violas, dois cantadores desconhecidos por mim, de pé junto ao tablado, iniciaram de imediato a entoação de uma Moda de Catira, mas não guardei bem de quem era a autoria.

As violas destes catireiros soavam diferente das violas da fazenda. Eram como se fossem profissionais com violas especiais para dar aquele som macio e vibrante.

E como cantavam bonito. Quando os palmeiros iniciaram sua função, algo inédito para mim, foi como descobrir um novo mundo. Um mundo de prazer. Um mundo de alegria. Que coisa mais linda. Que sentimentos aqueles homens punham na sua interpretação. Que emoção se apossava de mim naquele momento. Que sintonia. Que sincronismo. Que beleza de espetáculo.

Quando terminaram a Moda, muito aplaudidos, deram início ao que eles chamavam de Recortado. Que repique diferenciado. Como sabiam pontear uma viola estes catireiros.

Como as duas tábuas eram estreitas, os catireiros dançavam virados para o público. A cadência e a coreografia das palmas e sapateados eram a mesma entre as estrofes da poesia. O espaço era exíguo para se dançar vis a vis e não havia chance de se praticar outros tipos de passos desta dança.

Mas também não precisava. O Recorte era de estrofes curtas de seis versos e vim a descobrir depois que era de autoria de Manoel Rodrigues da Cunha, natural de Jubáí, MG, que viveu até perto dos cinquenta anos nas fazendas dos Borges de Uberaba e depois se mudou para São Paulo.

Cada verso cantado, cada estrofe concluída, era motivo de entusiásticos aplausos da plateia espremida naquele pequeno cômodo. E a grande maioria que não conseguiu espaço, ficou na parte de fora da casa, apinhada junto às duas janelas para poder ouvir os cantadores.

E eu ali junto aos violeiros, feliz pela companhia da namorada, feliz por ouvir tanta coisa bonita, sentia-me o mais feliz dos homens desta terra. Nunca podia imaginar que pudessem existir músicas de violas tão bonitas.

Uma curiosidade que sempre tive foi saber em qual fonte os compositores de Catira buscaram inspiração para construir poesias tão cheias de sentimento e emoção e que os violeiros sabem transmitir através do repique das violas.

Mais tarde pude rever o que cantavam aqueles violeiros. O Recorte chama “Deus e a Natureza”. Entre suas estrofes, duas podem ser destacadas:

“Fez o ouro, fez a prata - Fez as pedras preciosas - Fez os campos e as matas - Com

suas flores cheirosas - Fez a sorte muita ingrata - Pondo a vida tão custosa.”

“Fez o rico, fez o pobre - Fez as classes diferentes - Fez muitos para serem nobres - Outros para serem indigentes - Fez a terra que encobre - Tudo isto futuramente.”

Aquele casamento na fazenda marcou para sempre a minha vida. Casei com a namorada e com o Catira. Com uma tive quatro filhos. Com o outro conquistei centenas de amigos, escrevi um livro chamado “Os poetas do Sertão” e realizei centenas de encontros de catireiros em uma casa que construí em Uberaba, Minas Gerais e que se chama – CASA DO FOLCLORE.

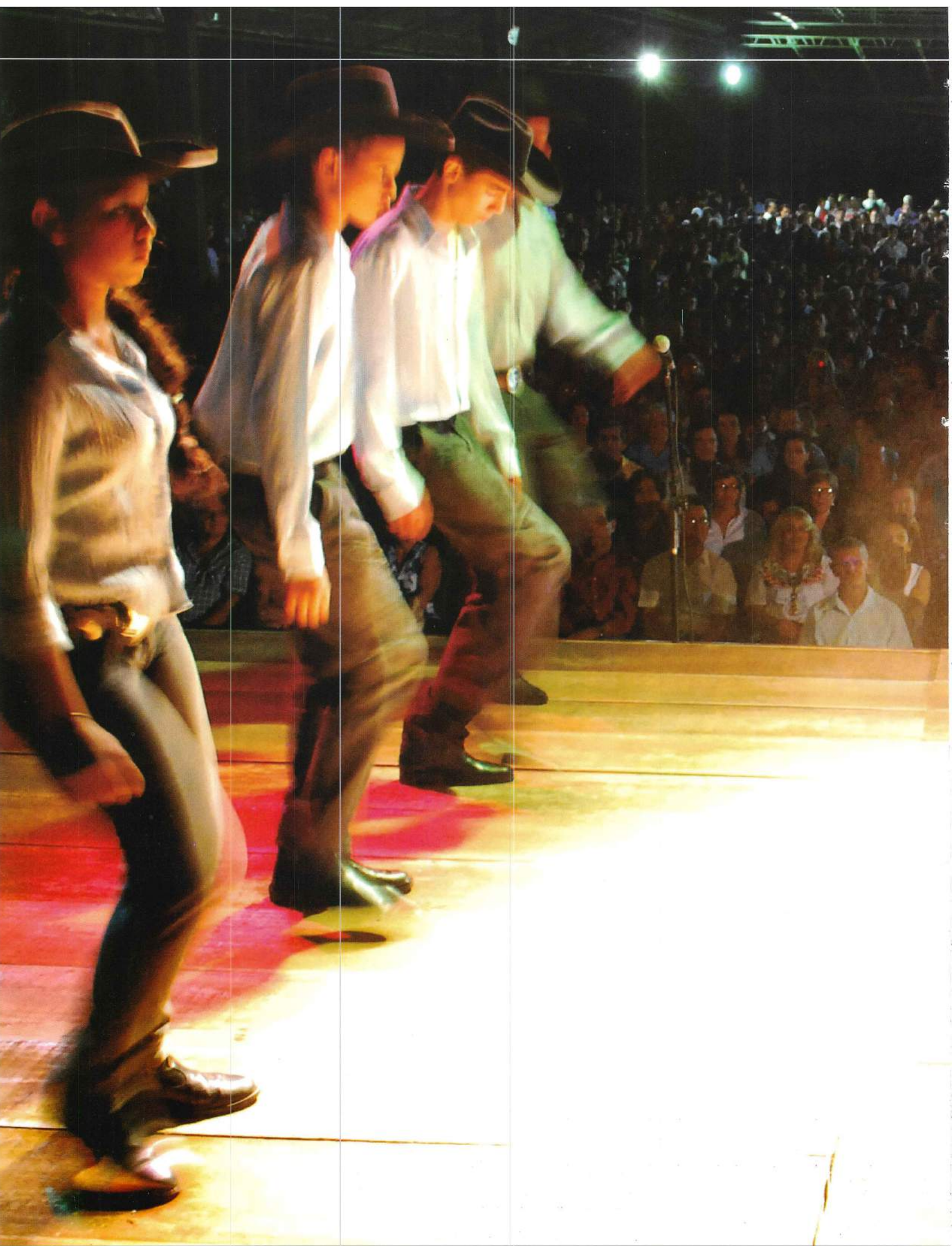
Os dois casamentos vão muito bem.

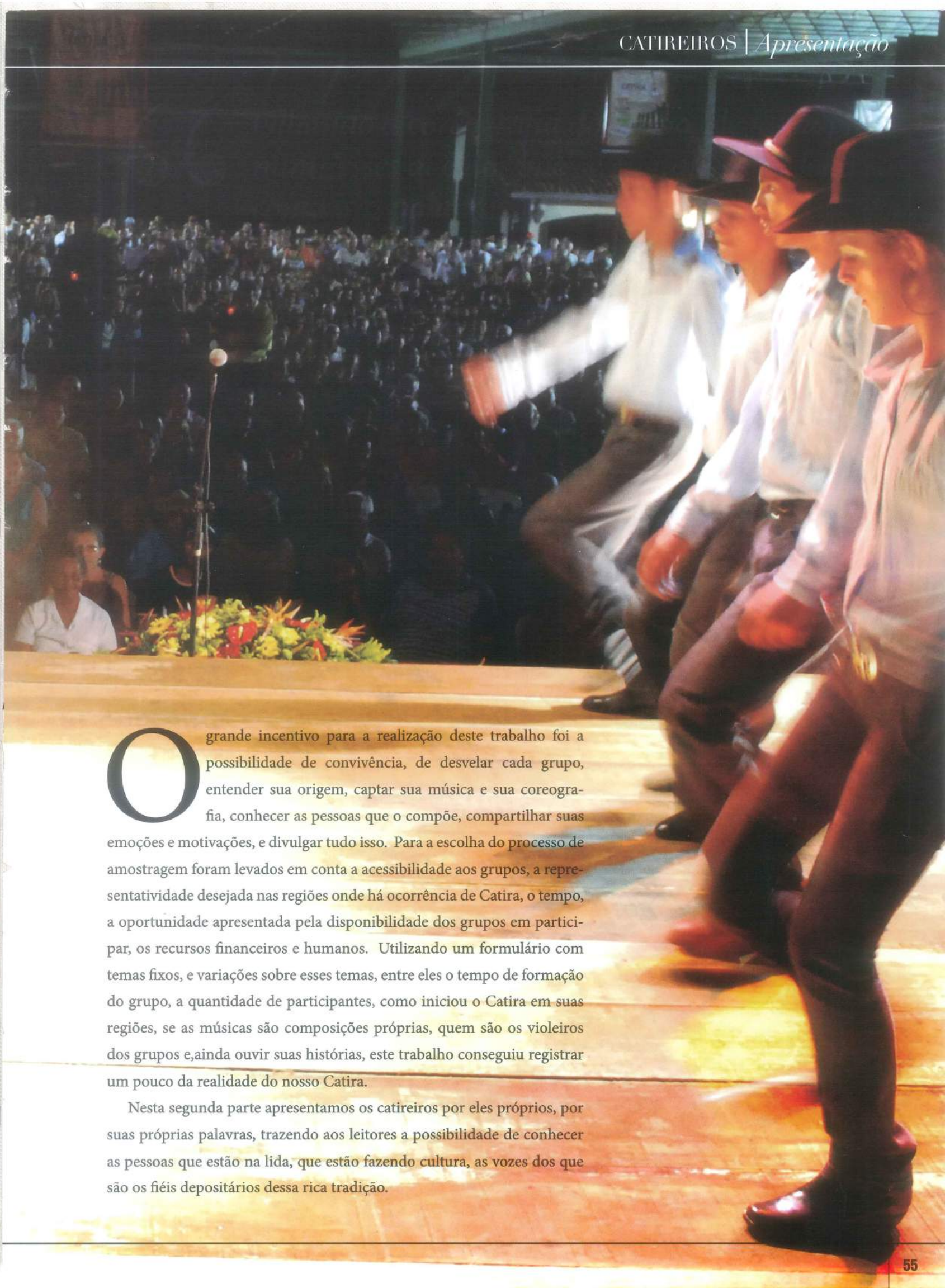
12 DE MAIO DE 2014.



PARTE 2

CATIREIROS





O grande incentivo para a realização deste trabalho foi a possibilidade de convivência, de desvelar cada grupo, entender sua origem, captar sua música e sua coreografia, conhecer as pessoas que o compõe, compartilhar suas emoções e motivações, e divulgar tudo isso. Para a escolha do processo de amostragem foram levados em conta a acessibilidade aos grupos, a representatividade desejada nas regiões onde há ocorrência de Catira, o tempo, a oportunidade apresentada pela disponibilidade dos grupos em participar, os recursos financeiros e humanos. Utilizando um formulário com temas fixos, e variações sobre esses temas, entre eles o tempo de formação do grupo, a quantidade de participantes, como iniciou o Catira em suas regiões, se as músicas são composições próprias, quem são os violeiros dos grupos e, ainda ouvir suas histórias, este trabalho conseguiu registrar um pouco da realidade do nosso Catira.

Nesta segunda parte apresentamos os catireiros por eles próprios, por suas próprias palavras, trazendo aos leitores a possibilidade de conhecer as pessoas que estão na lida, que estão fazendo cultura, as vozes dos que são os fiéis depositários dessa rica tradição.



ARMÍNIO RODRIGUES DA SILVA | JARAGUÁ-GO
AIRTON FLORÊNCIO DOS SANTOS

Rapaz, esse trabalho que vocês estão fazendo é muito importante porque as cartas de Dom Pedro estão há quase 500 anos guardadas lá em Petrópolis, as coisas do Brasil, da descoberta do Brasil... Então, eu imagino que esse trabalho ficará guardado para mil anos ou mais e vai passando de geração em geração, vão ficando os arquivos. Igual ficou da história do Brasil e de todo mundo. Não é fácil sair por aí de carro, essas rodovias perigosas fazendo este trabalho que vocês estão fazendo.

É no toque da gentileza e da consideração, com a equipe de produção de todo o documentário sobre Catira, que começa o depoimento sobre a trajetória dos Irmãos Florêncio. A família que trouxe do confronto das mãos que estalam, dos pés que levantam sons do chão, a nobreza dos ideais pelo Catira. A criação de cinco irmãos de Jaraguá, agora quatro e muitos agregados, que deu origem ao amor pelo ritmo, no interior de Goiás. Armínio Rodrigues da Silva e Airton Florêncio dos Santos revelam as oportunidades que aparecerem pelo caminho, desde a adolescência, quando descobriram que seguiriam os ensinamentos antigos levando para o futuro o Catira e todo o repertório construído com essa vivência.

Esse grupo de Catira começou assim, a gente, os irmãos, tinha vontade de aprender a dançar. Aí meu irmão foi comprar fita do Galvão e Galvãozinho e nós começamos. Treinamos, treinamos, treinamos, e treinamos um grupo. Vieram também dois sobrinhos. Os sobrinhos não dançavam, mas começaram a dançar de um tempo pra cá. Já são 17 anos.

A história dos Irmãos Florêncio é recheada de acontecimentos. Casos e prosas que vão colorindo as rodas de viola, os encontros e mantendo a tradição.

Tinha um grupo que era bom de Catira, né, e como nós estávamos aprendendo não deixavam a gente dançar, deixavam a gente dançar só quando era um Catira muito ruim. A gente, naquela época começando, era café com leite. Aí, o que aconteceu? A família reuniu e disse: vamos treinar mais! Começamos a treinar e montamos o grupo de Catira.

E de superação em superação, força de vontade

movida pelo amor à música, pela família e tradição, que outros apaixonados pelo ritmo entraram para o grupo, aumentando o sucesso dos catireiros.

Os mais antigos foram incentivando a gente a fazer as coisas boas da vida, porque hoje todo mundo envolve com droga, os adolescentes e as crianças do nosso País e do mundo inteiro, mas eu passei a gostar do Catira. Foi ao lado da minha mãe que meus três tios: o Benzica, o Didi e meu tio Zé, que Deus já chamou, eles já conheciam o Catira aqui nos anos 60, 70. Então, em 1975 eu participei pela primeira vez de uma Folia definitiva aqui da região, de Bom Jesus, e aquilo foi me incentivando a fazer coisa boa, bonita, todo mundo gostava, porque Catira é uma dança tradicional aqui do Estado de Goiás.

E seu Armínio deu continuidade levando a família para manter a tradição.

Eu tenho dois filhos que participam do grupo de Catira, vou passando, também, para os meus netos: um

“Eu sou apaixonado em Catira, não precisa ser só o nosso não, aonde tem Catira, se eu souber, eu vou mesmo pra ver.” (Armínio)





tem 13 anos, o outro tem dois anos e pouco, e incentivo eles e o pai deles a irem para o Catira porque futuramente, nós vamos embora daqui da terra, Deus vai chamar a gente, mas vai ficar nossa tradição.

E quando tem um encontrou ou alguma festa, eles se reúnem para ensaiar. Desses momentos, também, surgem os pensamentos em relação aos incentivos para a tradição continuar.

Tem um pouco de dificuldade para manter o grupo, né! Para reunir dá um trabalho... Todo mundo tem obrigação, quase todo mundo trabalha. Tá faltando incentivo por parte do poder público. Agora entrou um prefeito conhecido da gente desde pequeno e da cidade, e está incentivando mais a cultura, e tem a lei mais nova, vocês conhecem melhor do que eu, do Ministério da Cultura, que parte da arrecadação do País vai para Cultura.

Aqui tem uma associação que chama Associação dos Catireiros e Foliões de Jaraguá, da qual meu ir-

mão é o presidente e agente vê muita dificuldade. Você precisa de um microônibus pra ir ali numa cidade representar Jaraguá, tem que pagar o motorista cem reais, e ainda quer que pague o petróleo. Se tiver um apoio do poder público, porque tem o dinheiro dos cofres públicos, esse dinheiro é nosso, da arrecadação nossa, pra incentivar, porque se não a gente encontra barreiras.

Precisa comprar uma botina: uma botinha é duzentos contos. Queria comprar uma calça era quarenta, porque é aqui na fábrica. Precisa de um cinto é trinta, quarenta reais. Precisa de um chapéu é mais de cem reais. Precisa de patrocinadores e o cara, também, tem dificuldade com a empresa dele, pra doar onze camisas, onze calças, onze chapéus, onze borás, onze cintos, que é o uniforme completo. Fica mais de seis, sete mil reais, hoje. Com essa administração nova, nós já tivemos muita coisa, esse ano, aqui em Jaraguá e fora daqui, com esse prefeito novo e esse secretário de Cultura novo, que estão dedicando à Cultura, não só ao Catira, porque aqui

tem várias culturas em Jaraguá, a cidade é tradicional, é uma cidade antiga, que foi criada em 1736, então, desse poder público, agora, desse prefeito, nós estamos esperando mais coisas, desses três anos vindouros.

Para os catireiros o futuro da Catira vai nascer da valorização.

Muita gente procura a Catira na cidade grande, mas a maioria não quer pagar para assistir. A gente desloca daqui pra Goiânia para fazer uma apresentação de 15 minutos, como é que vai? Tem muita gente que procura: faculdade, escola de terceiro ano, para fazer trabalho e quer uma apresentação, mas como é que vai dançar de graça? Quem é que vai trabalhar de graça? Então, se a gente não assegurar, do nosso lado, a tradição para permanecer na família depois de nós, a tendência é acabar e ir diminuindo, porque hoje é totalmente diferente de vinte, trinta anos atrás.

Manter o Catira como tradição entre as novas gerações, também, é um desafio para os irmãos Florêncio

Sabe como é jovem, não tem muito interesse pelas coisas boas, tem pelas coisas ruins que o mundo oferece e, agente que é pai, que é avô, é sogro, é marido, tem que incentivar e, às vezes, até obrigar e forçar a barra com eles, se não eles não interessam. Eu, graças a Deus, os meus dois meninos, um com 25 anos e o outro com 21, gostam. Sem interesse nenhum, sem ganhar nada, gostam, principalmente aqui na nossa cidade que é a tradição. Meu netinho de dois anos e meio, que é o Armínio Neto, é só ele vê o pai dele cantar, ou qualquer música que toca no rádio ou na televisão, ele fala que é Catira, bate a mão e bate o pé. Às vezes, o pai dele que é músico está cantando em algum lugar e ele vai lá perto, pega o microfone e fica cantando alguma coisinha. Então, a gente tem por onde puxar e tem que incentivar se não num vai não, certo?

Procurando, sempre, “pisar as cordas da viola”, o Grupo segue esperançoso do reconhecimento do Ca-

tira. E assim, o senhor Airton, o irmão, os meninos inventam uma nova coreografia. Inspiram a vontade de continuar.

Essa coreografia nossa foi criada por nós mesmo. É do dia a dia, tem uma vontade, coloca, um faz de um jeito, fica bom, aí faz de outro, muda, para ficar bonito. Eu sou apaixonado em Catira, não precisa ser só o nosso grupo não. Se eu souber que tem, eu vou. Mesmo só para ver. Eu sou apaixonado.

E, apesar de tantos desafios, desistir é uma palavra que não cabe acorde.

Uma coisa que eu tenho, é muita garra, eu gosto muito! Você entendeu? Dá trabalho, sacrifica a gente, porque a gente se dedica muito. Eu saio de Goiânia, venho aqui, telefono para todo mundo. Às vezes enrola, passa raiva, mas no fundo você quer que aconteça. A gente fica em cima porque gosta, ama e quer continuar dentro.





LURDIO DE GERAIS | ARARAS-SP



“O Catira? Ah!... Eu já nasci nele.” (Lurdio)

O Catira mantido pelo Grupo Catireiros de Araras é herança cultural. Juntamente com a dança e a música, muitas lembranças e emoções foram deixadas pelos antepassados.

O Catira? Ah!... Eu já nasci nele. Meu pai era catireiro, nos tempos da Fazenda Cultural. Ele era um homem tocador de todos os instrumentos de Folia de Reis. Então, na nossa casa tinha festa de São José, o tempo de Folia, mas tinha muito Catira, também. Era uma data para cada encontro. Todo ano. Essa alegria vem comigo desde a infância. Um dom que nasceu com a gente. E seguir fazendo é um prazer nesta vida.

Mantendo a tradição.

É difícil preservar o Catira. Precisa ter muita vontade para manter a tradição. Aqui só tem a nossa propriedade para o ponto de encontro. Desse viver nasceu nosso grupo. Fundado há mais de 15 anos. Começou numa orquestra de viola e dela nós tiramos os catireiros. É só o começo.

Apoio

O centro cultural da cidade fornece o ônibus, fornece o palco, em algumas viagens eles ajudam, mas em tudo precisa de muito sacrifício. Nós estamos levando o Catira para as escolas, para as faculdades. Tudo para o nosso povo aqui de Araras e da região.

Eterna criação, que renasce a cada viagem.

Da música de viola, no estilo de Vieira e Vieirinha ao pagode, no estilo do Tião Carreiro fazemos nossas intenções. E tem composições que são do grupo.



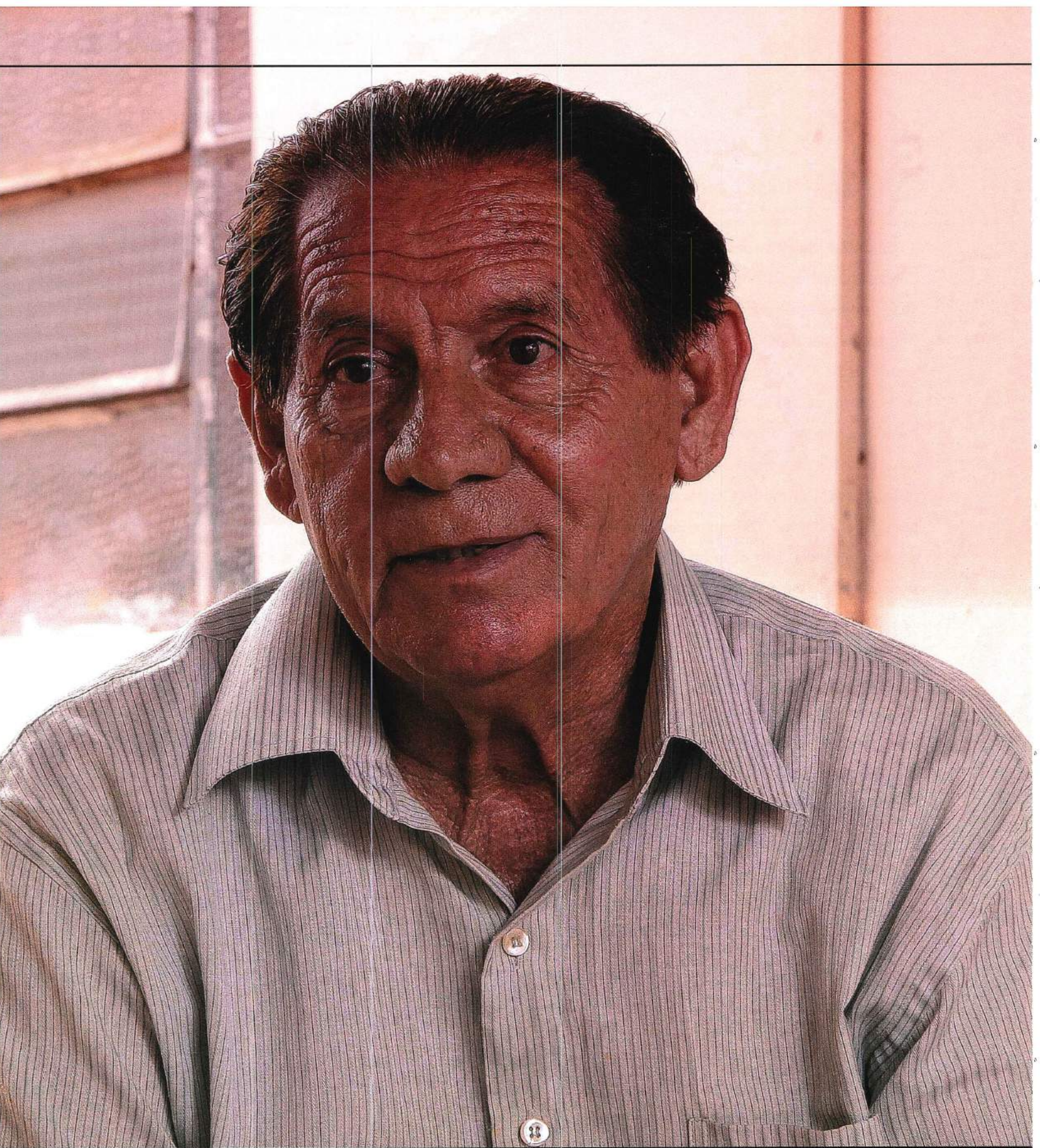
É uma eterna criação, que renasce a cada viagem que fazemos por esse estradão, uma nova criação, coreografia das histórias, das lidas, vividas. E o que é bom: fomos muito bem recebidos!

Promessas de continuidade.

E assim é que os mais novos vão querendo aprender. Criança era raridade no Catira. A gente não conseguia. Agora, já são quatro no grupo, e isso é um incentivo muito bom para nós, e para a meninada, então!

Meu querido pai que me incentivou no Catira, música de viola, Folia de Reis, e todo o folclore que a gente sabe. Ele deve ficar orgulhoso em ver o folclore sendo mantido.





FAUSTINO ÂNGELO DE SOUZA | ITUIUTABA-MG

“*Olhando a coreografia do grupo, ele falou pra mim, ‘esses aí é dos bão’, e eu fiquei satisfeito só com essas palavras.*” (Faustino)

Emocionado, seu Faustino Ângelo de Souza, conta sobre o caminho que percorreu e os desafios que enfrenta para manter o Catira entre as novas gerações.

É uma história que me dá vontade de chorar. Eu acompanhava meu pai, ele era violeiro. A gente saía de madrugada e ia passar tradição nos outros. Foi assim, a gente junto, até ele morrer. Eu continuei acompanhando o Catira, mas fui observando que a tradição não foi renovando, ia acabando. Um dia eu fui ver um Catira e pensei: está ruim! Tinha enfraquecido. Então, decidi formar um grupo de Catira com a nova geração.

Eu tinha um grupo de quadrilha, só de jovens, os convidei para ensaiarmos o Catira. Chamei um catirei-

ro, o Bráulio, para ensinar a turma e ele foi satisfeito. Na época, não tinha lugar para ensaiar, tivemos dificuldades. Eu fui à Câmara Municipal pedir que arrumassem um lugar para o grupo. Conseguimos a Fundação Cultural. Começaram os ensaios, mas não tinha violeiro. Persistimos até conseguir um violeiro bom. Juntamos uns jovens bons, inteligentes. Falei com eles para ensaiar em casa porque precisava aprender rápido. Com vinte dias, eles já estavam prontos para dançar. Onde apresentavam era sucesso. E foi assim.

Uma vez em um encontro em Barretos, tinha um concurso com 19 grupos. Tiramos o primeiro lugar. Eu estava olhando a apresentação e chegou o presidente do Espora de Prata falando: ‘Esses são bons’. Eu fiquei satis-





feito demais. O Catira é um ato de amor. Recentemente, um dos catireiros falou pra mim que está no grupo porque é meu amigo. Quando você tem um amigo e ele se doa para estar junto de você é uma honra.

Seu Faustino tem no grupo alguns compositores e ele é quem, também, cria as coreografias. Ele conta que mantém a tradição que aprendeu com os antepassados.

Tenho conseguido passar essa cultura para minha família. Meus netos estão envolvidos, dançando, ensaiando. Desde pequenos eles ficavam sempre olhando, assistindo a dança e isso foi conquistando cada um deles. O primeiro Catira que foi dançado no Brasil, foi pelos índios catequizados pelo padre José de Anchieta. Por isso é uma coisa que não pode acabar. É uma dança bonita, alegre e saudável. Faz bem.

Os desafios para manter o grupo, às vezes, desanimam, mas o desejo de manter a tradição é mais persistente.

Eu estou pensando mesmo é em deixar. Estou sofrendo muito com o Catira. É uma alegria para mim quando vejo, me traz muitas recordações boas, mas cada vez que um político, que um prefeito ganha aqui, eles não apóiam o Catira. A minha esperança é só uma:

que venha outra eleição, que entre lá uma pessoa que entende de cultura para incentivar, porque nossa cultura em Ituiutaba acabou. A verdade tem que ser dita, a gente não pode ficar negando a verdade porque a gente fica sofrendo a vida toda.

Eu estou fazendo o possível para deixar um caminho de preservação do Catira.

Por isso, a mensagem que eu deixo para meus amigos catireiros é para manterem a esperança. Se estiverem indo bem, continuem. Se tiverem problemas continuem mesmo assim, quem sabe um dia a coisa melhora. Quem sabe, aqui em Ituiutaba, também, as coisas melhorem.

Mas a paixão do catireiro pela dança, pela viola, pelo encontro de gerações, ainda pulsa forte no coração.

Catira é uma manifestação cultural, fruto do desenrolar de um modo de vida, com suas projeções, significados e compreensões próprias.

Catira vem de uma época em que as pessoas se reuniam para cantar, dançar, expressando suas alegrias e tristezas. Mostrando sua fé e suas experiências. Catira é uma dança bonita que alegra os jovens e os idosos.


ELIS BENTO | RIO VERDE-GO

Elis Bento é um dos integrantes do grupo Catira Viana. Catireiros que fazem bonito mantendo a tradição na cidade de Rio Verde, interior de Goiás. O nome do grupo é uma homenagem aos pioneiros que começaram essa história.

Os irmãos Viana, precisamente Celso Viana, Joaquim Viana e Pedro Viana foram os pioneiros. Pelo menos, é o que nos contaram sobre o Catira aqui no Rio Verde. Eles tinham um grupo nos anos 70 e, enfim, vêm dando continuidade. Todos eles já se foram e deixaram conosco a responsabilidade de dar continuidade. Os Irmãos Viana assinavam, também, como grupo Fonseca.

Ainda hoje temos alguns remanescentes. Mas a cidade é antiga. Rio Verde tem 250 anos, 260 anos.

Na vida de seu Elis a mistura das culturas foi importante para trazer uma nova formação.

Eu nasci na roça, de parteira ainda. Meu avô era mineiro, veio de Minas para Goiás em um carro de boi. Gastou seis meses para chegar. Na fazenda do meu avô sempre tinha festa de Folia, o pouso literalmente. Toda vez tinha Catira. A gente aprendeu vivenciando isso enquanto menino, cresceu junto e, agora, temos a oportunidade de participar, de aprender. O seu Divino é o

“A gente faz por prazer. Não é por dinheiro, graças a Deus eu tive a oportunidade de ter uma formação. O Catira é um estilo de vida.” (Elis Bento)

nosso mestre. O Corivaldo, que é o primo dele, conviveu com o Viana. O Valdeni, que é o nosso conhecido Coquinha, eu digo que foi o professor que nos ensinou os primeiros passos. E continua ensinando. Éramos todos adultos sem nenhum sapateador de primeira. Então, aprendi junto com meu filho mais velho. Os meus filhos são melhores catireiros do que eu. Eu aprendi e passei a gostar, mais ainda, dançando com eles.

Ao ver o grupo sem ânimo, depois de um tempo inativo, nos anos 2000, o sindicato rural se propôs a ajudar com o título Escola de Catira. Nós entramos em 2003 para aprender e estamos perseverando. Os mais experientes foram morrendo, mas nós tivemos determinação e continuamos. Os nossos jovens gostam. Temos um universo maior de pessoas e sempre tem alguém que quer aprender. São muito bem vindos. Por termos nos apresentado em vários locais, ficamos mais conhecidos e o pessoal nos procura. Eu acredito na continuidade, mais hoje do que há oito, dez anos atrás, quando a tradição andava esquecida.

O grupo escolheu manter a tradição nas coreografias. As inovações nascem nas composições do Recortado.

Seu Pedro Neves é o nosso cantor, juntamente com o Carlos. Eles compõem a maioria dos recortados. O nosso Catira é composto de dois momentos: o primeiro é Moda, normalmente eles usam as músicas de terceiros. Mas na parte do Recortado, eles estão sempre inventando, compondo. A maioria é nossa. Por exemplo:

Vou falar da minissaia quero que preste atenção

E para rapaziada ela provoca animação.

É igual arame farpado que tem a boa função,

Cerca a propriedade, mas não tira a visão.

Colocamos assuntos atuais, mas o ritmo é o mes-

mo, sem fugir da originalidade. Também têm os versos mais antigos que continuam atuais:

Eu subi na sucupira fui para lá na forquilha,
peguei na perna da velha pensando que era da filha,
perna de velha é lixenta perna de moça é macia.

Assim vamos chamando atenção. A composição antiga se foi. Nós temos parte dela nesse estilo atual.

Mas uma característica que eu acredito que seja nossa é exatamente a preocupação de manter o Catira com a tradição da coreografia. Os passos são basicamente os mesmos que sapateavam os catireiros de 30 anos atrás. Nós até fazemos força para não ser esse Catira estilizado, que, às vezes, até imagino que atraia mais a moçada. Mas o nosso é mais tradicionalista, pode até ser menos envolvente, mas nós que gostamos e defendemos de qualquer forma.

O grupo está sempre em destaque. Com agenda cheia de apresentações. Mas se os convites dão um tempo, o compromisso continua. Têm ensaios todas as semanas. Essa perseverança trouxe o respeito para a tradição. Os mais jovens têm interesse pelo Catira e se orgulham de continuar a tradição.

Temos a felicidade de ser bem requisitados. Dificilmente passamos dois finais de semana sem ser chamados para um evento. Vamos a casamentos, festa de folia, eventos nas universidades, nas escolas. Todo domingo é dia de nós nos encontrarmos para ensaiar. É sempre um desafio manter a motivação dos mais novos. Eles têm outros atrativos que chamam como os passeios, as festas e acabam não tendo a perseverança. Mas, ao mesmo tempo, a gente fica feliz que em um grupo maior fiquem os realmente interessados. É um processo natural. Co-



meça com muita gente e ficam os que se apaixonam. Hoje, nosso filhote menor tem 13 anos e foi ele quem pediu para entrar. E já está tocando viola e sapateando. Eu vejo, até, como um diferencial, como uma qualidade. Na escola do meu filho menor, por exemplo, tem uns companheirinhos que já gostam. Apreciam a moçada andar de bota, de cinto. Eles sempre falam: 'o Pedro é mais original e, além de tudo, é catireiro e está tocando viola'. Eu não vejo como bullying, eu vejo como diferencial.

O grupo tem uma filosofia inspiradora. Apesar dos desafios para manter o ritmo das apresentações, os catireiros acreditam que a união é o elemento forte para garantir o futuro da dança na região.

A maioria do nosso grupo tem uma ligação com o ambiente rural. É uma origem que nos remete à moda caipira, da viola, do Catira, não foge disso. Inclusive na versão da origem do Catira, entre outras, que nós pre-

ferimos acreditar, é a de que o Catira surgiu junto com os boiadeiros, que levavam as boiada daqui de Goiás, do Mato Grosso, passando por Minas até São Paulo. À noite, depois do jantar, sempre tinha um violeiro, saíam as Modas e, por consequência, saía o Catira, também.

A principal dificuldade é o transporte para participar dos festivais mais longe. Tem que procurar um patrocínio. Mas o importante é que no nosso grupo tem em quem a gente pode confiar. Convidam o grupo e sempre temos a aceitação.

Sou otimista. Ao analisar outros movimentos culturais, seja dança, seja da própria música, surge como um estalo, com tanta mídia. Mas do mesmo jeito que vem, às vezes, não permanece. Está no auge hoje e amanhã não está mais. O Catira, ao contrário, vem se mantendo, lógico que com suas particularidades regionais. Mas está vivo, firme! Se ele fosse uma madeira, ele era um cerne e aquele de aroeira, que não se desfaz facilmente.

E o tempo é um companheiro no arquivo de histórias interessantes. Umas alegres, outras tristes, todas emocionantes. A memória dos antepassados reconhecida com louvor e a vontade de que segue o caminho de ser compreendido como um lutador.

Nós tivemos a felicidade de apresentar em vários locais e, eu particularmente tenho uma admiração pelo Seu Pedro Viana, pois ele foi o grande incentivador que eu conheci. Ele ia buscar o violeiro em casa, se precisava de alguma coisa ele desembolsava, e tem um fazendeiro vizinho que sempre nos convida para a festa de aniversário dele. É uma super festa. Ele fez uma cozinha muito arejada, espaçosa e no meio da cozinha ele fez um tablado e nos convidou para inaugurar.

O negócio é tão chique que debaixo do tablado tem um esquema de microfone para sair o som do sapateado direitinho. Da nossa cidade até lá são, mais ou menos, uns 200 quilômetros. A gente tinha organizado um micro ônibus para levar o pessoal. Era num sábado de manhã. A gente ia sair cedinho para almoçar lá e festar o dia inteiro, sem hora para voltar. O ônibus deu problema. Então, seu Pedro Viana, que na época era

vivo, ficou muito triste. Muito chateado ligou e contou o problema e disse que não daria para ir. Na hora, ele falou que fazia questão da nossa presença e que era para arrumar outro ônibus. Chegando lá fomos recebidos por todos com a maior alegria. O aniversariante todo feliz pagou o ônibus e disse:

- Agora está resolvido, vamos festar.

É uma coisa que chamou atenção porque quem gosta, faz.

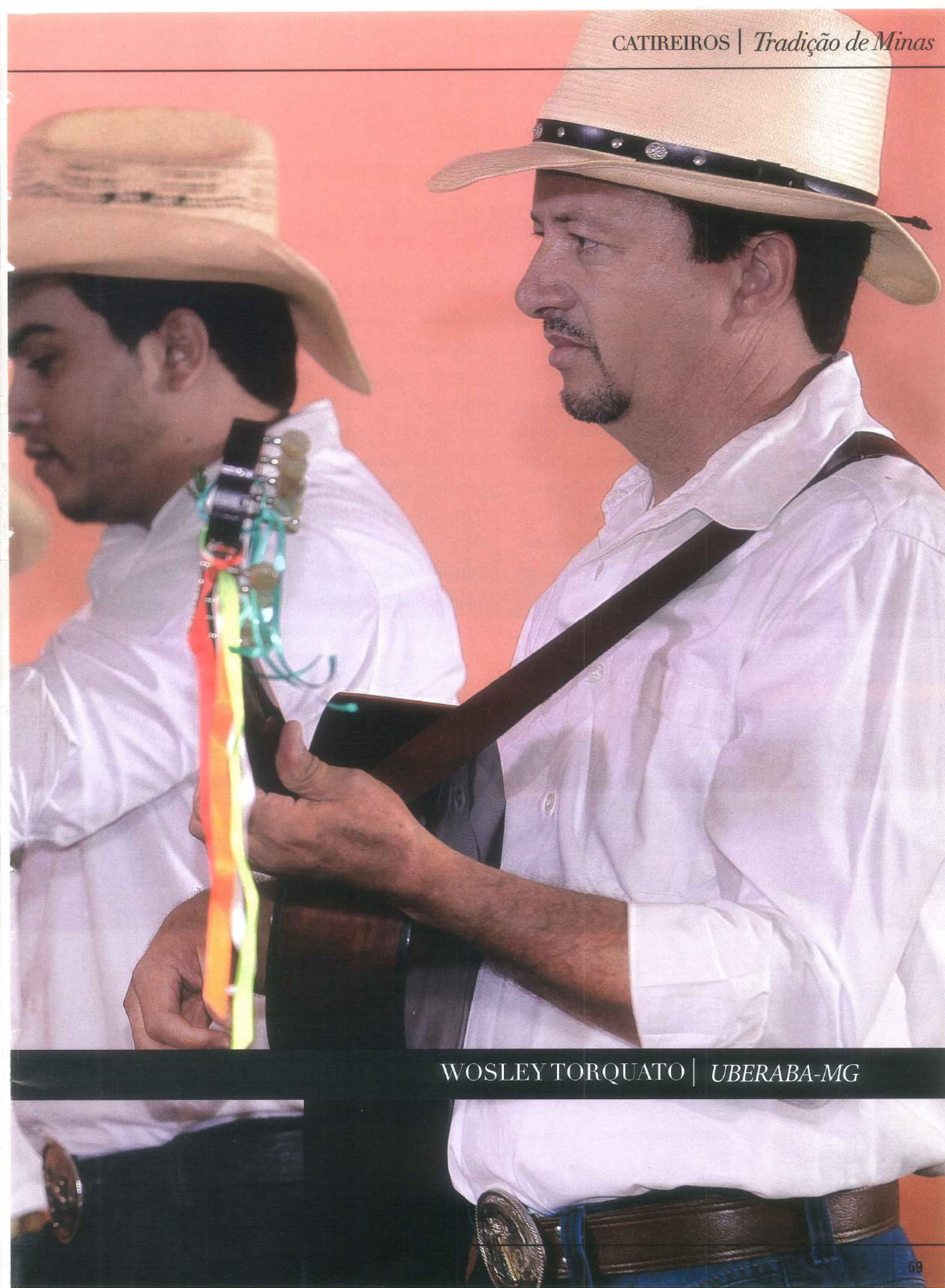
Aqui dentro do parque de exposição tem um ambiente bem original, fomos dançar lá e o seu Pedro estava conosco. Ele tinha uns 64 anos, um velhão sacudido. Cantava numa altura que nem precisava de microfone. Ele bebia uma cachaçinha sem exagero, mastigava uma rapadura e tinha esse hábito. Dançamos duas vezes, fomos tão aplaudidos, foi uma alegria. O que não sabíamos é que seria a despedida dele. No dia seguinte, ele foi para o rancho e já voltou direto para o hospital e faleceu. Foi tão triste. Tivemos ele como professor, como incentivador, como nosso mestre do Catira.

A gente faz por prazer. Não é por dinheiro, graças a Deus eu tive a oportunidade de ter uma formação. O Catira é um estilo de vida. A gente fez opção por ele.

Quando fui defender minha tese de doutorado eu deixei registrado, bem resumido assim: Confio no destino, pois ele é meu fiador, confio na madeira, seja aroeira, seja sucupira, sendo humilde, tendo a origem no sertão, tenho gosto do caipira, hoje vejo o quanto foi difícil me tornar um doutor, mas vejo ser mais difícil ainda desgostar do Catira.

Eu nunca pensei em ser exemplo, mas se isso acontecer ficarei muito feliz. Eu tento ser humilde, original, autêntico ao mesmo tempo. Muita gente já passou pelo grupo querendo se destacar. Faz um barulho danado e depois se distancia. A gente vem junto, perseverando e sem buscar essa questão de querer ser visto. O dia que eu não estiver mais aqui, ser lembrado pela nossa luta, eu acho que vai ser muito bom.





WOSLEY TORQUATO | UBERABA-MG

“Meu avô, Evaristo Torquato, a vida toda foi da Folia de Reis. A gente tem essa parte da viola aprendida muito com ele.” (Wosley)

A Folia de Reis foi o primeiro aprendizado para Wosley Torquato. Ainda na infância, na convivência com os avós.

Venho de uma família ligada ao folclore, meu avô, Evaristo Torquato, a vida toda foi da Folia de Reis. A gente tem essa parte da viola aprendida muito com ele. Um dom que a gente está tentando ver se segue. Depois, também, porque ele já faleceu e eu não consegui manter a Folia dele para cantar. E, se não for para fazer pelo menos igual ele fazia, pelo menos próximo, eu já não vou fazer. Eu vou fazer um negócio que seja bom. Sem qualidade não dá pra seguir, é onde se perde a cultura em relação a isso.

Naquele tempo o Catira entrou no coração daquele menino para nunca mais sair. A convivência com os grandes mestres é um legado de emoções.

Eu já conhecia o grupo dos Borges, do Manoel Telles, então, quem me marcou mais, que me deu mais aula mesmo foi o Manoel Telles. Já no leito, quando ele estava doente, ele passou uma frase que marcou de mais. Eu falei para ele:

- Seu Manoel Telles se levanta, vamos continuar nossas aulas.

Ele falou:

- Sei não, mas agora eu acho que são vocês mesmos que vão ter que comandar!

Ele passou uma responsabilidade e eu senti isso na pele, sabe? A gente já gostava, então, a gente continuou. Daí, o meu grupo já tem cinco anos e eu não tenho essa dificuldade em arrumar o pessoal, porque eu tenho várias faixas de idade e uma quantidade maior de pessoas.

O tempo trouxe as novidades da cidade grande.

Com a modernidade, veio o desafio de preservar as tradições, de formar novos músicos, de fazer boas composições.

As composições a gente não pode falar que já têm elas na boca do público, porque o público é muito restrito. E é uma música muito bem definida em relação à tradição do violeiro, à tradição do dançarino de Catira. Às vezes é um pouco perturbada pela mídia que agente tem. O que a televisão, o que o pessoal mostra hoje, não é o Catira, não é o cultural que agente aprendeu. Existem exímios catireiros que vão morrendo e não vão cultuando isso, não vão repondo, os instrutores, os mestres que agente tem, o Romeu, o pessoal dos Borges, os Telles, é a essência que agente tem de Catira.

Esses Catiras, essas Folias de Reis, então são coisas que veio já tramitando de anos e anos, e agente vai perpetuando isso, vai passando de pai pra filho.

O violeiro do Catira

O violeiro, você pode pegar um exímio violeiro lá fora pra tocar pra dançarinos de Catira, com certeza ele vai ter que ensaiar um tempo bom, e alguns não conseguem. É mais difícil de formar um violeiro do que um dançarino de Catira porque ele vai ter que aprender a tocar e a cantar. Além disso, depois adaptar ao Catira, não é só cantar e saber tocar, ele vai ter que adaptar aquilo que ele sabe para o Catira e para as letras de Catira.

O importante é garantir a continuidade.

Tem uma logística em cima da estrutura do Catira e de uma dupla de violeiros. É mais fácil trabalhar com a dupla do que você manusear um grupo inteiro. É mais gente, são mais hospedagens, é mais alimentação, é mais



tudo... Às vezes, um só pode fazer um diferencial. A dupla, também. A mídia pega e lança lá em cima. Agora, não é muito interessante um Catira tradicional. Para se tornar uma mídia rentável tem que ser pego a laço. Por isso, a gente não está preocupado com essa questão de ficar famoso. Nós estamos preocupados com a questão de perpetuar e manter esse Catira, por isso no grupo eu tenho vários tipos de idade, por quê? Porque tem que pegar aqueles mais novos para tentar manter, se não daqui a pouco, acaba.

Nas vivências, os ensinamentos mostram a diversidade e a riqueza da tradição.

Eu sou um pouco raiz, eu não sou muito de ficar pulando fases, não! Então, se deve fazer a Moda porque é uma sequência, é uma história que ela está contando. Quem está lá, de público, tem que seguir e prestar atenção para ver o que está acontecendo. A coreografia da dança é sempre uma, não tem aquela repetição. Para quem é lei-

go, acha que é tudo igual. É porque não conhece.

A Moda conta uma história, na maioria das vezes de amor, de desilusão... O Recortado é uma coisa mais alegre, às vezes, enaltecendo o local que a gente está por um Repente, e falando da coisa do momento ou falando para alguém que está te observando. A pessoa tem que prestar atenção porque ela já não conhece, não sabe o que é Catira, não entende... Na Folia de Reis é quase que a mesma coisa. Se a pessoa não entendeu o que aconteceu na viagem dos reis, o nascimento, o que está acontecendo com os três reis, com quem que eles estão falando, às vezes, cumprindo o voto, a pessoa não entende. Fica achando que canta muito tempo. A pessoa não sabe, não conhece. Esses que são leigos acham que é grande demais.

O estilo da apresentação deve ser definido dependendo do tipo de público que vai assistir.

Dependendo do que vamos fazer, se for uma apre-

sentação na roça é diferente, aí você já vai cantar do jeito tradicional mesmo. Igual antigamente: cantava a noite inteira, saía um, entrava outro e rodava.

E conta mais sobre o futuro da dança que reúne histórias intensas de tantas gerações.

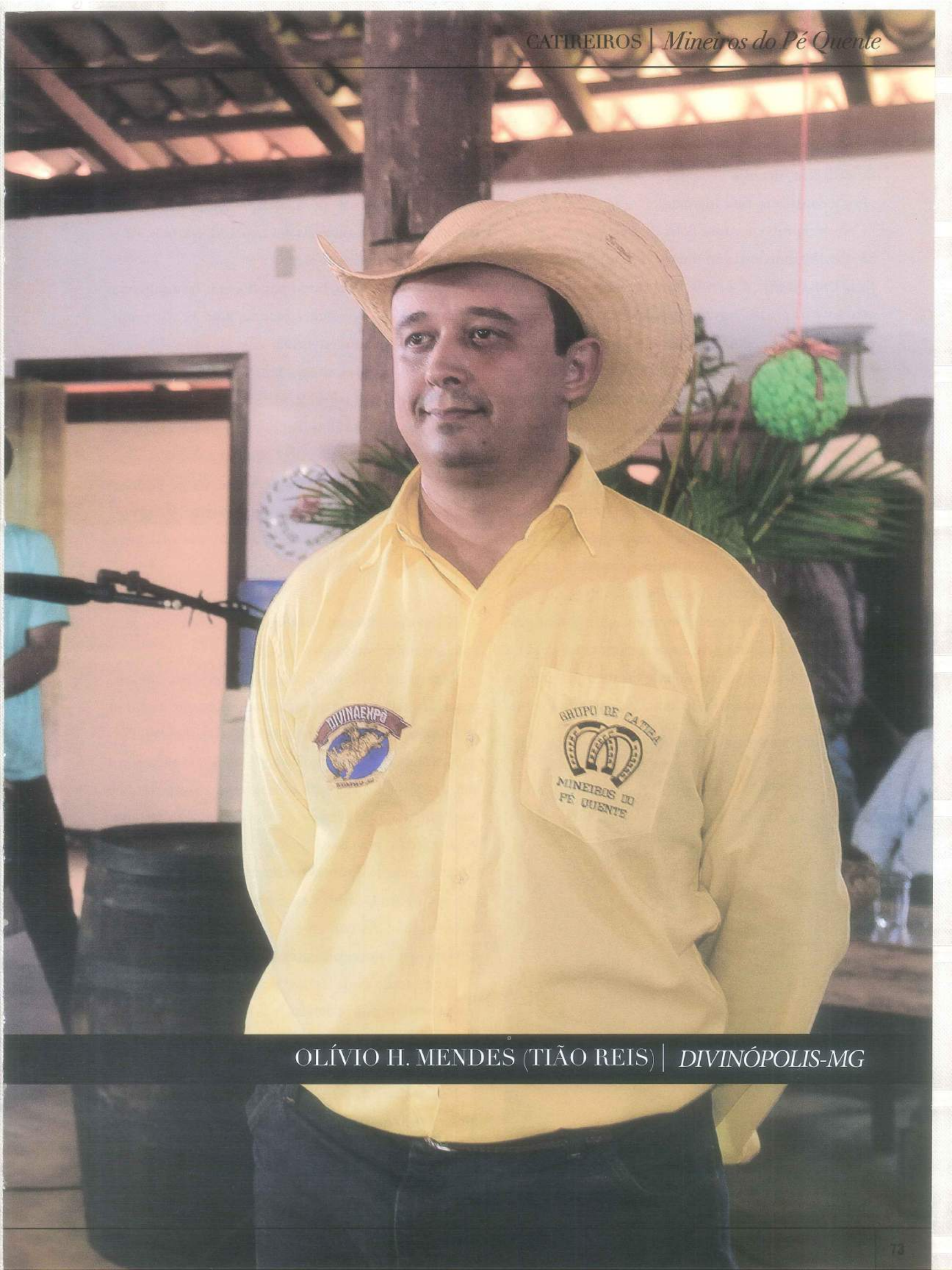
O Catira não tem o cunho religioso, certo? Tem que ser vista de outra maneira. A Folia de Reis é de um cunho religioso, pode ser que ela demore muito mais, se tiver um porque de acabar ela pode, por causa da crença. Agora, o Catira é como se fosse uma festa por gosto: do dançar, do movimento, do cantar e envolve muito mais do que só isso. Tem o chamativo da família para perto, da preservação daqueles movimentos que fizeram nas roças, tem muito mais em relação à tradição. Agora para virar show, não é problema nenhum. Para nós catireiros, ela já é um show! Igual um documentá-

rio como esse, é importante ler para depois entender as diferenças. O de Minas é uma coisa, o de Goiás é outra coisa. Tem gente que vê os grupos e acha que é tudo igual, e não é, não tem nada a ver.

Esperançosos e determinados, os catireiros do grupo seguem persistentes para o desenvolvimento de mais participantes, garantindo o futuro da tradição.

Eu posso montar só de crianças, meninas, também; só de meninos eu tenho, os adultos e os grupos mistos. Eu tenho essa possibilidade porque eu não faço distinção entre os grupos, mas tem hora que tem muita gente, e eu tenho os ensaios das dezenove e trinta até as vinte e duas horas, no domingo, e é um lugar aberto para todo mundo. Tem uma quantidade de gente tão grande que vai pra ver e aprender, que acaba tendo que fazer isso: no final juntar o ensaio mesmo.





OLÍVIO H. MENDES (TIÃO REIS) | DIVINÓPOLIS-MG

O Tião Rei, da dupla Tião Rei e Zé Mineiro, da cidade de Divinópolis, Minas Gerais, vindo de família de catireiro, decidiu recomeçar esse caminho há 17 anos e continuar essa história.

Nossa família já canta Folia de Reis e dança Catira há uns 150 anos mais ou menos. É tradição muito antiga. Um sistema diferente aqui da região. Eu trouxe esse sistema pra cá. A gente vem carregando, levantando essa bandeira. Eu, além de ter o grupo de Catira, a gente tem a dupla Tião Rei e Zé Mineiro. Também sou radialista. Tenho um programa de rádio só de música raiz, nem sanfona toca. É das cinco a sete da manhã, de segunda a sexta-feira.

Vamos até falar assim: a gente é até meio doido de ficar fazendo isso, porque no meio de tantos, a gente é uma minoria, bem pequenininha, mas se não tiver a gente os negócios vão acabando, né mesmo, companheiro? Nós temos um rito de Folia de Reis, que veio assim: duas famílias que tinham amizade foram passando de pai para filho até gerar o casamento de duas famílias de tradição. Isso do lado do meu pai, que do lado da minha mãe é tudo uma italianada. A gente

não puxou para o lado do italiano não! O filho quando depende do pai, você já viu, né? Anda certinho. O meu tio danava com eles lá, e eles dançavam Catira por aquele Sul de Minas afora. Sempre tinha um participando, mas aí o camarada foi casando, criando asa, e as mulheres colocando rédea...

Sobrei só eu! É um fardo pesado, mas eu espero que Deus vá me dando saúde e recurso para eu viver muito tempo. Enquanto eu estiver vivo eu vou defender o Catira. Comigo não acaba não! Eu vou ensinando o sistema para os outros. Eu não sei se está 100% certo porque a gente vive aprendendo, mas eu sou pesquisador, e dentro do sistema do Catira, o que muitos não sabem, desde a Moda de apresentação, até os Recortados no final, tem que ser uma coisa original do grupo. E eu procuro seguir isso aí, faço as Modas da Catira, faço os Recortado, tudo letra minha.

No grupo chegam pessoas mais jovens que buscam aprender mais sobre as origens.

Tem gente mais velha, com todo respeito, que não gosta de falar que os novos sabem mais que eles. Por causa desse sistema, de não dar o braço a torcer. Porque além de cantador, violeiro, de ter dupla caipira, eu sou pesquisador. A gente quer levar isso pra frente e isso é difícil. Todo grupo tem essa dificuldade de renovação. Então, graças a Deus, eu influenciei. Eu tenho três meninos, já estão aprendendo. Eu não forço. Tem que ser natural, assim que é bom. A cultura se você quiser impor, ela não dá certo. É igual falar o dialeto caipira, isso é uma coisa que não tem como ser imposta. O camarada pode treinar pra ele fazer uma peça de teatro, aparecer na televisão, mas nunca vai ser natural. Então, a gente tem que procurar trazer essas coisas naturalmente, sem forçar a barra.

Nas rotinas dos ensaios as histórias sobre a tradição ganham novas identidades e seguem com destino futurista de construção de repertórios fortes e definitivos para a Cultura.





As pessoas deviam saber o que acontece. Os primeiros divulgadores da cultura caipira, da dança de Catira, da Moda de Viola, foram os boiadeiros, pessoas que saíam em comitivas, levando boiada. Em homenagem a esses boiadeiros a gente usa bota, chapéu de boiadeiro, cinto, botina, o que for acessório atrelado ao costume desse povo trabalhador. É justo fazer isso porque eles são os primeiros divulgadores dessa cultura.

Então, a grande dificuldade que a gente tem é a rotatividade. As pessoas começam, acham que é muito fácil. É igual falar que vai pegar a viola caipira e aprender. Aí já acha que vai virar artista. Não é assim, né? Igual dançar Catira. Também não é uma coisa que você aprende da noite para o dia. Eu pego as pessoas que têm interesse em aprender a dançar Catira e demoram uns seis meses para dançar do jeito que a gente quer. Para ficarem bons os iniciantes demoram três meses.

A grande dificuldade do mundo moderno são esses compromissos que as pessoas têm. Hoje, o mundo gira 24 horas por dia, todo mundo tem compromisso, todo mundo tem trabalho, tem família. É criança, é mulher. A mulher precisa do camarada e ele começa a sumir por causa de dança de Catira... Dá problema, dá briga. Aí o sujeito desiste. Não é qualquer um que persiste. E a gente vive nessa de buscar aqueles que querem ajudar a manter isso. Não é qualquer um que veste a camisa e diz: eu quero, eu vou, eu vou brigar com a mulher, largar os meninos em casa, eu vou sair para rua e nós vamos fazer apresentações.

Tião Rei conta que as composições falam do cotidiano. Com um jeito muito particular de compor, ele conta como as letras das músicas vão acontecendo.

A música do Catira, igual a da Folia, são linguagens

“Onde tem um encontro de violeiro, onde tem um encontro de Catira, você não vê problema, você não vê confusão, você não vê briga. Fica todo mundo interagindo uns com os outros, querendo ser amigo.” (Tião Rei)

que aceitam o caipirês 100%! Ali você não precisa se preocupar com concordância verbal nem nada. Aceita qualquer coisa dentro porque faz parte do folclore. Então, eu tento descobrir os protocolos do Catira, que é o cantar, a apresentação, a letra inédita, fazer aquela meia volta que faz, isso é coisa antiga. A gente procura fazer o mais certo que a gente acha.

Porque nunca teve um trabalho igual a esse que vocês estão fazendo, que é muito importante, de estar registrando, resgatando a dança de Catira e, espero que isso, realmente, fique para várias gerações. Às vezes, a gente ganha uma ajuda de custo para uma viagem, para um trem assim, mas não tem como a gente cobrar por isso porque faz parte da nossa cultura, do nosso folclore, então, a cultura é de todos. Ela não é só minha, é sua. A gente tem que ter orgulho disso. Eu fico bravo quando o sujeito fala assim: tal região não tem cultura! Mentira! É o sujeito que não tem, que é ignorante, porque se ele estudasse e procurasse saber ia ver que tem muita coisa boa pra aprender.

Tião Rei acredita no futuro do Catira. Ele acredita, também, no passado. Para ele, essa cultura nasceu naturalmente durante as comemorações dos bons resultados das lavouras. E defende com determinação a tese que explica, na opinião do catireiro, o nascimento dessa tradição.

A gente teve a influência portuguesa. Os portugueses trouxeram a viola caipira pra cá. Nem era caipira, era uma viola, um instrumento de dez cordas que

ganhou uma afinação diferente aqui. Os portugueses trouxeram a Folia de Reis pra cá, e ganhou o Brasil, também. Voltando desde a nossa descendência, da colonização portuguesa ficou uma cantoria de várias vozes. Eles sempre gostaram de cantoria de coral. Então, os colonos e os caipiras brasileiros que foram nascendo tiveram essa influência.

Acredita-se, também, que a dança de Catira acompanhava as festas de Folia de Reis. Nada a ver. Como eu disse, os boiadeiros foram os primeiros divulgadores da dança de Catira. A Folia de Reis é uma dança de devoção e o Catira é cantoria de diversão. São duas coisas diferentes. Eles não iam cantar Folia numa roda de viola, eles iam cantar Moda de Viola e dançavam Catira pra divertir. Então, foi fácil de apartar o Catira das Folias por causa disso. Os brasileiros inventaram o jeito deles de cantar a Folia e isso é coisa milenar, é fato milenar. Sempre havia maneiras e cantorias e danças de se festejar. Essas cantorias sempre vinham com várias vozes, envolvendo dança e isso influenciou o brasileiro, do jeito dele.

Criou isso através dos padres jesuítas que trouxeram como maneira de entreter os índios, para catequizar. Eles ensinavam a religião e ensinavam as cantorias, as danças de bater o pé. Mas o que isso tem a ver com os colonos? Com os caipiras aqui do Brasil? É a grande interrogação que eu vejo. Como isso influenciou? Por isso se for falar a coisa mais brasileira que tem é a música raiz! Não existe mais nada, da nossa etnia brasilei-

ra com a influência de índio, português, de negro, do que a música raiz. Eles aproveitaram a época numa festa do milho, para divertir. Era uma lavoura muito boa, começaram a cantar a moda pulando daqui e dali. Eles aproveitaram a hora pra fazer aquelas cantorias que eles faziam pulando em cima da palhada, passaram isso para um tablado, em cima de uma casa de assoalho, que antigamente tinha demais. E aqueles batidos acompanhando o ritmo acabaram virando dança. Essa é a tese que eu defendo, entendeu? Então, pode ser que os outros pensem diferente, mas eu penso que foi uma coisa mais espontânea do que influenciada.

Continuar é a meta do Violeiro. Tião Rei diz que gosta demais e se depender dele não acaba de jeito nenhum!

Catira pra mim é uma coisa que está no sangue da gente. Só de encontrar com os companheiros e poder

cantar umas modas e contar uns causos, a gente já acha bom demais! Isso é o que motiva a gente: essa amizade pelo interesse comum, de manter a cultura. Onde tem um encontro de violeiro, onde tem um encontro de Catira, você não vê problema, você não vê confusão, você não vê briga. Fica todo mundo interagindo uns com os outros, querendo ser amigo, conhecer o que o outro faz, trocar informação. Então, isso é uma coisa que quando as pessoas descobrirem que é diferente, eu acredito que as coisas vão melhorar bastante.

E vocês estão de parabéns por fazer esse trabalho de resgatar a dança do Catira! Por isso que eu vou falar o que eu falo, que apesar de ter muita gente de cabeça branca aí, que conta coisa, ninguém afirma a verdadeira origem da dança de Catira, não existe uma comprovação 100%. Então, pelo menos nesse trabalho, a gente vê uma esperança de manter a tradição.





JOSÉ GAMA E OSVALDIR | SOCORRO-SP

Catira é a grande paixão de seu Osvaldir. Apesar de não dançar, ele se realiza em acompanhar e incentivar os dançarinos e os violeiros.

O nosso amigo Zé Gama é o maior incentivador do Catira. Durante um período foi mais difícil, mas depois foi feita uma oficina de Catira, e motivou o pessoal. Eu sou aquele que leva a comunicação do Catira para o povo porque nós somos um grupo de viola, também. Trabalhamos, ainda, a tradição do berrante.

Eu fui criado no interior de São Paulo, mas na época que ainda se ouvia muito pouco a música sertaneja. Eu fui para São Paulo e tinha um grupo de rock e MPB. Há 15 anos vim para Socorro e aprendi a tocar a viola. Decidi ajudar esse grupo que estava em formação e co-

nheci o Catira, e a partir daí virei incentivador.

É uma cultura maravilhosa. Já são oito anos que trabalhamos apesar de toda a dificuldade. Falta apoio e essa tradição tem que ser resgatada, como outras tradições que estão esquecidas. O Catira é muito envolvente. Quando assistimos as apresentações percebemos que todos ficam empolgados. Vale a pena!

Acompanhando o desenvolvimento da tradição, a entrada dos grupos femininos e as mudanças nas gerações, seu Osvaldir mantém em alta a esperança de ver mais reconhecimento para os pioneiros dessa cultura.

O duro é manter os mais jovens. Ele ensaia, aprende, isso diante da dificuldade que nós até temos de espaço para

“*Eu sou aquele que leva a comunicação do Catira para o povo porque nós somos um grupo de viola, também.*” (Osvaldir)

ensaiar, mas são poucos os que realmente se dedicam.

Eu tenho muito respeito pelo Senhor José, por estar ao seu lado, ele é um catireiro de 81 anos que dança ainda muito. E pensar que o Catira começa lá atrás com o José de Anchieta. Ele, na catequização dos índios usa da dança para se comunicar. São quatro nações: a indígena, a africana, a espanhola e a portuguesa. José de Anchieta gostava muito de São Gonçalo e também das rezas da Nossa Senhora da Conceição, de quem ele era devoto. Então, ele aproveitava nessas orações e colocava a dança. Que nada mais era do que o Catira. É genuinamente brasileiro. O cateretê: o ritmo marcado pela batida das mãos e dos pés. É uma coisa que muitos grupos praticam. Hoje tem grupos só de mulheres, mas antigamente eram só homens.

Para incentivar a preservação do Catira, o Grupo une a formação dos violeiros. A defesa da música raiz é constante e a busca pelo reconhecimento da cultura caipira uma bandeira que eles levantam com louvor.

É muito difícil manter a Viola e o Catira. O que tenho buscado fazer é dentro do ensaio da viola, a gente, também, ensaia o Catira para acertar alguns passos. Se não tiver ensaio, sem coordenação vira uma pipoca numa panela, todo mundo pulando errado. Por isso, tem que ensaiar. Temos dificuldade de encontrar um local. Temos somente um dia na semana no espaço da prefeitura, e eu estou ainda reivindicando, vamos ver se consigo, mas é difícil, muito difícil.

Nós temos algumas músicas próprias. Tem a dupla que tem várias músicas gravadas, e dentro delas algu-



mas do Catira. Aqui temos ainda uma tradição que é manter a oração de São Gonçalo. Nessa dança de São Gonçalo são usadas batidas do pé que seriam as mesmas do Catira.

Hoje em dia, o pessoal faz umas musiquinhas sem expressão, e veiculam na mídia e fazem sucesso. A verdadeira composição, a autêntica música raiz, aquela que tem conteúdo, cantam as coisas do Brasil, tem muito pouco espaço. Se você conseguir juntar um grupo de viola, mais os catireiros e vai fazer uma apresentação é bem raro ter um cachê. Se for pensar em ir, apenas, pelo dinheiro você não toca. Existe muita desvalorização.

Muitas vezes, a gente é colocado de lado. Já fomos excluídos! Nós, um grupo de viola cantando música raiz, fazendo Catira, resgatando o toque do berrante, cantando causos de alguns caipiras memoráveis. Nós temos um rapaz no grupo que resgatou o famoso Geraldinho. E já fomos desprezados, trocados por uma dupla sem expressão, mas ganhando muito e, para nós não tinha espaço. Você trabalha por amor, pela arte, mas não por esperar ter algum retorno. Para sobreviver do Catira é difícil. Nós, principalmente, porque estamos começando, tentando trazer a tradição para a cidade.

A história de um homem que se apaixonou pela tradição e se tornou um defensor por meio do exemplo e das palavras. Mesmo sem experimentar a magia da dança ou o ritmo dos acordes, ele é um guerreiro para defender os catireiros.

Eu não danço Catira, mas eu sou aquele que se posiciona na frente para defender o Catira. É fundamental o resgate, e tem que ser cultivado como um patrimônio. Daqui a pouco os gringos chegam e vão rotular o nosso Catira como uma dança deles! E é capaz de estourar, fazer sucesso, e nós ficarmos chupando dedo. Os brasileiros têm essa mania de deixar as coisas se perderem, para depois correr atrás. Se não fizerem um trabalho importante para quebrar o preconceito de o Catira ser 'coisa de Jeca', é brega, é coisa de caipira, será difícil. Se não conse-

guirem quebrar esse paradigma que criaram em cima do Catira, ele não tem futuro! Vai continuar a ser cultivado por uma minoria, que curte isso nos encontros, numa festinha, em massa vai ficar sempre colocado em segundo plano. Aquele que tiver a oportunidade de entrar em um grupo, sentir o que é a dança do Catira, mesmo que não for para dançar, faça. Fique por perto, de opinião, tente sugerir, melhorar, eu tenho certeza que eles vão gostar.

Histórias engraçadas sobram pelos caminhos das apresentações de Catira. De gente querendo subir no palco para dançar a gente caindo do palco, também, por dançar demais!

É comum você chegar em uma cidade e fazer um convite para o pessoal vir dançar. De repente veio um rapaz. Quando ele chegou no palco, nós já tínhamos acabado. Ele demorou tanto porque caiu uns dez tombos para chegar, e na hora que ele, enfim, chegou, ele ficou bravo com a gente porque disse que não deixamos ele dançar. Queria brigar com a gente.

Nós estamos aqui com um senhor de 81 anos, que dança, de vez em quando ele dá um salto mortal. Outro dia nós estávamos no palco alto e quando ele bateu o pé, eu só vi esse homem subindo por cima das caixas. E caiu do outro lado! Nós tivemos que sair correndo para socorrer ele, cata ele lá, mas graças a Deus estava inteiro.

Catira é sinônimo de esperança. Vontade de ver a trajetória do passado seguir o caminho do futuro, sem preconceito, sem limites. Feita de valor aos que construíram novas ideias para manter a tradição.

Nós temos no grupo um menininho de quatro anos, uma menina de 11 e um rapaz, que é uma raridade, de 20 anos! Isso nos dá uma esperança! Acreditamos que vamos conseguir aumentar o nosso grupo. E as pessoas responsáveis pela cultura brasileira precisam dar mais atenção. Nem é só o Catira que está sendo esquecido. Muitas outras coisas poderiam ser resgatadas. Esquecer um pouco o modismo, o imediatismo, que se sai muito

caro, e resgatar muitas tradições!

Foi seu José Gama que ensinou tudo sobre Catira. Uma cultura que ele conheceu em outras épocas. Uma história contada com emoção, trazendo lembranças de tempos importantes na vida e na tradição.

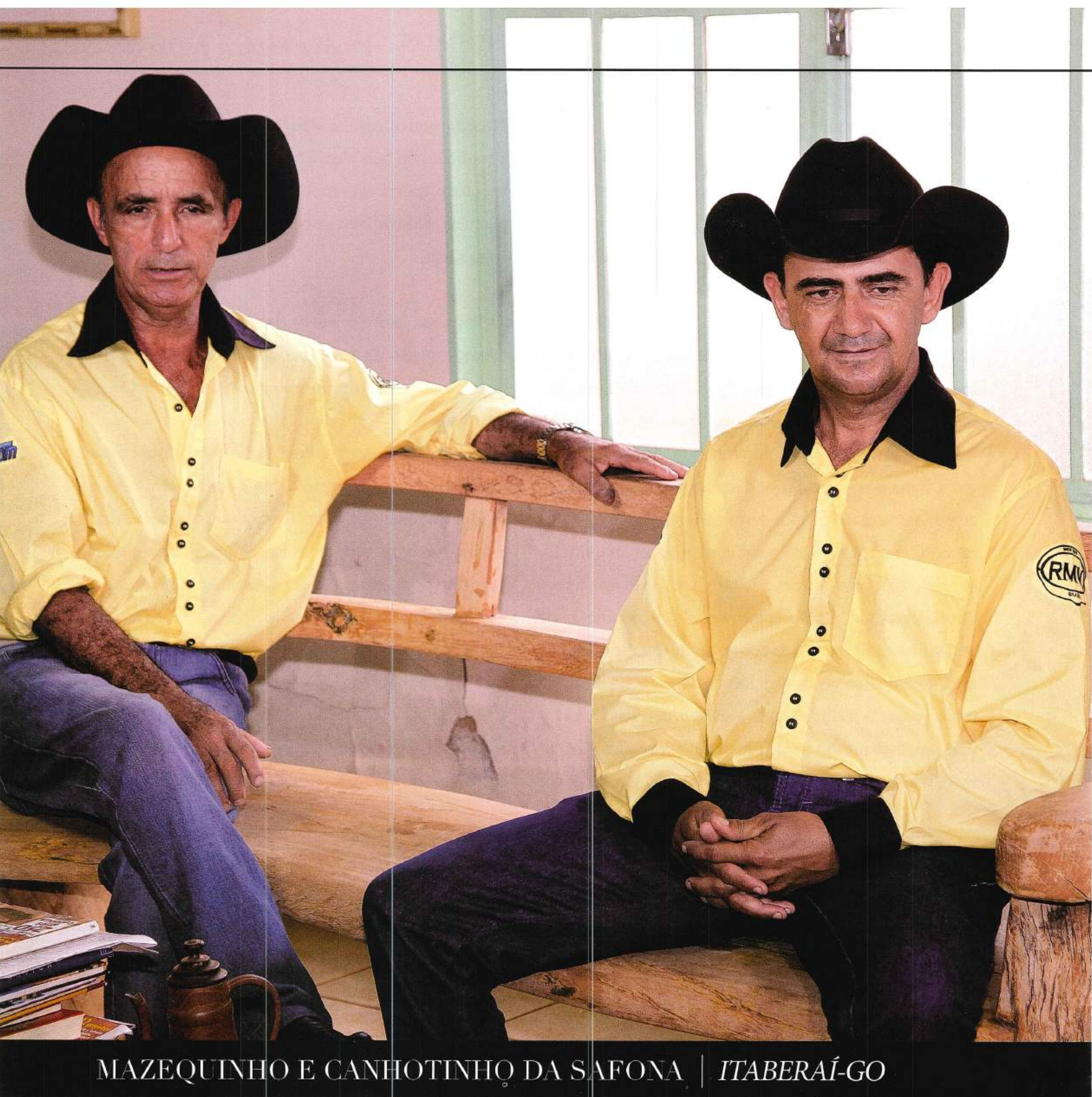
Eu morava em Bueno Brandão, Minas, então, foi lá que começou minha história com o Catira. Eu tinha mais ou menos 20 anos e já acompanhava a turma. Naquele tempo já fazia pagode, nós fazíamos uma Moda, tinha o Catira e eu fui acompanhando. Aprendi a tocar viola, batia e sapateava o pé. Depois me mudei para Socorro, e entrei no grupo. Ainda não tínhamos o Catira. E eu ensinei a turma toda, e estamos treinando. Eu aprendi sozinho a dançar, a tocar viola. Hoje, nós temos um CD gravado. Eu ainda faço aquele terço cantado de antigamente. Também, danço gonzale, uma tradição de mais de 50 anos atrás, quando eu morava no sítio. Eu tento passar a tradição para a minha família. Eu comprei um cavaquinho para o meu neto aprender. Ele começou a tocar e os outros ficaram dando risada dele e

fazendo pouco caso. Então, ele parou. É difícil manter a tradição. Eu falo para a turma que temos que ensaiar porque o treino vale tudo. Vamos buscar, chamamos e não vêm. É duro! Não pode faltar porque o Catira é uma coisa séria.

Para ele, os mais novos desconhecem a alegria e o encantamento da tradição. Mas basta uma vivência, uma apresentação para entender porque o Catira é uma paixão.

Fomos fazer uma apresentação de Catira e ensaiamos bem! Foi todo o grupo. Hoje em dia tem uma turminha que não gosta das tradições. Mas nesse dia foi um espetáculo e todo mundo gostou, porque eles dançam com amor, fazem com vontade. Eu canto, toco viola, faço dança de São Gonçalo, e pensa que eu faço para ganhar? Faço porque gosto. Às vezes cansa, dá uma dor no braço, nas pernas, mas temos força. Eu tenho as caixinhas de fita em casa, que é benta. E quando as pessoas agradecem e ficam abençoadas, e eu digo que quem nos curou foi São Gonçalo, pela dança que fizemos.





MAZEQUINHO E CANHOTINHO DA SAFONA | ITABERAÍ-GO

“Quero continuar sempre com o Catira pelo meu filho que Deus levou. Ele era apaixonado no Catira e nesse pessoal. Pelo meu tio, também, que ele que foi um dos pioneiros.” (Mazequinho)

Para contar a história do Grupo “Os Marrequitos”, Mazequinho e Canhotinho da Sanfona transformam a boa prosa em ideia de tradição, da união nascida na música para as boas cantorias no sertão!

Esse grupo começou em 1992 em um encontro de Folia na fazenda Recanto Sonhado. A gente estava cantando e se conheceu. De lá pra cá, a gente vem junto. O nome desse grupo, na época, chamava ‘Os filhos de Itaberaí, que é da própria cidade, né? Mas um dos nossos coordenadores, que era o chefão mesmo, o Marreco, veio a falecer e o grupo, na época, deu uma paralisada. Nós resolvemos resgatar novamente e estamos com o novo nome, que foi dado pelo Leonardo, da dupla Leandro e Leonardo, na época quando nós gravamos com ele, em São Paulo, em 2001.

Mazequinho conta que conheceu o Catira acompanhando o tio dele, chamado Marreco.

Meu tio era catireiro e violeiro, também. Ele tinha uma dupla, mas quando ele estava tocando, na frente do grupo, ele cantava só, e ele era catireiro também. Um dia faltou o parceiro dele e eu entrei. E fiquei.

Canhotinho da Sanfona conheceu o Catira aos nove anos participando da Folia de Reis. A família, feita de goianos e mineiros, cresceu na tradição e quer continuar a história.

Nós estamos procurando crianças, pessoas novas para colocar no grupo pra ensinar, para ter a tradição, né? Eu tenho 62 anos e vou cantar mais uns trinta anos, mas a gente quer os jovens para não deixar a tradição acabar. Muitos jovens que têm interesse e da parte da gente, da gente que gosta tanto, estamos prontos para ensinar o que a gente sabe, passar pra eles.

A busca por novos catireiros é um desafio.

Para aprender o Catira, para pegar o ritmo, tem que estar no sangue. Você faz um teste, que isso é dom de Deus, não adianta você querer. O Canhotinho, que é o



coreografo do grupo, ele vê a pessoa e já fala: esse dá certo! Eu tenho um filho que começou com 06 anos. A primeira vez que eu levei, ele pulou, nasceu sabendo já, mas Deus queria ele lá em cima e levou.

Mazequinho conta que o grupo teve grandes momentos. Ele conta sobre a época que fizeram muito sucesso em São Paulo.

O Leonardo convidou o grupo para fazer um show com ele, em São Paulo. O sucesso foi tanto que era para fazer três shows e encheu a casa. Foi preciso a gente ficar 15 dias em São Paulo. O Leonardo era nosso padrinho e se a gente tivesse gravado com ele... O nome - Os Marrequitos - foi ele quem deu. Às vezes é falta de ideia, de entrar em contato com ele e fazer um show, porque foi o último trabalho nosso. Inclusive, na época, a música sertaneja, no ramo dele estava para baixo. O pessoal começou a reclamar dizendo que o Leonardo não era mais sertanejo e aí ele falou: ‘Olha para provar que eu sou



sertanejo eu trouxe de Goiás Os Marrequitos. Nós entramos e eu cantei com ele um Recortado, e depois, no final, ele pulou Catira também. Ele não é Catireiro, mas ele dançou muito bem, fez os passos, o cara é craque, gente boa, eu acho, menino humilde. Eu acho que se a gente encontrar, esse grupo faz show com ele.

As músicas do grupo são composições do Marreco. Dizem que bastava contar uma história para o compositor por logo uma moda e uma letra e fazer uma nova composição de Catira.

As músicas, se você pesquisar, cada uma é uma história. Tem a da Fazenda Recanto Sonhado, que é lá do meu cunhado, a da Jóia Rara, que fala de Minas Gerais, fala do Gilberto Rezende, fala da família Borges, com os catireiros de lá, famosos catireiros. Estamos cantando, até pra gravar as músicas do Marreco, são umas dez composições inéditas. Porque sempre na Catira temos o Recortado, né, o Recortado é humorista, dependendo da situação é que se faz o Recortado.

O Grupo tinha ficado um tempo sem fazer shows, mas voltou a se apresentar. Os ensaios são encontros importantes nos quais a tradição continua a reinar.

O Recortado é uma tradição. Aquilo que a gente cantava em 1992 nós cantamos hoje. Fazemos questão de preservar a raiz. Hoje têm muitos ritmos, você pode ver, anotar, pegar dez ritmos diferentes de Catira, mas o nosso eu garanto que é original. Eles cantam Catira country, aquelas coisas, têm uns que tocam cururu, outros, pagode, mas o nosso é diferente. Fazemos questão da verdadeira Moda de Viola, fazemos nem questão de Moda gravada, a gente até canta, mas é a nossa.

Na coreografia, Canhotinho da Sanfona, inova.

Têm muitas músicas que são criações minhas. Eu sou o palmeiro do grupo, eu que puxo a palma, a gente faz os ensaios e passo para eles. Às vezes, a gente inventa alguns passos diferenciados, aprende, e já mostra no show. É para arrebentar a veia mesmo! Inclusive esse grupo nosso, além do Catira, a gente canta uma Folia

de Reis, um forrozão pé de serra com a sanfona, o zabumba, o pandeiro, o triângulo e, ainda, faz a música sertaneja raiz. A gente é desse jeito. O show é nosso.

Mazequinho acredita que o Catira representa a continuidade.

Quero continuar sempre com o Catira pelo meu filho que Deus levou. Ele era apaixonado no Catira e nesse pessoal. Pelo meu tio, também, que ele foi um dos pioneiros. E confio, e ponho no sangue mesmo quando vejo os meninos. Eles põem o coração na botina, eles fazem com gosto. Pode ser numa gravação, pode ser no ensaio, pode ser num palácio, pode ser numa casinha de sapê, eles falam com gosto – é isso que eu faço!

O prazer de se apresentar.

Para mim (Canhotinho) o Catira hoje é vida. Sabe, porque a gente está ali sapateando, é um exercício que a gente está fazendo... O suor vai descendo, porque é sadio a gente fazer isso. É como se diz, vai participando e levando alegria para população, para os povos que assistem a gente. É uma grande emoção que agente tem lá em cima daquele palco, mostrando o que a gente sabe pra aqueles que tão lá embaixo, assistindo agente. Sem o público, quem é a gente? Pois é assim que a gente gosta, e é um dom mesmo.

A vontade de Mazequinho de continuar o trabalho é grande e a determinação deles não se abate diante dos desafios.

Mexer com nove pessoas não é fácil. Patrocínio é muito difícil. Agora eles estão levantando a cultura de Itaberaí. Às vezes é falta de organizar. Nós estamos organizando para ver o que eles vão fazer. Até agora estamos trabalhando com as pernas próprias. Eu venho de Goiânia duas, três vezes por semana, tudo do meu bolso. Eu estou investindo no grupo, não sou empresário, mas estou investindo. Eu quero ver o grupo subir. A gente, também, não quer ficar muito preso à política. Queremos liberdade de trabalho. Mas os apoios são im-

portantes para a cidade. Se perguntam: de onde vocês são? Itaberaí! É o nome da cidade em destaque.

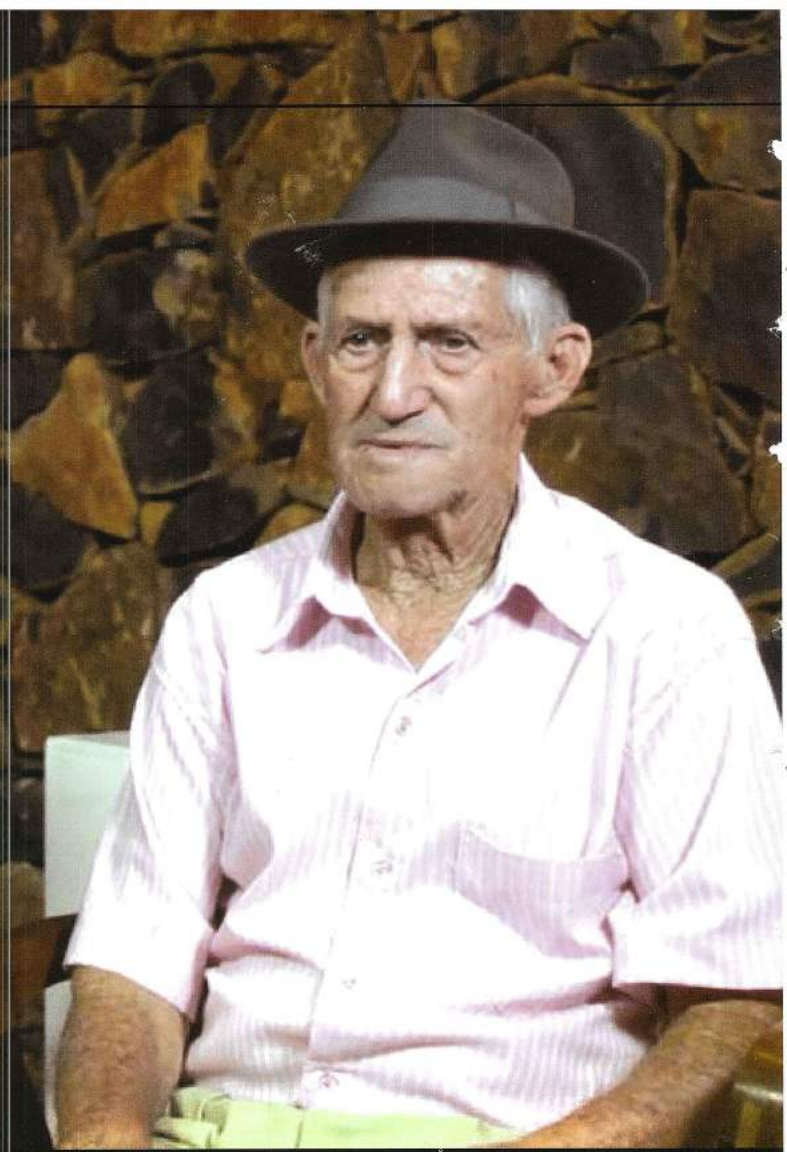
Novas homenagens para os grandes homens que valorizam o Catira.

Uma pessoa lá em Minas que tem que ser respeitada é o Gilberto Rezende. Estou mandando o recado para ele porque ele é respeitado. Eu fico satisfeito porque vocês valorizaram a gente. Aqui vai ter um show de Catira e não nos chamaram. Santo de casa não faz milagre, também, né? Fazemos show em São Paulo, em Goiânia, então fiquei muito satisfeito porque vocês me respeitaram muito, porque eu sou uma pessoa simples, porque catireiro é simples, mas faz as coisas com amor, tem amor nas coisas que faz.

É necessário receber incentivos, afirma Canhotinho, para garantir a continuidade do projeto.

Essa é uma coisa maravilhosa que a gente faz. Uma tradição de muitos anos, que os mais fortes, que estão lá em cima, dão uma força para não deixar cair. Incentivar os mais jovens que às vezes têm vontade, porque não é fácil manter um grupo. Os prefeitos, governos, que sabem que a cultura existe, então, apóiem! Também, quero agradecer vocês, por estarem dando essa oportunidade tão boa para a gente. Para a gente levar e resgatar essa cultura tão boa.





LUÍS ANTONIO VALES (JUCA) | SANTA EUDÓXIA-SP
MOACIR CORREA BUENO



“É um orgulho porque seguimos o caminho dos nossos antepassados. Meu pai já é catireiro antigo, violeiro bom.” (Juca)

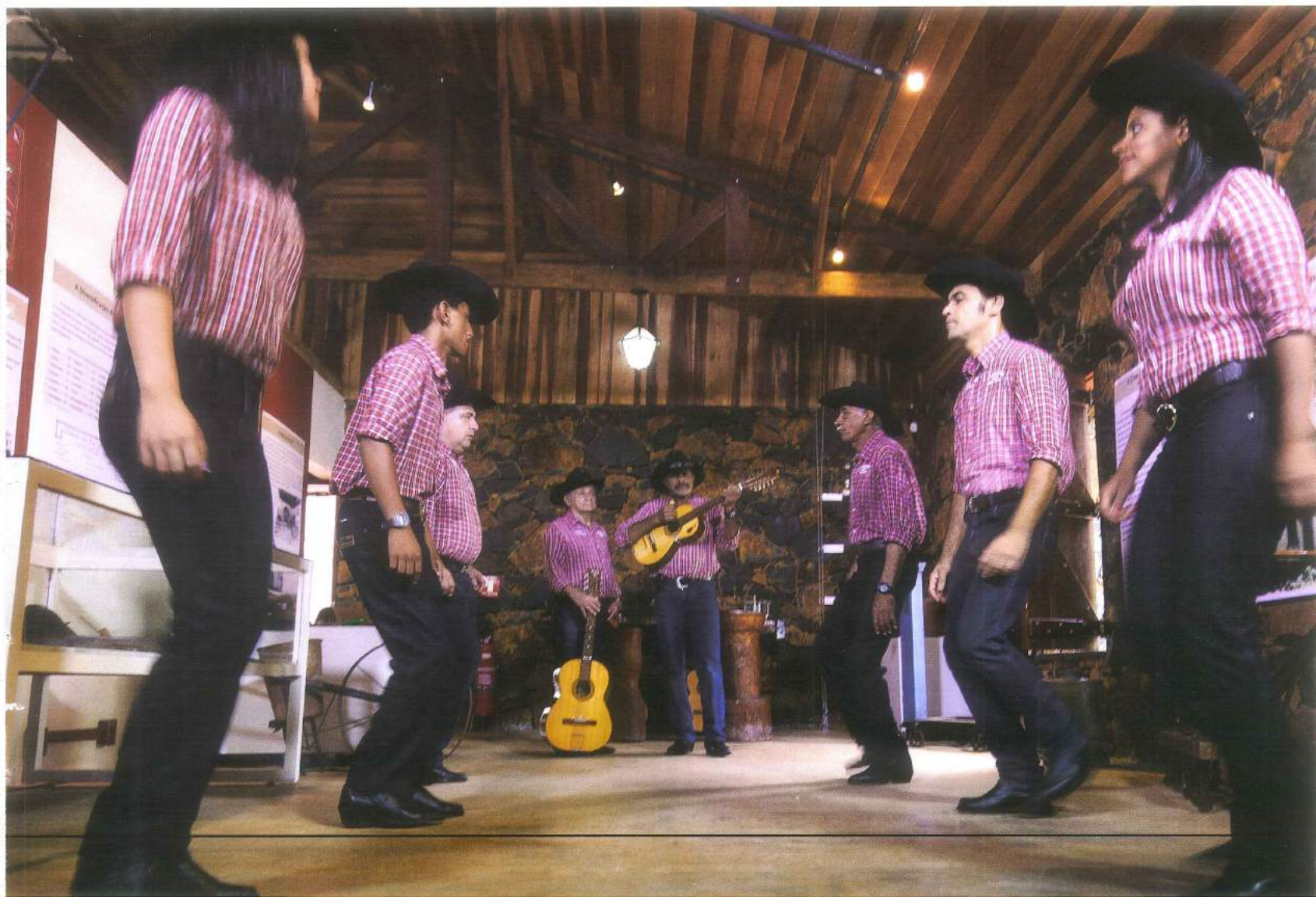
Seu Moacir conheceu o Catira e se apaixonou pela tradição, pelo espírito de união, pela ideologia que a dança traz.

Conheci o Catira quando seu Jamil começou a dar aula de viola aqui na casa de pedra e juntou uma meninada. Aí o seu Jamil sugeriu criarmos um grupo de Catira aqui e ele mesmo começou e foi incentivando. Chamou o Juca e deu certo. Eu tenho essa inclinação desde criança. Meus parentes todos são violeiros, catireiros. Agora eu comecei a dançar aqui mesmo, depois que nós ficamos juntos. O Juca arrumou os parceiros

certos e já fomos a diversas cidades para fazer apresentações do nosso Catira.

Juca tem como ideal manter o grupo mantendo a herança cultural recebida do pai.

Eu nasci aqui na cidade de Feira Branca. Vindo para Santa Eudóxia e me formei em São Carlos, em 1984. Fui para São Paulo fazer estágio e acabei ficando por 25 anos. Graças a Deus sobrevivi e voltei em 2010. O meu pai sempre gostou de Catira e para participar com eles pensamos em montar um grupo. Era meu pai, o seu



Moacir, o seu Francisco e o seu Jamil.

Eu, na realidade, não sabia dançar. Eles me ensinaram e hoje eu sou o puxador do Catira. Fizemos a divulgação, gravamos um CD, mandamos pra São Paulo, entre as 200 equipes participantes, ficamos entre as 10 primeiras aprovadas, ganhamos um concurso e, hoje, estamos mostrando nosso trabalho, graças à nossa prefeitura municipal, que também está ajudando.

Os mais velhos nos ajudaram, ensinaram e o grupo vem continuando com os mais jovens. Já estamos ensaiando crianças, graças a nosso professor Jamil, que dá aulas toda semana, vamos incentivando a molecada. Já são três anos. Você começa a dançar com quem sabe e se torna fácil! Você se dedica mais. É um orgulho porque seguimos o caminho dos nossos antepassados. Meu pai já é catireiro antigo, violeiro bom. Atualmente, ele está mais cantando, mas se precisar dele, vem e dança.

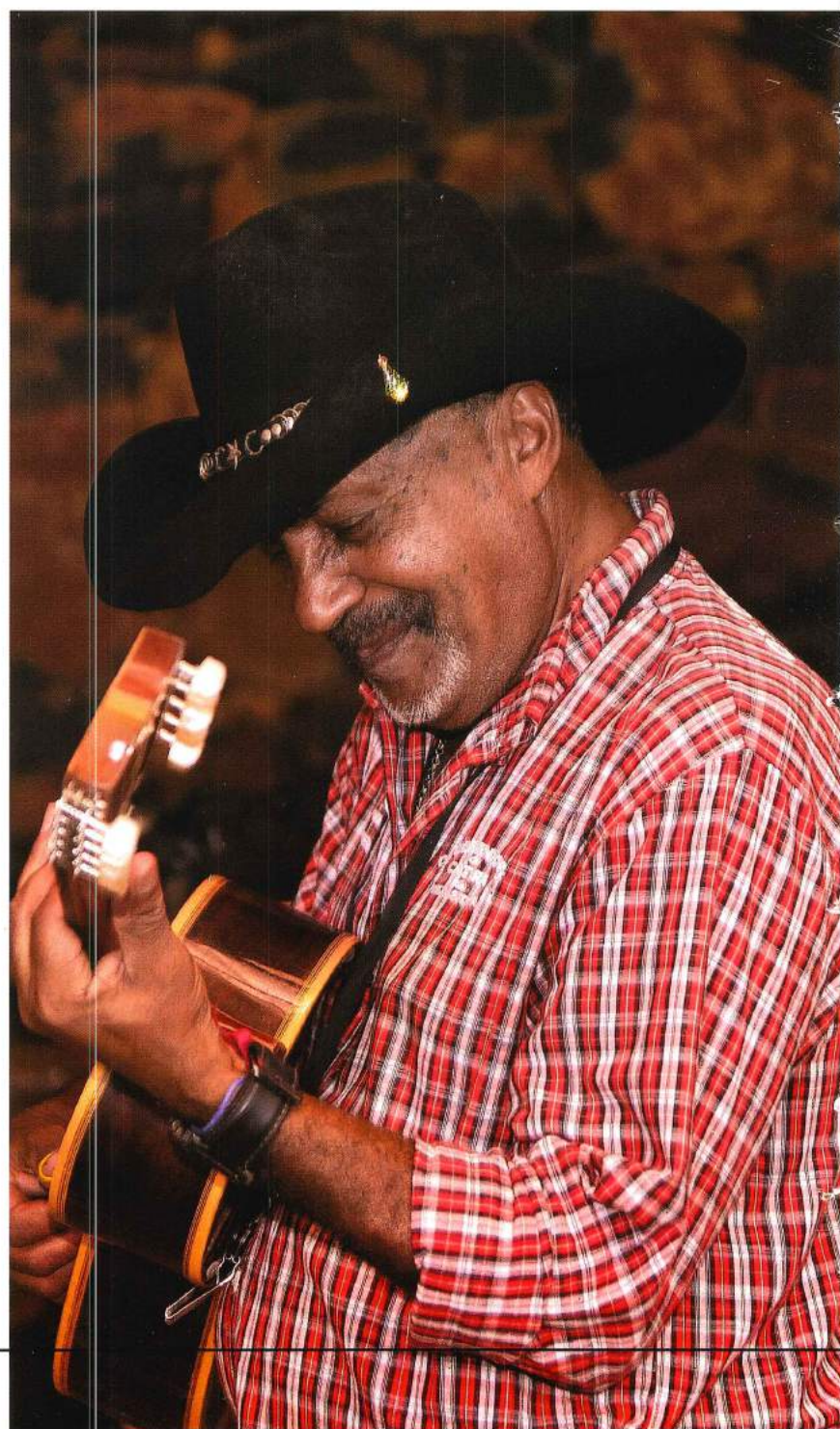
Catira é um universo de criação, de encontros, de aprendizado, de saudade.

As músicas que apreciamos são antigas, aqueles repertórios de Zico e Zeca, Vieira e Vieirinha. Quando tem apresentação no fim de semana, a gente se reúne duas vezes por semana. Mas normalmente ensaiamos uma vez por semana e as coreografias são criações nossas. Os mais novos aprendem a dançar, a cantar, a tocar a viola. Estamos renovando. Infelizmente, perdemos um parceiro que faz muita falta no grupo, nosso amiguinho Pelego, que faleceu. Mas se Deus quiser, ele está num bom lugar. Ele morreu fazendo o que gostava. Estava cantando no palco e teve um infarto e veio a falecer. Sentimos muito a perda dele, mas o grupo está dando força para ele lá no céu diante de Deus.

Eles acreditam que a tradição permanece e defendem que a modernidade seja compreendida, mas sem perder o compasso da preservação.

A Moda de Viola em si é bonita, não adianta você querer colocar um sertanejo universitário para dançar

um Catira, não fica bem. O Catira para mim é uma cultura. Eu adoro! Para mim é uma terapia ver o meu pai cantando com o pessoal. Viajando com a gente. É muito gratificante, a gente praticamente não vive de Catira, faz porque gosta! Quando pega um cachê a gente agradece de coração, mas quando não tem agente faz com o mesmo gosto para mostrar nossa cidade, nossa cultura, nosso povo. A prefeitura de Santa Eudóxia também dá uma força para a gente. Com apoio, a gente chega a algum lugar, porque sozinho você não chega a lugar nenhum. E com a prefeitura participando com a gente, agradecemos de coração.





Os sonhos dos catireiros estão nutridos de muitos planos e ações. No encontro do antigo com o novo, da cidade grande com o sertão, preserva-se a vontade de manter a tradição.

Nosso objetivo é chegar na Inezita Barroso, apresentar no Viola Minha Viola. Já está para sair o CD que gravamos e vamos continuar o trabalho. Nós vamos para os lugares e somos bem recebidos. Todos nos respeitam. Isso é muito importante, as pessoas gostarem do trabalho da gente porque quando a pessoa convida é sinal que aprecia. É muito importante, incentiva o grupo, inclusive os violeiros, é muito bom! Temos que agradecer sempre. Muitas pessoas, como o Alicio, o Césinha também, por nos ceder o Museu de Pedra, que é bem conhecido aqui na cidade, que foi inaugurado para valorizar, ainda mais, nossa cultura.





VINÍCIUS TELES | UBERABA-MG
NEGRINHO TELES

Herdeiros do talentoso pai Manoel Teles, violeiro e catireiro famoso na região, Negrinho e Vinícius são os transmissores dessa tradição. Negrinho conta com orgulho que o Catira está no sangue dos Teles.

Numa época bem distante, talvez uns 150 anos atrás, o Catira dos Teles vem vindo do meu bisavô, que passou pro meu avô, tio, e depois meu pai. Para mim, que já estou com certa idade, e meu pai já morreu mais velho, eu tive conhecimento que o Catira veio ali da região de Santa Rosa de Lima, que é um arraial que existe até hoje, onde tem também encontro de Folia de Reis muito famoso aqui na região.

Meu pai, que era de lá, trouxe isso do meu avô e começou a cantar, na idade dos seus dezoito anos, com o irmão dele que era o Agenor Teles. Meu pai aprendeu com ele, já que meu pai era mais novo. A lembrança que nós temos no nosso tio Agenor e o Lió, que são os que cantaram por último, são as Modas, poesias, que eles faziam, muito bem feitas, bonitas, que nós temos até hoje, cantamos músicas deles. Meu pai passou pra nós. E, além disso, meu pai passou pra nós também a Folia de Reis.

Mas quem trouxe foi o meu avô Jonas Teles, e tinham os filhos dele, que formavam os grupos de Catira da-

quela época, nas fazendas com os amigos, e tinha muito parente. Aos domingos, eles faziam aquele trabalho de Traição, de capinar com a enxada o arroz, café, e quando chegava à noite, combinavam já de fazer um Catira.

Começar a tocar viola foi uma sequência natural, uma façanha para quem nasce como dom para a música.

Na época, tinha o Catira e tinha o baile. Meu tio até fez uma promessa de não ir mais em Função que tivesse Catira e baile. Porque ele gostava do Catira separado do baile. Um pouco porque ele era casado, já tinha os filhos, já não queria participar muito, queria mais era o Catira. É o nosso caso, nós gostamos mais do Catira do que do baile, né. E assim veio vindo, meu pai aprendeu e a gente, ainda criança, meu pai passava pra nós tudo isso. A gente aprendeu com ele a tocar viola.

Antes de aprender a tocar viola com ele, a gente ainda era novo, tinha um amigo que tocava com ele, um senhor que morava com a gente, Armelindo, que tocava Catira com ele. O meu tio Delfino Fonseca, primo primeiro dele, ajudava no Catira. Mas só meu pai tocava a violinha dele. Quando nós atingimos certa idade, lá pelos meus 18, 20 anos, como os companheiros dele foram deixando de tocar, nós começamos a cantar, e ele incentivou, e nós começamos a ajudar ele.

Eu comecei primeiro, alguns anos depois o Vinícius começou. Nós temos mais outro irmão, mas não canta Catira, então só nós dois que herdamos. Temos vários primos da família dos Teles, mas não tocam nem cantam. Os únicos que saíram pra fazer barulho no Catira é eu e meu irmão.

Vinícius começou depois, mas revela ter nascido com o espírito da música soprando no seu ouvido e na sua voz.

Sou mais novo, e me lembro quando meu pai começou com meu irmão. Me lembro também do meu pai falar dos meus tios, que cantavam bem demais e que eram muito afinados. Meu pai, depois que seus amigos

pararam, eu passei a acompanhar, com meu irmão, e aí foi onde que entrei no grupo de cantar também. Tenho recordação de o meu pai dizer muitas vezes pra nós que era uma tradição que veio do meu avô Jonas Teles, meus tios Tinoco, Agenor e Lió, e que todo mundo gostava muito deles. Eles tinham um Terno de Catira aqui no rio de Uberaba e diziam que era um terno fantástico, isso o meu pai contava pra nós.

Eu aprendi novo a mexer com viola, com meu pai, que passou pra nós. E meu irmão e eu passamos a fazer dupla, chegamos a cantar na rádio, no programa do Nho Bernardino, programa do Edinho, na rádio Difusora e PRE5. Aí comecei a tocar, empolgando, com meu irmão. Ele me carregou, tinha umas namoradas, saía pras namoradas vê e me levava, e a gente começou a cantar. Nisso aí, o Catira veio também.

Aí eu comecei a entrosar no Catira, porque quando eu estava mais maduro um pouquinho, meu irmão cantava com meu pai e eu ajudando os palmeiros. Aí, eu passei a gostar daquilo e passei a ser palmeiro, passei a gostar de bater palma, puxar palma, ser da frente. Aí, um dia nós estava num catira aqui em Uberaba, meu pai falou que o Romeuzinho tinha faltado, e pediu pra puxar umas palma pra ele. Foi onde eu comecei.



“*Numa época bem distante, talvez uns 150 anos atrás, o Catira dos Teles vem vindo do meu bisavô, que passou pro meu avô, tio, e depois meu pai.*” (Negrinho)

Negrinho acredita que o Catira se renova e que se mantém forte com novos grupos e persistentes apoios. Com sua alma sensível, homenageia um grande apoiador do Catira na região.

Está havendo renovação no Catira atualmente. Os grupos antigos, até no sapateado, era um pouco diferente, não tinha coreografia. As crianças que agora estão assumindo, já estão fazendo diferente, fazendo novas coreografias.

Uma renovação do Catira importante na cidade ocorreu a partir do incentivo que o Gilberto Rezende tem dado por meio da Casa do Folclore. Ele está sempre tentando fazer tudo acontecer, e a gente percebe que, pela divulgação que a Casa do Folclore tem feito, que ainda pode ter uma renovação por alguns anos no Catira, até que apareça gente que se interesse. Do contrário, se não aparecer gente para ajudar, interessar e continuar, não vai renovar. Aí vai mais uns tempos e torna a parar de novo.

Violeiro mesmo, nós não estamos achando violeiros para esse show folclórico que é o Catira. Porque o Catira é um show folclórico para aquele que gosta e dá valor. Mas, se Deus quiser, com o Gilberto na frente, vai haver renovação, pois se não tivéssemos ele aqui, o Catira já tinha acabado aqui, isso é uma realidade. Todo mundo sabe disso na nossa zona, aqui no Triângulo Mineiro, que nós não podemos perder ele nunca. Senão o Catira acaba.

Para Vinícius, as mudanças que a modernidade trouxe são visíveis para o tocador de viola.

A música e o Recortado mudaram pouco de lá pra cá, mas hoje é completamente diferente o jeito de cantar.

Hoje, até a posição da viola é outra. A gente tocava com o meu pai na afinação goiana, e hoje a gente toca na afinação cebolão, porque hoje, nas apresentações, tem que ser um ritmo mais rápido. Mas, quando a gente está fazendo um Catira na fazenda, aí já passamos para a afinação goiana. Hoje mudou, quase não tem mais compositor que faz letra de Catira, conforme meu pai fazia, o meu tio Agenor, ou Manelzinho. Hoje, tem meu irmão que compõe, as letras que cantamos tudo é dele. O jeito de cantar também, hoje mudou completamente.

Como eu e meu irmão, na época do meu pai, só de ver meu pai tocar nós pegamos o ritmo e aprendemos sem ninguém ensinar, nós nunca entramos numa escola nem pra aprender a cantar nem pra tocar. Só de ver ele no Catira, a gente acompanhando ele, ele punha a gente às vezes pra tocar, outras pra dançar, e por aí nós pegamos. Isso é dom de Deus, porque tocar você aprende, mas cantar é difícil. Cantar já tem que nascer com o dom de cantar, nascer afinado, isso aí você nasce.

Para quem o Catira é felicidade e amor, o suporte financeiro é bem vindo, mas não é essencial para quem quer plantar sementes culturais.

Manter um grupo de Catira igual ao nosso não exige muito dinheiro. Se cada um tiver boa vontade sai um Catira bom, o grupo canta, dança, não tem muita necessidade de dinheiro. Mas sempre uma ajuda é importante porque gasta botina, chapéu, roupa, acordoamento para a viola, coisas simples. Mas, tudo isso geralmente é parte financeira e investimento do grupo.

Nós costumamos ensaiar na casa dos meninos do

grupo mesmo, e nós também cantamos pra outro grupo, do André, aí a gente ensaia na casa dele também. O grupo dos meninos é mais homogêneo. Catira é uma dádiva, igual a ser violeiro, a pessoa nasce com essa dádiva, com esse dom. Vem do espírito quando nasce. Muita gente quer cantar, tenta, nós já tentamos com vários, pusemos várias pessoas pra tocar, começa e não dá conta porque não tem o dom de cantar ou tocar.

Catira é recordação, é tradição para quem carrega na alma o dom. E também bons momentos como relata Vinícius.

Teve uma época, eu já estava assim com uns 32 anos, e morava na fazenda, aí meu pai foi na roça onde eu morava, me chamou e disse “meu fio, nós temos uma apresentação”. Era o Romeu, Mauro Borges, Paulo Cury, Sinhô Borges, eles eram 8 e comigo mais meu pai, 10. Pra nós ir para Paranaíba dançar um catira lá, uma festa

que o Romeu arrumou, foi uma semana de festa. Nós foi pro hotel na época de carnaval, então eu lembro direitinho como se fosse hoje, nós fomos pro hotel à noite e tinha carnaval na rua, e meu pai saía do hotel e ia dançar carnaval. Aí, nós dançamos o primeiro dia e voltou pro hotel. Quando nós tava deitado tudo lá na cama, o Paulinho num quarto, e o Sinhô noutro, eu mais meu pai noutro quarto, o Romeu noutro mais o Mauro, e me lembro quando o Paulinho, acho que o Sinhô passou mal lá, veio de lá pra cá, aí o Paulinho perguntou o que foi e ele respondeu enrolado “tô otando”, e acabou ficando com esse apelido.

O Catira pra mim representa tudo, porque eu nasci dentro, mexendo no Catira, pra mim é tudo. O Catira vai enquanto eu existir porque, melhor, eu nunca encontrei nada. Eu danço o Catira, e canto, com amor, eu dedico com garra mesmo. Eu danço e canto porque eu gosto, então representa tudo.





LUCIANO FURTADO DE SOUZA | ALCINÓPOLIS-MS
FABIANO MARTINS CARRIJO
VIRGÍLIO HUMBERTO FERREIRA
AMBRÓSIO FURTADO DA SILVA



Seu Luciano chegou a Alcinópolis na década de 80.

Eu mudei para Alcinópolis em 76, foi bem no início da cidade. Tinham umas cinco, seis casinhas. Foi chegando mais gente, aumentando as famílias e eu tomei a decisão de começar com o Catira, juntamente com os meus primos, meu compadre.

Nós somos descendência que veio lá de Goiás. Meus pais, meus tios, meus avôs, tudo era catireiro, então, eu acho que isso vem do sangue. A gente mudou aqui pro Mato Grosso do Sul, trouxemos essa tradição pra cá, e implementamos o Catira aqui em Alcinópolis. Inclusive na minha casa, por exemplo, desde a década de 80, eu construí um assoalho de frente a casa, e convidava os amigos e fazia Catira. O nosso grupo tá aqui desde os anos 80.

Em Alcinópolis toda semana tem o Catira.

A gente tem um lugar de convívio onde os idosos frequentam. A gente faz o Catira todo domingo, no meio do baile tem um intervalo e, no intervalo, tem o Catira.

As músicas a gente aprendeu com as pessoas mais antigas, dos pais, dos avós, a gente mantém a tradição. São as mesmas músicas antigas que a gente vem cantando até hoje. E algumas novas, que a gente assisti hoje, através dos DVDs e gravações, né?

Continuidade

O nosso grupo até hoje, você vê, desde oitenta até hoje, ele nunca acabou. Acho que é uma persistência bem grande. Agora, quantos catireiros que pulavam Catira com nós que não existe mais hoje? E deu pro senhor ver que não tem um jovem no meio. Acho que tinha que ter a juventude, tinha que participar pra não acabar a tradição. Estamos tentando, vamos ver se a gente consegue.

Eu tenho um filho, que no início ele pulava Catira, inclusive ele fazia parte do nosso grupo. Só que aí ele casou, foi ter a residência dele separada, hoje ele não mora mais comigo. Aí ele abandonou, quase não vem

mais no Catira, raridade ele vir. Mas ele tem vontade de pular Catira, qualquer hora quero ver se resgato ele, de novo, pra vir pra turma. Mas Seu Ambrósio, aqui do nosso grupo, tem um filho dele que tá com nós até hoje.

Acho que hoje tá faltando alguma coisa, eu não sei o quê que falta, mas tá faltando alguma coisa pra que o Catira continue, para não acabar. Porque do jeito que a gente tá vendo vai chegar uma época que não vai existir mais Catira. Pra mim, o Catira representa muita coisa, é uma coisa assim que me faz lembrar muita coisa do passado, e ficar emocionado.

Seu Virgílio, que aprendeu tudo sobre Catira dentro de casa, tem orgulho dessa trajetória.

Eu nasci na beira do Pará do Rio, em Itaquareizim, há 89 anos. Vim de lá com 17 anos, eu vim pra cá. Minha família toda era de violeiros, as mulheres tocavam viola de 12 cordas, eram boas na viola. Só tinha uma que pulava Catira, as outras só batiam viola, tocava tudo que era coisa.

A história ganhou tons e versos na região e a chegada de novos apaixonados pelo ritmo foi criando mais consideração. Seu Virgílio conta que era comum todo mundo ir para o baile para ver o Catira.

O povo viajava muito para trazer as coisas para vender, e chegava lá na casa do meu tio. Daí, uns seis companheiros já tinham um Catira, se tivesse mais, dava um Catira mais arrojado. Em dia de festa, agente dançava até bambeirar o assoalho. Era um Catira amuado.

Seu Fabiano já conhecia o ritmo desde a infância.

Aos oito anos de idade eu já pulava Catira. O meu pai era catireiro, meus avôs. Inclusive, meu avô era mineiro, lá de Uberaba, da família Carrijo. A raiz vem daquele tempo e segura até hoje aqueles passos. Eu mudei para essa região e integrei no grupo dia 29 de junho de 2005 e nunca sai.

Só vou adiantar uma coisa para vocês sobre Catira, aí vocês passam para a cultura. Eu sei que tem um casa-

“...tinham uns seis companheiros num Catira, se tivesse mais, dava um Catira mais arrojado, dia de festa a gente dançava até bambejar o assoalho.” (Virgílio)

mento, africano com americano, porque eu sei que no começo era africano, o cateretê. Mas depois veio a viola americana. O Catira é moda de viola, então, fez um casamento. A moça que pediu pra fazer essa apresentação, uma acadêmica, me falou que fizeram um estudo, um levantamento. Mas eu falei meio para o rumo e ainda deu certo.

E a fama do grupo já ganhou outras regiões. Seu Fabiano conta que são chamados para apresentações em outros estados.

Tem uns quatro estados que a gente já fez apresentação.

Na Moda de Viola o jeito do grupo ganha retoques no caminho entre a tradição e a modernidade.

A Moda de Viola que eles cantam, o Recortado que aparece, né! Eu vejo um Catira de Vieira e Vieirinha, André e Andrade, daí eu falo: gente é muito bonito, muito mais bem ensaiado que o nosso, mais bem treinado e tudo. Tem o Recortado, o Recortado mineiro, o Recortado paulista, o batido da viola já é diferente do nosso. Ficamos como a raiz, o Tonico e Tinoco, feijão com arroz, esse batido que agente faz aqui, são poucos lugares que têm.

Assim como no Recortado, a história do Catira pelo Brasil ganha conhecimento pelas descobertas populares. Seu Fabiano conta que no Centro Oeste essa tradição tem muitas influências.

Uns falaram: foi tropeiro. Eu falei: aqui começou pelos carreiros, porque vinha carro de boi de Jataí, Mineiros, descia aqui e ia buscar sal em Coxia, e tinha ponto de pouso, pousavam oito, dez carros de bois e o povo

carregava as violas dentro dos carros. Tinha muito goiano e mineiro que vinham, também. Acabava de jantar, tudo lá sentado na beira do fogo, puxava as violas e cantava moda para bater Catira até dez horas da noite.

Eu era menino, com oito anos comecei a trabalhar nesse trajeto aí, com carro de boi. Comecei a gostar daquilo. Tinha outro companheirinho também, um vizinho, a gente pulava lá atrás dos grandões. Acho que esse Catira aqui no Mato Grosso do Sul, algumas regiões podem ser que foram pelos tropeiros, mas nesta região, nosso aqui foi pelos carreiros. Era um Catirão danado, no chão, na poeira, nas beiras de córrego, era bom e agente parece que ficou com aquilo no sangue. Eu não aguento, ouço bater as palmas e eu tenho que chegar lá perto.

Para garantir a continuidade do grupo, os catireiros decidiram visitar os colégios, mas estão preocupados que a tradição esteja em risco.

Desde oitenta até hoje nunca acabou, acho que é uma persistência bem grande. Agora, quantos catireiros que pulavam Catira que não existem mais hoje? No nosso grupo, ainda, não tem um jovem no meio. Acho que tinha que ter a juventude, participar, para não acabar a tradição. O trem está meio devagar. A gente fala, peleja, e tal. Por exemplo, se nós formos para uma festa particular aqui, ela começa lá pelas dez, onze horas. Os idosos que forem já nem dançam no baile porque os novos pegam latinha para cá e para lá. A juventude está mais para essa parte. Não sei se é só aqui.

A gente vem lutando, pelejando, vou nesses colégios, converso com professor, diretor, tudo. Já falei com o

prefeito, que temos que arrumar uma maneira de incentivo para essa rapaziadinha nova, as mocinhas. Aquele que dá um catireiro, que tem vontade, ele fica atento o Catira inteirinho. Ele fica. É só incentivar e arrastar, mas precisa que as autoridades ajudem.

Mas é fácil, acho que as autoridades tomando providência, tendo um incentivo, vamos fazer, vamos treinar um colégio com o outro, um contra o outro, vamos fazer uma disputa, vamos dar um troféu, porque hoje tendo um interessinho assim, o caboclo vai bem mais longe buscar. Eu acho que tem jeito, mas tem que estudar isso aí, porque a tendência é acabar. Porque nós, por exemplo, daqui uns dias não é ninguém mais.

A nossa parte eu até já combinei com os companheiros. Vamos ver se arrumamos um grupinho de meninos para ir treinando no colégio. Se eles quiserem fazer isso, nós estamos prontos para arranjar um companheiro para vir para puxar palha. Eles batendo a violinha lá e nós, aqui. Vai pondo uns quatro, seis, ou oito, ou mais, pra ir treinando pra ver se incentiva, pra ver se não acaba a cultura. Vamos tentando, vamos ver o que a gente consegue.

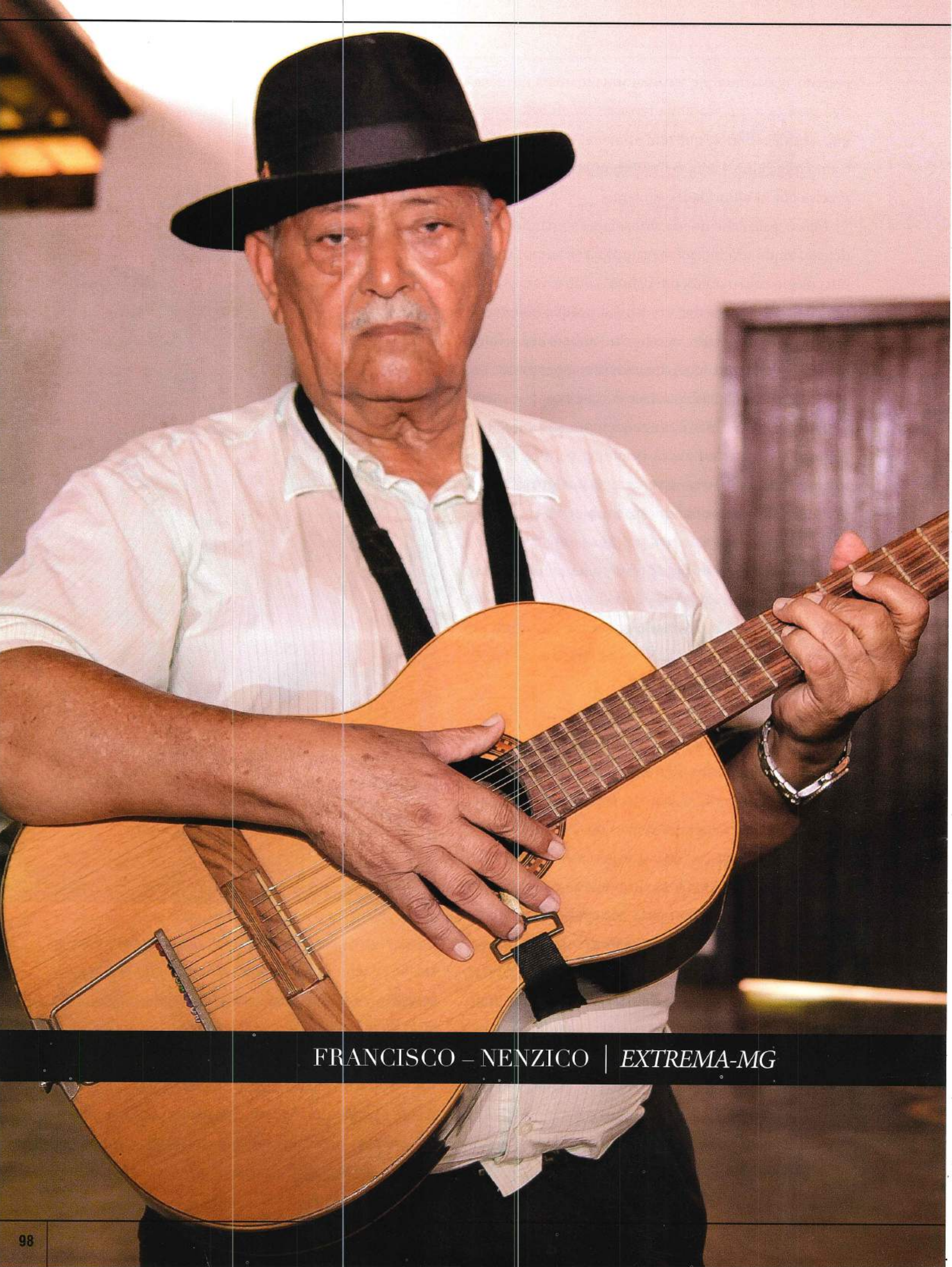
E enquanto novos encontros acontecem, Luciano recorda os momentos plenos de casos e diversão.

Um rapaz foi cantar um Recortado. Daí ele errou. Saiu uma palavra meio diferente do que era para falar. Aí virou só graça. Teve que parar o Catira. A farrinha tomou conta. O pessoal virou risada e mais risada. Teve que dar um tempo para recomeçar. Ainda bem que o rapaz contornou a situação, controlou. No momento ele não quis cantar mais, nós trocamos, colocamos outro cantador, mas ele continuou a pular junto. Ninguém levou por uma coisa ruim, nem levou para o lado pessoal e passou.

Outra coisa foi que a gente tinha um puxador de palmas que gostava demais de Catira e a esposa dele era meio ciumenta e não gostava que ele fosse. Teve um dia ele vestiu a roupa, ligeiro, e saiu apavorado, porque aqui



sempre, esse pessoal mais antigo, eles respeitam o horário. Se falamos que vai começar sete horas eles chegam, às vezes, cinco minutos antes, três minutos, dois, mas atrasado não chega. Ele saiu apavorado e não percebeu que a esposa foi e colocou pimenta na roupa íntima dele. Ele vestiu e foi ligeiro, e chegando já começou o Catira. Aí ele só pulou um e teve que parar. O camarada começou: coça daqui, coça dali, pulava e coçava, pulava e coçava e aí teve que dar um jeito mesmo de ir para casa!



FRANCISCO – NENZICO | *EXTREMA-MG*

“*Eu fico lembrando muito dos meus pais, dos meus tios, que tocavam e dançavam. Antigamente existia esse Catira que nós dançamos, era mais ou menos parecido com o dele, só que eles tinham mais entusiasmo.*” (Nenzico)

Quando entendi de Catira, eu tinha mais ou menos uns 15 anos. Vi meus pais, meus tios dançarem e gostei muito. Ficava observando o que eles faziam para eu poder fazer também.

Vindo da turma de Extrema, perto de Geni Ribeiro, em Bom Despacho, chegam nas páginas do livro a prosa boa que nutre a história do Catira do senhor Francisco. Do nome de nascimento ficou mais forte o apelido: Nanzim.

Para mim é uma satisfação eu estar tocando uma viola. A gente escuta pouco né, a viola faz barulho. No meu tempo de moço torcia um pouco o sentimento

porque eu acompanhei meu pai, dos filhos dele o único que acompanhou fui eu. Depois entraram os outros irmãos, mas quem ia junto, mesmo, era eu. A gente saía lá perto de Bom Despacho e vinha a cavalo para dançar Catira. No outro dia ia caçar veado. Era uma brincadeira importante isso. E lá vai, desse jeito. Hoje, se for só para dançar demora muito para juntar os companheiros. Um num pode, o outro a mulher atrapalha, o outro a namorada atrapalha, mas eu estou firme há 55 anos no Catira, graças a Deus.

Nós nunca ganhamos um centavo com o Catira. Às vezes, as passagens para viajar. Dançamos por gostar,



por lembrar do povo, dos nossos pais. Para você ter uma ideia, eu tenho quatro filhos. Três são evangélicos. O que é católico, se eu colocar a minha viola perto dele na cama, ele deita no sofá, só para não ter que por a mão na viola. Não tem inclinação nenhuma. Já eu, a primeira vez que eu toquei viola eu tinha 15 anos. Foi com a turma que eu dancei pela primeira vez. Nós éramos sete irmãos. Quatro foram embora. Então, a gente tem que gostar, tem que fazer muita força pra poder participar, porque é uma coisa que é antiga.

A modernidade, com suas invenções, aumentou os desafios para manter a tradição.

O Catira é uma coisa séria, é uma coisa que a gente tem que fazer porque gosta, não é para fazer bonito para ninguém. Eu fico triste quando puxo o sapateado, aí



puxa a palma, dois três, batem palma, quando é fé mais um bate o derradeiro. No tempo dos meus pais, meu pai era dançador muito antigo, se um batia palma por derradeiro, ele falava: põe no bolso o que sobrou! Então, eu fico achando ruim. Às vezes, eu vejo um erro que eles tão fazendo, mas eu fico com medo de falar porque pensam que a gente quer aparecer.

Hoje está difícil até pra tocar, não tem um violeiro que toca para dançar. Teve gente até discutindo de colocar um para tocar de qualquer maneira pra poder aprender, senão minha turma vai acabar. Antigamente eram dez. Hoje, a gente dança de oito. Parece que eles não sabem o valor que o Catira tem. Se eles soubessem iam fazer mais força. Sempre insistindo, vamos lá, vamos! Liga pra lá, liga pra cá, filha buscando, que hora vai ser?...Antigamente era enxadão dia inteiro, bebendo cachaça e de noite ia ver no Catira e pronto.

E assim, o Catira vai contando a história da lida do campo, das experiências que ficaram guardadas na lavoura, das noites de lua, feitas de sonhos e de sapateados que alegravam o sertão.

Essa Moda, Pingo D'água, muitas vezes cantamos puxando enxada, na roça. A gente tocava e cantava com três turmas, quatro, de um lado e quatro do outro, puxando enxada. Chegava de noite, naquelas casas de assoleio a gente dançava o Catira. Aquilo era uma coisa muito importante.

Com idade e experiência para compreender melhor a vida, seu Nanzim remonta os ensinamentos da Folia, do Catira, da sabedoria popular. Os aprendizados que extrapolam as coreografias, as composições. As vivências coletivas que ensinam a união que nasce da convivência, do bater os pés, bater as mãos.

O estilo do nosso Catira, como eu disse, é porque eu aprendi, eu dancei com o pai do Dr. Zé Maria, em Bom Despacho, com o tio dele, o Alfredo, o Quito, o Campo, nós aprendemos este modo de dançar. Tem uma

‘diferencinha’, pouca, não é porque eu gosto, eu gosto daquela coisa antiga. Aqui, em Bom Despacho, eles falam que sem eu eles não dançam. Eu também não danço sozinho. Se eu dançasse sozinho eu estava lá em Belo Horizonte. Então, eu também preciso de todos eles pra poder me ajudar.

Apreendi quando eu comecei a entender, ainda, na Folia de Reis. Quando vinha na casa a gente ficava doído para o pai abrir a porta, porque tinha que abrir para ver o povo entrar. Meu pai falava: meu filho tem o lugar certo deles cantar. Quando abria a porta, eles entravam e cantavam. Eu gostei e até nesse prezado momento eu sou muito feliz por ter participado de uma Folia de Reis. Graças a Deus! Eu agradeço muito. Mas eu não posso exigir dos mais novos que façam aquilo que eu faço.

Se fosse para eu escolher o que prefiro, se é Catira ou dançar Reis, nos dois a gente tem que saber mediar as doses das coisas. Tem umas turmas de catireiros que são mais cheias de coisinhas, os foliões, a mesma coisa. Então, você tem que ir mais pro lado daqueles que é mais calmo, admitir mais as falhas.

Para o Catira continuar ninguém pode ir embora,

três companheiros nossos foram embora. Faz falta. É difícil mexer com o ser humano, mas quem eu sou? Se depender de mim, se eu tiver um elogio dentro do caixa, qualquer coisa serve, eu estou satisfeito.

Com todo o repertório que a vida oferece na experiência do existir, seu Nanzim, em sua trajetória pioneira no Catira, segue em rumo de novos acordes, fortalecido pelas lembranças e pelos ensinamentos que o passado ajudou a construir.

Eu fico lembrando muito dos meus pais, dos meus tios, que tocavam e dançavam. Antigamente existia esse Catira que nós dançamos, era mais ou menos parecido com o dele, só que eles tinham mais entusiasmo. Eles trabalhavam o dia todo e quando chegava de noite dançava até altas da madrugada. A gente sente saudade desse tempo. Mas a saudade vai ficar por saudade mesmo, porque hoje o Catira representa uma coisa muito importante para mim. Já são 55 anos. Daquela época pra cá, os velhos foram indo embora, os novos foram ficando. Daqui uns dias, vou ser eu, mais isso não quer dizer que seja já, já! Graças a Deus.





CLAUDIA COLLI | ARAÇATUBA-SP
JOÃO TEODORO
FERNANDA COLLI

Três destinos, três experiências diferentes e um amor em comum: o Catira. A história em Araçatuba reúne educação, tradição e futuro. Como nos conta a Professora Cláudia.

Comecei a pesquisar dentro da secretaria da Cultura os segmentos folclóricos da cidade, comecei a fazer um mapeamento da nossa cidade, e vendo o lado da dança e da música, vi que estávamos com um problema muito sério. Aqui existiam vários grupos de Catira e esses grupos se acabaram. Era, apenas, um remanescente do Catira: o seu João Teodoro. Conversando com o secretário da Cultura e com as pessoas envolvidas, decidimos

elaborar um projeto envolvendo educação e cultura, e trazendo para bem próximo de nós o seu João, para que ele passasse todo o conhecimento dele pros professores e depois para os alunos. E aí surgiu o grupo de Catira – Os Novos Araçás!

Iniciamos em 2009 com os professores da rede municipal. Em 2010 começaram a entrar os integrantes da comunidade. Assim, nós percebemos que as pessoas que se envolvem com o Catira trazem as lembranças dos seus antepassados. No nosso grupo, os adultos são filhos e netos de catireiros do passado. Para nós é muito importante que esse grupo continue porque não é um

“*Na minha vida o Catira começou desde menino. Meu pai era catireiro e dançava todo sábado. Então, de tanto ver eles eu comecei a dançar, também.*” (João Teodoro)

grupo parafolclórico é um grupo folclórico mesmo, eles trazem a dança como uma tradição familiar.

Ao falar com a Professora Cláudia vem essa vontade imensa de conhecer o inspirador dessa história. O seu João Teodoro que está com 81 anos.

Na minha vida o Catira começou desde menino. Meu pai era catireiro e dançava todo sábado. Então, de tanto ver eles eu comecei a dançar, também. Eu fui criado na fazenda de um tio meu, ele tinha palco próprio para o Catira. Vinham os violeiros de longe. Tinha o violeiro Sérgio que vinha dançar na Festa de São João. Ele fazia um Catira e amanhecia dançando, esperava o almoço. Dançava mais um pouco e esperava o almoço. Era desse jeito.

Quem completa essa grande conquista dando o tom do futuro para o Catira é a Fernanda. Uma professora que nasceu pela força de vontade em ensinar o passado com Recortes próprios.

Eu jamais pensei que fosse me envolver nesse mundo do Catira. Por conta do projeto proposto pela Secretaria da Educação, teve uma vez que estavam faltando catireiros, os professores faltaram e tinha uma apresentação. Como minha mãe começou com o projeto, ela só chegou e falou que tinha uma apresentação, e que era eu mesma, que eu pegasse minhas coisas e começasse o projeto. Na hora que cheguei, foi a primeira vez que vi como era uma dança completa, porque trabalha com as tradições, com a coordenação motora, envolve expressão corporal. Conhecendo a riqueza do Catira eu decidi participar do projeto.

Foi assim que começou a surgir o projeto do Catira nas escolas, também. Hoje os alunos, nossas crianças araçatubenses, aprendem o Catira na escola. Elas descobrem a importância de preservar as tradições, desde criança, e eu acho isso muito importante, é uma coisa assim nossa tradição. Nossa dança é o Catira.

200 alunos participam do Projeto. Fernanda é monitora nas escolas da rede municipal com o apoio da Prefeitura da cidade.

Ainda temos duas outras Instituições. Um grupo de cegos que dançam, também são iniciantes no Catira e tem o grupo da APAE de Araçatuba, que também faz parte do projeto. O planejamento é para atender 400 alunos da rede municipal.

O incrível trabalho deu tão certo que os alunos participam ativamente.

Eles ficam maravilhados. Nas primeiras aulas fiquei meio apreensiva, porém pensei que talvez eles apren-



dessem como eu aprendi com o Seu Teodoro, com os mais velhos. E deu certo.

É uma coisa que encanta! No começo das aulas a gente ouvia moda de viola, conhecia nossa história. Saber que faz parte da nossa cultura é uma coisa que envolve, e tudo isso envolveu os alunos. Você pode pegar alunos de cinco até os 11 anos que eles vão conhecer o Catira. Eles vão falar com entusiasmo, eles vão bater o pezinho, fazer a sequência de palmas, é assim! É muito motivante, é um projeto que dá certo.

É um projeto piloto, mas teve tanto sucesso! É um projeto muito gratificante para todos, tanto para nós que trabalhamos com o projeto quanto para a sociedade.

Para ampliar a força desse aprendizado, desse ensinamento, o grupo investe na música de um compositor famoso e querido no Brasil, que viveu na cidade onde hoje o projeto ganha novas contribuições.

Priorizamos as músicas do Tião Carreiro. Ele viveu aqui na nossa cidade. Tanto que esse violeiro nas Modas, nas letras que compôs, ele fala de Araçatuba. Então, é uma maneira de também preservar a memória desse violeiro famoso que foi o Tião Carreiro.

E na expansão de novos ritmos surgem as experiências compartilhadas que ampliam e multiplicam a rica sonoridade do Catira.

Existe até uma tradição de trocar palmas. Em um encontro de catireiros, pelo que a gente conhece e entende, um grupo quando se apresenta para outro grupo trocam palmas. O que é uma palma? É um ritmo, é uma batida, o número de sapateado. Tradições que os grupos antigos vêm trazendo. Existem algumas outras palmas criadas por grupos atuais, mas elas estão sendo adaptadas, tanto que o Recortado mineiro é diferente do nosso Recortado paulista.

Ensaiaando uma vez por semana, o grupo se envolve para garantir a continuidade dessa tradição.

Fazemos de tudo para que outras pessoas que já conhecem o Catira, também se identifiquem. Que venham somar com o nosso grupo, tanto as crianças como os adultos. Só que os adultos são mais difíceis de integrarem. A criança tem mais facilidade de aprender e dar continuidade, por isso que nós estamos investindo nos projetos delas.

No meio de tanta modernidade, seu João Teodoro garante que mantém a dança como era, mas já descobriu algumas novidades, mostrando que somos eternos aprendizes.

O meu Catira não muda. Agora o doutor Donizete, que é cardiologista, ele tem a palma dele também, né! E tem o Gilberto, que é palmeiro também, aí, nós pegamos uma forma daqui, outra dali e tem aquela coleção de palma. A gente tinha paixão por Catira, tinha tantos anos que a gente não dançava e agora a Cláudia é a nossa coordenadora.

E mostrar o espetáculo que se constrói dentro das salas de aula, nos locais de ensaio é uma ação coletiva que depende de parcerias importantes, como explica a professora Cláudia.

Se fosse apenas manter a tradição, sem preservá-la e incentivá-la para outras gerações, bastaria o grupo e se apresentar. Mas, como nós precisamos divulgar o trabalho e criar condições pra que ele tenha continuidade no futuro, nós precisamos do poder público, precisamos das parcerias, precisamos também de pessoas que gostem para incentivar as apresentações. O poder público, para nós, é muito importante. O público que apreciava o Catira é o de três gerações atrás. Agora precisamos além de resgatar e incentivar, mostrar o Catira para quem está conhecendo.

O grupo tem muitas histórias como lembra Fernanda. Os casos ampliam a percepção da importância do Catira e como essa antiga tradição vai ganhando espaço entre os mais jovens.

Às vezes as pessoas ligam de outras cidades para fazermos apresentação e perguntamos se tem tablado, e eles respondem que sim, sem saber ao certo o que é um tablado ou praticado. Assim, a gente já dançou em um palco que abre, que abre no meio, sabe? Já colocaram a gente pra dançar na grama, pegamos umas tábuas, né! Teve uma vez que a gente pegou uma tampa de mesa e dançamos em cima do tampão. Eu até brinco com o pessoal que temos história. Cada apresentação tem um fato engraçado pra contar.

Cláudia nunca esqueceu um fato que, até hoje, é recontado nos encontros do grupo.

Um catireiro nosso quando ele bateu o pé, o prego entrou na bota e ele ficou preso. Mas não machucou. Ele ficou preso e não conseguia dançar. Ele continuou fazendo a coreografia sem tirar o pé do prego.

As duas educadoras contam que no caminho dessa valorização todos os ambientes são propícios para ensinar. Nos momentos mais surpreendentes, o desejo de mostrar a beleza do Catira acontece.

O Catira representa a nossa história. Se você não conhece sua própria história fica difícil entender o caminhar da sua vida e qual o futuro. Valorizar também a nossa cultura, e não ser alheio às outras culturas. Pre-

servar o que é nosso. Esse é o meu maior objetivo: ver as pessoas tratarem com respeito e com carinho a nossa cultura. O Catira é um vício. Então, às vezes, em alguma festa que não tem nada a ver com o Catira, como todos os catireiros têm botina dentro do carro, onde nos encontramos vai sair algum passo. Quantas vezes já fui numa festa de aniversário, de sapato de salto, e eu tiro e ponho a botina pra dançar. Se tornou uma família, onde o assunto em comum é o Catira.

Cláudia conta que em Araçatuba o Catira é uma tendência de crescimento. E mostra que pelas celebrações na Educação, a Cultura ganha futuro.

Antes de o grupo ser criado as pessoas gostavam, mas eram distantes. Tudo era muito difícil. Não vinha um grupo de Catira aqui com frequência, a população tinha uma lembrança vaga do Catira. Agora, está marcando a história da cidade novamente. A nossa cidade é agropecuária, então, traz no contexto a viola e o Catira. Através desse grupo, essa memória, que agora já está sendo um contexto cultural, porque as crianças se apresentam nas escolas, viajam se apresentando na região, a propagação é bem maior. A família acompanha quando a criança dança, e isso vai perpetuando, vai fazendo com que por muito mais tempo, mais anos, o Catira continue sendo uma dança típica.





ROGÉRIO RIZZO NEVES | RAMON
POXOREU-MT

“*Em 2011 apareceu uma oportunidade de ter uma oficina de Catira, nisso juntou mais de mil jovens para fazer.*” (Rogério)

Rogério Rizzo Neves não vem de família de catireiros, mas é um apaixonado pela dança. Extrair de uma vontade forte a história em construção do Grupo “Os Guarás”. Um trabalho cultural que começou em 2011 e tem uma longa trajetória pela frente. Nos recortes dessa criação, as ideias de uma juventude que reinventa a tradição.

Da minha família não tem ninguém que nem mexe com Catira, nem nada de viola. Está começando comigo. A princípio foi em um encontro de violeiros que teve aqui do Poxoréo. Vimos os meninos dançar, o grupo – Os Considerados. Ficamos olhando. Oh, rapaz! Bonito de dançar. Em 2011 apareceu uma oportunidade de ter uma oficina de Catira, nisso juntou jovens, mais de mil para fazer. Foi um mês de curso. Desses mil, ficaram dez. Juntamos os amigos para montar o grupo: Vamos levar adiante? Vamos! Então, nós montamos. Desses dez, hoje, ativos no grupo, só temos dois, que é eu e o outro rapaz que dança, também.

Tão jovem, mas tão certo do caminho que pretende seguir guiando o grupo, levando a tradição. E mais pessoas começam a ter a mesma paixão.

O grupo tem renovado, sempre que sai uma pessoa por causa de motivo de trabalho, escola, não dá mais porque vai mudar de cidade, nós procuramos renovar os meninos, para não deixar morrer, né?

Aproveitando os ritmos já famosos, o grupo cria novos Recortados. As coreografias, também, passam por essa renovação de ideias. Em cada ensaio surgem passos que inovam no desenvolvimento da tradição. E toda semana, pelo menos em três dias, eles se encontram para

dançar. Tem mês que em todos os fins de semana dançamos. Ora em uma cidade, ora em outra. Às vezes, nós saímos na sexta-feira numa cidade, no sábado em outra e domingo em outra. Então, a gente sempre está em lugares diferentes. Devagarzinho foram nos descobrindo. Um ligava e dizia: tem um evento aí, vamos fazer um Catira? A gente dançava lá, o povo gostava... A pessoa organiza outra festa e ajeitava para dançarmos. Aí, cada vez, nós vamos enraizando.

Os desafios são pesados. Manter o grupo exige uma constante motivação.

Nós temos muita dificuldade em questão de locomoção. Nós temos só dois carros, que são dos pais e, às vezes, para fazer alguma apresentação, não tem como ir. Temos que correr atrás de um amigo, de outro... Uma vez arrumamos o carro todinho, e quando foi na véspera, todo mundo animado para ir e o organizador me liga e explica que para chegar tinham dois caminhos: Se





você for vir por Iratinga não precisa vir porque a ponte caiu. E por Primavera você pode tentar chegar com carro traçado e forte, porque tem até carreta atolada.

Pelo jeito tem que andar aqui de avião, só que até isso é complicado, né? Não tem como pousar. A gente não tem apoio da prefeitura. Algumas pessoas, os amigos, donos de lojas, fazendeiros ajudam quando podem. Eu ligo e falo: Estamos precisando viajar para tal lugar. Precisando de uma camisa, uma bota e eles contribuem. O Centro Juvenil Sanviziano, por exemplo, é o nosso apoiador mesmo. É o local onde a gente ensaia, onde eu posso fazer algum documento.

Estamos aí, desse jeito. Devagarzinho nós vamos estruturando o grupo com os patrocinadores. Em festa da cidade, igual agora mesmo teve o Festival de Praia aqui em Poxoréo, teve um dia cultural e a prefeitura pagou um grupo de dança da Primavera para vir dançar aqui, e nem sequer entraram em contato com a gente. Santo de casa não faz milagre. Quando tem encontro de violeiro nós vamos. Rondonópolis está começando e faz a requisição nossa lá. É por esforço nosso, nosso mesmo!

Mas todas as preocupações e dificuldades são pequenas diante a recompensa de dançar. No bater dos pés, no

bater das mãos surgem as recompensas dessa coragem de compor novos sonhos para manter a tradição.

Eu gosto de Catira. É um caminho de amizade! O pessoal que dança conosco, também, gosta muito. Se desanimar morre. A gente não quer deixar morrer. Só de você ter o prazer de fazer o que você gosta, dançar em um encontro de violeiros, conhecer catireiros que a gente é fã. O grupo dá oportunidade de dançarmos com eles tocando para a gente. Abre muitas portas. Só de chegar à cidade e ouvir: o grupo de Catira está aí, para nós já é uma satisfação muito grande.

Muitas vezes, quando estou com algum problema sério, que me deixa para baixo mesmo, juntar com os amigos e dançar o Catira já me deixa aliviado, sossegado, mais tranquilo, entendeu? Então, é uma cultura que eu gosto, que se depender de mim eu não vou deixar morrer, é uma coisa que eu tenho prazer em dançar, em encontrar com os amigos. O Catira pra mim, hoje, é uma cultura que me faz ir para frente, a gente estuda tudo, aonde você vai o pessoal gosta, acha bonito a dança.

Ramon é o grande apoiador e patrocinador do grupo. Um apaixonado por Catira, que conheceu essa tradição ainda quando criança.

Eu sou goiano, eu nasci ali na região próximo a Iporá. Toda festa que surgia tinha Catira. Eu vim para essa cidade, tem 15 anos que moro aqui. Minhas lembranças de infância são maravilhosas. Por isso, incentivei meus filhos. Disse para o menino: vamos Abel Neto, vamos lá para você ver! Seu pai ama Catira. Aí ele foi e depois incentivou minha menina, a Ana Clara e estamos juntos.

Para Ramon todas as iniciativas são importantes para manter o crescimento e as atividades do grupo.

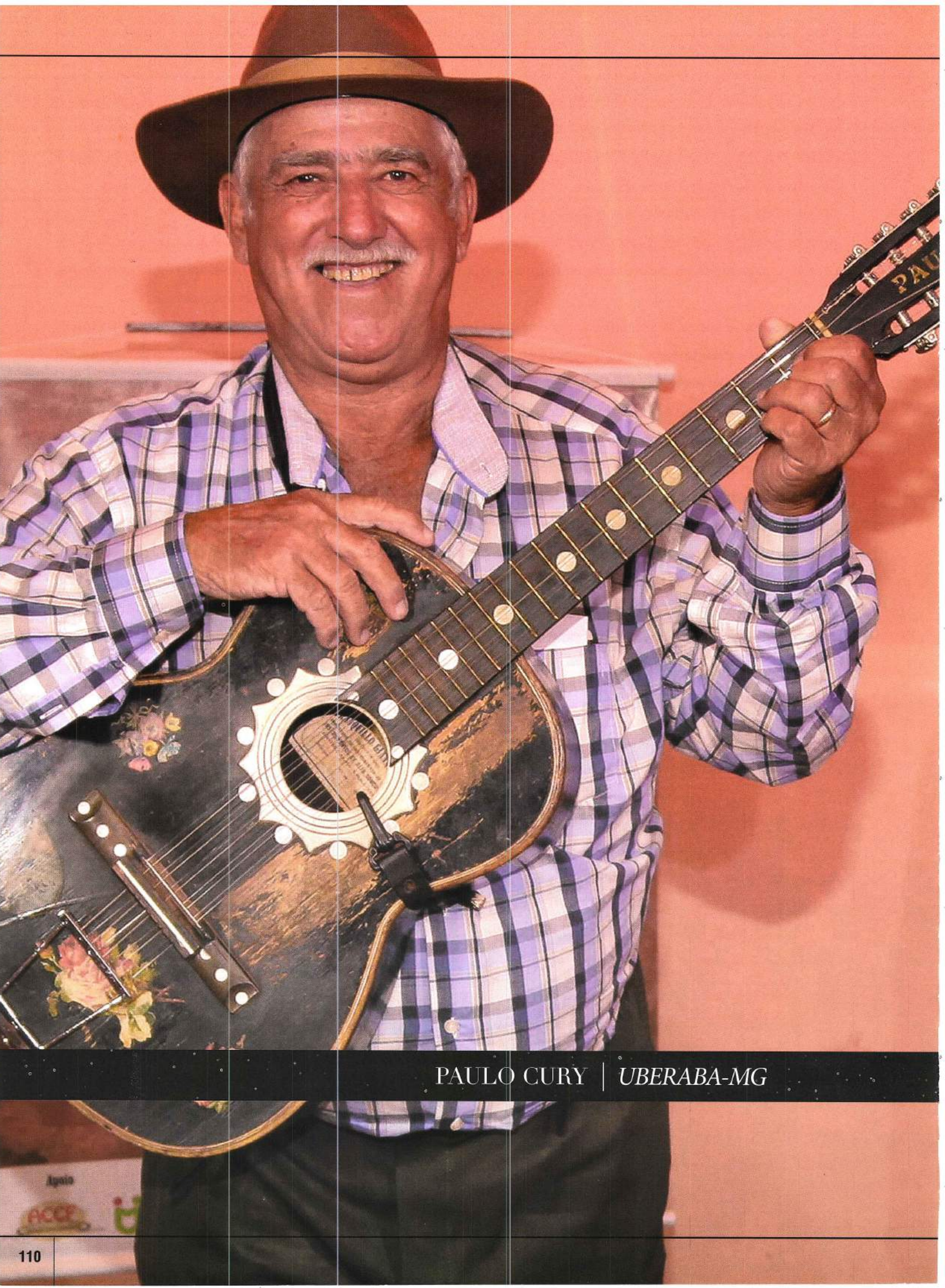
Eu faço minha parte. Não é fácil, mas a gente vai levando. Tem hora que é uma dificuldade, que a gente tem outros afazeres, tem hora que não tem jeito, mas eu podendo fazer a minha parte, eu estou firme no Catira. Aqui em Poxoréo é bem diferente da nossa região, da minha cultura lá do Goiás. Aqui eles não invocam muito, não tem muita vocação. Mas isso vai mudando, hoje já é bem divulgado, o pessoal gosta, somos bem aplaudidos. Tenho que agradecer o professor Lelis. Nunca esqueceremos dele. Ele foi um cara que incentivou muito, deu muita força para nós. Até hoje ele incentiva, está

sempre junto. Por mim, o Catira nunca vai acabar, vai é melhorar, aumentar os catireiros. O grupo é como uma família. Tem que ser unido, isso é muito bom, isso é uma coisa maravilhosa, por mim não para nunca.

Ele não dança, nem toca a viola, mas quando o assunto é Catira a força para continuar é tão grande que Ramon faz um depoimento apaixonado.

Esse trem tem que ter tempo. Mas quando os meninos dançam é a mesma coisa de eu estar dançando. Eu incentivo. Eles fazem por mim. A dança nossa mudou um pouquinho. Hoje é diferente. Mas o nosso Catira é muito bonito. Eu estou formando esses meninos não é pra fazer barulho, nem é para ficar atrás de ganhar dinheiro, é porque eu gosto, eu quero ver eles tocarem, dançar nas nossas festa de família, dos amigos. Tem hora que a gente está aqui e toca o telefone. É alguém dizendo que tem uma apresentação em tal lugar, o pessoal gosta. Mas por mim eu não ia. Os catireiros ficavam só para mim, para os meus eventos, fazer as apresentações para os meus amigos, meus parentes, de tanto que eu gosto.





PAULO CURY | UBERABA-MG

“*Eu não era violeiro, toda vida eu fui palmeiro, marcador de palma, aí eu passei a tocar para continuar a incentivar.*” (Paulo Cury)

Paulo nasceu para o Catira. Saía de casa, desde criança, e esquecia a hora de voltar por causa da dança, da viola, dos amigos que fez, ainda na infância, e foram grandes influências para desenvolver o amor pela tradição.

Desde a idade de quatro anos eu saía para cortar o cabelo na rua Padre Zeferino, no salão do Antônio Anias, que para mim era o rei dos catireiros, o maior dançador de Catira que eu conheci na vida. As violas ficavam no canto de parede e seu Antônio junto com o seu Antonino de Paiva começavam a tocar e eu sempre chegava em casa atrasado. Eu ficava sentado na cadeira encantado. Eu chegava em casa e minha mãe me batia, o que eu já apanhei por causa do Catira.

Tinha dia que chegavam os Borges e eles ficavam tocando e isso ia até tarde. Eu também corria para ver as Folias. São as duas coisas que eu persegui na minha vida. Brinquei muito com os Borges, no tempo do Virmondés, do Orozimbo Fabiano, Juca Candido, Antonino de Paiva, Zezé Cassimiro, Pagodinho com o Nico, são os grandes violeiros que tinham.

Eu sou um catireiro apaixonado pela tradição e hoje já estou com 69 anos de idade. Eu casei com 21 anos de idade, aí vieram os filhos e a família começou a crescer. Sempre tinha aquele negócio de tocar o Catira lá em casa. A sala de visita dos catireiros era na minha casa, tanto os Borges, como o Zé Raimundo, com a turma da Vila Santa Maria, Zeca dos Anjos, Chico Carreiro, Nenê Mulato. Todo sábado tinha Catira e os meninos foram crescendo e as meninas, também, todos foram aprendendo e meu Catira foi passando de geração. Começamos a formar o grupo na década de 70.

Durante a vivência do Catira muitas histórias se acumularam. Algumas feitas de convites importantes. Em um tempo onde uma decisão significaria deixar os amigos, a lealdade foi maior do que o sonho de ir para a cidade grande.

Eu não era violeiro, toda vida eu fui palmeiro, marcador de palma. Então, os violeiros eram o Zeca dos Anjos; Antonino de Paiva com o Zezé Cassimiro; o Antonio Anias e Zezé; o Pagodinho e o Nico e tinha outra dupla que era o Nenê Mulato e Zé Quirela. Violeiro tinha demais. Ainda o Juca Cândido com o Virmondés; outra hora era com o Orozimbo Fabiano. E eu sempre no meio, aí eu passei a tocar para continuar a incentivar.

Nos primeiros anos que eu participei não era uniformizado. A pessoa se apresentava da maneira que ele podia, mas foi evoluindo e para apresentar melhor, com a chegada da televisão, surgiu o uniforme. Eu apresentei na Manchete quando a rede veio para Uberaba, com Vieira e Vieirinha, e eles queriam me levar pra São Paulo. Eles falaram assim: - Larga essa velharada e vamos embora! Mas eu respondi que aqui é minha terra natal, eu vou ficar.



Os dois já morreram e eu fiquei! Na época, falei pra mulher que não adiantava ir para São Paulo, eu até tinha loucura para conhecer, mas não fui. Fiquei sozinho. Fizemos outra parceria, uma era um senhor de idade que gostava das coisas muito certas. Então, por exemplo, se ele ia cantar uma moda, e começasse com a letra A, os versos tinham que terminar com a letra A. E eu pensava como ia fazer isso. Para você ver o tanto de acontecimento, no tempo de criança eu já fazia composições com as músicas misturadas. Juntava os Recortados.

O grupo traz em sua origem a identidade dos pioneiros. Uma herança importante que fortalece a cultura que edificou o passado e, agora, enfrenta o desafio de encontrar espaço entre as novas criações da modernidade.

Eu ajudei muito o Manoel Telles a cantar, quando ele estava com falta de companheiro. Aprendi muito as composições e canto bem esse repertório. Fomos formando o grupo em família e fazer os ensaios e as criações em casa ficava mais fácil. Porque é a mesma coisa quando você tem que buscar uma boiada no pasto. Você vai pegar um boi em um lugar. Depois tem outro longe. Assim era antigamente. Tinha catireiro em muitos bairros de Uberaba e eu não me afastei dos companheiros, mas com a família dançando e tocando ficou mais fácil fazer tudo dentro de casa.

O olhar para o horizonte é um momento de sentimento que será traduzido em uma letra, um Recortado, um novo passo na coreografia. A invenção que oferece dinamismo e atrai novos participantes para essa grande vivência popular.

Eu gosto de criar. Tinha um senhor, seu José Dias. Ele era maquinista da Fepasa e compunha letra para a Moda e eu cantava no Recortado. Um dia falaram assim:- Você é criminoso! Dá Moda para você cantar e você canta em Recortado. Eu logo respondi que eu achei que ficou muito bonito no Recortado.

Então, eu canto várias composições assim e faço, ainda, um pouco de improviso. Só não escrevo. E vamos seguindo juntos nessa família. Meus filhos, meus netos dançam desde pequenos. Já apresentamos muito. Em Barretos, as apresentações das crianças eram vistas por apresentadores, artistas.

O Catira é uma dança segura. Ela tem até senha. Eu, por exemplo, quando eu brincava de Catira com os Borges, antigamente, tinham uns puxadores de palmas que, às vezes, faziam que iam começar, mas não começavam. Era só para ver se a turma estava boa mesmo, se a marcação estava certa, porque as pessoas precisam estar em alerta.

Catira é muito sério. É como você colocar dez bois para puxar um carro. Se um vai e os outros não, fica no mesmo lugar. A pessoa tem que ter certeza do que está fazendo. Eu falo para as minhas filhas:- O negócio é o seguinte: o batidão é no compasso, quando entra no Recortado você muda, porque se você apresentar tudo de uma vez, perde a graça. Quando vamos viajar é outra estratégia. Tem que mostrar um estilo de cada vez, porque você faz mais de uma apresentação.

A experiência traz novidades que o tempo não conservou. Acontecimentos de uma época que, agora compreendidos, contribuem para montar o grande repertório do Catira e de seus primeiros participantes.

Em Uberaba eu ainda peguei o tempo onde tinha o lugar da senzala, onde os escravos dançavam. Tudo isso está na origem do Catira. Eu preservo no coração. Têm muitas dificuldades para preservar. Em administrações passadas na cidade, o prefeito incentivava. Minha filha foi professora e dava aulas de Catira para os jovens. Mas o mandato acabou e o trabalho parou. Os meninos desanimaram.

Eu ainda era solteiro e fizeram uma reunião dos catireiros na praça do mercado. Aí a turma da Vila Santa Maria, era o Zé Raimundo com o Manoel Morato, eles foram apresentar o Catira. Eu achei fabuloso. Eles cantaram uma Moda que eles fizeram. Eles apresentaram a

Moda do Chico Xavier. Aquilo chamou a atenção e eu fiquei doidinho com aquela letra.

Às vezes, vamos visitar os companheiros. Esses tempos consegui um CD de uma música que o Manoel Telles fez para o Zé Matheus. Era uma fita que arreventou, mas Paulo Lemos levou e conseguiu salvar. Fomos eu e minha mulher fazer a visita. Chegamos, ele sentado na sala com a perna cruzada, sozinho e o mato tomando conta do sítio. Eu cheguei brincando: - Vim aqui para o senhor ir para Uberaba comigo, para fazermos um DNA, porque todo mundo fica perguntando se eu sou seu irmão! Ele achou bom, riu e foi fazer um café. Ficou naquela satisfação. Aí entreguei o CD, mas ele não tinha equipamento para tocar, mas o filho dele falou que ia levar.

Paulinho acredita que a modernidade não pode ser maior do que a tradição. Para ele, os novos violeiros, novos catireiros devem continuar a defender essa paixão.

O Manoel Telles deixou a semente. Eu sinto muita falta dele, porque eu gostava demais das poesias, das letras. Ele cantava muita Moda. Tem uma dupla aí, tan-

to eles podem pegar como eu podia pegar, porque eles têm problema de visão, lá do Instituto de Cegos, aqueles dois homens cantam Moda boa de Catira, é o Marcão e o Vandeir, eles cantam bem, eles cantam pra turma de Frutal. Lá, eles também têm dificuldade com violeiros.

Agora o que tá me pegando é um companheiro, eu vou ter que pagar um, tanto pra tocar viola como cantar, tanto faz. Um violeiro como ele não canta sem receber, é o Paulinho Cavaquinho. Era um colega que eu tinha no tempo que o Gilberto Rezende fez aquele Long Play. Ele tocou na companhia de reis, e ele pra tocar pro Santos Reis ele cobra. Eles vêm buscar ele lá de Campo Florido e paga pra ele fica lá cantando. Nessa época ele cobra. Eu falei pra ele: Paulinho você não pode fazer isso, mas ele falou: quem que vai tratar da minha família? E ele é um pedreiro bom, e o danado do homem toca mesmo sabe, mas eu podia pega ele pra cantar comigo, ele é ligeiro nos dedo, bão pra tocar viola, mas ele, como diz, tem que ter renda pra ele. E o Catira nosso pra dar continuidade, apesar de que os violeiros foram embora, então, tá difícil, eu canto sozinho, o que eu aprendi eu canto sozinho. Quê que vai fazer, né?





ESTHER RODRIGUES ARAÚJO | PLANALTINA-DF
VICTOR

Esther é a coordenadora de dois grupos de Catira. Um só de meninas, chamado Sistema Brutas do Catira e outro de meninos – Os Brutos do Catira. Uma história de superação e amor pela educação.

Eu fico emocionada. Sempre gostei. Eu estava girando na Folia de São Sebastião, em 96 se não me engano, um senhor chegou e perguntou por que eu não dançava Catira? Eu disse:-Cansa demais! Eu já sabia dançar, mais era uma coisa difícil. Eu não vou nem aprender esse negócio porque é muito cansativo, ficar aí pulando!Ele me puxou a orelha e falou:- Sabe Esther: como você é uma foliona devia estar ajudando seus companheiros e incentivando as outras pessoas. Eu aprendi e sempre levei essa lição. Tudo tem um incentivo na vida e o Catira é uma dança tão gostosa de dançar.

Eu nasci e cresci em Planaltina. Desde então, eu ouço e vejo a dança do Catira. Aprendi que é uma dança de palmas e pés e o amor que eu tenho pelo Catira vem desde a infância. Eu fui aprendendo e hoje estou ensinando. É muito gostoso. A dança é muito extensa e a gente resume. Desde que eu conheço chama-se Terno de Catira, não sei se as pessoas falam outra coisa.

Eu venho girando Folia do Divino desde os 17 anos. Aqui em Planaltina nós temos três Folias: a Folia de Reis, a Folia de São Sebastião que é no mês de janeiro e a Folia do Divino. Antigamente, em cada casa, cada morador, folião mais velho, tinha um Terno de Catira. Eles faziam convites para a gente. Eu ia, ficava olhando. Sob o incentivo deles eu entrei. Nem sabia quando era pé, quando era mão, eu me sentia perdida. Com isso, eu

“O ponto central dos dois grupos de Catira é minha casa. Não é muito grande, mas é lá onde nasceram todos eles.” (Esther R. Araújo)

ia aos treinos e fui aprendendo, aprendendo, aprendendo... Agora já são, mais ou menos, 10 anos de estrada. Já ensinei muita gente e passando isso para frente.

Tudo começou com o incentivo da Simone. Ela é presidente do Centro Histórico de Planaltina e uma vez viu meu trabalho com as crianças, um grupo de Catira mirim que se chamava Catireiros da Paz. Por mais que a gente evitou, eles criaram uma rivalidade e passaram a querer pular, dançar melhor um que o outro, por isso, eles escolheram esse nome. Esse trabalho já vem desde 2006, 2007.

Os grupos são formados por adolescentes. É uma nova concepção de desenvolvimento da cultura por meio das novas gerações.

Eu tinha um sonho, e graças a Deus está sendo realizado. Era uma grande vontade de fazer um grupo de moças, de adolescentes meninas e consegui. Eu, juntamente, com minha filha Elomara, que tem 15 anos. Foi ela quem me ajudou e ajuda. Eu organizo e ela me ajuda a ensaiar. Nós convidamos as pessoas, ensinamos e, no máximo em três semanas a gente já põem ela pra dançar. Fizemos um conjunto de oito meninas e deu certo. Elas mesmas acharam, pesquisaram esse nome –Sistema Brutas do Catira– e ficou muito bom. Elas têm uma pisada maravilhosa. Dançam bem demais. Demos sequência e nasceu o outro grupo – Brutos do Catira– são meninos. A maioria de filhos, netos, bisnetos de foliões. Eles já tinham noção.

Às vezes, alguns jovens vêm e nem gostam... Mas a gente vai conversando. Eles assistem os outros dançando. Então, eles pegam aquele carinho e vai! Assim a gente consegue passar como é a tradição. Também, te-

mos uma orquestra de viola de adolescentes. Esse projeto tem pouco tempo. Meu amigo chamado Léo, um dia falou:- Esther, já que o grupo de Catira deu certo porque não formar uma orquestra de violeiros adolescentes? Então, fizemos convites a algumas outras pessoas e deu certo.

Víctor é um dos adolescentes que participam da orquestra. Ele conta como se interessou pelo projeto.

Foi mais por causa do meu primo Henrique que me convidou. Já tinham dois anos que eu tocava viola e, agora, Catira. É legal, eu gosto! Desde pequeno eu gosto de Folia.

Os ensaios são verdadeiras festas. Um tempo para encontrar novas coreografias para o ritmo. Mais uma vitória dos grupos: começar a fazer as próprias composições.

Já está no sangue porque eles pegam o ritmo muito rápido. Mas a gente também inspira! Se errou, volta. Se os dedos doem, espera um pouquinho. Descansa e recomeça. O carinho é a chave de tudo.



Eu tenho esse amigo, também, esse parceiro que é o Léo. Ele fez uma música para Catira. Ela está sendo elaborada e já está quase pronta. Já está com dois violeiros. Agora vamos passar para os catireiros. O ponto central dos dois grupos de Catira é minha casa. Não é muito grande, mas é lá onde nasceram todos eles. Três vezes por semana ensaiamos, alguns estudam, alguns trabalham e a gente sempre encaixa uma coisa com a outra. Todos os dias, cada um aprende um pouquinho. Até eu aprendo com eles. Ensino, também. A gente inventa passos, ensaia. Ninguém sabia dançar Catira e hoje todos têm isso no coração, gostam!

Ao ensinar Catira, a educadora foi descobrindo que a integração formada pela dança permitia abrir caminho para novos conhecimentos. Um aprendizado que extrapola os tablados e ganha identidades para uma nova vida.

Os dois grupos são disciplinados. A ética é fundamental porque a gente vai lá fora mostrar o trabalho, fazer apresentações em escolas, universidades, até fora da cidade. E temos que ser atenciosos com as pessoas. Acolher as pessoas. Queremos resgatar alguns jovens que estão no meio das drogas, sempre vai ser complicado, mas a gente tem que tentar. Desde o dia em que

montei esses dois grupos, a gente não ganhou um centavo de apoio. Tenho um projeto que está dando até certo, graças a Deus. Estamos levando a dança do Catira para as escolas públicas e está sendo bem aceito. Todo mundo precisa de patrocínio, mas nem tudo nessa vida é dinheiro. A gente quer levar alegria, a gente quer levar o abraço. Uma criança vendo o Catira ela nem pisca! E logo ela quer aprender. A gente está vendo cada sementinha plantada.

E tanto tempo convivendo na tradição serve de inspiração para se lembrar de momentos divertidos vividos nas apresentações. Situações que mostram a criatividade dos violeiros e as narrativas dos acontecimentos mais inusitados, que se transformam em novas composições.

Geralmente falam que um Recorte foi feito para ser motivo de brincadeira dentro do Catira. Porque o Recortado é a brincadeira de falar mal de um amigo, mal de um arroz queimado, porque teve um tempo que nas Folias as cozinheiras queimavam o arroz... Alguns foliões violeiros que estavam lá na hora elaboravam um Recortado. É a hora dos catireiros rirem. Algumas músicas sertanejas passaram para dentro do Recortado, mas tudo muito bem casado. Podem-se cantar muitos temas





de uma amizade, de namoro, até de mosquitinho! Teve uma vez, em 89, eu estava na Folia de Reis na hora que foi cantar para agradecer a mesa, tinha um mosquitinho em cima de um pão. Os violeiros pegaram a inspiração e foram para o Recortado, foi a maior graça a brincadeira com o mosquitinho. Todos riram.

A falta de apoio é um ponto fraco. Mas a esperança de dar continuidade no sonho é mais forte.

Penso que é igualzinho em um circo, se um palhaço morre, sempre tem alguém pra substituir, pra fazer os outros rirem. Eu acredito muito que a dança do Catira desinibe muitas pessoas. Promove a interação, boas conversas, e isso vai ensinando a socializar, a interagir com o público. É desafiante porque a tradição do Catira, da viola, vem morrendo. Está se esvaindo devagarzinho. Vários outros grupos de Catira, dentro de Planaltina, adormeceram porque não têm incentivos. É muita responsabilidade. Tem que montar o grupo, ensinar e ensaiar.

Depois tem uniforme e como a gente não tem um poder aquisitivo, temos que correr atrás de patrocinador. Muitos ajudam, outros ignoram. Tem até os

que pensam que é só brincadeira. Eu estou levando e seguindo em frente. É um trabalho sério. A gente tem muita dificuldade com o transporte. Os pais vêm nos ajudando no caso de um evento que os catireiros vão fazer uma apresentação.

Fatos engraçados marcam a trajetória dos grupos. Situações do cotidiano que mostram como é o contato de novos públicos com as antigas tradições.

Tivemos um evento na FAE – Faculdade de Águas Emendadas e foi a primeira apresentação do grupo as Brutas do Catira e formamos tudo pra subir no palco. Eu vi essas meninas tremendo tanto, dançando igualzinho robô. Eu falava para elas se soltarem, mas acontece que entramos sem violeiros e na hora que nós começamos a bater o pé em cima desse tablado, foi um barulho tão estrondoso, que o pessoal começou a gritar, pensando que era uma bomba. Foi muito engraçado. O povo assustou, a gente quase morreu de susto, quase que nós, também, saímos do palco correndo, pensando que era uma bomba. Quero aproveitar para agradecer. Que Deus e o Espírito Santo abençoem. Esse projeto, também, é um incentivo. Essa ação dá novo ânimo.



LÉO VITOR | SILVANIA-GO
EDER MENDES

Eder Mendes é catireiro e professor. Ele dança no grupo Os Considerados e coordena dois novos grupos, As Consideradas e o Sangue Novo. Trabalhando com adolescentes, ele descobriu o caminho para preservar a tradição. Uma paixão que ele descobriu conhecendo as antigas gerações.

A origem do Catiraé uma tese, eles falam que trouxeram os instrumentos de corda de Portugal. Os portugueses tocavam um tambor e a viola e acalmavam os índios bravos. Eles iam escutando o som, batiam as mãos e os pés e assim nasceu o Catira. Na minha vida o Catira começou quando um amigo, o Léo Vitor, me convidou para ver uma apresentação. Eu pensei: o que será isso? Nem sabia o que era. Cheguei lá e tinham mais de 100 pessoas dentro do curral e começaram a bater o pé e a

poeira a levantar e com aquilo eu fui arrepiando. Gostei e ele falou assim:- Você vai fazer dois passinhos, se você der conta, você vai entrar nesse Catira. Eu fiquei treinando o dia inteiro e cheguei lá todo empolgado e fiz. Isso foi em 2000 e estou firme até hoje.

Eu dou aula no aprendizado Marista desde 2009, é um colégio que tem as oficinas, tem Catira, dança, esporte e capoeira. Eu escolhi um grupo de meninos, mais ou menos uns 300 meninos para ensinar. Fui selecionando os que tinham mais facilidades e fiz um grupinho que se chama Sangue Novo. Esse grupo sai apresentando pelo Brasil afora. E o grupo As Consideradas foi por causa de duas meninas que gostariam de aprender. Nosso ritmo é diferenciado. Eu que monto a coreografia dos dois grupos e o nosso batido é mais compassado. Eu

“*Meu interesse é por causa do meu pai mesmo. Quando perdemos ele, para mim, foi um choque. Eu não queria mexer com Catira, mas por causa dos meus filhos terem uma história, decidi prosseguir.*” (Léo Vitor)

faço o som na boca para eles pegarem o ritmo. Depois vou pedindo para eles baterem o pé e vejo quem tem facilidade de coordenação motora, raciocínio rápido, mas ninguém é excluído. Mesmo quem tem dificuldade, um dia aprende.

A cidade ficou famosa como sendo berço de catireiros. Para o professor, a modernidade trouxe inovações importantes. Ele acredita que é possível manter as origens e criar novas identidades para o Catira.

Nossa cidade é a cidade dos catireiros. É o berço caipira. É uma tradição que começou na família desses meninos com os avós deles. Temos muitos grupos de folia e isso incentiva, também. Os Considerados já têm renome, viaja muito e isso para os meninos é maravilhoso. Eu pesquiso muito. Aproveito a onda da internet, eu estudo. Assisto e analiso ritmo por ritmo. Vou a Minas e aprendo o batido deles, Goiás, Brasília, São Paulo. Pego cada ritmo vou observando a toada mais fácil e a mais bonita para colocar no grupo. Pego aquela coreografia antiga e transformo para a modernidade. Já pensamos em compor. Os meninos vão começar a experiência compondo para a escola. Eles mesmos pesquisam. E, também, pegamos Moda de outras pessoas para não deixar morrer.

Ética e organização fazem parte do vocabulário dos grupos. O objetivo é estender aprendizados além do tablado. Lições que ficaram para a vida.

Eu gosto muito da disciplina com eles, porque não é

fácil os fazer compreender o Catira. Eu mostro do início. Eu pego autorização dos pais, e vamos conhecer a fazenda, mostrar para eles que lá já existiu um catireiro. Às vezes, encontramos pessoas que estão adoentadas e dançamos e elas choram de emoção. Essa vivência faz com que eles gostem de apresentar para o povo ver o que é bonito e, também, é uma oportunidade para tirar a molecada da rua. O Catira faz parte da minha vida, eu trabalho com isso, eu ganho dinheiro com isso. Uma tradição que vem da minha família por parte de pai e aprendi a gostar porque é muito bonito. Quando você vê a pessoa rindo e ela vem dar os parabéns pela dança!... Isso não tem preço.

Divertidas histórias fazem parte do repertório dos grupos. Experiências e fatos que marcaram durante as viagens, as apresentações. Detalhes que juntos compõem um manual de superação e evolução.



A gente foi em Goiânia e alguns nunca tinham ido. Eles estavam animados, encantados. Passamos pelo Serra Dourada e disse que já tinha jogado lá. Conteí para eles de brincadeira porque era tudo mentira. Chegamos lá, tinha uma mesa grande e farta e todos lancharam. Um dos cantores estava tão ansioso que ele ficou nervoso. Então, deu uma dor de barriga. Para acalmar esse menino foi difícil! A senhora que estava servindo ofereceu mais achocolatado. E por causa do que aconteceu, os meninos falaram para não beber que estava estragado. Foi a maior farra para eles. Isso ficou na memória. Nem estava estragado. Foi o nervosismo deles. Mas deu tudo certo, tinham umas mil pessoas e eles fizeram muito bonito.

O coordenador do grupo de Catira Os Considerados, Léo Vitor, comemora mais de uma década nessa trajetória.

O Catira é uma dança muito boa. Ela é educativa. Caminha juntas a cultura e a educação. Nosso grupo

completou 13 anos e já passaram por ele 58 componentes. Começamos na região e, hoje, graças a Deus temos contato no Brasil quase que inteiro. Se eu danço Catira é por causa do meu pai Durval Vitor. Quando começou o Catira, de jovem, só tinha eu. Eu interagia no meio dos senhores mais velhos, os amigos do meu pai. Se não fossem eles, não teríamos o grupo de Catira Os Considerados. O violão, a Moda bem cantada, o Recortado, as crianças começam a escutar e passam a gostar.

Minha família é muito grande, muito interessada. Todos gostam da cultura, gostam do Catira. Para mim é uma satisfação muito grande saber que meus filhos estão dando prosseguimento. Se eu parar, se eu não der conta mais, meus filhos, meu netos, vão seguir. Tudo começou com meu avô Sebastião Olímpio Vitor, que passou para o meu pai e nossa família interessou e seguiu a cultura do Catira.

Tem doutor, veterinário, engenheiro agrônomo, bombeiro, federal, advogado que já passaram por aqui.



Nós, também, ajudamos a projetar as pessoas para um caminho bom. Tudo começou quando meu pai formou o grupo “Folia de Todos os Santos”. Geralmente, o pessoal conhece Folia de Santo Reis. A Folia de Todos os Santos é comemorada nas festas de São Sebastião, Nossa Senhora da Abadia, São João Batista, Divino Espírito Santo. Meu pai tirava a Folia da região do Rio Velho e andava por todo o lado. O Catira sempre fez parte da Folia. Começa com a pregação, tira a Folia, daí reza o terço, faz as orações e depois vem o Catira. Assim, ele formou essa cultura. Eu aprendi o Catira tradicional, mas eu via necessidade de mostrar mais o potencial da nossa cidade, do nosso município e investimos no Catira renovado.

O rapaz dono do nome Os Considerados, ele é de Luziânia, lá tinha o grupo de cavalgada, de Catira e de Folia. Eu perguntei se podia formar o grupo Os Considerados de Catira em Sylvania e ele falou que sim. Eu registrei o nome, a patente. Então, é assim. Temos parcerias grandes, têm padrinhos nossos por todo o Brasil. A dupla Zé Mulato e Cassiano é nome de peso; tem o Fernando e Osmair, Mozart e Mozair, Floriano e Mirandinha, Galvão e Galvãozinho e outros. Interagimos com a dupla João Régis e Renan, e fizemos uma parceria muito forte. E o Catira entra no show deles.

Disciplina é fator fundamental para o coordenador. Por meio das regras e acolhidas, ele investe na formação de uma cultura que celebra as boas tradições que o futuro precisa reconhecer e preservar.

Quando nós começamos, nós ensaiávamos uma hora todos os dias. Eu cobro muita disciplina, ter treinamento constante. Tem um militar da reserva aqui, que um dia, acompanhando nós, ele falou: - Léo, eu gosto muito de ver o grupo porque você é muito disciplinado. Os meninos têm uma postura imponente no palco. Isso é muito motivante. Se uma pessoa da autoridade dele chega e incentiva a gente é muito bom.

Temos parcerias importantes. A gente faz o Catira



show. Por exemplo, o João Régis e Renan, a dupla fecha um show e eles já incluem no pacote o grupo de Catira Os Considerados. Quando dá certo levamos, ainda, As Consideradas e o Sangue Novo. São três atrações diferentes. O pessoal gosta, não tem um lugar que apresentamos que não somos aplaudidos! Então, nós temos remunerações, contratos, estamos tendo muito apoio da Secretaria da Cultura, da administração nova. Tudo isso é muito importante. Se não tivermos esse apoio, esses incentivos do município, fica difícil para o grupo que está começando.

Em Silvânia nós temos o grupo dos mais velhos, nossos mestres. Temos que lembrar sempre. Quando tem algum festival, vamos com os quatro grupos. Chegamos e já fazemos a festa. Eu tento passar confiança para eles. Tento me manter em forma para aguentar o ritmo. Minha satisfação é ver meus filhos dançando.

Muitas músicas são de composição própria.

E o Éder, eu falo que ele é meu irmão gêmeo, nós somos igual televisão antiga: preto e branco! Por termos começado junto o grupo, ele me ajuda muito. Algumas composições são nossas. Quando vamos gravar, se é uma regravação, a gente pede autorização. São duplas que já estão nos acompanhando há muito tempo. Já es-



tão no mercado, só falta a oportunidade para virar esses meninos que nós não precisamos citar, mas que a mídia está em cima deles, mas agente chega lá.

O Recortado mudou sim. Já tivemos críticas, mas hoje a maioria dos grupos toca pagode no Catira. Não deixamos de manter a tradição, preservar as origens, porque sem o Catira tradicional nós não teríamos o moderno, mas é importante evoluir. Entender que algumas coisas mudam e o tempo vai entrando nesse mundo virtual, você tem que se adequar, também! Respeitamos os tradicionais e acreditamos que é bonita essa união do antigo e do novo. Nunca vamos menosprezar ninguém. Todas as pessoas merecem respeito. É importante dar o espaço, tem lugar para todo mundo. Quando as pessoas passam a acompanhar a Folia, o Catira, entendem na hora o que está manifestando. É muito bom!

O grupo se tornou uma grande família unida pela paixão pela dança. Catira para eles é uma filosofia de vida.

Eu brinco que aprendi a dançar Catira depois que eu casei, para ter um motivo para sair de casa! Mas não é! É só brincadeira. Meu interesse é por causa do meu pai mesmo. Quando perdemos ele, para mim, foi um choque. Eu não queria mexer com Catira, mas por causa dos meus filhos, para terem uma história, decidi prosseguir. Ninguém fica para semente. A única verdade que a gente tem, infelizmente, é a morte! Enquanto ela não chega, nós vamos manifestando porque está no sangue.

A gente gosta. É a maior satisfação você chegar e dançar assim, e a pessoa vem te abraçar. Eu fico feliz demais, faz parte da minha vida, faz parte da minha família, minha esposa, meus filhos! Minha filha de três anos fala assim:- Papai, eu vou dançar Catira e tocar viola. É uma emoção. A gente passa para eles.

No mundo que estamos hoje, com drogas e essas coisas, graças a Deus, a gente não tem preocupação porque o Catira nos une. É uma cidade pequena, conhecemos tudo, eu vigio de perto meus filhos, os componentes do

grupo, porque eles também são nossa família. Tem muita dificuldade, principalmente quando está começando, se não tiver um apoio financeiro. É caro um uniforme, é caro o transporte, alimentação, hospedagem. Tendo o apoio do município, da secretaria de Cultura, a gente fica mais firme. Graças a Deus estamos tendo um respaldo da nossa secretaria de Cultura, do nosso secretário, do prefeito, vice-prefeito. Isso é muito importante. Se não tiver isso, não existe cultura, é preciso ter as parcerias. Também, não podemos acomodar e querer tudo de graça. Temos que fazer projetos, apresentar, mostrar do que você é capaz! A maior riqueza que eu tenho é o Catira, minha família, meus amigos. O dinheiro faz parte, ajuda bastante. Eu não me vejo fora do Catira. Então, se tem futuro ou não, se depender de mim, enquanto eu tiver vida e saúde eu vou prevalecer. Vou estar na frente e lutando para ele estar em alta.

As amizades conquistadas pelo caminho consolidam parcerias que promovem o Catira. Até nos lugares onde a dança ainda é incompreendida, aparecem apaixonados pelo estilo e que defendem o valor dessa tradição.

Uma vez tivemos um encontro e quando fomos apresentar, apresentou primeiro a nossa Folia e eles falaram:-

Aqui é só encontro de Folia! Não é encontro de Catira! Eu gosto de dar a resposta na hora, eu falei:- Eu nunca vi uma Folia que não tivesse Catira e nunca vi um Catira sem Folia. Mas quem tem padrinho não morre pagão. Apareceram os donos do show da noite e eles iriam finalizar. Chegaram e pegaram a conversa. Aí ele falou:- Léo, isso aconteceu porque vocês não fazem parte da Folia, vocês fazem parte do nosso show! Isso marcou muito. Acabou que apresentamos no palco principal, para mais pessoas e assim ficou mais empolgante. Os meninos gostaram muito de apresentar, porque eles tinham assistido a inconveniência e ficaram humilhados. Eles não dançam só para aparecer. Eles dançam porque gostam. O Catira ensina muita coisa boa. A gente passa a noite ali conversando sobre bons exemplos, escutando um Catira, escutando uma Moda. É muito gratificante.

Do Catira só podemos esperar boas coisas. Onde tem Catira tem pessoas do bem, honestas, que gostam de mostrar cultura e cultura é educação! Uma sociedade sem educação, não vira, não vai. Várias manifestações folclóricas, que têm que ser olhadas mais de perto, mas eu falo em prol do Catira, e digo: acompanhem! Escute um Catira, veja a manifestação, ouve aquela conversa. Você vai ter um novo pensamento.





HERNANDES TAVARES DA SILVA | SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-SP

“Então, você vê um catireiro de 80 anos e pensa que ele não dança mais. É aí que você se engana. É ele o verdadeiro dançador de Catira.” (Dioraci)

Com histórias emocionantes, ele conta a trajetória do Catira na própria vida, na região, passando por percepções que levam a dança rumo à preservação.

Eu danço Catira desde criança porque meu pai era catireiro. E bom! Catira foi a fusão da dança indígena junto com a dança chamada de “vira” feita em Portugal. Junto com o Padre Anchieta houve uma mistura, introduzindo a viola que, também, vem de Portugal. Foi uma combinação de duas danças.

Eu nasci aqui pertinho do Estado de Mato Grosso divisa com Minas Gerais, e tinham tribos indígenas e foi questão de tempo para essa divulgação chegar aos povoados, nas cidades. A única diversão que tinha era o pessoal se encontrar e tocar uma viola e foi acontecendo.

Na escola, a molecada me chamava de caipira.

Eu adoro São José do Rio Preto. Estou aqui há quase 40 anos. Eu vim do sítio e sofri muita discriminação, preconceito. Na escola, a molecada me chamava de caipira, de tonto, porque antigamente você ser caipira era ser bobo. O pessoal não entendia que era um estilo musical apenas. Eu gostava de pescar, gostava de dançar Catira, gostava de jogar truço, que eram as coisas do sítio. Galinhada, Folia de Reis... Como que eu ia divulgar isso na cidade? Os moleques gostavam era de jogar bola, eu gostava de nadar no córrego, eu gostava de andar a cavalo. Mas tive que pular para o lado de cá e tentar convencer eles que eu não era do mal, mas isso durou algum tempo. Em 1970 já tinha um canal de televisão e eu fui correndo fazer o que eu gostava. Tinha um programa de música sertaneja e lá apresentava grupo de Catira.

Dos oito filhos homens, só um não tocava violão.

Meu pai era catireiro, todos os irmãos dele e todos

os irmãos da minha mãe, também. Naquela época era muito forte. Quase toda família tinha um sanfoneiro ou tinha uma viola. Na minha família somos 11 irmãos. Eu sou o caçula, todos os meus irmãos, minhas três irmãs dançavam Catira. Dos oito homens só um não tocava violão, mas cantava afinado. O que você acha que vai acontecer numa casa onde têm 13 pessoas, onde você olha pra um canto tem um violão, você olha pro outro tem um violino, você olha pro outro tem uma viola, chegam os finais de semana, as principais culturas é dançar Catira, cantar moda sertaneja, cantar para as almas, essa cultura desapareceu.

Antigamente tinha o cantar pras almas, nós usava muito, todo ano cantava pras almas, e era jogar truço, galinhada, carneirada, o quê você acha que vai acontecer com uma família que está com os instrumentos tudo à vontade, ali? Não tinha televisão, e meu pai deixava ouvir rádio, o Repórter Esso, e mais meia hora do Sertanejo Classe A de São Paulo, que era as duplas famosas cantando ao vivo. Todo mundo vai seguir, e é o que aconteceu, todo mundo canta, todo mundo dançava Catira, todo mundo gostava de Folia de Reis, foi o que aconteceu.



Na região, a tradição passa por desafios.

Tinham muitos catireiros há 40 anos. Mas foi uma decadência muito rápida. Muita gente acha que é igual ao petróleo, igual à água potável. Vão achando que não vão acabar as florestas, e se não cuidar, tudo vai! As prefeituras, as secretarias de Cultura de todas as cidades devem se unir e abraçar o Catira, retomar os encontros regionais. Contratar gente que ainda sabe para ensinar, para criar novos grupos, para não acabar. É só as secretarias abraçarem e fazerem o compromisso de um grupo por cidade. Depois basta promover o encontro e convidar as outras cidades, que a tradição vai voltar rapidinho.

Eu desenvolvo esse projeto com a secretaria de Cultura aqui em São José do Rio Preto tem uns cinco anos. O Manuel, que é o outro cara, guerreiro, vive tentando manter. Ele administra com excelência e fez a primeira festa, ele fez o encontro de catireiros, sabe quantos grupos tinha? Quinze. Isso há cinco anos. Esse ano sabe quantos grupos teve? Quatro. Não acha mais. E você sabe de onde vinham esses grupos? De Frutal, da Palestina, Paulo de Faria, de Cardoso, de Polônio. Nós ligamos na cidade e não tem mais. Perguntamos pelo grupo que veio no ano passado e eles nos respondem que acabou.

A continuidade depende de incentivos que os catireiros deixaram de ter.

A cultura aqui em Rio Preto cortou as verbas. Eu dava aula de Catira no teatro e foi cortado, também. A vida do Catira não está boa. Iniciativa como a de vocês é coisa rara. Se continuar desse jeito vai acabar, se todo mundo não der algo a mais, se não for ajudando. É como a Folia, quando fizeram uma espécie de uma reunião, uma união. Somente então, começaram a sair os encontros em todas as cidades. Têm muitas exposições, festas sertanejas, rodeios, mas que cidade que faz encontro de Catira? Não tem! Essa é a minha preocupação.

Para você ter uma ideia, aqui em São José do Rio Preto, com mais de 600 mil habitantes, eu sou o único que ensina Catira, e ainda foram cortados os núcleos de São José do Rio Preto, a única escola que tinha no Centro Social acabou. Você forma os grupos e não tem lugar para apresentar. Você tem que ficar mendigando para as pessoas achar um lugar e com isso não se arruma novos alunos. Quando a gente arruma local para apresentar, as crianças adoram. É só questão de incentivo e pode voltar.

Para manter a tradição, a força e a união são encontradas na família. Um caminho que, também, constrói uma importante herança.



É pelo nosso empenho que ainda tem. O único grupo de Catira que tem em Rio Preto é minhas duas filhas, junto com três sobrinhos, mais a Thais que é prima, e eu tenho outro grupo aqui no Centro Social do Estoril. No total, os dois grupos dão umas 16 pessoas. Eu vou na base do coração. Graças a Deus minhas filhas e minhas sobrinhas adoram. Elas gostam de música raiz, elas gostam de Catira, estão aprendendo viola, e não deixaram de fazer as outras coisas, também. Minha filha faz balé, a outra é professora de inglês, isso tudo é cultura. Não quer dizer que se você sabe uma coisa, que você não pode aprender outra.

Eu sou o cara mais feliz do mundo porque eu consegui repassar e manter o grupo de Catira. O meu grupo já é antigo, já tem mais de oito anos. Aonde vai o pessoal aplaude de pé! Nós ensaiamos coreografia nova, porque você sabe, a coreografia tem as tradicionais, antigas, que pertencem ao domínio público, e eu tenho as que crio, também. Eu crio muito coreografia e gosto de coreografar passos mais sofisticados, complicados, porque é assim que dão maior valor. Elas têm uma alegria de aprender novas coreografias. A gente ensaia na casa do meu irmão que é do lado da minha casa ou aqui no Centro Social.

Os catireiros velhos estão morrendo sem ensinar muita coisa e não estão surgindo novos adeptos. Você quer ver animação de uma plateia, as pessoas jogarem o chapéu para cima, é só você fazer um Catira no meio desse pessoal de cavalgada, pessoal de rodeio. Os que gostam de assistir não estão sendo estimulados a serem os novos catireiros.

O talento dos catireiros é inovador. Das novas composições às criações coreográficas, passando pela busca de novas identidades, tudo para esse grupo é motivo de inspiração.

Existem tipos de Catira diferentes. O gingado de antigamente era mais bonito. O Catira tem a ginga própria. Não é só levantar o pé e bater. Tem o jeito de você

entrar e sair do chão. Tem que bater o pé chegando o calcanhar primeiro. Assim gera um duplo batido. Ver os catireiros mais antigos dançarem é uma satisfação. É mais floreado. O violeiro está batendo o verso e o catireiro está prestando atenção. Ele leva o ritmo no pé. Ele entra com o pé diferente e você vê o cara parece que ele está passeando. É a beleza da dança. Não é pular e bater forte, bater firme. Em Minas Gerais tem catireiro antigo bom demais. Então, você vê um catireiro de 80 anos e pensa que ele não dança mais. É aí que você se engana. É ele o verdadeiro dançador de Catira.

Compositor

Também fazemos novas coisas para ficar moderno. Além do Recortado tem a Moda, a Moda de Viola, aquelas Modas cumpridas. A dupla canta um ou dois versos, o pessoal dança uma coreografia, faz uma palma, faz outro verso e o catireiro vem! Eu gosto mais assim, quando intercala com música. Vieira e Vieirinha faziam muito isso. Liu e Léo, e o Zico e Zeca, não sabia que eles dançavam Catira daquele jeito e olha que eu gravei o meu primeiro LP em 1982, justamente na gravadora deles. Eu sou compositor, eu faço música sertaneja, música raiz, música romântica, faço verso de rodeio, faço Recortado.

Diante de tantos obstáculos, o que sustenta a determinação é perceber que as novas gerações podem se apaixonar pelo Catira.

Eu estou com 53 anos e já tem a geração dos 20 que estão levando muito bem. Faz bem feito. Recentemente, eu perdi dois grandes companheiros. Um foi meu irmão de dupla, que era meu parceiro. Outro foi meu irmão mais velho, que era um companheirão. Mas ainda bem que sobrou muita gente pra matar a minha saudade, eu mato a minha vontade com minha família, porque lá em casa, de mamando a caducando, não toca outra música a não ser sertanejo. A criançada pegou gosto. Logo, um pegou violão ou uma viola e canta junto, porque todo

mundo sabe as músicas antigas. Não demora nada já estamos no Catira. Eu sou realizado com minha família.

O pessoal que eu ensino aqui também no Centro Social do Estoril adora o Catira. Eles eram de teatro, eu ensinei e eles vão felizes para as apresentações. Precisa ter mais gente ensinando. Se você pudesse ver dentro do peito desse velho violeiro, o amor que eu tenho pelo Catira e a tristeza que eu tenho hoje, de ver o quanto estão fazendo pouco da tradição. O Catira para mim é como um pai, um filho, um irmão que eu estou vendo que está doente. Que eu vou perder. Tem aí vários doutores, e ninguém quer curar, cuidar. Tínhamos tantas apresentações de Catira no sítio, éramos tão felizes com o Catira.

Eu amo demais essa cultura. Faço qualquer conta do mundo por ela! Com uns cinco mil reais por mês você faz um projeto e uma ação para preservar. Eu não ganhava nem salário mínimo para ensinar, duas vezes por

dia, uma vez por semana, os catireiros aprenderam rápido, então, você imagina pegar dez ONG de Rio Preto e põem cinco mil, quanto que dá isso por mês? Você acha que isso é verba pra Rio Preto? Aqui tem seiscentos mil habitantes. Está sendo mal planejado.

E com tantas festas, Catiras e recordações, Dioraci tem uma história para contar da infância, do estilo maroto do pai dele, que era um grande construtor de alegria no Catira e na vida.

Sempre tinham aqueles violeiros ou catireiros arteiros. Meu pai adorava fazer arte e a gente ria demais. O pessoal vinha em festa na minha casa, não tinha energia elétrica nem tristeza. Tinha mais gente no sítio do que na cidade e meu pai adorava fazer festa. Começava no truco e depois passava para o Catira e já rolava uma galinhada depois, mas quando acabava a comida, na madrugada, ele dizia:- A festa acabou. Só tem mais um balaio de biscoito. Punha um pano em cima do balaio. Muita gente não sabe o que é um balaio, era um recipiente feito de taboca ou de bambu, geralmente o pessoal enchia aquilo de biscoito e distribuía na festa. O povo vinha e invadia, mas meu pai deixava o balaio vazio. Todo mundo ria. Nisso meu pai já tinha ido lá fora e deixado os arreios dos cavalos bambos. Quando o povo chegava e ia montar, já estava bêbado, o arreio estava frouxo e a maioria caía do cavalo. A gente ria tanto. Era muito gostosa essa festa. Quando o pessoal vinha em casa tinha uma pinguela. É uma ponte feita de um tronco de árvore grande, em cima de um riachinho, que é estreito. Meu pai tinha feito um corrimão e ele ia lá e passava estrume. O pessoal vinha pra festa dançava, dançava Catira, e tinha que voltar bêbado. Quando ia passar sujava tudo. Era só risada. E sempre diziam: 'Cuidado, o Tião é arteiro'. É uma saudade.

Vocês estão fazendo um trabalho excepcional. Ao saber que é um projeto mostrando os grupos do Brasil inteiro é maravilhoso. Eu peço a benção de Deus para vocês continuarem esse trabalho. Que vocês sejam muito felizes!





FRANCISCO FIDÊNCO | HORTOLÂNDIA-SP



“*Eu comecei aos seis anos de idade. Meu pai era do Catira e nós cantávamos juntos.*” (Chico)

Chico apostou na educação para perpetuar a tradição. Ele guarda na memória os primeiros aprendizados sobre a dança, ainda quando era só um menino.

Eu comecei aos seis anos de idade. Meu pai era do Catira e nós cantávamos juntos. Ele ficava muito contente, porque eu era o único filho que cantava com ele. Quando os violeiros cantavam, eu emocionava. Não sei por quê? Acho que está no sangue. Chegando a Hortolândia encontrei essas famílias maravilhosas dos Bruners, Camargos e dos Giraldele. Em 2006 iniciamos o resgate do Catira. Por isso, eu quero agradecer esses catireiros de todo coração, porque se não fossem eles, agente não tinha essa cultura hoje em Hortolândia.

O Catira é uma homenagem. Um reconhecimento ao talento dos antepassados. Um modo de garantir o conhecimento para as novas gerações e ensinar sobre a importância da família e das tradições.

O Catira na minha vida representa uma cultura, é uma forma que une as famílias. Antigamente, nos mutirões, nas festas, lá no sítio, o salão era dividido: tinha o salão do Catira e o das outras danças. É um elo pacificador, como foi no tempo da nossa colonização. Traz muita alegria. E manter o Catira vivo é um orgulho para nós. Não aquele orgulho mesquinho, mas um orgulho de retratar as imagens de nossos pais, de nossos avós.

Chico acredita no futuro da dança e investe na formação das crianças, ainda, na escola. O objetivo é oferecer a oportunidade de aprendizado integrando conhecimento e vivência.

Pelo trabalho que a gente faz, somos reconhecidos e temos apoio. A gente sabe que é difícil, mas a atual realidade nossa hoje é uma realidade bem mais favorável do que antes. Levamos a cultura para as escolas municipais, para as crianças do Ensino Fundamental. É importante para a formação conhecer sobre o Catira. A história da Moda de Viola. Contar que tudo isso começou na Península Ibérica, primeiramente, como Alaúde. Depois veio para a Espanha, para Portugal e chegou no Brasil. Queremos que as crianças tenham um conteúdo rico e esse repertório vai alimentar as novas gerações.

O grupo escolheu seguir a risca os primeiros ensinamentos para manter em alta o estilo pioneiro da dança.

A nossa coreografia é de compasso dois por quatro. Dependendo das regiões, das origens culturais é outro estilo. No nosso, a gente puxa o Catirão. O mesmo que o Padre José de Anchieta ensinou no Brasil. Cantamos as músicas da saudosa dupla Vieira e Vieirinha, do Sulino e Marrueiro e outros artistas renomados.





“Eu prezo a Catira como eu prezo a folia, como eu prezo a culinária, como prezo a medicina popular e daí pra frente. Eu acho que esse conjunto de saberes tem que ser valorizado.”
(Arnaldo)

ARNALDO
VIOLEIROS: ONOFRE E ZÉ FRANDO

JOANÓPOLIS-GO



Arnaldo conheceu o Catira e se tornou um dos maiores defensores da cultura.

Eu me envolvi no Catira por pura emoção. Eu sou paulistano e estou em Goiás desde 84, mais eu vim morar em Joanópolis mesmo há seis anos e me encantei pelo povo. Antigamente, a dificuldade de sair daqui era muito grande e isso favoreceu a permanência da cultura local. Aqui têm três Folias por ano. Na festa da padroeira tem quadrilha e o Catira. Eu me encantei. Eu não conhecia nada disso e comecei a ver que não tinham jovens. Comecei a questionar o povo porque os jovens não participavam. Naturalmente o fenômeno da modernidade se reproduz em todos os locais. Eles se encantam por outras coisas e vão largando. Foi daí que tiramos a ideia de formar o grupo para fortalecer essa tradição.

A história do Catira em Joanópolis se confunde com o povoamento do Brasil, do desenvolvimento, da força para respeitar a tradição.

O Catira é uma manifestação popular e está diretamente relacionada a um conjunto de práticas e saberes do caipira. O caipira que povoou essa região, que alguns autores chamam de Pauliceia, composta pelo interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, é fruto de uma mistura de cultura, entre portugueses e índios. Entre tudo isso está o Catira, com a herança da viola portuguesa, com a influência da dança dos índios. Dizem que os jesuítas já utilizavam o Catira como uma forma de catequização. A verdade é que não existe uma origem comprovada e definitiva.

Em Joanópolis, o Catira sempre existiu. O povoado é bem antigo, mais antigo que a própria cidade porque existiam fazendas e, todo mundo durante as Folias, dançam o Catira. Formalizado como um grupo, temos quatro anos. O começo aconteceu em uma festa de padroeira. Um senhor chamado José Thomas ensaiou um grupo de meninas para apresentar na praça. O pessoal gostou e eu coloquei no jornalzinho: Joanópolis formou um grupo de Catira! Aconteceu sem querer. O Secretário de Cultura recebeu um convite pedindo que envias-

se grupos de Catira para Aparecida. Aí eu falei para o pessoal: - A gente já é um grupo de Catira? - Somos! E começou assim.

Preservar tantas vitórias é uma conquista diária. Um exercício de amor e paciência para educar novas gerações.

É difícil manter o grupo. Os violeiros são os mesmos desde o começo, mas os integrantes... Já passaram mais de 30. É um movimento constante. Entram, praticam, viajam um pouco com a gente e, depois, cada um tem seus motivos e se afastam. E a gente tenta renovar. Os mais jovens têm facilidade de aprender. É comum enquanto ocorre um bate pé de Catira, você observar as crianças ensaiando desde pequenininhas. Esse ritmo é natural deles. Se a família ouve em casa vai para frente. Nós chegamos a fazer dois ensaios por semana, depois mudamos para um e, ultimamente, anda meio parado. Mas vamos iniciar uma nova etapa e vamos fazer todas as semanas.

Por uma amizade que a gente tem com essa nova administração, com o secretário de Cultura, ele sempre ofereceu um transporte, uma ajuda para fazer um uniforme, um som, mas em espécie, dinheiro, nunca tivemos. Recentemente, conseguimos fazer um convênio para manter essa estrutura. Pagar a água, a luz e um funcionário para manter limpo e arrumado. Mas a burocracia é extremamente grande, quase que impeditiva em alguns casos.

O mundo caipira é uma grande atração. Sob o ritmo da viola nascem novas ideias para manter a tradição.

O Catira sem a viola não existe. Esse é o grande gargalo: formar novos cantadores de Catira. O violeiro de Catira tem algumas particularidades, como o improviso, por exemplo. Tem que observar o bater dos pés, assim como o dançador tem que observar o toque da viola. Essa troca de cumplicidades tem que existir. Não basta, somente, ensinar o menino a tocar viola. Nós conseguimos realizar umas oficinas de Moda de Viola.

Foram poucas, mas o suficiente para que eles aprendessem os acordes. Os cantadores estão reproduzindo os Recortados dos antigos. O seu Onofre e seu Ezaquiita criam Recortado com bom humor, com elementos da modernidade, inclusive!.

O orgulho de ensinar oCatira vem do reconhecimento de uma importante definição: o zelo por uma essência construída com muita coragem e paixão.

Faz parte de um conjunto chamado Cultura Caipira. Eu prezo o Catira, como eu prezo a Folia, como eu prezo a Culinária, como prezo a Medicina Popular e daí para frente. Esse conjunto de saberes tem que ser valorizado porque é uma questão de identidade. Se você não sabe quem você é, você não tem identidade. Deve ser feito todo o esforço no sentido de preservar a origem do povo caipira. Eu penso que passei para o meu filho essa cultura. Ele curte rock roll, curte Arrocha, mas bate Catira, toca viola e os outros meninos também. Existe um preconceito muito grande em cima do que é caipira. Tem todo um sentido pejorativo criado desde o começo do Século XX. Mas o caipira é um jeito de ser, um jeito de sentir o mundo, eu acho que o fato de você se sentir caipira não impede você de aproveitar tudo que a modernidade oferece. Você pode ter o seu escritório, ser doutor, o que for, e se sentir caipira.

A transformação provocada pelas inovações na Cultura não oferecem risco à tradição na opinião do coordenador. Para Arnaldo a transformação é um caminho natural, mas dentro dessa evolução, é possível garantir o cuidado com a preservação da história.

A gente observa nos outros grupos que o pessoal tem elaborado muito nas coreografias. Eu, particularmente, acho que têm influências externas que estão penetrando no Catira. Desde o chapéu americanizado, o cinturão de cowboy, a bota e até alguns elementos da coreografia. A gente optou por fazer o Catira que é dançado na Folia. O Catira caboclo, roceiro, a gente não inventa nada.

Eu penso que essa globalização é até uma tentativa de atrair, encantar mais os jovens. Até por conta do sertanejo universitário, que já é americanizado. Então, no Catira eles acabam inserindo elementos alienígenas.

A gente tem que manter a tradição, eu sou muito tradicionalista, sou até criticado por isso, mas eu sou! Tem quem diga que não existe cultura pura e que o encontro de culturas transforma as duas partes e que tudo vai modificando continuamente, até que nada seja o que era antigamente. Mas para mim não precisa matar o antigo, esquecer o passado. Então, o nosso esforço é para trazer a memória, a lembrança, o que era antigamente, para que não seja esquecido.

Darci Ribeiro, Antônio Candido pregaram o fim da cultura caipira já nos anos 30, 40. Para eles, o encontro com a modernidade faria acabar, e os pessimistas continuam existindo até hoje.

A cultura caipira resiste e persiste apesar de tudo.

Os pessimistas de plantão continuam dizendo que o Catira vai acabar. Ela pode se transformar. Até porque ninguém quer um caboclo morando numa cabana no meio do mato, passando necessidades. O caipira tem direito às coisas boas que o mundo oferece. A sociedade vai continuar se transformando, e todo mundo que tiver inserido nessa sociedade vai se transformar também, inclusive o caipira, o Catira, mas não muito.

Eu sou um sonhador, mas ingênuo eu não sou. O que eu acredito é que existam pessoas, que apesar de tudo, possam reconhecer o valor. Eu choro, sou altamente emotivo quando eu vejo os mais velhos cantarem. Eu vejo o pessoal dançar Catira, eu vejo a Folia, eu choro muito. O poder de preservação que esses caboclos têm é um sentimento antigo, é uma imagem sagrada. Isso me dá um sentimento, a oportunidade de voltar no tempo.

São bons papos para lembrar as experiências animadas durante as apresentações. Histórias que não saem da memória, nem do coração!

A viagem para Uberaba foi uma saga, foi muito gos-

tosa, por tudo, foi muito divertida. A gente não sabia que ia ficar em hotel e nós levamos latas de farofa com carne, levamos lanches. Mas nós ganhamos tudo. Tinha buffet, aquela coisa toda! Na volta, para num perder, nós comemos tudinho. Alguns meninos nunca tinham andado de elevador. Foi ótimo. Seu Onofre tirou uma foto com o Léo Canhoto e Robertinho que é um ídolo dele. Foi a experiência mais gostosa que nós passamos. Nós já viajamos muito, já andamos muito nessas cidades próximas. E a cada viagem é uma brincadeirinha, um causo novo, mas essa de Uberaba acho que foi a maior aventura nossa.

Zé Franco e Onofre formaram uma dupla a quatro anos e começaram a seguir o Catira.

Eu tenho um sentimento por não ter encontrado com o Zé Franco com 20 anos de idade, porque naquela época a música sertaneja tinha muito valor. A gente poderia ter feito muito sucesso. Mas mesmo assim, é um prazer compor nossas músicas, cantar, e fazer a alegria. Infelizmente, o sertanejo não garante lucro, é só para divertir.

O Catira está na minha vida desde a infância. A gente acompanhou a Folia desde criança. E como o Catira é o complemento da Folia, a gente seguiu a tradição. Hoje, o Catira veio para cidade e está sendo muito bem aceito, mas eu conheci mesmo foi no sertão.

Meu pai não gostava de Catira. Era meu avô materno que gostava. Então, eu puxei. Eu tenho três filhos, mas nenhum quis seguir minha tradição. Cada um tem o direito de gostar de uma coisa. Eles não são contra eu gostar e nem eu sou contra eles gostarem de outros tipos de música. Então, estamos tentando passar para os outros para não acabar.

Pra mim, o Catira significa só alegria e paz, sempre agradando a Deus e a todo mundo que gosta. Para cada lugar que vamos apresentar eu faço uma Moda. Eu fiz uma Moda para cantar em Uberaba, homenageando os mineiros, porque a gente esteve lá e fomos muito bem recebidos. Eu fiquei pasmado com o modo como fomos

tratados. Nos sentimos reis. E fizemos para homenagear.

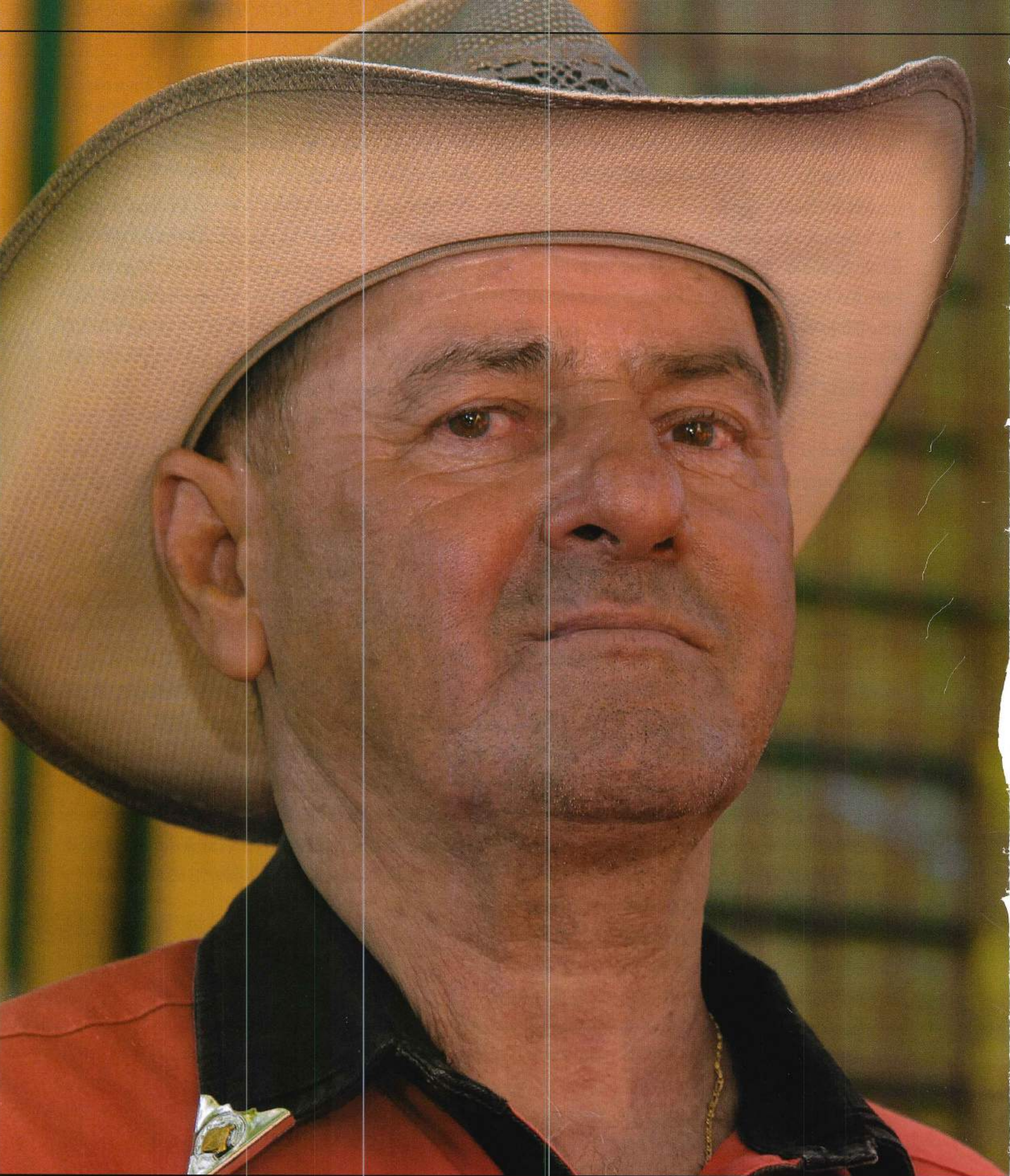
Zé Franco acredita que a parceria na viola foi um presente do destino.

Eu trabalho com música desde os 14 anos, mas não com Catira e Folia, a Folia eu vim conhecer agora com o Onofre, por volta de uns 04 anos pra cá. Mas antes eu trabalhava com música a vida toda, eu passei por bandas de música, programa sertanejo, em rádio, toda minha vida foi tocar e cantar, agora, o Catira e a Folia, eu já disse, eu vim conhecer aqui, faz 04 anos.

Eu fiz dupla com vários companheiros, mas nesse meu amigo que encontrei firmeza. Tinha dupla que me deixava no estúdio sozinho, faltava nas apresentações ao vivo, não chegava no horário. Um pouco tarde eu encontrei a pessoa certa, no local certo, tudo certinho. Eu trabalho com música desde os 14 anos. A vida toda eu passei por bandas, programas sertanejos, em rádio... Toda a minha vida foi tocar e cantar.

Não sei se é eu que faço parte do Catira. Acho que é o Catira que faz parte de mim. É o meu café da manhã, meu almoço e meu jantar. Tem, ainda, um pouquinho mais à noite. Nós vamos continuar, vamos curtir isso por um bom tempo. Porque o Catira é assim: as pessoas estão sentadas, do menino até a pessoa de idade, quando assiste dá, pelo menos, uma mexidinha nos pés. Porque o Catira é demais! Duvido que alguém, quando assiste, não goste. É maravilhoso.





JOSÉ MARIA | ITAPIRA-SP

“*Catira é uma emoção, uma alegria muito profunda pra mim, e me faz lembrar do passado, dos meus avôs, dos meus pais, quando agente morava no sítio.*” (José Maria)

Coordenar o grupo de Catira foi uma herança que recebeu e assumiu.

Nosso grupo de Catira, na região, começou há 45 anos com Caro Firmino. Ele faleceu e eu fiquei no lugar dele. Anteriormente, tinha muito grupo na região. Os mais antigos foram morrendo. O pioneiro foi o Firmino de Souza, o Formiga. Eu dançava junto com ele nesta época. E agora continuamos o trabalho. A renovação se deu de 10 anos para cá. O Vinícius entrou para dançar com a gente aos seis anos e agora já é um palmeiro de qualidade. Eu sempre acompanhei os catireiros. Antigamente falava violeiro, falava Catira, outros falavam Pagode, outros chamavam de Cateretê, outros falavam Função. Eu aprendi com eles. Criei meu filho assim. São catireiros criativos, improvisam.

Respeitador da tradição, o catireiro admira os conservadores, mas prefere fazer diferente. A originalidade é um compromisso.

Eu tinha dez irmãos, meu pai era muito bom para tocar violão, dançava um pouco de Catira também. Naquela época não tinha as coisas que temos hoje, não tinha essa mordomia, essa facilidade que tem hoje, era uma coisa muito difícil. Meus avós chamavam o neto para dançar. Eu segui a tradição, sou apaixonado na Moda de Viola, apaixonado com o Catira. Toco triângulo, pandeiro e ajudo a cantar. O meu estilo é o improvisado. A pessoa tem que ser criativa. Tanto faz se é violeiro, se é sanfoneiro, tem que criar, não pode copiar as coisas dos outros. Uma pessoa pode imitar, só que eu gosto é de criar. As minhas coisas são da minha pessoa mesmo!



Motivar os mais novos tem sido muito difícil, mas com um jeito muito original ele não desiste.

A molecada, geralmente, não está interessada. Essa é uma tradição de família. Por exemplo: se o avô é jogador, é pescador, o outro gosta de natação, então, os filhos, os netos vão interessar por essas coisas. Se você não incentivar um filho, ele pode até gostar, mas se tiver uma meia dúzia de amigos que faz outra coisa, ele vai deixar de fazer o que ele gosta, para fazer o gosto dos amigos. Mas a gente se diverte e vamos incentivar a molecada. Vamos semear. Não sei mais quanto tempo tenho e precisamos pensar no dia de amanhã. Quero deixar um fruto para o futuro. Nós temos que arrumar um espaço para a gente. Precisamos de apoio. Às vezes passamos até dois meses sem ensaio porque eles não dão um lugar para ensaiar. Quando tem festa em cidades vizinhas, e nos chamam para apresentar o Catira, a gente vai sem ensaio.

O bom mesmo é diversificar. Ele é um inventor e defende o improviso na Catira como forma de evolução.

Têm muitos ritmos da dança: a mineira, rasteira, pulada, paulistinha. Vamos supor que você esteja assoviando, têm mais 10 pessoas fazendo a mesma coisa. Você assovia de um jeito e eu de outro. Então, aquele sistema que você criou ninguém vai dançar. Nas festas, nenhum catireiro dança do jeito que eu danço. Quando eu vejo um catireiro dançar e gosto, eu faço diferente, eu não quero copiar dele. Eu prefiro fazer o que não tem. Que é inventado, daqui para frente. Aqui, a dupla é de improviso. Eu vou lá e canto com um, canto com o outro. Faço a primeira linha, faço a segunda linha. Faço, até, as duas vozes. Para ensinar os mais jovens começamos do básico e depois vamos para o Catira moderno.

O próprio Recortado mudou muito. Antigamente era assim, por exemplo: você gosta de uma música, mas não fica cantando o tempo todo, enjoa! Então, você tendo umas 20, 30 músicas diferenciadas, cururu, cateretê, valseado, e daí por diante, é melhor. Eu tenho essa mistura como um diferencial.

Com emoção e intensidade, defende o Catira e sua história com toda consideração.

É a coisa mais linda do mundo, maravilhosa! É uma emoção, uma alegria muito profunda. Me lembra do passado, dos meus avós, dos meus pais, quando agente morava no sítio. Batendo o Catira e tocando a Moda de Viola, eu me lembro dos passarinhos, dos riachos, das árvores, de muitas coisas boas. A gente faz por amor! Às vezes, tem meu cachê, mas tem lugar que agente vai sem cobrar nada. Mas uma dificuldade de condução. A gente não tem apoio de nada. Depende da gente mesmo, agente não tem apoio de nada, condução, essas coisas aí, dinheiro. O futuro é deixar o grupo formado para sempre. No fundo, eu acredito um pouquinho no futuro!

E entre tantas apresentações, sempre tem um bom assunto para recontar dos encontros, dos catireiros, do público, das experiências que trazem boas recordações.

Uma vez, numa região perto de Mogi Mirim, a gente estava dançando o Catira, e era festa de São João. Nessas têm que levantar o mastro e cada um sobe um pouquinho. Quanto mais você sobe naquele mastro mais a pessoa vai durando na vida. Alguns chegam a 100, 150 anos. Tinha um bêbado que, também, queria tentar. Ele foi e caiu de bruços e ficou com a boca cheia de terra. Saiu de lá e deitou no tablado do Catira e ficou lá. Nós dançamos com ele lá mesmo e ele não acordou por nada. Na hora que acabou e chamaram para almoçar. Imediatamente ele levantou e falou: - comer é comigo mesmo!





JOSÉ FRANCISCO TELLES | FORMOSA-GO
FIRMINO PEREIRA DA SILVA

O Catira veio das Folias de Reis.

O Catira, aqui, tem muitos anos. Quando mudamos para cá já tinha. E a gente vai com a intenção de aprimorar. Nós seguimos duas Folias. E o Catira veio das folias. Então, o primeiro grupo que se formou aqui em Formosa, fomos eu e o Firmino que fundamos, o Grupo da Amizade, há 12 anos. Toda vida eu fui o treinador da turma e ele, sempre, é o organizador no geral. A gente, também, tinha o grupo da Alegria das Meninas, mas desfalcou o grupo da Amizade e o grupo da Alegria, porque uns casaram, outros o marido não deixa. Essas coisas.

Mas não queremos deixar a tradição morrer. Vamos colocando os mais novos. Só que para ficar com o mesmo nome ficava errado, aí colocamos o grupo Os Amigos. Depois veio outro grupo, das meninas, que é o grupo Os Tradicionais. Porque vem de tradição, tradição dos mais velhos. E vamos chegar lá com fé em Deus.

Uma paixão que vem passando de geração em geração na família de Firmino.

Quando eu me entendi por gente eu já conhecia o Catira. Para nós, o Catira era a coisa mais difícil que tinha. Quando chegamos por aqui, já existia o Catira, nós



entrosamos com uma turma aqui, começamos a brincar, vinha um grupo ea gente ensinava também, assim, foi começado. Vem de família. Às vezes, têm uns que sabem um pouquinho, outros que não sabem nada, mas agente vai entrosando com umas pessoas mais de fora e vai trazendo pra dentro da família da gente.

O Catira para mim é um divertimento. Uma tradição que a gente pegou e vai seguindo. É uma oportunidade para tirar os jovens das más estradas. Enquanto estamos no Catira vamos seguindo um caminho bom. É um prazer que a gente tem de ver eles numa estrada boa, dentro da religião, dentro da Folia girando. Todo mundo satisfeito. Sem bagunça. O Catira é um prazer que a gente tem.

José conta que ensinar o Catira para as novas gerações é desafiante. Mas ele é determinado.

Manter o grupo dos mais novos dá trabalho! Mas, primeiro a gente procura conversar com a família e criar um vínculo com quem já conhece. Não adianta você puxar para a Catira pessoas que não querem. Com as meninas, também é bom trabalhar, mas é complicado porque mulher é mais sensível. Mas elas são excelentes,

têm muita facilidade pra aprender, ainda mais, do que menino. Elas são joias, é um pedaço do nosso Catira. Tem mais meninas querendo entrar. Nós vamos conseguir mais para ficar de reserva. Quando uma faltar, tem. Dessa relação vai expandindo e vai aprendendo o que é diferente.

Uma mistura que deu certo.

Eu sou goiano, e o Firmino é mineiro. Na minha terra era mais forte o Catira e na terra dele mais a curreleira. Então, nos encontramos, curreleira e catireiros, e vamos ver no que dá. Vamos juntos e misturados.

Somos felizes e temos prazer porque os meninos conosco entrosaram mais. A gente tem aquela boa vontade ensinando, pondo na estrada boa. As músicas são compostas pelo Zé Francisco.

Ele conta que, também, faz os Recortados.

Ainda não estão bem aprimorados por causa do seguinte: como o incentivo é meio pouco, a gente fica sem ter um aprimoramento, mas Deus vai ajudar e nós vamos chegar lá. O importante é que a molecada aceita. Até porque os meninos são muito educados, estão estu-

dando, respeitam quando corrigimos. Por isso, sempre reúne e ensaia, tanto com os meninos, como com as meninas. Tem que ensaiar se não um vai para um canto e outro para outro canto e a gente não aprimora nada, né?

O grupo cresce mais, a cada dia, e com o incentivo dos mais experientes a nova geração aprende o caminho do futuro pelos ritmos do passado. E José gosta da inovação.

Eu tenho uma netinha de um ano que chega a ficar ansiosa para assistir. Meus filhos, meus netos são uma maravilha. Todos nós gostamos do Catira. E no grupo, tem mais gente querendo entrar e ninguém querendo sair. Essa meninada... Eles são bons porque têm aí muitos tipos de Catira, de apresentação. Quando vê falar assim: vem aí um DVD, eles ficam querendo inventar coisas novas. Isso para mim é uma maravilha, até porque, estamos precisando muito disso em Formosa. Nós já tivemos aqui um Festival, então era o grupo dos Amigos, e esse grupo Amizade, e o grupo da Alegria igual eu mencionei, e no festival a gente tirou o primeiro e o segundo lugar. Às vezes, não ficamos só em primeiro

lugar, mas nós nunca saímos do segundo, não.

José passou por momentos difíceis com a perda do filho e encontrou no Catira uma forma de homenageá-lo, e também um apoio.

Às vezes tem erro, mas errar vem dos mestres. Na hora que você erra você fica triste, mas nos momentos de alegria eu amanheço o dia cantando e anoiteço cantando. Nós temos o grupo de oração, temos Deus no coração. Mas se faltar o Catira, falta um pouco da minha vida, parece que diminui. É preciso ter força. Eu perdi um filho, que é o que sapateava do meu lado, ele teve anemia e eu fiquei sem ele. Aí, muita gente me procurou para apoiar no Catira e eu não vejo ele sepultado, eu vejo ele em outra dimensão, eu acho que ele fica muito alegre pelo que eu faço por ele.

Agradecemos vocês, que Deus abençoe. Para mim essa oportunidade é uma maravilha. Nós não esperávamos tanto. Tem que agradecer quem arranhou esse projeto, procurou a gente na internet. Agradecer à dona Vera Couto que, também, não deixa a peteca cair e sempre ajuda, é uma pessoa muito boa.





FRANCISCO (CHICO) | BARRETOS-SP

“*Enquanto eu tiver vida e os meninos quiserem um velho, eu estou junto.*” (Chico)

Chico conta a história da tradição de um jeito muito particular. Uma mistura de prosa, alegria e informações que estão guardadas na memória e no coração.

Eu tinha uma dupla, mas ela acabou quando roubaram uma gravação nossa em São Paulo. Depois disso, meu irmão não quis mais cantar. Foi justo quando entrou a televisão no Brasil. Eu cantei oito meses para pegar uma vaga, disputando em quatro estados sem perder nenhuma disputa. A minha dupla foi a principal. Se o senhor ver o tanto de troféu que eu tenho. Eu canto Folia de Reis. Tenho um coral para as almas. A gente dança Catira e gostamos das histórias de pescador, das piadas.

E as músicas do nosso Catira aqui são todas construídas por mim mesmo.

Dentro de casa o incentivo para o Catira era coisa de berço. Uma tradição que ganhava novas identidades a cada viagem dos tropeiros, a cada encontro dos peões.

Meus avós contavam, eles são mineiros, que o Catira veio do Peão de Boiadeiro. Diziam que quando eles dormiam na estrada, não tinha família e para animar eles levavam uma violinha na viagem e formavam um grupinho e dançava. Meu avô veio de Minas pra cá e passou a dança para o meu pai e o meu pai passou para nós. Eu passei para a sobrinhada. Ela, a dança, me representa, me dá muita alegria, me dá muito prazer. É bom estar com um público, o povo receber a gente bem. Fazendo viagens para várias cidades, conhecendo diferentes lugares.



Para as novas gerações um caminho que será percorrido com inovações, mas sempre mantendo na essência a ideia dos pioneiros.

Pelo que vejo no desenvolvimento dos jovens, além da capacidade, eu acho que eles têm muita força de vontade e me respeitam. Eu tenho idade, mas eu quero continuar, enquanto eu puder, eu quero continuar. Isso é uma tradição do Brasil.

O Catira é o seguinte: tem movimentação de vários estados, cada qual pratica uma maneira de dançar, um estilo de dança. Aqui a criação é tudo nossa. Trabalhamos com 48 coreografias e somos felizes e graças a Deus nunca perdemos uma disputa. Eu vejo um animal, um boi, por exemplo, me traz a lembrança daquilo que meu pai me contava, os meus avôs, eu acho que representa uma criação. São tradições familiares, que jamais se esquece. E, eu não quero parar não.

Os desafios para manter o grupo são enfrentados com motivação. E o interesse de novos participantes mantém acesa a fé na continuidade.

Às vezes, na última hora, a gente fica correndo atrás de condução e eu acho que no Brasil tem verba, mas infelizmente a gente não tem ajuda de ninguém. A gente só trabalha com nosso suor mesmo e com a nossa boa vontade. Começou uma evolução, esse ano, de aspecto maravilhoso. As pessoas nos procuram para falar da tradição. Eu acredito que a gente vai ter que fazer um pouco de força para não deixar acabar. Enquanto eu tiver vida e os meninos quiserem um velho, eu estou junto.

Dentro do grupo tem que existir união, muita paz, respeito e quanto ao público, como a gente fez a festa do peão, fazendo a abertura da arena todos os dias, a gente percebeu o incentivo das pessoas torcendo para que essa raiz não acabe. Eu falei para eles que eu ia até parar com o grupo, porque eu já trabalhei muito em cima disso e ninguém me deu uma vitória. Agora encontrei vocês e eu acho que a providência que vocês estão tomando é exata, eu quero agradecer muito por tudo isso em nome do meu grupo e que vocês sejam bem vindos pra vir quantas vezes quiserem.





ANDRÉ MEDEIROS | UBERABA-MG

“O nosso grupo está firme, estamos lá e vamos lutando.” (André)

André conta como o grupo começou e o principal desafio para manter o Catira sempre em destaque. Uma história que traduz acontecimentos importantes de uma das principais regiões do Brasil, onde a dança sempre esteve em evidência.

Então, nosso grupo começou com o Manoel Telles, ele queria fazer umas bodas de ouro na casa do seu João Xixi, e nós reunimos a família. O seu João Xixi, mais alguns amigos da gente e começamos a ensaiar, com isso, nosso grupo nasceu em 1999. Nós fomos treinando, ensaiando; o Paulinho mesmo ensaiou algumas vezes com a gente, ensinou bastante coisa; o Antônio Augusto entrou no grupo, depois ele voltou para os Borges, mas para ensinar a gente, ensinou bastante para gente, e com isso estamos levando. Não é fácil porque hoje em dia nós não estamos conseguindo violeiros, então estamos passando certa dificuldade.

Um grupo com catireiros experientes, o principal desafio é a formação de novos violeiros.

No nosso grupo nós temos duas violas, os violeiros são o Negrinho e o Vinícius Telles, os dois filhos do Manoel Telles né, eles tocam para gente já tem algum tempo. Mas eles não estão querendo mais seguir, porque têm muitas apresentações que são de noite, ou fora da cidade, e fica difícil o deslocamento. Eles já estão mais de idade, então vai complicando. Temos ideia de formar outro violeiro. Infelizmente, ficamos sabendo que têm dois grupos meio que parados aí, então, nós estamos tentando reunir os violeiros e fazer. O violeiro de Catira não é um violeiro comum, aí a gente tem que saber tocar mesmo, o ritmo certinho, a música tem que ser cantada, o estilo de música, tanto a Moda quanto o Recortado, do estilo do Catira, então, não é fácil a gente montar um violeiro.

Pelo nosso grupo já passaram vários violeiros. O Manoel Telles foi o primeiro, ensinou a gente. Depois foi o Wosley com os meninos dele, o Ezinho e o Juninho; aí, depois já veio o Fabiano, com o amigo dele e depois voltou o Negrinho com o Vinícius. Com isso a gente passa certa dificuldade.

É importante manter o profissionalismo, até no jeito de se vestir.

Seu Manoel Telles já incentivava a gente a fazer uma farda. A gente usa esse termo, usa a farda. Desde o começo já passamos por várias fardas, então, para se tornar mesmo um grupo, todos iguais, chapéu do mesmo jeito, camisa, calça, bota, nós temos até o cinto padronizado, porque nosso cinto é personalizado. E assim fizemos. É o que chama a atenção mesmo, né, é a característica do grupo. Nosso grupo tem vários integrantes: são os dois violeiros que são o Negrinho e o Vinícius. Puxador de palma tem três: eu, o Eduardo e o Zé Ricardo, só que normalmente eu que puxo, só quando eu não estou que eles puxam palma. Então, dançamos eu com o Eduardo, normalmente, o Lima com o Matheus, tem o Coimbra que é do corpo de bombeiro, o Coimbra com o Ricardo, com o Zé Ricardo, e o Ricardo Dentista, a gente chama de Ricardo Dentista porque tem dois Ricardo, o Ricardo com o filho dele o Antônio Neto, e tem mais alguns integrantes.

No grupo muitas Modas e Recortados são exclusivos.

As nossas Modas e Recortados são mesmo do Negrinho e do Vinícius, acho que mais do Manoel Telles e do Negrinho. A gente já se acostumou a cantar há muito tempo, então, não sei certinho de quem é a autoria não, de quem é, mas tem bastante do Manoel Telles, porque a



gente varia muito as músicas. E do Negrinho e Vinicius também têm uma, parece que canta com a gente, então, é alguma coisa assim, o repertório deles é grande.

A integração entre as gerações é um dos destaques desses apaixonados pelo Catira.

Os dois mais velhos são os violeiros mesmo, na média, me parece que é 67 e 69 anos. Os palmeiros em torno de 40, 45 anos. Tem uma criança, também, que é o Antônio Neto, que está com seis para sete anos e dança até melhor que eu, dança muito bem. Este ano teve um festival e esse menino, o Antônio Neto, ganhou como destaque. O nosso grupo, se for contar, nós já tivemos mais de trinta integrantes. Que estão desde o começo: eu, o Ricardo, o Zé Ricardo e o Júlio. Aí, depois, todos os outros foram nova geração dentro da turma nova.

Uma expressão de grande sentimento pela tradição, pelos laços que a dança traz.

Catira pra mim? Começa com um hobby, eu não fico

sem, então, eu tenho ensaio na minha casa toda sexta-feira. Então, é uma maneira de eu rever meus amigos. A gente está sempre se reunindo, nem todos vão, como nós temos um grupo grande, nem todos vão, todas às vezes, mas eu estou lá, sempre, porque eu sou o dono da casa. A gente sempre faz uma confraternizaçãozinha depois, com isso, a gente se torna mais unido entre os amigos, então, é um hobby que reúne e une os amigos. Tem gente que nem participa do Catira e vai ao nosso ensaio para participar e para brincar com a gente mesmo, aí pede: deixa eu entrar um pouquinho, vai dançar um pouquinho e os violeiros vão tocando.

E assim, as histórias vão passando de geração em geração.

Eu ouvi falar que quem ensinou mesmo o Catira pra gente, a notícia que a gente fica sabendo, é que foram os Jesuítas que trouxeram a viola e misturaram com os índios para evangelização. Com isso foi formando o Catira, provavelmente ele foi evoluindo e chegou ao que

é hoje. Então, eu conheço pouco dessa história, mas foi assim que eu fiquei sabendo.

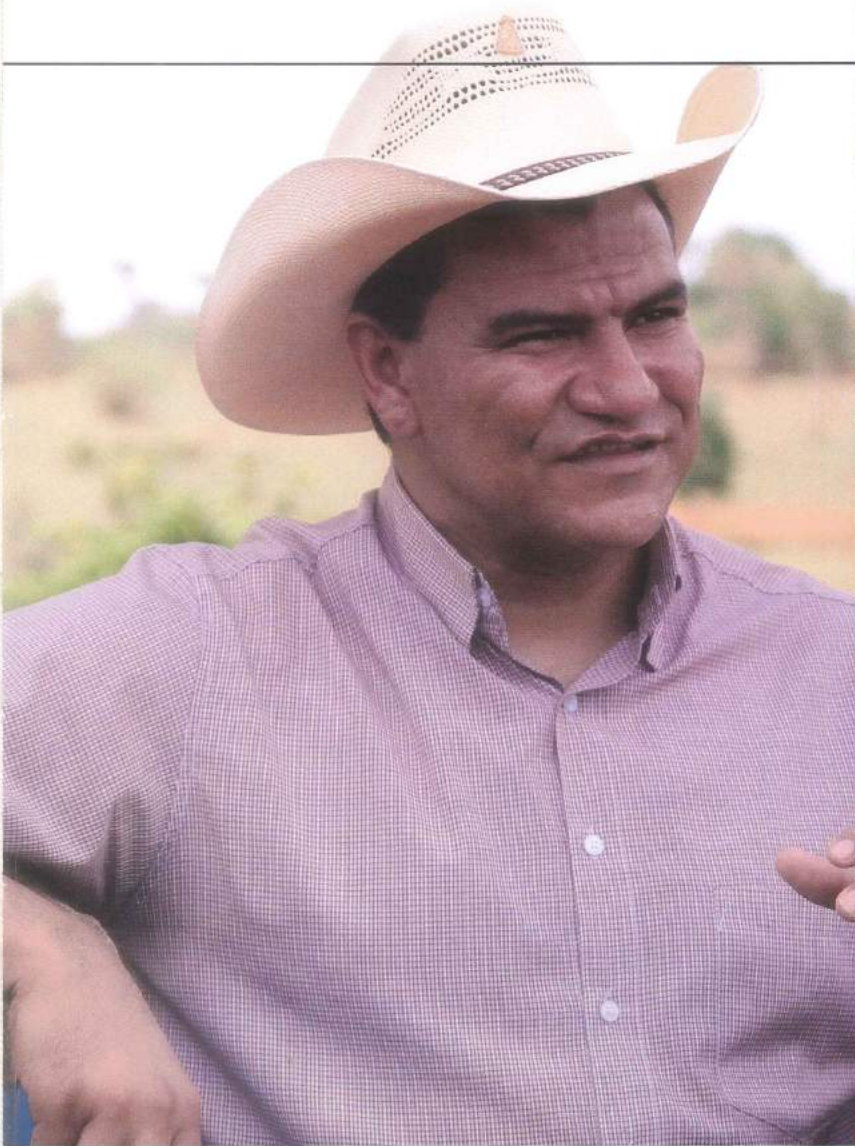
Muitos momentos inesquecíveis marcam a trajetória das apresentações.

Lembro um caso quando nós fomos dançar em um asilo em Uberaba. Reunimos os velhinhos em volta do salão, colocamos o tablado no meio e começamos a dançar. Tinha um senhor que ficava andando, de um lado para o outro. Ele chegou perto e eu olhei e vi as lágrimas pingando. Eu como puxador de palma, tirei o olho rapidinho, porque eu comecei a me emocionar. Alguns meninos viram a cena e consertamos pra não errar a palma. Aquilo foi incrível! É um dos lugares que a gente mais gosta de dançar, que é pra quem gosta mesmo, que são as pessoas mais velhas, os idosos, e lá, eles precisam muito. A gente gosta de dançar nos lugares onde somos bem recebidos. Em alguns lugares as pessoas não gostam, já dançamos com vaia, já fizemos várias apresentações onde têm jovens que não gostam, mas esse do asilo me emocionou muito.

Com tantas particularidades ricas, o Catira precisa continuar, apesar dos desafios.

Eu acho que se continuar assim vai acabar, infelizmente, a falta do violeiro é um problema muito grave, porque sem violeiro não tem Catira, não tem jeito de você colocar um CD e dançar Catira em cima de um CD, eu acho que é sério! O nosso grupo está firme, estamos lá e vamos lutando, a gente vai formando outros violeiros e tudo mais, mas eu tenho a convicção que, infelizmente vai acabar, a não ser que seja família igual a do Paulinho (Cury), que vai seguindo. Como nós somos amigos, e não família, lá não tem um irmão, só tem um pai e um filho, que é o Ricardo e o filho dele que é o Antônio Neto. Muitos amigos já se distanciaram, eu tenho amigos que saíram do grupo que hoje estão em Brasília, outro está em Montes Claros, então, espalhou muita gente, e a gente está sempre renovando, renovando, só que violeiro não tem como ficar renovando, essa é a parte difícil, então, se não for de família pra seguir mesmo, vai ser difícil de manter.





AGUINALDO JÚNIOR GONZAGA | ITAGUARI-GO
 AMADEU OLIVEIRA

Aguinaldo Júnior Gonzaga é padre, é prefeito e garante: tem aprendido Catira porque quer fazer bonito na região onde a dança é uma verdadeira celebração.

Como catireiro eu sou um ótimo rezador de missa, e gestor público eu acredito, eu decoro alguns passos pequenos, mas é muito pouco. Eu sou poeta e violeiro, mas não dá para tocar para os outros, toco muito para mim, é uma paixão pessoal, mas veja bem: pelo menos alguns passos de Catira, por questão de honra, eu fiz questão de aprender.

A minha cidade de origem é Americana do Brasil e lá, desde cedo, acompanhando os grupos de Folias. Tem, também, o grupo de Catira que é uma referência importante que eu tenho. Na região já apresentamos em Itaverai. Nas paróquias por onde passei, vira e mexe, o pessoal fala: - Padre Aguinaldo traz os Irmãos Oliveira

para cá! É com muita honra que nosso grupo de Catira fala de nossas raízes históricas tradicionais, uma coisa genuinamente nossa.

Conviver com a cultura de Itaguari foi voltar às minhas origens, eu sou de uma cidade do interior, trabalhei na roça e de repente fui para Goiânia e lá me formei em torneiro mecânico e soldador no Senai. Fui para o seminário, me formei, morei em São Paulo duas vezes, capital e interior, depois voltei para Goiânia. Fui para Brasília, Mato Grosso e de certo modo eu cansei um pouco da cidade grande, do ritmo e quis voltar às minhas origens e vim para Itaguari. Aqui tem Folia de Reis, Orquestra de Violeiros, Cavalgada. Pude retomar as minhas origens, colocar à disposição a sabedoria que Deus me deu em função da comunidade, e também, em função da cultura do povo de Itaguari.

Na minha adolescência, o Catira era coisa de velho. Na minha cidade, propriamente, você usar botina e chapéu era motivo de vergonha, coisa da roça. Depois, voltando para Itaguari, eu notei que temos muito orgulho Caipira, que a Catira é uma paixão, é você retornar às origens de um modo bem dinâmico, no presente, e depois viver o presente e construir o futuro.

Contar as histórias do passado é um caminho cheio de ritmos recortados para entender a tradição. Um berço feito de danças e de miscigenação.

Catira tem a ver com a tradição indígena, os passos indígenas também formularam o Catira, e depois a vinda da tradição europeia, sobretudo portuguesa. A Folia de Reis veio de lá também, então, com essa mistura e depois com a nossa tradição, a moda caipira, veio a dança juntamente com a música, juntando essas duas coisas, formulando o Catira, que é uma dança belíssima, que é característica do nosso povo goiano, mineiro, e também paulista.

Na cidade, o Catira começou em família, mas a história dos Irmãos Oliveira, sempre, serviu de inspiração para as novas gerações.

Nosso primeiro grupo de Catira daqui de Itaguari é formado pelos Irmãos Oliveira, coordenado pelo Zelão, que é um amigo nosso e um camarada apaixonado pela cultura folclórica. E desse grupo, nós criamos outros grupos: o do Mel Flores, que coordena o Orgulho Caipira e depois nós, da prefeitura, criamos uma Orquestra de Violeiro e dois grupos de Catira. Nos Centros de Referência ensinamos Catira para as pessoas idosas. Têm crianças que vão formar grupos, também. Em 2013 lançamos um livro que conta a história e mostra que o Catira faz parte da nossa cultura.

Nessa região, o Catira saiu dos palcos e ganhou debates importantes para manter a tradição.

Na minha diocese, um dia eu trouxe a questão. O





“ *Como catireiro eu sou um ótimo rezador de missa e gestor público, eu acredito. Eu decoro alguns passos, pequenos viu.*” (Aguinaldo)

nosso diretor espiritual dizia que a igreja não dá conta da cultura, porque vira e mexe para montar os projetos ficam caros, depois o pessoal não participa dos ensaios, aquela coisa toda. Mas nós vamos provar que é possível. A gente dá conta da cultura sim! E que sirva de exemplo para outros municípios.

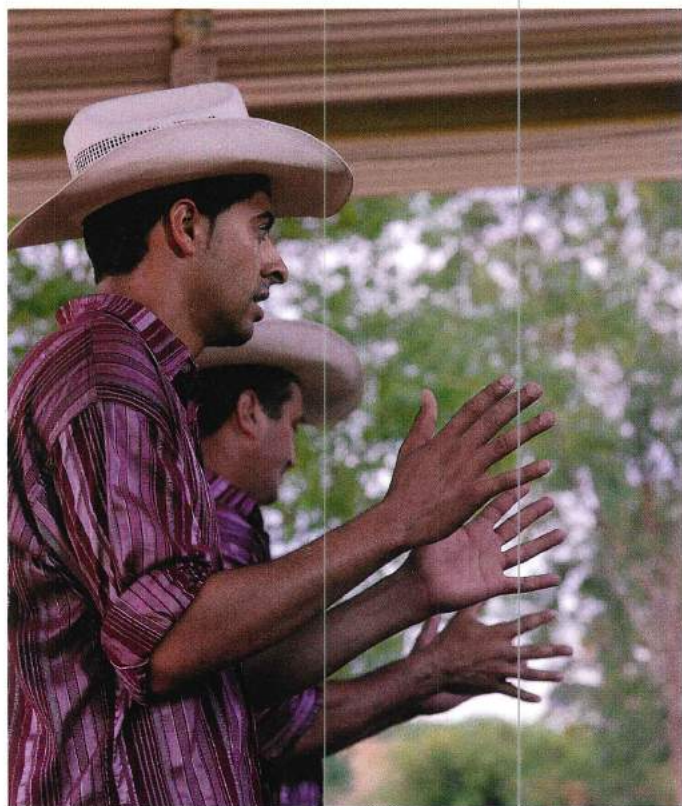
A gente fala o seguinte: você quer evitar que seu filho use drogas, leve ele para o esporte, você quer que seu filho não use drogas, leve ele para a cultura. Ensine a dançar. Nós temos músicas country, Catira, chanchada e tantos outros ritmos belos do nosso país.

Partindo para uma discussão mais acadêmica, histórica e cultural, hoje na academia diz o seguinte: tudo é cultura! A gente fala de cultura política, cultura econômica, até de cultura de morte. O papa João Paulo II fala-



va muito de não construir no mundo a cultura da morte. Geralmente, o que nos chamamos de cultura hoje se refere à cultura popular, que é uma parte que tem a ver com as tradições e as nossas raízes. Veja bem: valorizar o ser humano na sua integridade isso é difícil, mas é a missão dos prefeitos.

Os prefeitos têm que ter conhecimento da realidade, não só de Ciência Política, de Economia, de Sociologia, mas de Antropologia. Porque, por exemplo, quando você coloca e nós vamos colocar Cacique e Pajé para cantar aqui, eu tenho certeza que as pessoas idosas virão. São pessoas que construíram esse mundo, construíram nosso país, merecem todo o respeito, porque nós mais ou menos jovens, dependemos muito dessas pessoas, então, cultura é tudo. Essa cultura particular que chamamos de folclórica tem um sentimento, uma expressão muito bela, está ligada diretamente às nossas raízes e, às vezes, em muitas regiões são excluídas. É para isso que vocês estão fazendo, criando documentários. Estudar sobre o Catira não é fácil, fazer com que isso chegue até a juventude, às pessoas nas escolas. Isso sim é partilhar a vida e viver a vida com intensidade.



Amadeu conta a história do Grupo Os Irmãos Oliveira.

A nossa família vem da tradição muito antiga. Do lado do meu pai, os tios, todos dançavam Catira. Meu pai, sempre, dando apoio para nós e começamos com o grupo. Os irmãos da minha mãe começaram a agrupar e a aprender a dançar Catira. Juntos somos Os Irmãos Oliveira! Eu desde menino, na época girando na Folia, girando a cavalo que nem antigamente, quando ela girava a noite. Hoje gira de dia. Modernizou muito, sempre nos apresentando.

Para os Irmãos Oliveira o Catira representa a união. Certos de que as apresentações são diferenciais, eles defendem o encontro, até mesmo quando acontecem apenas dentro de casa.

A gente faz o que gosta. Catira para nós é tudo, graças a Deus. É uma coisa muito importante. Por meio do Catira nós fizemos muitas amizades, conhecemos muitos lugares e ficamos conhecendo artistas, amigos, amigos verdadeiros. Catira é tudo. No meio do grupo de catireiros, no meio das pessoas humildes. Pessoas que realmente gostam das coisas raiz que precisam para divulgar nosso Brasil. O que nossos pais ensinaram nós temos ensinado aos nossos filhos. Os filhos vão passando e aí por diante para nunca deixar cair essa tradição.

Nossa família quando une, de um lado e do outro, nós fazemos a média de 30 catireiros, só do lado do meu pai e do lado da minha mãe, por isso que é muito importante para essa família a tradição. Já fomos convidados para muitos eventos, graças a Deus, e as pessoas sempre respeitaram as nossas apresentações. Tudo junto. A gente sempre fala: vamos ensaiar tal dia. E faz com amor, com carinho mesmo, nós temos o maior prazer. Não é a quantidade de público, importante é a família que gosta da tradição.

Desses momentos juntos nascem novas composições e, também, a esperança de que o futuro seja recortado de ritmos que a viola tem, do bater dos pés, do encontrar das mãos.

Rapaz, eu gosto muito de ver programas de televisão,



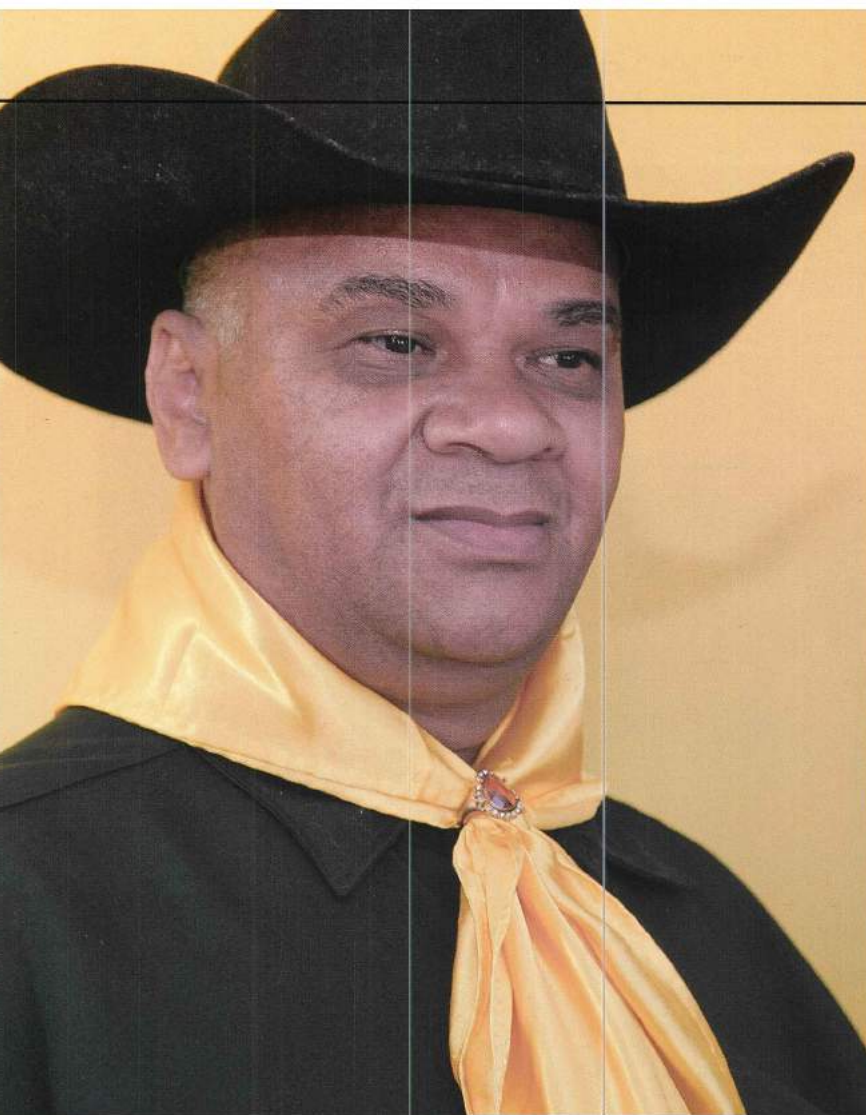
essa coisa que passa e cada estado tem uma maneira de dançar o Catira, tem um jeito de apresentação. A gente tem mais de trinta anos de folia, de Catira, mas nunca foi para disputar. Sempre foi para mostrar aquela qualidade. Cada um faz da maneira que sabe e para ninguém ficar contrariado, às vezes, da maneira que a pessoa mostrou, pode ser o mais simples que for é bom. Aquela maneira já é importante, já é um passo a mais que o futuro vem para fazer.

Então, o Catira não pode ser disputado. Cada um mostra a maneira que sabe. Nós temos vários jeitos de Catira, cada verso de uma Moda nós procuramos fazer de um jeito. E nós temos outros que, às vezes, fica de meia volta e é na hora que fala, vamos fazer isso e tranquilo. Na brincadeira, numa roda de viola, meus irmãos sempre fazem uma modinha, uns trem assim eles, sempre, estão participando. Eu tenho certeza por essa juventude que está vindo, que está empolgada, tem futuro. Se os pais levarem seus filhos, os amigos, também,

sempre aprendendo, tem futuro sim!

E pelas estradas, levando na bagagem a coragem dos antepassados, os catireiros vão inventando novos caminhos para deixar rastros da tradição. Nessas aventuras sobram risadas e causos para contar e recontar para os que seguem nessa paixão.

Teve uma vez que a gente foi convidado em Brasília, pelo Zé Mulato e Cassiano, e aquela dupla do Chico Rei e Paraná. Tinha o Paraná com o irmão dele lá e a gente ia num voiazinho velho, e lá, nós comemos tudo que é trem, aquela comida não estava fazendo bem para o pessoal. Bebendo pinga quente, de engenho, e meu irmão Zelão, mandou parar na rodovia:- Para! Para, para e parou. Eu pensei:- O que é isso, moço? Será que é polícia? Que nada, foi uma tal de uma dor de barriga e de uma vontade de vomitar... Eu nunca vi trem feio igual no mundo e tem muitas outras histórias por aí.



DORIVAL CHERNIESKI | *GUARULHOS-SP*
RIVALDO JOSÉ
IVO MOREIRA ROCHA



Rivaldo fala sobre a origem do grupo.

O Catiraaqui nessa região foi trazido de Jales, um amigo nosso Dito Horácio dos Santos, o Dorival fazia parte desse mesmo grupo, veio lá de Santa Fé do Sul, então, com a influência de Santa Fé do Sul, que veio para cá junto com esses nossos amigos.

E ele, que está com o grupo desde o começo tem muita história para contar.

O meu antigo parceiro, que infelizmente faleceu no dia 21 de setembro de 2010, e eu, trabalhamos dois anos, dois anos e meio, mais ou menos, juntos no Catira. É um grupo importante que vem defendendo a cultura e elevando. Levando o nome do município e do Estado de São Paulo por tantos lugares. É um grupo de amigos, de irmãos, pessoas unidas e reunidas, que desenvolvem uma

cultura para expandir no Brasil inteiro. Uma cultura que vem de pai para filho, essa é a base forte desse trabalho.

Dorival conta que desde 1985 já viajava os estados apresentando com a Orquestra de Viola de Guarulhos.

Foi muito legal essa época, aí o Dito me convidou para o Catira, perguntou se eu queria aprender e tal e eu falei para ele: mas eu não sei nada! Mas ele respondeu que isso não excluía e queria construir uma amizade e eu comecei. Aprendia o Catira na madrugada, com a lua. Muita gente aprende com o sol, mas eu aprendi com a lua. Eu chegava do serviço umas dez horas e depois ia para lá. Eu via o show e me apaixonei. Eu tenho que fazer isso, é o que eu quero.

O Catira na vida de Ivo Moreira começou há um ano, mas já se tornou uma paixão. As composições são feitas e gravadas com exclusividade.

Eu tenho uma dupla. O primeiro parceiro foi o Folha Verde. Com ele foram 22 anos cantando e gravando, depois, infelizmente, o Folha Verde faleceu. Mais ou menos em 1990. Aí entrou o Tião Ramalho e estamos até hoje. Já são seis discos gravados e agora, por sorte, entramos com o Catira Bota de Ouro e estamos felizes e vamos para frente.

No grupo se fala que o Dorival é o pai de todos. E ele fica emocionado de ser homenageado com essa distinção.

Com muito respeito com os pais dos meninos, eu considero eles como meus filhos, esses meninos são mais que ouro para mim e para todo público brasileiro. Por onde temos andado, por tudo que é lugar, o pessoal adora, tem muita gente que até chora de emoção. Eu os conheci pequenininhos.

O Catira faz a pessoa lembrar dos antepassados, dos fogões à lenha, da roça. Então, quando a gente chega, quando eles começam a escutar o som da viola e os meninos cantam o pessoal fala, na hora, que tudo o que queria ver era isso.

O Catira Bota de Ouro vem desde 2008 com muita luta, com muito sacrifício, viajando pelos estados.

Às vezes, alguns contratos, porque no começo tudo é difícil, andar por conta própria é complicado, mas vamos insistir e nunca desistir. No dia que Deus achar que o meu contrato venceu na terra, eu tenho os meninos para continuar aqui, e eles têm todo o apoio da família, do povo em geral. Eu tenho certeza que o público já viu nossa família.

Manter o grupo unido é sempre um desejo maior. Apesar dos acontecimentos que a vida traz, a maioria segue unida pelo caminho da tradição.

Alguns que não estão mais aqui, é por causa do trabalho, porque mudam, outros não quiseram. Uns começam, vem com aquela vontade, depois muda de ideia. É um grupo livre. Eu converso com eles: vocês ficarão comigo até o dia que vocês quiserem e eu estou com vocês sempre. Eles nunca falam não para mim e eu fico muito feliz com isso. Temos sete catireiros e dois violeiros. Aconteceu de um menino que a mãe mudou para outra cidade e a gente sente falta dele. Mas o próprio menino está fazendo a família voltar para a cidade por causa do Catira.



Rivaldo acredita que outros estilos musicais não são concorrentes capazes de acabar com a tradição.

O mundo mudou muito. Esse negócio de música mecânica, né? Mas, ainda existem pessoas que conservam a cultura e esses meninos que nós temos aqui no Catira Bota de Ouro, eles vão arrastar multidões. No momento em que as pessoas admiram o Catira já faz a diferença. Esses meninos da nossa idade são diferentes porque têm uma cultura, têm um sangue, têm uma raiz dentro deles, a bandeira verde e amarela da nossa cultura popular brasileira, que chama música sertaneja e Catira. Por isso, nosso grupo vai continuar. E as famílias desses meninos incentivam. A partir do momento que os pais derem incentivos para os filhos, eles passam a ter uma determinação para seguir.

Quando se abre mão dos filhos, deixando eles soltos na rua, fica mais difícil. Cada um cuida da vida do jeito que puder, mas você tem que cuidar da sua família. O Catira Bota do Ouro procura todos os meninos para trabalhar com o grupo e tem que mostrar o boletim azul, não pode dar o cano na escola, não pode ficar ingerindo bebida alco-

ólica, não pode fumar. É uma filosofia do grupo de Catira Bota de Ouro. Todos nós somos filhos de Deus e buscamos nosso espaço, para nossa estrela brilhar a gente não precisa apagar as estrelas dos outros, mas o Catira Bota de Ouro tem uma filosofia diferente, essa é nossa filosofia.

Dorival redobra a atenção e juntos, antiga e nova geração, encontram no Catira um caminho de união.

Essa relação é o destino, é a vida. Esses dias, de manhã o meu carro começou a ratear. Aí eu já comecei a pensar: poxa, mas logo hoje, o dia da estrela brilhar... Na oficina mecânica estava uma filona, a mulher me ligando com o coração na mão, e todo mundo preocupado, a multidão esperando. Então é assim, têm coisas que, às vezes, deixam a gente um pouquinho tenso, mas é assim mesmo. Eles pegam no meu pé e eu pego nos pés deles. Tem hora que eu fico sobrecarregado. Às vezes tem um compromisso que é de graça e têm os custos, quando temos que viajar, eu fico preocupado e aí eles falam: - Fica tranquilo tio. Vai dar tempo, fica sossegado. Então, minha ansiedade acaba.



Sobre as mudanças no estilo, Dorival tem uma opinião especial.

A música continua a mesma. O Catira era parado e aqui na nossa região a gente segue conservando a tradição, mas fazendo um pouquinho mais puxado. No nosso Catira todo mundo se mexe bastante, têm as coreografias, a gente sempre dá uma renovada. Isso é mais trabalhoso. Mas tem os meninos novatos no grupo e isso facilita para mim, enquanto eles aprendem eu aprendo junto.

O nosso professor, o Otávio, trabalhou ensinando o tempo das palmas. A gente sempre procura um meio de quando está dançando ficar concentrado e vai tirando os defeitos nos ensaios. Começo, meio e fim, isso é importante. A gente faz um negócio bonito por causa disso.

Rivaldo conta que as coreografias são alegres e chamam atenção das plateias.

São muitos jovens, praticamente na adolescência e a coreografia sendo diferente, ela atrai. Assim é a cultura. Nós admiramos e gostamos dos outros Catiras, também, aplaudimos, incentivamos, só que a gente tem a filosofia da gente. O Catira Bota de Ouro preza por isso. Entre eles são como amigos, são como irmãos, eles se entendem, não existe briga, discórdia. Os meninos são uma benção divina com certeza.

É o depoimento emocionado do violeiro Florestal.

O Catira Bota de Ouro representa tudo. No momento que fomos convidados para sermos a dupla exclusiva do Catira ficamos felizes. A gente adora essa meninada. Eles são criativos, eles dançam muito bem e estão de parabéns! Em todos os lugares que nós vamos cantar, seja no interior ou na capital, o pessoal gosta mesmo.

Dorival lembra da dificuldade pela falta de apoio.

Afirma Dorival: A dificuldade maior é a financeira, porque infelizmente nós não temos apoios. Vamos com a ajuda de Deus e do nosso público que, às vezes, nos



contrata. Também não temos uma mídia forte, então, a gente vai controlando a situação. Hoje, o Catira Bota de Ouro só tem um patrocinador confiável. Esse não falha: é Deus. Mas a gente continua. Passa o dia inteiro ensaiando. A gente fica tirando defeitinho, sobra de pé. Um confere o outro. Tudo para aquela meia hora de palco. O Catira é tudo para mim e para eles.

O futuro do Catira para Rivaldo está nas mãos e nos pés dos jovens, mas o compromisso entre os mais experientes é uma questão de honra.

É uma cultura que tem raiz, e ela está plantada profundamente no nosso povo brasileiro. O Catira Bota de Ouro é um torpedo: vai explodir por esse mundo afora. Se com cinco anos nós chegamos ao ponto que chegamos, só com ajuda de Deus, sem muita ajuda cultural, nem do município nem do estado, imagina quando tiver, tem tudo pra crescer.

Nós temos esperança, porque aqui se respira, se alimenta, se bebe, se dorme e se sonha Catira. Fazemos cultura por amor, nós precisamos financeiramente, mas nós fazemos por amor, lógico que precisamos de dinheiro, precisamos viajar, precisamos gastar. Mas nós vamos fazer mais! Nós estamos vivos pra isso. Temos força e coragem e não temos preguiça de arregaçar as mangas, se for para o bem da cultura, o bem das nossas raízes e o bem do Catira, nós vamos lutar até a morte.

Manter a tradição exige muita coragem e fé. Esse é o pensamento do grupo. E sobram histórias que contam essa determinação.

É uma história da época que perdemos o Luiz. Ele era nossa coluna central e quando a gente confia e acredita numa pessoa acaba se acomodando um pouquinho. Ele sempre alertava dizendo para a gente ensaiar. Ele falava que um dia ia partir e ficaríamos sozinhos e a gente falava para ele parar com essas bobagens. Um dia chegou mesmo a hora. Aconteceu infelizmente e eu falei para os meninos que o grupo ia acabar, que eu ia parar. Mas doeu! Então, eu pensei: não posso falar isso! O tempo passou e eu perguntei para os meninos: e agora? Então, os meninos falaram para nós tocarmos que eles iam dançar. Eu concordei. No outro dia me ligaram de Santa Isabel chamando para apresentar. Eu falei para os meninos, e eles falaram que ia dar tudo certo. Passamos a mão na viola e fomos. Quando estávamos no palco anunciaram: Vem aí o Catira Botas de Ouro! Nós entramos. A praça estava cheia e tinha até maestro. Quando eu fiz o acorde na viola

e os meninos saíram no pé, foi tão legal, parecia sabe o quê? Parecia um caminhão de gelo descarregando de palma. Naquela hora eu pensei: a gente tem que continuar. A nossa felicidade é isso. E no Catira os meninos cresceram, vieram pequenininhos, agora estão todos grandões.

Rivaldo não se esquece de quando participou do II Festival Nacional de Catira, em Uberaba.

Era um sonho e foi uma luz no nosso caminho. Eu tenho certeza que naquele festival abriram muitas portas para nós. Em segundo me lembro da alegria de participar da Festa de Barretos, em 2010. E de triste a perda do Lourival. São três coisas, duas alegres e uma triste que nunca esqueço.

Agora que vem a parte boa. Nós fomos fazer outra viagem para Uberaba. Quando recebemos o convite foi a maior euforia. Falou que vai para Uberaba, parece que é viagem para um parque de diversão nos Estados Unidos, de tão desesperados que esses meninos ficam. Eu falei: calma gente! E fui correr atrás de uma condução. E que dificuldade!





Ajuda de um amigo.

Então, o seu Manoel, um companheiro nosso, que sempre incentiva, conseguiu, não sei de onde, mas ele chegou com o ônibus. Ele sabia que eu dirijo, né! Ele deixou o ônibus com a chave no contato e falou:- Dori-val pega esse ônibus aqui! Depois pegou um dinheiro, enrolou num papel e me deu. Daí ele falou:- Façam o que vocês têm que fazer! Meu telefone está aqui e se precisar você me liga que eu dou um jeito. Eu quero é ver vocês dançando, que Deus abençoe vocês!

A gente foi com tanta alegria e com tanta gratidão pelo seu Manoel. Chegamos à cidade e fizemos nosso show. Teve uma apresentação do Pedro Bento e Zé da Estrada na abertura. Eu estava muito cansado e falei para os meninos:- Meninos, eu vou deitar um pouquinho. E eles:- Não tio. Já vai falar o resultado.Nossa, eu estava cansado e tinha um hotel chique no último. Eu deitei e os meninos ficaram lá em baixo porque eles são mais novos e têm mais energia.

Momento do resultado.

Passou só um pouquinho e eles entram chamando para descer que iam anunciar o resultado. Eu pensei: vou ter que levantar e ir. Então, mesmo com tanta cansa-reira, coloquei a roupa, molhei o rosto e fui. Fiquei da-quele jeito, travado de cansa-ira, olhando para o palco. Foi aí que o locutor anunciou:- Agora, com vocês, em primeiro lugar... O Catira Botas de Ouro!Nossa, que emoção! Foi só festa. Nós ganhamos um prêmio e vol-tamos fazendo uma grande celebração. Chamamos o seu Manoel que foi um pai para nós e devolvemos metade do dinheiro para ele e deixamos o troféu com ele durante uma semana para ele mostrar para todo mundo!

Cultura e Folclore! Quando se fala nesse assunto nós vamos defender. É um direito do cidadão e para nós é uma obrigação. Aqui é um grupo com o qual sempre vão poder contar! O nosso passado tem que ser mostrado e nós estamos aqui pra isso.



ANAIR ALVES DE SOUZA | APARECIDA DO TABOADO-MS

Anair herdou o Catira dos seus antepassados e fundou a Companhia.

Meu pai dançava Catira, meus tios. A gente, ali menino, gostava de ouvir eles cantarem as Modas de Viola e dançar. Faziam as festas na fazenda e ali amanhecia o dia. Os catireiros dançavam naquele assoalho grande.

Eu sou nascido na cidade do Prata, no Estado de Minas Gerais. Viemos para Iturama, onde moramos uma temporada. Meus pais resolveram mudar, na época era Mato Grosso. Viemos justamente para Aparecida do Taboado e aqui, também, tinham pessoas que gostavam de dançar. A gente, criança curiosa, estava sempre por ali. Cresci gostando da Moda de Viola, do Catira, das sere-

natas. Em 2004 resolvemos fundar o grupo Companhia de Catira do Taboado, por meio dos nossos companheiros da Companhia de Reis. Nas pousadas por onde a gente passava, dançava o Catira. Então, resolvemos melhorar o grupo e por mais integrantes.

Uma passagem que jamais será esquecida.

Meu pai era violeiro. Ele tinha uma viola que conservava em uma caixa de madeira, no tempo que punha debaixo da cama, pra não empenar. Ele cantava com o meu tio as Modas de Viola e dançava Catira. Houve uma ocasião na qual a gente morava numa casinha muito simples, de palha, coberta de folha de coqueiro e

“*Eu tive uma dupla sertaneja com meu irmão e a gente chegou a gravar um LP. Nos pequenos shows que nós fazíamos, a gente demonstrava o Catira.*” (Anair)

queimou a casa e queimou a viola também. Aí ele desistiu, ele desgostou daquilo por ter acontecido aquele fato, ele abandonou. Nunca mais cantou, não dançou mais Catira. Mas a gente seguiu. Eu e meus irmãos. Nós éramos três homens e a gente continuou.

Para manter o grupo, a renovação é um fio condutor que liga o passado ao presente e constrói um futuro promissor.

Nós tivemos uma formação de um grupo de pessoas adultas já. Depois fomos inovando o grupo. Os mais velhos foram deixando de dançar e foram substituídos por outros. Hoje, temos 60% dos catireiros jovens. Eles pegam o ritmo com a ajuda de outros companheiros. Também vamos criando novas coreografias. Eles foram gostando. Uns já são catireiros de vários anos, outros estão começando agora. Têm umas meninas, têm uns garotinhos, mas são esforçados e gostam. São vários repertórios. Músicas próprias e consagradas fazem ritmo para os ensaios e as reuniões. Os ensaios são feitos na minha casa. A gente costuma se reunir nos finais de semana. Às vezes, acontece de não comparecer todos de uma vez só, mas a cada final de semana vem um pouco e ensaia; no outro final de semana vem mais um pouco e assim nunca deixou acabar.

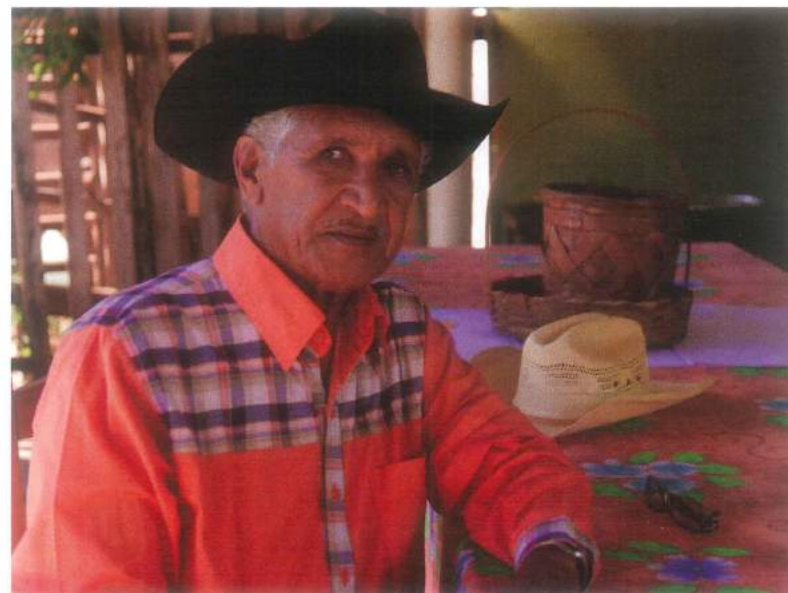
A esperança de ver a tradição ser preservada motiva o grupo. Um trabalho que depende, também, do interesse e da persistência.

Se houver uma persistência maior de nós que somos mais velhos, mostrando para os jovens a importância

da continuidade desse trabalho, dessa cultura, desses costumes, pode dar certo. Os jovens de hoje são muito ocupados. Em primeiro lugar estão os estudos. E tem o computador. Dificilmente tem um jovem que não gosta de ficar na frente do computador por horas e horas. Tem o futebol... Tem muita coisa para eles dividirem o tempo, então, é preciso que eles tenham a Catira no sangue. Tenham, realmente, vontade de aprender, dançar e dar continuidade. Têm lugares que ainda conservam aquela tradição antiga, a maneira de dançar, a Moda de Viola, o Recortado. Varia de região para região. Uma parte do Estado de Minas Gerais, ainda conserva bem esses costumes.

Folclore—um gigante adormecido.

De uns anos para cá, parece que é como se fosse um gigante adormecido o Folclore, mas acordou. Só que de uma forma um pouco distorcida dos costumes antigos. Hoje, tem a música sertaneja universitária que nasceu





pegando carona na música raiz, mas se chega um violeiro cantando uma música raiz, talvez, 10%, 20% apreciam. Agora, se for um sertanejo universitário a juventude acolhe. Ainda existe aceitação do nosso costume antigo, mas está defasado. A gente vem procurando inovar em algumas partes da dança mesmo porque a gente, às vezes, não consegue o domínio para dar continuidade. Tem que aderir à vontade do próprio grupo para que isso possa ir adiante.

E com tantos casos para contar, um é importante para entender essa grande paixão.

Eu tive uma dupla sertaneja com meu irmão e a gente chegou a gravar um LP. Nos pequenos shows que nós fazíamos, a gente demonstrava o Catira. A gente entregava a viola para um violeiro e ele tocava e a gente dançava. Numa época fomos convidados para ir para Barretos, fomos contratados para ficar dois dias e ficamos a semana toda, até terminar a festa. Lá eu tive a oportunidade de cantar junto com o Vieira e Vieirinha. Eles cantando para o grupo de Barretos e nós com o grupo de Catira de Santa Fé do Sul. Me lembro até de um verso que o Vieira cantou, no Recortado: 'Oi chão preto, terra boa é Barreto!' Então eu cantei: 'Oi garoa, Barretos é terra boa'. Eu tenho muita saudade daquele tempo. Infelizmente, meu irmão, o meu parceiro veio a

falecer e aquilo me deixou marcado.

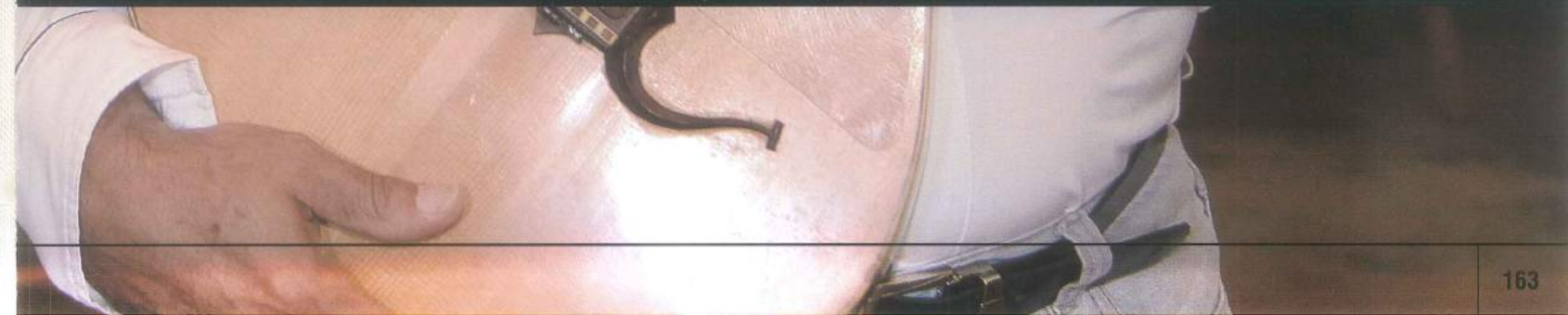
Por tudo isso eu tenho muita alegria em apresentar o Catira, participar da dança, da Moda de Viola, embora trazendo aquelas recordações. A união faz a força. Um trabalha aqui, outro ali. E a gente espera que essa tradição continue com mais força, com mais êxito. O Catira é uma bandeira que não podemos abandonar e esperamos que os nossos sucessores possam conduzir esse trabalho pela frente e não deixar a peteca cair.

Catira! Um encontro de gerações, um mundo de épocas, modernidade e tradições. Um laço que envolve e emociona.

Para mim, os catireiros são meus familiares, quando agente encontra todos juntos ali, realizando esse trabalho, para mim são mais do que amigos, são meus familiares. O Catira tem um futuro sim. Aqui em Aparecida do Tabuado, como também em outras regiões, vão surgindo novos grupos de Catira. Às vezes, não com aquela tradição, aquela raiz, mas sempre seguindo a trilha. Representa trazer os nossos antepassados na nossa memória. A lembrança que a gente tem. Das grandes festas que eles faziam, das danças, da união que eles tinham. Para mim representa o meu prazer, o gosto que eu tenho de fazer isso e ao mesmo tempo trazendo o passado de volta para o presente.



JOSÉ MARIA CAMPOS | MARTINHO CAMPOS-MG



O município de Martinho Campos, barranca de São Francisco, foi um foco de Catira. Nessa família a tradição tem mais de 100 anos.

O nome do grupo, Pedro Pedrinho, vem do apelido que meu pai sempre teve aqui na região. Esse grupo começou com meu avô. Ele era do tempo dos coronéis. Naquele tempo tinha tocador de viola para eles, apesar de que meu avô era violeiro, cantador, e era um coronel aqui na região, dono de muitas terras aqui na beira de São Francisco.

Uma das diversões na fazenda era a dança de Catira. A nossa teve influência de um negro que veio de Pompeu, chamado Josino. Ele era muito bom violeiro, mudou para cá e amasiou com uma parente do meu avô. Foi ele quem trouxe uma dança chamada Pompiana, infelizmente nós não temos registro dela. O Catira iniciou então com esse grupo do meu avô, meu pai, violeiro, cantador, herdou do meu avô essa arte e passou pros filhos. Teve a felicidade de ter 14 filhos, meu pai, então, nós fomos criados aqui nessa fazenda.

Mudamos para cá em 1952. Naquele tempo, nem rádio existia. À noite, a única coisa que tinha para tocar era viola. Rezava o terço e tocava viola. E eu fui criado nesse ambiente. Minha mãe, também cantava. Ela fazia um dueto com meu pai. Então, nasceu com meu avô e depois meu pai. Ele com os irmãos dele eram uma tur-

ma de violeiros. Tinham meus tios: tio Quito, tio Campos, tio Alfredo. Tudo cantador e tocador de viola. Aqui tinha a família de Izaque, dos Piducas, família dos Formigas, tudo dançador. Essa região aqui foi um foco de Catira e o meu pai foi o único irmão, único filho, do coronel Pedrim Fernandes, que passou para os filhos a arte de sapatear e de bater palma ao som da viola.

Com o tempo outros apaixonados pelo ritmo foram chegando, trazendo na bagagem mais experiências e compartilhando a tradição.

De uma comunidade aqui do município de Bom Despacho, uma comunidade chamada Extrema. Os extremeiros vinham uma vez por mês, chegavam a cavalo. Os meninos vinham na garupa dos pais, vinham de bicicleta. Aqui não tinha como ficar, então, dormiam no paiol, dentro do coxo, lá no barracão. Chegavam no sábado e a gente dançava a noite inteirinha até no domingo às dez hora da manhã, quando a mamãe servia o almoço. Eles almoçavam, arreavam os cavalos e iam embora. Sempre assim: entrava ano e saía ano. Originalmente, eu aprendi a dançar Catira cantando em coro como eles, de quatro e cinco vozes.

Então, fomos conhecer o pessoal de Uberaba. A gente começou a visitá-los e teve um relacionamento muito bom, que existe até hoje. Nós aprendemos a dançar



“Meu pai foi o único irmão, único filho do coronel Pedrinho Fernandes, que passou para os filhos a arte de sapatear e de bater palma ao som da viola.” (José Maria)

Catira em dueto. Naquele tempo era com uma viola só e cantado em coro. Depois nós passamos a tocar com duas violas e a cantiga em dueto.

Sobre a origem.

Sobre a origem do Catira eu não ousou, eu não me atrevo a dizer, porque têm várias pesquisas aí de pessoas idôneas. Mas é uma mistura de índio, negro e português. Eu acho que esse tripé é responsável pela viola e pela cantiga. Já existiam em Portugal as quadrinhas, os versinhos que se tocavam para a namorada com a viola. Mas a dança mesmo, isso foi aprimorando até chegar nessa que nós chamamos de Catira, isso é nosso, é brasileiro.

Tempo da viola de meia-regra, em que seu pai trazia as cordas em carretéis.

Eu sempre falo que na Catira, gostar é uma coisa, habilidade para dançar é outra. Você nasce desde a barriga da mãe, escutando isso, escutando viola, eu sou do tempo da viola de meia-regra, que tem os trastes só até no tampo da viola. Ela era tocada rapada, entendeu? E as cordas eram compradas em carretéis. Meu pai vinha da cidade com o paletó cheio de carretel de corda de viola porque a gente arrebetava todo dia tentando aprender. Eu perdi meu pai com 52 anos, jovem ainda, foi uma perda muito precoce, mas enquanto ele viveu, nós dançamos muito Catira juntos.

Despertar nos mais jovens formas de preservação continua a ser o grande desafio.

A renovação da Catira vai com muita dificuldade,

mas tem uns gatos pingados. Sempre vai existir, porque o jovem hoje está valorizando isso. Nós temos violeiros na família, sapateadores, têm 26 catireiros, eu tenho 14 irmãos, perdi um há cerca de 10 anos. São oito homens, todos os oito são catireiros. As mulheres tudo dançam. Elas não apresentam mais de vergonha porque a Catira é mais masculina, né? Embora tenham grupos femininos.

A grande dificuldade é você colocar um jovem, valorizando uma Moda dessas, porque ela é diferente. O ritmo dela, a forma que ela é cantada, a letra, é um pouco diferente do que uma Moda de Viola. O Carreirinho foi o maior caipira compositor da Moda de Viola eu diria, um dos grandes autores. Têm outros, os mais modernos, tipo o Zé Mulato, mas para o Catira você não canta uma Moda do Tião Carreiro, que o Tião Carreiro interpretou. É uma Moda para se ouvir. O foco de compositor de música para o Catira é Uberaba.

A tecnologia e as boas amizades contribuíram para divulgar o patrimônio cultural do grupo.

Esse grupo, Pedro Pedrinho, foi o responsável pela divulgação do Catira no Brasil, através do canal da Globo, através do Zé Hamilton Ribeiro, que eu tenho o privilégio de ser amigo dele. Levou a gente para o Faustão, então, o grupo teve uma divulgação no Globo Rural, umas três ou quatro vezes, e isso foi uma valorização muito grande.

A esperança que a gente tem é que através de um grupo desses, surja ali um violeiro e ele vai formar na família dele um grupo de Catira, porque realmente é uma dança familiar.

Um tempo cheio de causos! Feitos de momentos eternizados pela vivência do Catira.

Aqui em casa nós nos encontramos em julho e dezembro. É infalível. Nós temos 78 pessoas na família. Minha mãe, com os filhos e com os netos e alguns bisnetos, já está com 87 anos e é o esteio disso aqui. A gente espera não desmoronar.

Eu acho que eu fiz a minha parte passando para o meu filho, porque violeiro de som de pagode que o Tião Carreiro fazia, está cheio no Brasil. Mas você pega uma viola, toca uma música com afinação natural para o Catira é totalmente diferente.

Eu já tive violeiros, violeiros famosos, os dois, que vieram pra cá e ficaram aqui uma semana para aprender batida de Catira. São violeiros que gravam e que têm CD gravado, mas batida de Catira é uma coisa que está no coração da pessoa, na mente dela, a pessoa já nasceu com aquilo na cabeça.

Para detalhar tantos anos e os acontecimentos, algumas boas histórias jamais cairão no esquecimento.

Nas fazendas as salas eram assoalhadas, aí dava pra dançar sapateado. Enquanto o pessoal estava dançando de sanfona lá no terreiro, um grupo de Catira ficava dançando na sala. Eram dois focos de festa diferente. O

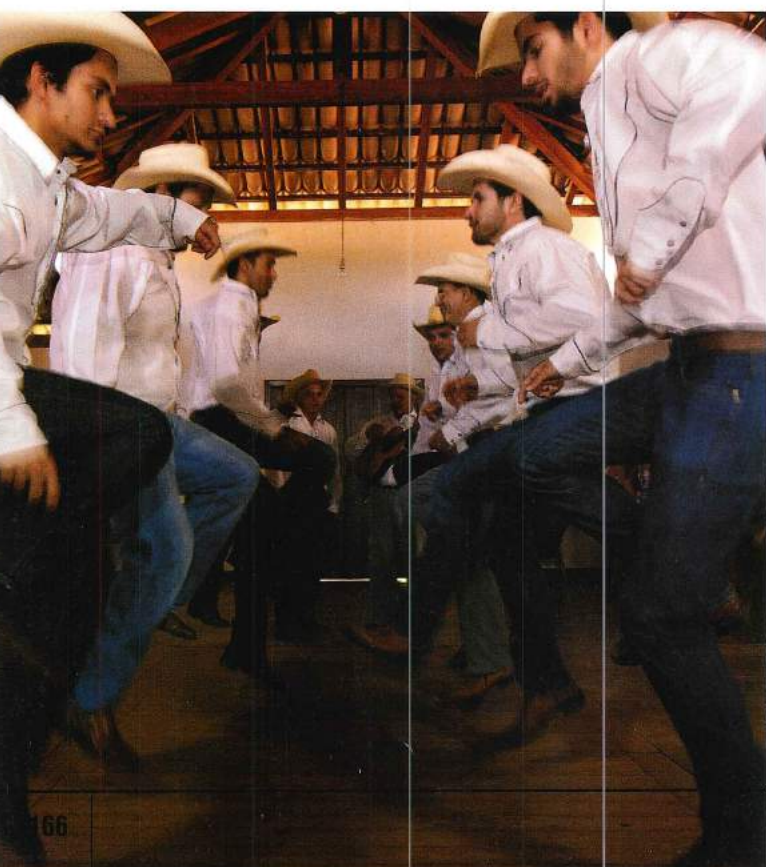
sanfoneiro lá fora e um violeiro lá dentro, por isso que aqui chamava de Dança de Sala. Eu vim aprender esse nome de Catira foi lá em Uberaba, mais ou menos, por volta de 1975.

Recortes de tempos passados que comprova a paixão pelo Catira.

A gente foi chamado para dançar pelo João Minguiño, que é o melhor cantador de quatro vozes que eu já vi até hoje, convidou a gente para dançar um Catira na casa dele. Ele estava barreando um rancho – barrear é fazer as paredes de barro –, e nós fomos lá para inaugurar o rancho dele. Chegamos lá, ele tinha acabado de barrear o rancho naquele dia, a turma de catireiro entrou e só tinha um pote de macarrão e uma galinha. Nós fomos em 14 pessoas em um jipe e nós chegamos lá e dançamos até no outro dia, às dez horas da manhã. O piso era chão batido, então, de hora em hora, tinha que aguar porque a poeira atrapalhava a gente. Uns dançavam descalço, outros de alpargata, outros de botina. Pensa? Isso é gostar de dançar. Meu pai estava muito doente já nessa época, ele ficava sentado lá e cantando de improviso, porque ele era um repentista. Eu acho um fato interessante de mostrar como que a gente, sempre, gostou de dançar, nessa época eu tinha 11 anos de idade.

É tempo de criar, ensaiar novos caminhos, mantendo o elo com a tradição.

Esse trabalho de vocês é uma iniciativa das mais saudáveis que pode ter, em termo de preservação, em termo de folclore, pouca gente está fazendo alguma coisa, por isso eu bato palmas e gostaria até de contribuir mais para ir avante. Acho que é uma atitude muito nobre. Eu sou um lutador para a preservação desse folclore. Representa tudo para mim. Eu acho que a música faz parte da vida da pessoa porque saúde não é um bem estar físico, não é você ter o fígado bom, o estomago bom ou o pé bom. Saúde é um bem estar físico, social e psicológico. E a Catira tem uma representação muito importante para nós. É um elo que reúne a minha família toda.





TARCÍSIO MANUVÉI | *UBERLÂNDIA-MG*



O grupo surgiu em 2012. Começou em um projeto de educação para moradores de áreas rurais. Da ideia no papel para a prática, o sucesso de uma iniciativa que promove a continuidade da tradição entre corajosos das novas gerações.

O próprio nome que é o Projeto Raízes do Sertão, que é um projeto em que a gente vai para as escolas da zona rural, para exatamente trabalhar essa coisa da cultura caipira. Não é só o Catira, mas também, a música de viola, a Folia de Reis, a nossa culinária, a contação de causos. Esse grupo surgiu exatamente desse projeto que a gente já desenvolve há sete anos e, com isso, a gente achou que precisava desenvolver um trabalho com o Catira. Hoje, nós cantamos no repertório Vieira e Vieirinha, Pena Branca e Xavantinho e, agora, temos Manoel Telles. Enfim, os compositores mais da nossa região mesmo. Já o nosso Recortado, é o Recortado mineiro. Até porque nós temos a influência do seu Vinicius Telles, filho do grande mestre Manoel Telles, de Uberaba, com quem a gente tem praticado.

O incentivo para iniciar o projeto foi um chamado do coração. Um toque que acontece diante da música, da história, da tradição.

Primeiro foi pela beleza do Catira do Recortado. O Recortado para mim é fantástico. Essa batida chama a

gente, o corpo pede para dançar e, segundo, que eu sou daqueles que defende que a gente tem que preservar. Tem que preservar essa cultura porque se não daqui a pouco a gente vai precisar resgatar. E o que agente quer não é resgatar, a gente quer é preservar e não deixar morrer. Significa você preservar uma criação que tem 450 anos, que é uma cultura, uma dança que você usava para comemorar uma boa colheita, uma boa limpada de córrego, porque o pessoal na roça qualquer coisa que se fizesse era motivo de comemorar e comemorava com o Catira. É uma das danças mais autênticas do nosso país, principalmente da nossa região do Sudeste.

Do início aos tempos mais modernos é um ritmo contagiante que desafia a modernidade. Quem conhece quer participar.

A origem do Catira, na verdade, veio com os jesuítas. Você já tinha o dançar dos índios, por exemplo, e eu acho que foi essa mistura, principalmente que os contadores de causos usaram, porque o Catira, às vezes, ele tem 15 versos, dura 10 ou 15 minutos. Então se conta uma história. Tanto que os catireiros, quando surgiu a música no rádio no começo do século passado, eles chamavam a música caipira de música de rádio, do tanto que tem essa tradição de cantar mesmo a história do homem do campo. Na nossa região o pessoal gosta do Catira. Primeiro, que se você levar para as pessoas, para elas assistir, ouvir e ver o cantar e o dançar do Catira, claro que as pessoas vão gostar. Ela fica estimulada pelos movimentos dos pés e pelo movimento das mãos. O Catira tem esse poder de quando você começa com um Recortado, as pessoas geralmente começam a querer bater palmas junto. Tem catireiro que fica muito nervoso e não gosta que o povo bate a palma junto porque às vezes atrapalha o ritmo. Mas não tem jeito, ela estimula as pessoas que estão assistindo a quererem bater palmas.

Uma prece ansiosa pela continuidade de um sentimento que nasceu da força de um ritmo.

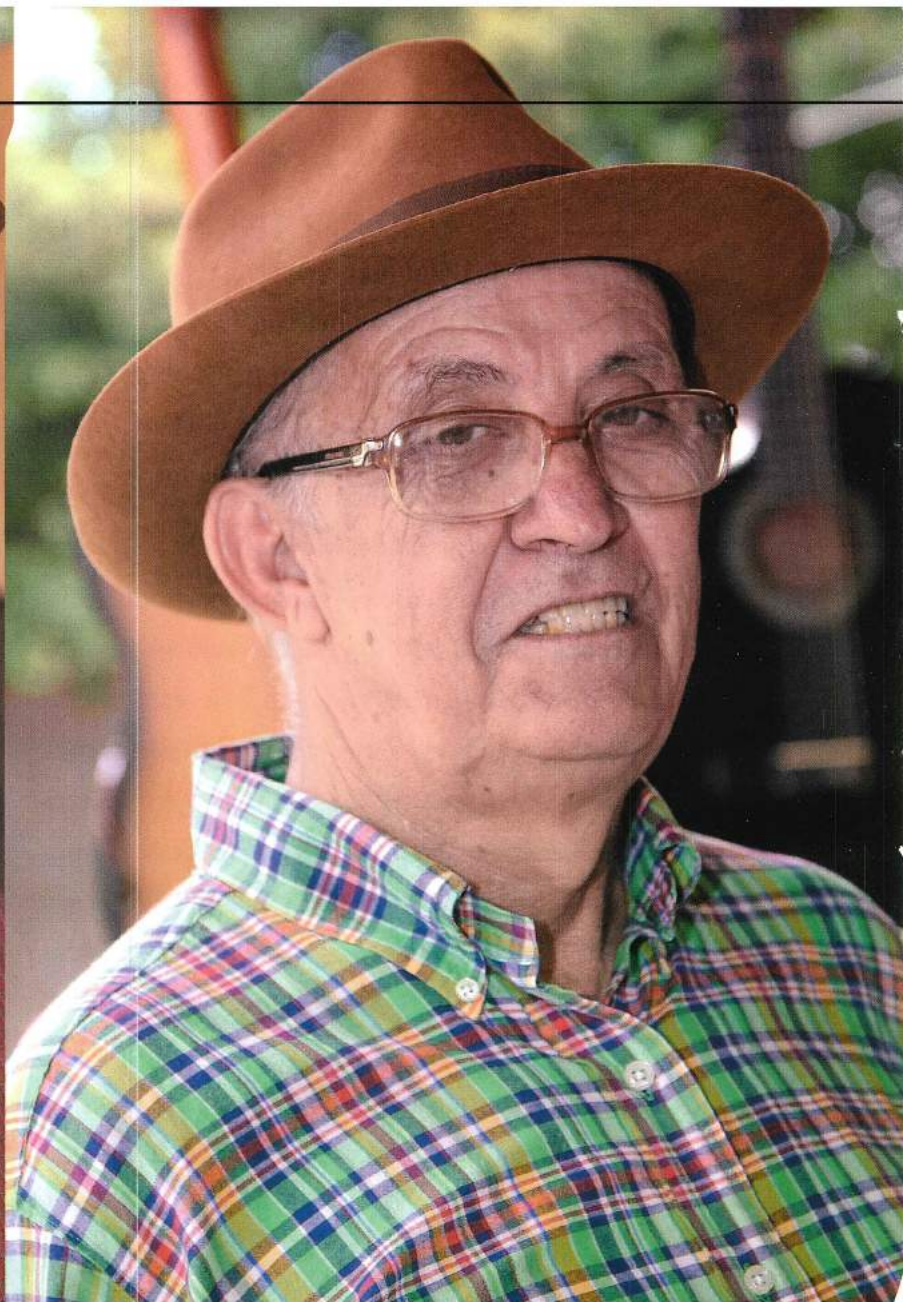
“A Catira tem esse poder de, quando você começa com um Recortado, as pessoas geralmente começam a querer bater palmas juntos.” (Tarcísio)

Eu gostaria que os catireiros preservassem. Que eles passassem para essa geração nova de violeiros, essa meninada que está com 5, 6 ou 7 anos, já tocando viola, para que os meninos não fiquem tocando só pagode. Torço muito para que mestres, como hoje seu Vinícius Telles, o seu Romeu Borges, que eles possam passar para essa meninada essa cultura tão bonita que é a cultura do Catira. Passar esse Recortado tão bonito, essa cultura tão bonita, dessa nossa herança popular, que é o nosso Catira, para que essa meninada possa também executar essa dança tão bonita, tão tradicional aqui do nosso País.

Pollyana, integrante do grupo, entrou para valer no Catira. Da motivação inicial nasceu uma forte ligação.

Eu gostaria de dizer aos grandes mestres do Catira que continuem nessa empreitada que é difícil, a gente sabe. Em Uberlândia, mesmo, a gente encontrou uma grande dificuldade para poder aprender o Catira. Encontrar alguém que repassasse para gente toda essa tradição. Então, que eles continuem, pois vale muito a pena, é importante de mais que essa garotada nova, que está começando, não só na viola, mas em todas as áreas da cultura caipira, que precisa realmente ser preservado. A gente sabe que não é fácil repassar os conhecimentos que são tradicionais, que vêm de avô, de pai para filho, mas que eles não percam as esperanças e nem essa vontade de ensinar. Essa é uma obra muito importante para manter as tradições populares do Brasil.





LÁZARO CARNEIRO | ANTONIO MIGUEL | BAURU-SP

Lázaro acredita na preservação do Catira e se empenha para manter em alta a tradição que ele conheceu na infância.

Vem dos nossos antepassados. Desde criança eu participo. É uma tradição de família e a gente continua essa história. Nossa família começou esse trabalho, ainda na zona rural. Viemos para a cidade e mantivemos a tradição, valorizando a Moda de Viola e o Catira.

Autor de livro sobre a vida caipira, Lázaro destaca como as mudanças na gestão do agronegócio, nas novas formatações de produção e na era do capitalismo influenciaram, também, a cultura.

As pessoas que têm o interesse de preservar a cultura, de ter um tempinho para conversar, não interessam para o agronegócio. Essa pessoa não permite a exploração massacrante, quer viver do trabalho, honestamente, mas não se permite ser tão explorado assim. Quer um pouquinho da tarde para pescar, para bater um papo com um vizinho, com um amigo e a pressa do agronegócio, da monocultura, acaba podando, impedindo essa manifestação da cultura caipira. Por causa da monocultura nós fomos expulsos do campo. Essa nova forma de agronegócio acelerou o êxodo rural de forma veemente, de forma muito nociva para população.

De Uberaba até aqui na entrada de Bauru é só cana.

“Nesses tempos de globalização, temos que preservar o regionalismo. Costumo dizer que a cultura caipira é como mortadela, todo mundo gosta, mas consome escondido porque não dá status.” (Lázaro)

A descaracterização da Zona Rural foi muito nociva para o caboclo de modo geral. Assim, o pessoal veio para a cidade de forma muito radical, muito rápida e grande parte da população não teve a capacidade de readaptação, se perdeu ao longo desse tempo. O massacre cultural foi muito grande. Então, poucas pessoas tiveram a capacidade de fazer essa reciclagem que nós fizemos e preservar a cultura que a gente praticava quando era criança.

Eu estou lançando mais um livro. É o segundo. Não tem esse conteúdo ideológico do livro “Caipira Cleonite”, que escrevi em 2003 e é um apanhado das minhas recordações, só que com um senso crítico social bastante forte, é uma cultura caipira, com condimento bem crítico, marxista, por isso que é o nome Caipira Cleonite. Esse outro fala justamente da preservação do Cerrado, em torno da nossa cidade. Eu senti muito essa transformação da zona rural, pela monocultura da cana, e eu fiz esse livro com poesia, contos e sonetos, abordando essa temática do Cerrado.

O grupo tem profissionalismo e um estilo marcado pela informalidade no modo de vestir. Os catireiros explicam que o figurino é uma escolha pessoal de cada participante.

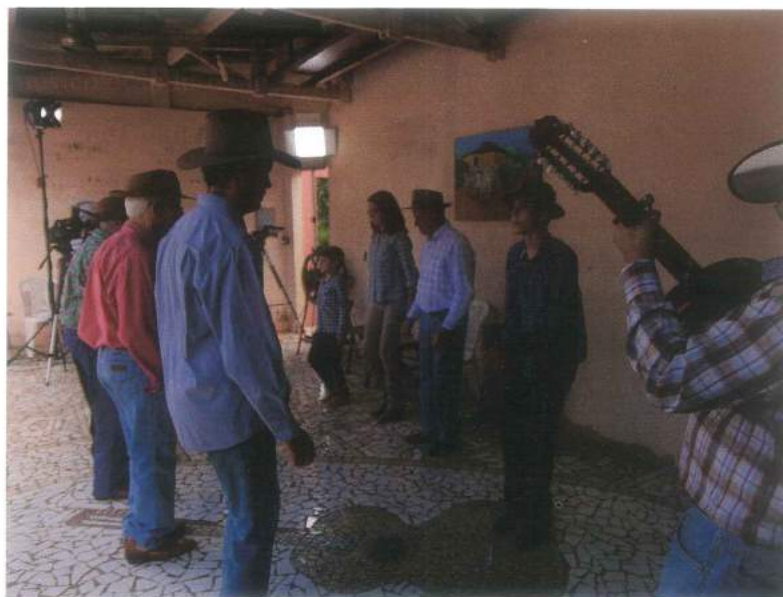
Nosso grupo tem uma característica interessante, não somos uniformizados. Somos diferentes. A minha roupa é essa aqui. Eu saio daqui, vou pra missa, onde eu precisar ir eu vou com essa roupa. Cada um usa o que quer. Catira para nós é uma festa informal. É a roupa do dia a dia. A gente procura primar por isso. É uma das

características que a gente procura conservar. A gente pode até mudar. De repente podemos pensar em ter as camisas iguais, mesmo assim, a gente vai procura preservar essa informalidade, essa alegria.

De um jeito muito divertido, ele faz uma comparação para explicar como muita gente gosta da cultura caipira.

A cultura do povo nunca morre porque tem sempre alguém resgatando. Eu acho que o Catira é mais uma dessas vertentes que estão sempre renovando. Você sai procurando grupos de Catira e você acha vários. Nesses tempos de globalização, temos que preservar o regionalismo. Costumo dizer que a cultura caipira é como mortadela, todo mundo gosta, mas consome escondido porque não dá status.

Nós fazemos isso sem almejar lucro, sem pensar em reconhecimento. É um prazer! Importante ver as crianças crescendo nesse ambiente, vendo isso naturalmen-



te dentro de casa, agrega valor pessoal. O Catira, para mim, ainda representa lazer, representa a união da família, serve como um elo para ligar a todos nós.

O grande aqui é o Miguel! Ele é o verdadeiro carregador de piano. A Raquel, filha dele, ela que é a nossa assessora de imprensa, e, também, responsável pelo sucesso do grupo. Para a gente é um sucesso fazer o que fazemos: um grupo sempre fazendo bem feito aquilo que agente se propões a fazer que é preservar a cultura caipira.

Para seu Antônio Miguel Carneiro o Catira é sempre uma celebração.

Meu pai era catireiro. Seguiu meu avô. A gente sempre foi criado no meio, vendo o Catira. Depois, ao mudar para a cidade, não tinha tempo de dançar. A gente tinha que trabalhar e ficou meio desligado do Catira. Nós aposentamos e decidimos que começaríamos a

dançar Catira. Agora, a mola mestra, responsável por trazer o Catira do sítio para a cidade é o seu Zé Carneiro. Ele é o elo que ligou a antiga geração a nós. Ele foi o pioneiro.

Eu estou com 65 anos e desde que eu me conheço por gente, eu estou nos Catiras e foi assim que eu aprendi. Com dez anos de idade eu já estava rodeando os catireiros. O Catira é uma festa. Hoje vamos repassando a tradição. Tem o meu neto e, também, o neto da minha irmã que já estão conosco. A gente está dando uma força para eles e eles dando uma força pra nós. Parece que está no sangue, parece que já nasceram dançando Catira. E isso vai bem com outros ritmos. O meu neto é catireiro e é roqueiro. Toca a guitarra dele nas horas vagas. Nosso violeiro é meu irmão, puxou meu pai que era violeiro de Catira, era puxador de palma.

Nós temos as nossas músicas próprias. Meu irmão gravou várias músicas de composição minha, do Láza-





ro, do Cândido. Tem muita música nossa. A gente faz o Recortado paulistinha. A gente canta a palma paulista, vem desde a minha infância.

No grupo a produção cultural é inovadora. De produções literárias à criação de coreografias que dão um show de improviso.

Escrevi o Livro da Boca do Sertão, esse humilde trabalho. É mais uma autobiografia. Tem cordel, poesias, contos, tem bastante coisa escrita que eu arrecadei ao longo da vida. É um apanhado das minhas recordações.

No Catira a gente vai mais no improviso mesmo, a gente ensaia, passa a mão no telefone, ali é dois, três, quatro telefonemas e já vai formado o grupo de Catira. A gente junta aqui em casa e faz o grupo Viola e Caco. A informalidade, a espontaneidade dos participantes, do grupo em si, é para cultivar a alegria, para compen-

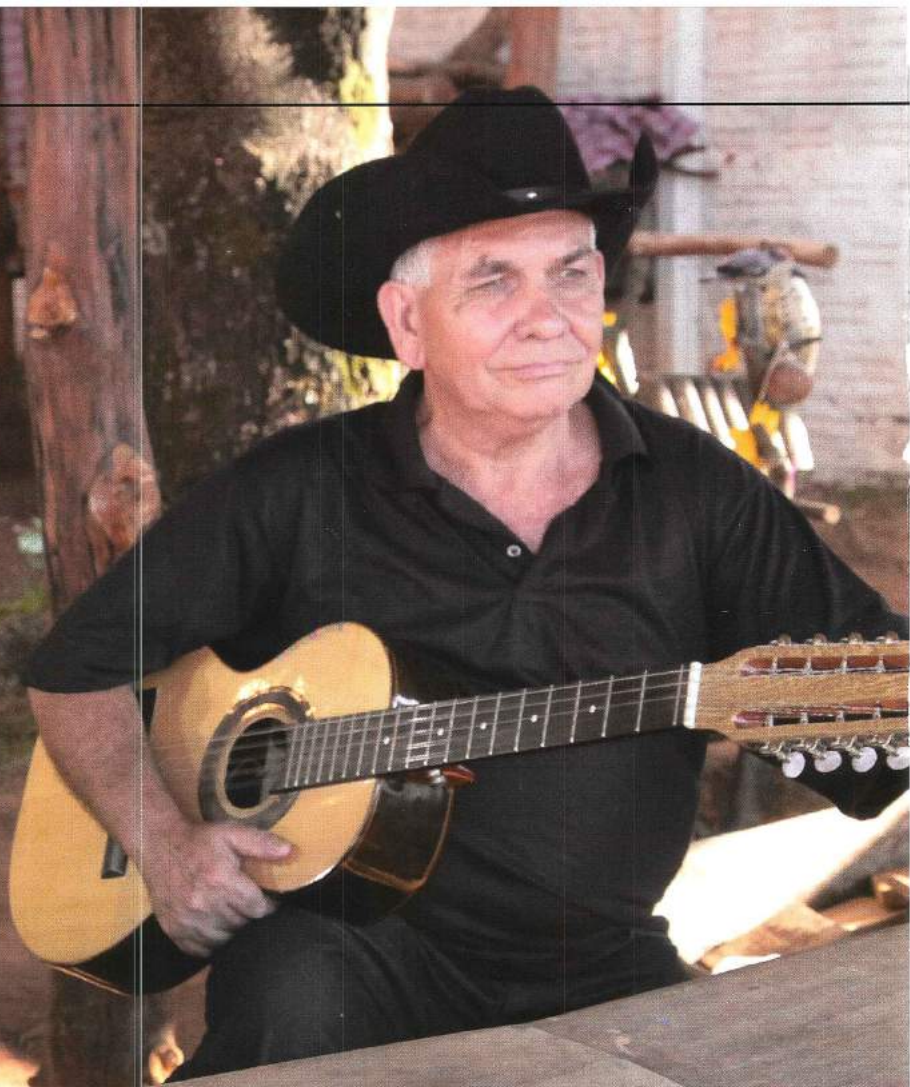
sar. Não é para fazer exibicionismo, fazer performance. Seria muito fácil cada um comprar a sua camisa, fazer do mesmo pano e uniformizar. Mas aí a gente chegou à conclusão que ia sair da nossa característica.

Para Antônio, Catira faz bem para o corpo e para a mente e, logo continua com uma nova história.

Dançar Catira é uma maneira de fazer um exercício. A gente não faz academia, então vamos pular, vamos bater palma e um motivo para a gente se reunir. Para a família isso é primordial porque a gente gosta de sempre estar junto. Às vezes não tem Catira, às vezes não tem viola e a gente senta e fica batendo papo até meia noite. A gente estava participando e uma pessoa foi pular e caiu. O chão estava meio liso e ele escorregou. Levantou correndo e foi pular e caiu de novo. Quando a gente vai brincar de pular Catira, alguém logo lembra.



NILMARIA ALVES SIQUEIRA
CAMPO GRANDE - VIOLEIRO
WELLINGTON
DELIORRANA



APARECIDA DE GOIÂNIA-GO



“*Eu gosto muito de Catira, desde criança eu andava junto com o meu pai que era catireiro, folião e inventei de criar Os Filhos de Aparecida.*” (Nilmária)

Nilmária é uma guerreira, determinada, apaixonada pelo Catira. Ela foi a criadora dos grupos e persistente coordenadora.

Sou filha dos fundadores de Aparecida. A minha família que fundou aqui Aparecida, a igreja, os terrenos quem doou para Aparecida foram meus avós, e todos eram catireiros, foliões. Eu andava com meu pai assim: ele arreava um cavalinho e eu andava junto com ele. Nós vivíamos para as Falias e a gente só voltava quando terminava. Eu via ele dançando Catira, mas eu nunca dancei não, mas tinha essa paixão.

Eu gosto muito de Catira. Uma vez teve uma coisa muito interessante: juntamos o grupo Os Filhos de Aparecida e o grupo Aparecidense, que era mais velho, e convidamos 15 cidades. No concurso, os Aparecidenses ficaram em 11º lugar, e Os Filhos de Aparecida ficaram em 10º lugar. Eu recebi muita crítica, muita vaia, pelo meu grupo ter ficado nessa situação. Os outros falavam pra mim: pode parar, desiste de mexer com Catira, você não vai dar conta, riam, criticavam, até meus filhos, minha família! E, eu falei: não! Eu vou para a luta, agora que eu estou começando.

E, passado um tempo, aqueles grupos que tiraram 1º, 2º e 3º lugar em outras épocas, foram todos desclassificados e o meu foi classificado e ficou em primeiro lugar. E daí agente foi se fortalecendo mais. Eu falei para o meu povo: vamos persistir, são poucas coisas que se tem na vida e se a gente pega e desiste, como fica? Eu sou daquelas persistentes.

O Catira é tão importante que, até para casar, ela fez um acordo com o marido.

O meu marido é assim: ele não gosta muito de Catira e

nem de Folia. Não é muito interessado, mas eu falei para ele que se ele quisesse viver comigo teria que viver com o Catira e com a Folia. Que eu preferia largar dele, mas não largava nem da Folia e nem do Catira. Eu sou muito franca, eu faço isso porque eu gosto, por amor, se quiser viver comigo é assim. Se não quiser, não tem importância porque eu acho que a gente tem esse direito. Eu gosto do futebol dele. A gente tem que respeitar o direito do outro, um respeitando o outro.

Durante as apresentações muitos acontecimentos marcaram a história dos grupos. Integrantes que partiram e outros que chegaram para ficar.

O Campo Grande (violeiro) está comigo desde 2004. Nós nos conhecemos lá no centro cultural em Goiânia. Eu gostei muito do jeito dele cantar, aí eu peguei e trouxe ele para cá. Antes do Campo Grande vir, o meu grupo tinha decaído porque os meus professores de Catira morreram de acidente de moto, todos os dois, em um dia só.



O senhor Nilo já estava comigo, era o professor, não era o violeiro e o Benedito Avelino que, também, era o professor. Aí eles faleceram no acidente de moto e eu fiquei sem catireiro, sem professor.

Os meus catireiros têm o João Brito que começou comigo aos 11 anos de idade e está com 28 anos, o Junior começou com 11 anos e já está casado, tem família. Os que têm mais poucos anos comigo têm 05 anos, eles todos começaram de criança comigo. O que eu fiz? Pensei em acabar com o grupo e as esposas deles pediram para continuar. Então, eu coloquei o João Brito e o Júnior como professores. E já se passaram 14 anos.

Diante dos desafios de continuar a trajetória da dança, as dificuldades estão presentes, mas são menores que a vontade de vencer. Nesse caminho, parceiros são os grandes companheiros para manter o desenvolvimento dos grupos.

Para você ver: eu tenho na minha casa um cômodo que era de aluguel. Eu deixei de alugar e coloquei a Associação nesse cômodo. A Associação, hoje, é na minha casa e os meninos se sentem à vontade para ficar lá. Mas é muito difícil renovar, manter a tradição.

Mas eu estou formando outro grupinho. Sabe qual é o problema? Primeiro, que as pessoas têm vergonha de dançar Catira. Muitos acham que é só para velho. Às vezes o catireiro está ensaiando, está dançando, aí vem outro e põe na cabeça do catireiro que isso é para velho. E muitos desistem, e outros não. Além disso, tem que ter responsabilidade daquilo que está fazendo. Então, quando eu vejo que não tem interesse, que já está com gozação, assim que não está tendo participação, eu peço para sair do grupo e tiro ele do grupo.

Teve uma vez que eu gravei com o José Hamilton, aquele do Globo Rural, ele falou uma coisa correta: “no Catira a principal coisa são os violeiros. Não adianta você ter bons catireiros e não ter violeiro”. Eu, graças a Deus, tenho orgulho dos meus violeiros, somos muito dedicados, apaixonados pelo Catira. As meninas precisam começar

com 18 anos porque dá muito trabalho. Começa a namorar, aí o namorado começa a proibir e elas começam a dar bolo na gente. Aqueles que gostam mesmo, ficam. Igual eu tenho ali a Ludmila. Ela, o pai dela, a mãe dela, todos são foliões. Ela é apaixonada no Catira. Quando a gente demora a buscar elas ficam ligando. Elas são apaixonadas. A gente ensaia uma vez por semana o profissional.

Eu tenho um projeto também, que é o “Catira na Escola”. A gente dá aulas nas escolas municipais desde 2005. A gente tem convites para outras cidades, aqui do Estado de Goiás. Fazemos apresentações em muitas faculdades, igrejas católicas, até de crente, também, a gente faz. Eu rodo o estádão do Goiás.

Apoio do poder público é uma força que faz a diferença.

O nosso prefeito e o nosso secretário, eles são muito bons, tanto que Os Filhos de Aparecida, eles são todos contratados pela prefeitura de Aparecida. Se não tivesse uma ajuda do prefeito, da secretaria de Cultura, não daria conta não, o Catira é uma cosia muito cara, cara mesmo! Ele tem que ter o uniforme, tem que vestir bem. Eu gasto noventa reais só com o par de botinas. Se o poder público não ajudar, agente não dá conta. Graças a Deus, temos o secretário da Educação. Ele ajuda muito a gente. É um ajudando o outro. São parceiros maravilhosos para ajudar a gente.





Uma mulher de pulso firme, determinada, que acredita no próprio trabalho para dar futuro e continuidade à tradição.

Meus filhos, netos, ajudam muito. Foram eles que fizeram os lanches, fizeram o almoço para os meninos, mas eles fazem as coisas para me ajudar. Agora, se eu chegar a faltar, desistir ou adoecer, meus filhos não vão dar continuidade. A vocação deles é outra. A minha persistência foi e vai continuar forte. Minha e do João Brito.

Minha persistência é tão grande, que as pessoas, às vezes, me arrumam as coisas para ficarem livres de mim. Se falar não para mim é pior, porque aí que eu vou atrás mesmo. Não vou desistir fácil não. Tem hora que eu até penso em desistir, mas depois eu choro, eu fico nervosa, eu falo que vou parar, mas depois continuo. Eu amo demais os meus catireiros e não dou conta de ficar sem eles não.

O violeiro do grupo é Campo Grande. Um apaixonado pelo ritmo que descobriu ainda na infância.

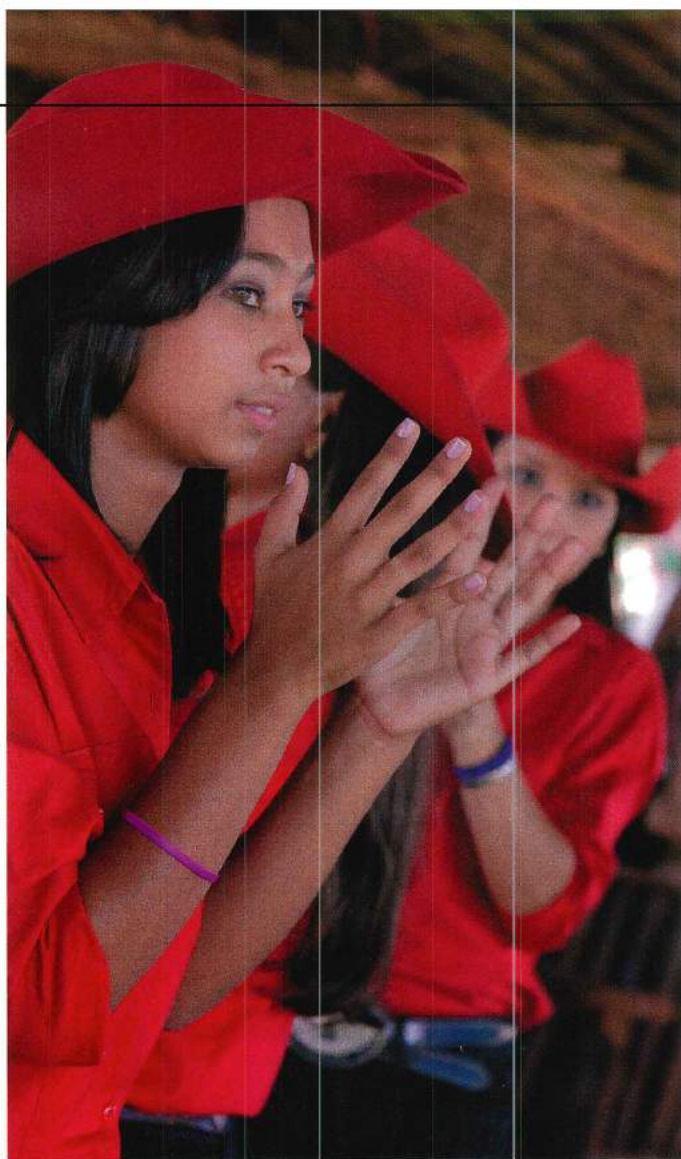
O Catira começou em mim quando eu era criança, ainda. Eu sou do interior, morava na roça, depois fui para

a cidade pequena e nasceu a paixão pelo Catira. Mudando para Goiânia, na adolescência conheci muitos violeiros famosos. Conheci a Nilmaria e essa parceria vai longe. É uma coisa que a gente ama porque o Catira e a música estão no sangue. A viola ajuda a bombear o coração!

O nome curioso nasceu de uma parceria que até hoje anima a tradição.

Campo Grande é pelo fato de que eu tinha uma dupla antes desse parceiro agora, e ele cantava com o pai dele, que era Serra Grande e Limoeiro. Aí o pai dele faleceu e eu continuei a dupla com o filho. Para continuar parecido com a antiga dupla ficou Campo Grande e Limoeiro. Mas acabou a dupla e agora é Campo Grande e Boiadeiro. O Catira é minha vida. Eu não danço, mas eu toco para os catireiros e estou participando com certeza. Espero um grande sucesso no Catira. Hoje está muito difundida na mídia.

Compositor das músicas que diferenciam os grupos, Campo Grande tira das vivências a inspiração para as novas composições. Com os tempos, as mudan-



ças foram ganhando espaço na tradição.

O Recortado mudou, o grupo vai dando aquela diferenciada. O Catira mais antigo era num andamento mais lento e, hoje, os grupos estão dançando mais acelerados, com passos mais modernos. Mas causo bom é esse de uma vez eu estava fazendo um Catira e um catireiro nosso caiu no palco. Rapidinho ele levantou e continuou dançando. Eu não sabia se eu tocava o catira ou se eu ria dele. Mas ele levantou na hora e continuou como se nada tivesse acontecido.

Nos grupos os ensaios seguem as ideias tradicionais. O professor que cria e ensaia as coreografias, o Wellington, conta que tem que ser firme para conseguir um resultado bom.

É um pouquinho difícil por causa da idade delas. Algumas custam a levar o treino a sério, mas com jeitinho a gente vai conseguindo passar o Catira para elas. É meio difícil renovar. A gente só consegue arrumar por meio

das apresentações, dos eventos, porque assim desperta uma curiosidade a mais e elas procuram a gente para aprender. Por isso, as contribuições do poder público são importantes para garantir essa continuidade. É muito difícil a gente tentar passar isso para frente sem ter um apoio, porque para elas dançarem em outra cidade precisa de uniforme, essas coisas. Eu acho feio a gente chegar lá todo mal arrumado. Nada a ver com o caráter. Então, é muito importante o apoio da prefeitura. Também, se não fosse a Associação aqui não ia ter um monte de coisa sobre a cultura. A Associação aqui valoriza e tenta resgatar ao máximo a cultura de Aparecida.

Deliorrana que descobriu a vocação para a dança acredita na continuação da tradição pelos mais jovens.

Comecei a dançar na escola facilmente, eu aprendi muito rápido porque eu sou boa para aprender e peguei muito rápido e eles gostaram. Catira é uma cultura muito boa, mas a gente tem que ter muita responsabilidade. Eu penso que é bom dançar lá na frente de todo mundo, ver aquelas pessoas sorrindo para você, te aplaudindo, falando que também queria dançar.

O grupo formado por só por mulheres chama a atenção por onde passa e os importantes acontecimentos vão compondo trajetórias de sucesso para as novas gerações.

Geralmente, quando se fala em Catira para as pessoas que não conhecem, a primeira coisa que eles pensam é que são pessoas velhas. A segunda, que serão homens. Na hora que elas entram é como se fosse um choque. Eu vejo um lado positivo nisso, na igualdade, vamos dizer assim. Se a gente pode, elas podem, tanto é que elas dançam muito bonito. Para mim, eu prefiro mais um Catira, não tem coisa melhor. São novos conhecimentos. A gente conhece cidades, pessoas diferentes. É gratificante demais. O Catira é tudo na vida da gente. A gente tenta tirar o melhor. O Catira tem muita regra, assim como a vida da gente, também tem. Então, a gente aprende o máximo do Catira para vida, também.



DANIEL FLORES | ITAGUARI-GO



Daniel é o mentor do Grupo Orgulho Caipira. O nome já diz o que vai no coração desse moço de fala poética. Para contar como tudo começou, ele lembra que a história do Catira está sendo escrita e reescrita.

A minha mãe era cantora de baile e meu pai era sanfoneiro. A minha sogra, essa sim, era catireira. Ela batia viola em duas posições e dançava Catira sozinha e cantava Recortado. A dona Maria faleceu com 89 anos. Então, tem um pouquinho no sangue. Naquela época qualquer festa era aberta com o Catira. O violeiro solava e ponteava um Catira, sapateava ali por dez, quinze ou vinte minutos.

Nós temos hoje acompanhando a gente, uma moça que está fazendo doutorado em História e ela veio, especialmente, para aprofundar, porque dentro das faculdades não tem ainda uma história certa, mas conversando com pessoas de idade, a gente sabe que o baile começava sempre com o Catira. E uma das histórias que a gente sabe é que ele é uma dança que se originou em Minas Gerais, mas tomou corpo aqui em Goiás, no Centro Oeste brasileiro.

Pelos caminhos, as experiências que residem nas ideias dos pioneiros ganham o interesse dos novos

apaixonados pelo Catira.

Outro dia, um senhor que era tocador de boiada e tocava viola, de 98 anos, da cidade de Formoso de Goiás, me contou um pouco da história. Ele disse que o Catira brasileiro foi criado com um pouco dos imigrantes mineiros que vieram para Goiás, quando as minas de ouro eram muito forte em Minas Gerais, e eles vieram para adquirir terras para plantar.

Naquela época, as boiadas eram tocadas e os boiadeiros saíam em suas viagens levando matulas, cozinheiros e tocavam a boiada quarenta dias e quarenta noites sem retornar em casa. Junto, eles levavam a viola também. Então, vinha transferido o gado de Minas Gerais, da Bahia, para Goiás e tudo isso na estrada batida, com sol, com chuva. Mas, as noites eram de entretenimento. Eles tocavam viola e ali homens, boiadeiros, candeeiros cantavam. Mas no momento que eles tocavam a viola, tocando as Modas Caipiras, os índios, às vezes, acompanhavam na palma da mão e a batida da palma da mão do índio, pelo que eu ouvi falar, ela tem um som diferente. Ela não é um som estralado, é um som fechado, então, os violeiros tocavam viola e os índios batiam na palma da mão, acompanhando o toque da viola, mas com a empolgação, com as bebidas, com



“ *Nós temos que valorizar a cultura porque daqui uns dias o que vamos falar de música para os nossos filhos? O que vamos falar de dança, de cultura? Sendo que a música hoje é eletrônica, totalmente japonesa.*” (Daniel)

saudade dos filhos e da mulher que ficou em casa, dava vontade de dançar. E acompanhado o índio, que acompanhava a música, criaram o sapateado, que agente hoje chama de Matão. A batida da mão que é o Recortado. Então, aí originou essa dança que a gente fala que é uma parceria dos mineiros e dos goianos. Se a gente falar que é uma dança tradicional goiana a gente está pecando, se falar que é tradicional mineira, também está pecando. Os mineiros tocavam viola, e os goianos colocaram o sapateado e a palma da mão.

Folia de Reis e Catira sempre andaram juntas. Um caminho também percorrido nessa região.

Aqui tem uma Folia de Reis que, em proporção, é a maior do Brasil. Ela vai completar 85 anos de giro. E quando os violeiros cultuavam e cantavam a Folia de Reis visitando casa por casa, depois da cantoria, depois do terço, vinha o Catira. Tradição da família do seu Maurílio Galdino.

Os filhos pegaram a cultura do pai e vieram apresentando o Catira. Nasceu nesse município André e Andrade, a dupla que canta a música Cama Fria, Pássaro sem Ninho, muito conhecido, e as Irmãs Freitas também. Nas Folias a gente já foi pegando a poesia nativa do homem do mato e foi aprendendo. Com a evolução da cultura, uns foram deixando o caipirismo de lado para valorizar a Moda da Viola, a batida do violão. Vieram os instrumentos musicais eletrônicos e foi deixando a tradição para trás. Resgatamos e há uns dez anos estamos fazendo o Catira.

A gente não tem benefício, não somos pagos para fazer eventos, sempre. O pessoal que faz a cultura deveria valorizar isso. Todas as faculdades que a gente se apresentou têm um jeito de buscar dinheiro em Brasília, no Ministério da Cultura, para fazer os grandes eventos culturais. Mas o valor do catireiro, do batedor de palma, daquele que ensaia, às vezes, ele vai lá num evento desses, com o dinheiro do Governo Federal para fazer o Catira, eles não pagam nem a refeição, nem a hospedagem e nem a passagem do próprio catireiro, que vai lá e faz a cultura acontecer.

Dono de uma prosa boa e de um posicionamento firme, Daniel Flores acredita que os novos ritmos influenciam a preferência das gerações atuais, mas que o conhecimento sobre o passado é importante para garantir a história, para entender a tradição e compreender para onde queremos ir.

Eu sou apresentador desde menino e naquela época eu apresentava os grupos. Ao apresentar eu contava um pouco a história do Catira e chamava para a animação. Fui gostando, fui aprendendo, mas os meninos já eram fazendeiros, donos de terra, pequenos sítiantes, o grupo Irmão Oliveira, eles se tornaram empresários também do ramo da confecção aqui da cidade e ficou um pouco difícil para eles viajar.

Aí eu tive a idéia de criar um grupo feminino porque minha filha gostava de ver o Catira e eu fui me envolvendo com aquilo. Os Irmãos Oliveira deram um pouco de aula, ela com interesse muito grande, pegou muito

rápido os passos. Depois que eu implantei o grupo de Catira feminino é que agente teve mais possibilidade de apresentar essa cultura para quem não conhece. De um tempo para cá, essas meninas invocaram com tablet, com o computador, que envolvem muito a criança e contribuem para deixar de valorizar a cultura.

A gente tem que mostrar, por exemplo, que a vida nunca vai numa estrada reta, só numa estrada bonita para chegar em determinado local, com segurança, com tranquilidade. Sem você olhar pelo retrovisor não dá! Então, é simplesmente olhar pelo retrovisor, mostrar quem é que desbravou esse Goiás. Que foi desbravado em cima do lombo de um burro, que nessa época os eventos eram feitos na viola, no violão, na sanfona, no pandeiro e no zabumba.

Hoje, um pequeno evento, você traz uma estrutura magnífica e faz o evento acontecer! Nós temos que valorizar a cultura porque daqui uns dias o que vamos falar de música para os nossos filhos? O que vamos falar de dança, de cultura? Sendo que a música hoje é eletrônica, totalmente japonesa.

Aí pegaram uma dança, não estou desvalorizando, o rap, o funk. Mas, você vai lá para a beira de um rio passear, descansar, conviver com animais, é um momento de descanso e vamos ouvir rap, vamos ouvir funk, sertanejo universitário? Meu irmão, esse povo acabou com a música sertaneja. E todo mundo formando. O cara forma em quatro anos, tem o mestrado, tem doutorado, seis ou oito anos. Eu quero saber quando é que essa música sertaneja universitária vai se formar? Hoje, você vai numa festa junina, chega lá, a festa junina é eletrônica. Então, é por isso que nós temos vontade de manter o sustento desse cenário lindo do brasileiro, pois é daqui que sai nosso sustento, também, do folclore e da cultura.

Para garantir a continuidade do Catira uma das iniciativas é investir na formação de violeiros.

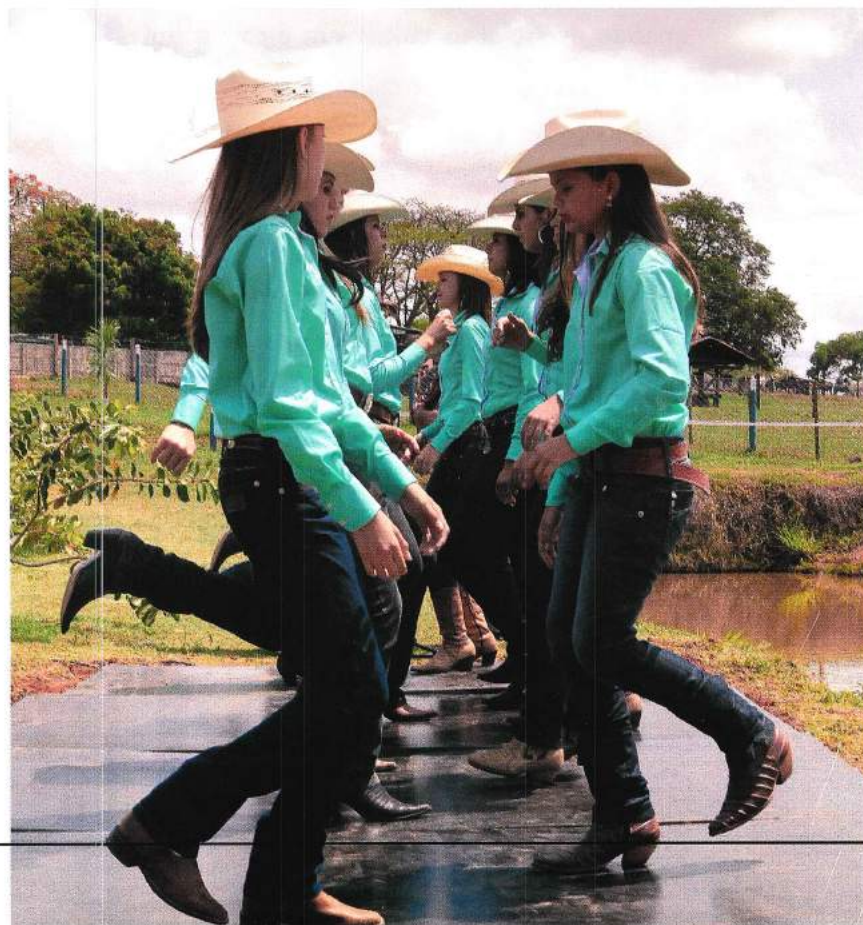
Quando nós começamos a dançar o Catira com as meninas, uma das grandes dificuldades que a gente en-

contrava era o violeiro para acompanhar. Eu preocupado quis formar uma violeira, dentro do próprio grupo, porque no dia que um não pudesse alguém iria acompanhar. Então, nós implantamos, também, para que o grupo de Catira tenha o próprio violeiro.

A Daniele já compôs uma música, já tem composição própria das meninas, hoje a gente está vendo que, graças a Deus, vamos conseguir. Hoje tem a Adriana Viola fazendo um sucesso danado, tem a Bruna Viola fazendo um sucesso danado. Todo mundo cultivando a viola caipira. E, no Goiás, a gente inspirou muito em André e Andrade, em Mozart e Mozair, Cacique e Pajé. Essas meninas, elas não descansam. Vão para escola de botina suja de bosta de vaca, usa calça e camisa caipira. Ali tem pedagoga, ali tem administradora de empresa, tem grandes valorizadoras da nossa cultura.

O grupo ensaia e nesses encontros surgem novos passos. Pelos eventos sobram histórias bem humoradas sobre a determinação de quem conhece o Catira para manter a tradição.

Nos finais de semana, quando a gente não tem trabalho, a gente vem para Itaguari. Vindo para Itaguari



eu trago a minha viola, a viola da Daniele e a gente reúne para cantar umas Modas de Viola, cantar uns versos de Folia. Reúne para estar sempre acertando os passos. Tem muito que melhorar ainda! Hoje, a gente não dá conta de atender os convites das faculdades, os convites para participar de shows.

A gente não participa mais porque não tem incentivo financeiro nem para pagar a refeição, nem o transporte das meninas. Se hoje nós tivéssemos apoio, a gente estava levando essa tradição, essa cultura para o Brasil inteiro. Dentro do grupo Orgulho Caipira, as meninas criam alguns passos para diferenciar, mas nunca esquecendo os passos tradicionais, que é o Recortado e o Matão.

Tem gente que dança Catira e tem gente que pula o Catira. Quem dança Catira nem pula para cima. Ele sapateia o pé fazendo um sambado e isso aí a gente valoriza muito. Hoje, nós temos o forrozinho do Catira. É onde as meninas se abraçam e dançam um forró em círculo fazendo o sapateado do Catira, sempre inovando, mas sem perder a tradição do passado.

Para os catireiros, a dança representa um passado de grandes desafios.

O Catira representa o passado de grande dificuldade, mas de alegria e paz que, também, tinham os nossos pais, os nossos avós. Eles trabalhavam a semana inteira, na roça, na enxada, na lida, mas a diversão do passado nos finais de semana eram os bailes. Nessa região que eu moro, há 40 anos dizia minha mãe, que era terra de cultura. As lavouras cresciam e o mato vinha junto. Quando vinha o mato, aquele pai de família não dava conta de carpir a lavoura. Então, ele chamava os compadres, os amigos, para ajudar e eles faziam o tal mutirão. Isso acontecia no sábado, durante o dia e, nas noites, eles se animavam. Eram noitadas com forró e Catira. Era tudo mais difícil. Para comprar uma viola, naquela época, você tinha que vender sacas e sacas de arroz, sacas e sacas de feijão. Hoje com um mês de trabalho de qualquer uma daquelas moças ali você compra uma viola. Mas,

mesmo assim, eles pegavam metade da lavoura e vendia para comprar uma viola. Então, nas noitadas de alegria eles tocavam viola, batiam na palma da mão, batiam o pé no chão, dançavam a noite inteira à revelia, pegava o sol com a mão sem nenhuma relia.

E no dia a dia é sempre um novo convencer para que os mais jovens se interessem pela cultura. Mas basta uma só apresentação para o compreender se tornar uma paixão. Catira foi feita para pulsar o coração.

Uma vez eu fui mostrar nosso material de Catira numa festa, de uma cidade vizinha, e tinha muito jovem. Quando eu cheguei lá mostrando nosso material, eles disseram:- Que nada de Catira. Eu não quero ver velho babão dançando Catira. Quem sabe mexer com Catira é só velho e velha! Mas aí eu falei:- A minha é diferente! Vocês não podem pagar nada para a gente vir apresentar?E eles:- Não. Eu continuei:- Mas vocês deixam a gente apresentar sem vocês pagarem? Eles falaram:- Pode vir. Eu fui! Levei essas 10 moças e 02 crianças e o palco não tinha proteção. Era um tablado no chão para os violeiros. Gostaram tanto que a gente teve que arrumar segurança para proteger as meninas, porque a rapaziada ficou doida.

Quero aproveitar para parabenizar a Fundação de Cultural de Uberaba por fazer isso que estão fazendo, porque o passado foi muito grande e o que estamos fazendo é só para que não morra, para que não se apague. Porque o povo paga 150.000 reais para um cantor universitário cantar, fora a despesa e não tem coragem de pagar nem 2.000 reais para ver 10 moças bonitas relembrar o passado dos pais, avós e bisavós.

O Brasil, querendo ou não, é um País jovem, de 500 anos que foi descoberto. O Catira tem 450 anos, mas não tem valorização. Quero parabenizar mais uma vez esse centro cultural, para que não pare. Que continue fazendo esse trabalho, que assim a gente não deixa apagar com uma borracha um passado de vida de peões, de boiadeiros, de caipiras, de sertanejos de verdade.



ROMEUBORGES | UBERABA-MG

“Teve uma vez que fui dançar com a Ana Botafogo, e quem tocou para nós foi o Paulo Jobim, filho do Tom Jobim.” (Romeu)

Ele nasceu com o ritmo no coração. Uma paixão que ganhou o sapateado, ainda, bem pequeno. Apesar, que pouca idade nunca foi problema para Romeu Borges. O então menino, já era um espetáculo e cresceu em meio aos construtores dessa tradição.

Existia um tal de Francisco Tomé, um homão alto, foi criado junto com meu pai, era muito bom violeiro. Eu tinha uns seis anos, sete anos, eu já acompanhava sapateando a viola dele. Ele falava: esse menino vai sair uma coisa louca pra sapatear, então, eu nasci com esse dom, eu acho que eu já sapateava antes de nascer. Lembro, ainda, que fomos numa festa de reis em Custodio Marcelino, e papai tinha comprado uma botinha para mim, todo entusiasmado, e eu tinha mais ou menos uns sete anos, e eles formaram um grupo de Catira lá e eu entrei no meio, e não dei fiasco nenhum. Eu devo ter tido erro menor, e eles acharam aquilo muito interessante. A gente tinha muitos Borges que dançavam Catira, mas como eu era um dos mais novos eu estou vivo até hoje, os outros já foram morrendo, a não ser o Antônio Augusto e o Luís Antônio, que são filhos de Borges e são mais novos do que eu.

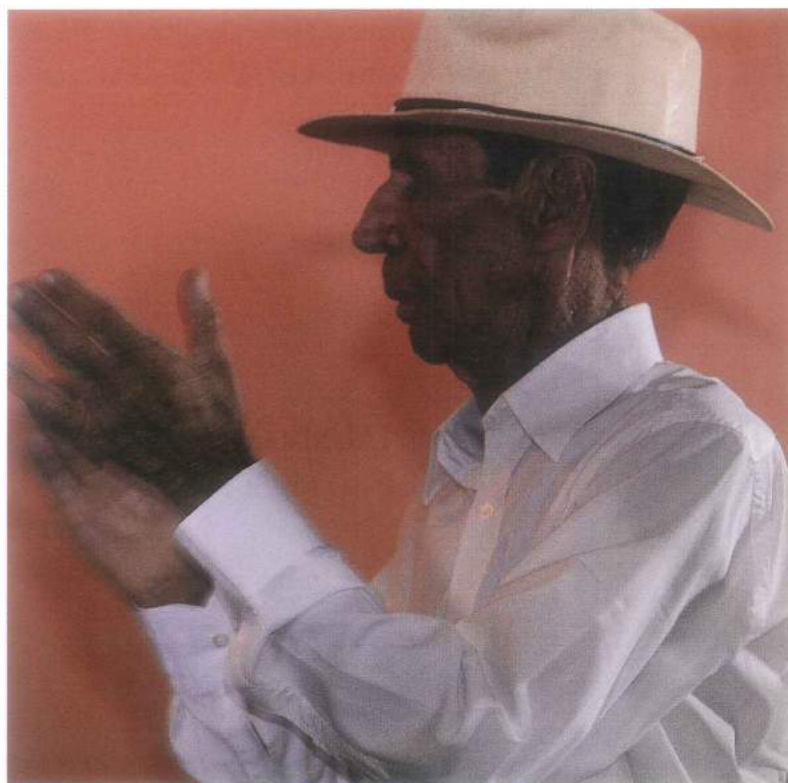
Uma história que ganhou palcos importantes no Brasil. Dançando com a bailarina Ana Botafogo, Romeu mostrou a força que o Catira tem. Também, a importância de respeitar o estilo e as particularidades do ritmo durante as apresentações.

Teve uma vez que a gente foi dançar com a Ana Botafogo. Mas foi uma coisa muito mal feita aquilo lá, não ensaiamos nada, e nada foi projetado, nós dançamos num passeio caroquento, como é que ela ia dançar com sapatilha num passeio caroquento? Aí, nós tiramos de um coreto uns compensados e colocamos no passeio, e quem

tocou para nós foi o Paulo Jobim, filho do Tom Jobim. Ele tocou mais ou menos, não tocou o necessário, que devia tocar, para acompanhar. Tinha um violeiro lá, mas eles não puseram o violeiro pra tocar, um tal de Francisco, lá de Santa Rosa de Viterbo. O Paulo Jobim imitou ele, mas não tocou como ele. Outra coisa fui eu tentando combinar o passo do balé com o Catira, eu custei ajeitar aquele chitá que eu danço muito, foi o que deu certo com o balé da Ana Botafogo, não é fácil, não, esse trem!

Grande pioneiro do Catira, Romeu Borges, conhece as histórias dos primeiros grupos que fizeram a tradição no Triângulo Mineiro.

Orozimbo era um famoso catireiro. Ele era meio índio, e essa dança, o Padre Anchieta introduziu com a violinha portuguesa para catequizar os índios, misturando com a dança espanhola. E Orozimbo veio com



isso em meio à tradição. Tinha um grupo e veio ele, o João Marcos, o Sebastião Fabiano, o Orestes e vou te falar uma coisa: eram uns catireiros fora de série! Tinha também o Manoel Rodrigues. Um dos primeiros cantador.

No passar dos anos, a força de um povo que encontrava no Catira um jeito de fazer a diversão e de mostrar o talento por meio das mais inteligentes invenções.

Tinha Catira em diversas cidades aqui por perto. O núcleo de Catira dessa região começou em Pirajuba, Veríssimo, com o Manoel Rodrigues, que morou em Ponte Alta. Uma vez falaram para o Chico Quintino cantar para o Manoel Rodrigues lá na fazenda do Gabrielzinho Moraes. O Chiquinho chegou e falou: - não, eu não vou mexer com ele, não. Ninguém pode com esse homem. Aí, ele foi e falou: mexe! Ele não queria cantar porque estava com dor de dente. Mexe que aí ele resolve. Aí o Chiquinho cantou: 'Você foi lá pra fora não quis cantar comigo, eu comparo ocê com um pedaço do meu umbigo', porque joga fora, né! O Manoel Rodrigues chegou lá, tocou a viola, pediu água de sal, e cantou: 'Quem quiser me dar escola pra cantar Moda de verso, não pego mais em viola, do Catira eu me despeço, aqui tem um cantador gravola, que anda de presunção, eu puxo na minha cachola, faço a minha execução, quem quiser me dar escola, pode ter a certeza que mais tarde eu dou a lição', acabou com o Chiquinho.



Teve outra vez que o Manoel Rodrigues foi numa festa em Conselheiro Lafaiete e tinha uma professora que disse: 'gente achei que o Manoel Rodrigues fosse um homão, mas ele é um hominho pequeno'. Ele era baixinho mesmo, moreninho, cabritinho. Ele escutou e cantou para a professora: 'Você me chamou de cabrito, cabrito do céu só eu, sentimento pra você ter esse cabritinho ia ser seu, você me chamou cabrito, cabrito eu queria ser, sentimento que você teve esse cabritinho ia ser procê'. Ele cantou um mundo de verso para ela, o Recortado inteirinho ele cantou para ela, ela enfiou dentro do carro e nunca mais saiu.

A Moda e o Recortado juntos agradam mais quem vive e acompanha o Catira, enquanto o Recortado agrada mais o público por apresentar mais variações.

A Moda apresentada junto com o Recortado torna-se muito comprida, precisa de mais tempo, então, isso para apresentação fica meio monótono, o povo não acha isso bom, não. Por isso que o Recortado entrou. O Recortado varia o sapateado, os versos também são variados, agrada mais o público do que você cantar Moda. O catireiro gosta de cantar Moda e o Recortado junto, os dois juntos. O Catira na roça é diferente, sabe por quê? Porque na cidade sempre tem barulho, e o Catira na roça não tem barulho. Os violeiros cantam a Moda inteira e o povo fica prestando atenção e num silêncio danado e, isso ajuda muito o violeiro.

Romeu conheceu os compositores que fizeram as primeiras músicas para o ritmo. E com tanta modernidade, ainda se assusta com as novas composições.

Do Manezinho eu sei uma porção de pedacinhos, mas a gente gostava dessas coisas. Você vê muito pouco violeiro, aqui em Uberaba, quem é que toca viola para Catira? Você tocar a viola para a Catira é uma coisa. Agora, você tocar uma viola pra dançar samba, dançar marcha, dançar valsa é outra coisa. É outro toque. Diferente. Por isso que o violeiro de Catira está muito escasso. Agora, o povo quer muito esses rasqueados de viola do Tião Carreiro. Poucos cantam aquela



Moda feita na roça, que o Manoel Rodrigues fazia, o João Meirelles fazia, o Antônio fazia, o Vicente Caburé. Eles eram compositores e cantavam a vida deles. Essa era a diversão que eles tinham. Não existia rádio, não existia televisão, não existiam essas coisas. A alegria era tocar uma viola à tarde e fazer uma poesia da vida deles, lá do sacrifício deles ou dos prazeres que tinham. O Catira está tomando outros rumos por causa dessas coisas. Eu vejo umas letras de Catira, umas letras de música de rádio, de televisão, que é uma vergonha, eu acho isso um horror.

A tradição do grupo é recontada com saudade pelo catireiro. Um tempo onde as experiências no campo serviam de inspiração para os encontros recortados de alegrias e de amizades.

O Grupo 'Os Borges' era mais de violeiro, mais dançador de Catira. Um povo que cantava a Moda de raiz, feita lá na roça mesmo, como o Manoel Rodrigues cantava o Recortado 'Meu Rancho de Sapé: 'Conforme caminha a sorte, de manhã eu tomo um café e fumo um cigarro bem forte, eu vou pro serviço a pé e não queixo da minha sorte. Trabalho com muita fé e não tenho receio da morte'. Era a vida que ele vivia. De manhã ele falava: 'Quando é de manhã cedo pelas campinas desertas, cantando nos arvoredos os passarinhos me desperta, levanto e não tenho medo, a minha vida é descoberta, eu levo tudo em brincado e nada na roça me aperta'. No fim ele fala: ' Eu levo uma vida barata, não tenho dificuldade, planto mandioca e batata, e verdura à minha vontade'.

Os desafios para reunir o grupo são grandes.

Nossa Senhora, como é difícil demais reunir o grupo hoje em dia! Se a gente morasse na roça, tivesse aquela vida era muito mais fácil de montar. Na cidade não monta fácil. No tempo de eu rapazinho, a gente tinha uma vida tranquila. Agora hoje, se você vier pra cidade, você tem que vir no Jockey, tem que vir na Casa do Folclore e tem os cantores para abrilhantar. É muito diferente. Naquela época, na roça, você tinha facilidade demais, porque tinha festa demais na roça, o povo morava na roça. Hoje, ninguém mora na roça, o povo está tudo morando na cidade, até os empregados acham difícil de ficar na roça. É a mudança, a migração, é a evolução dos tempos, porque hoje tem televisão, tem rádio, tem computador, tem internet, hoje a vida mudou demais.

O que ajuda muito é ter violeiro no grupo. É a mola real do Catira. É a mola mestre, isso eu sempre digo. Tem muita gente que toca bem, que é compositor, mas não quer seguir, e a gente fica triste, viu. Não tem essa continuidade. Ainda bem que tenho eu, mais o Ricardo e o Romeu Jr. que dança lá em casa, são três. Se você falasse num Catira antes, você formava dois grupos de Borges de Catira, com facilidade, e hoje você não forma fácil. Eu peço a Deus que esse trem não acabe, que toda vida eu gostei demais de Catira, apreciei muitas Modas de Viola. Os violeiros que são tocadores de viola muito bem, eu rezo para esse trem não acabar, para dar continuidade, mas vamos ver.



JOANA ARAÚJO FERNANDES | BARRA DO GARÇAS-MT
ORLANDO FERNANDES
OTAMIRO FERNANDES

Grupo tradicional de Catira da região do Médio Araguaia, formado há 54 anos, conta sua trajetória. Uma família que construiu com amor a história do Catira. Na poesia da vida de Orlando as lembranças de um passado lindo de ler.

O Catira na minha vida aconteceu desde que eu nasci, porque meu pai e minha mãe eram violeiros, eles cantavam para os catireiros dançarem. Eu lembro, até hoje, que eu estava no colo da mãe e ela tampava eu com uma toalha, para eu não afogar com a poeira do Catira. Naquele tempo derrubava a cumeeira, o Catira era bravo, era Catira no pé mesmo para quebrar tábua. Então, não teve jeito: com três, quatro, cinco aninhos

eu comecei a quebrar corda da viola do meu pai, e vem vindo, vem vindo.

Catira foi o ritmo do sentimento que embalou o romance que tem mais de meio século. E com um papo bom, feito de doçura, Orlando continua.

Nasci na cidade Mirassol, interior de São Paulo. Criei lá até os 13 anos e fui pra Tanabi, onde fiquei até os 20. De lá fui pra Monte Aprazível, onde eu conheci essa prenda, como diz o gaúcho, e graças a Deus casamos. Ela também era violeira, de família tradicional de catireiro, e começamos a cantar desde o dia que nos encontramos. Eu tinha um programa na rádio, meu irmão era o Zé do César,

“ Lá em casa começou a querer andar, ficou de pé, se segurou, se não bater o pé pode fazer DNA que não é da família! Tá no sangue.” (Orlando)

mas naquele tempo era Landim e Zezim. Foi em 1958, aí em 59 nos casamos. Já são 54 anos que estamos aí na luta. De lá pra cá é só cantar. Enfiei na cena gostando de bater pé e a gente não deixa passar. Tudo cantando!

E dona Joana? Ah! Uma eterna menina apaixonada. E no dia que vieram as dúvidas entre ficar no Catira ou cuidar da família? Ele não teve dúvidas.

Eu conheci muito pouco da minha família, mas segundo dizem uns primos mais velhos que conheci, era uma família de Folias de Reis, catireiros e violeiros. Até hoje tem gente que grava na minha família. E eu já cresci com esse dom. Desde pequena eu cantava. Nas escolas eu já era escolhida pra cantar na classe. Então, foi a vida inteira assim: cantando. Quando eu fiquei moça, eu e uma sobrinha começamos a cantar e cantamos bastante tempo. Depois que nos conhecemos, eu e o Orlando, ele largou da parceria dele que era com o Zé do Cedro, e eu larguei da minha sobrinha e começamos a cantar juntos. Logo que casamos eu engravidei e pensamos: nós vamos ter só esse filho e vamos seguir carreira, ou nós vamos criar família? Aí optamos por criar família, deixamos a carreira de lado, mas nunca largamos totalmente. Sempre nas festas, em circo, a gente ia cantar e a filharada junto. A filharada foi aumentando, e foi aumentando e, hoje, já são quase 57 pessoas integrantes da família. Quase todos cantam, quase todos tocam viola, violão e dançam Catira. Nós estamos nessa luta e levando a cultura para frente. Não deixamos a peteca cair, graças a Deus.

Da família da minha sogra, o meu sogro já faleceu, mas a minha sogra, com 93 anos, ainda canta com o filho dela nas festas. Esses dias, fomos em Rio Preto e ela

cantou. Eu sou compositora, tinha uma irmã que era repentista. Ninguém vai pra outro canto não, é o caminho da viola mesmo, é Catira mesmo, é música raiz mesmo, e estamos aí graças a Deus.

O professor Miro, que acompanhou toda essa história tão de perto, conta que manter essa tradição é uma vitória feita de muita dedicação e amor.

Existe toda uma influência de culturas de fora e a genuinamente brasileira vai acabando, sucumbindo. Infelizmente, a gente tem perdido. Então, graças a Deus, a gente cultua duas coisas importantes, que é a questão da família, a manutenção da família e a cultura. Meu pai tem 54 anos de casado e nunca brigaram, nunca separaram. Os filhos, também seguem essa mesma tradição. A música trabalha um pouco essa questão da manutenção da família. E a outra questão é manter a cultura genuinamente brasileira, que é nossa.



A gente precisa preservar a questão do Catira, a questão da Moda de Viola, a questão da própria viola, então, na família nós temos várias duplas. Duplas de adolescentes, duplas de jovens e adultos, que vão se formando, se constituindo dentro da família e vai preservando também essa tradição da viola, da música raiz e do Catira.

Em 1975, a família foi morar em Barra do Garças e criaram o grupo na cidade. Na época, o professor tinha seis anos e já dançava. Agora, aos 20 anos reforça a construção feita pelos pais. Somos os pioneiros e, provavelmente, o maior grupo. Somos em trinta. Nós tivemos um evento em São José do Rio Preto e lá tivemos que dançar em quatro grupos simultâneos, da mesma família. O mesmo grupo se dividiu em quatro para caber no palco.

E, por onde passam, Joana percebe que o grupo desperta muitas emoções.

Todo lugar que a gente vai muitas pessoas choram. Em vários lugares, todas às vezes que a gente canta, as pessoas depois vêm cumprimentar e falam: - Olha, vocês fizeram agente chorar, lembrei muito da minha família, família unida. E vocês levam uma mensagem

de família que não tem preço. Isso é o mais importante para a gente.

Crescer em um ambiente cultural faz muita diferença, explica Miro.

As crianças crescem dentro dessa tradição e crescendo dentro dessa tradição eles gostam. Meus filhos, por exemplo, um tem 18 anos e o outro tem 17. Eles tocam muito bem a viola, cantam, fazem shows. Se você pedir pra eles cantarem uma música universitária, eles não cantam, não gostam. Outro dia eu vinha no carro e começou a tocar um funk, eles pediram para parar. Pediram para colocar um Tião Carreiro. O que eles gostam mesmo é da música raiz, e da tradição do Catira. Meu pai tem um ditado que é o seguinte: lá em casa começou a querer andar, ficou de pé, se segurou, se não bater o pé, pode fazer DNA que não é da família! Tá no sangue.

E logo, dona Joana emenda.

A gente tem duas netinhas, uma com um aninho e pouco, e a outra com três aninhos. Esses dias eu refiz umas camisas pretas, dos meninos, e elas: vovó eu quero uma camisa também. Eu quero também dançar Catira! Tive que comprar e fazer e elas subiram no palco e dançaram. Não dança direito, mas bate o pezinho e bate



a mão, é Catira. Precisa ser que nem o cipó: se a gente deixa madurar, se você torce, ele quebra. Então, a gente tem que torcer desde pequenininho para aprender, se não, depois é difícil. E não precisa ensaiar, e ninguém ensina nada, não ensina viola, não ensina violão, e não ensina a dançar Catira, cada um vai aprendendo.

Joana é a compositora do grupo. Inspirada nos fatos da vida, ela põem nas letras os acontecimentos e a emoção, conta o filho.

Então, nós temos dois CDs gravados com 24 músicas. Composições dela. Buscamos patrocínio na Lei de Incentivo à cultura do Estado de Mato Grosso. Foram os únicos dois trabalhos que nós conseguimos apoio. Os demais, no dia a dia, no nosso cotidiano, é manutenção própria do grupo. A gente faz shows, consegue um cachê e vai levando, vai mantendo. Não dá pra ganhar dinheiro, mas dá pra manter o grupo.

O som inspirado no Araguaia vem sendo criado há muito tempo. Dona Joana conta que entre eles é mais comum inventar.

Mais fácil é criar. Eu tenho várias músicas. Eu tenho samba, sertanejo, tenho um bolero, tenho marcha, valsa. Tenho uma valsa que eu fiquei entre os 10 violeiros do Brasil com ela, numa competição que nós fizemos. Chama "Serenata no Araguaia".

A coreografia do Catira tem passado por modificações ao longo do tempo. Nas palavras de Orlando, as músicas não mudaram muito.

A música da Joana é um solo só de viola, uma valsinha muito bonitinha. A Moda do Catira não mudou nada. A única coisa que mudou é que o Catira, antigamente, era mais pesado, batendo o pé com força. Agora, hoje tem muito Catira que é coreografia. Porque coreografia é bonito, mas o Catirão mesmo, verdadeiro, que bate o pé no chão e levanta poeira é outro. Mas está tudo no meio do caminho, bonito, o Catira não mudou nada. Agora, as



músicas sertanejas é que deram uma desviada feia, né.

Nessa família é difícil encontrar quem não gosta de viola, mas se encontrar, aí não adianta. Um violeiro casa com uma mulher que não gosta, atrapalha. Porque o violeiro vem sempre e a mulher não fica boa. Dá uma desculpa que está com dor de cabeça. É porque num quer, porque ela num gosta, aí atrapalha.

A gente sempre deu muita palestra e eu falava, que eu e Joana somos duas minas que vieram e junto aquele corguinho, aquela água branquinha, né. Aí vai correndo, aí de repente entra outro corguinho no meio, vai entrando, então se entra um, de água suja, vai sujando o corguinho. Se entra um que não gosta de viola vai atrapalhando.

Percorrendo o Brasil inteiro, fazendo shows, Miro explica que acontece de tudo um pouco. São as histórias que fazem parte do repertório do Catira.

Nós fomos convidados, em certa ocasião, para fazer um show num encontro de motoqueiros e nós ficamos imaginando como é que seria isso. Imagina você, estar lá na noite, com aquele tanto de motoqueiro, aquele barulhão, de repente, entram os catireiros de chapéu e batendo a viola? Então, nós ficamos com medo, eu até

disse para a organização que nós nunca fizemos e tínhamos um pouco de receio. Mas decidimos: vamos fazer! Tinha, mais ou menos, umas vinte mil pessoas nesse evento. Nós chegamos e foi o maior sucesso que teve na festa. Quem disse para gente foi a crítica da cidade, do próprio evento. O maior índice de movimento e de aplausos foi do nosso show.

Uma outra ocasião, em uma região de praias, em julho, tudo muito quente, o sol muito quente, têm praias em todos os lugares, e nós fomos convidados para fazer um show de Catira as três horas da tarde na praia. Agora, você imagina com essa roupa, nesse horário? E chegou a hora e aquela fila de catireiro de chapéu indo para o palco central, no meio da praia. Eu pensei: Ah! Isso aqui não vai dar nada, não vai dar certo, o pessoal fica geralmente nos chalés, nos quiosques, mas vamos lá. Subimos no palco e foi o único show do ano que teve aglomeração. O pessoal saiu dos chalés, dos quiosques, e veio tudo para o palco pra ver aquilo. Cada show é uma história diferente, cada viagem é uma história diferente, tem muita coisa engraçada para contar.

Depois que Miro contou essas duas façanhas, seu Orlando logo recordou de mais uma para falar.

Aconteceu uma coisa engraçada porque na entrada do nosso show eles cantam um verso da música, aí eu e Joana entramos. Eles param e a gente continua. Tinha,

também, muita gente. Quando pegamos o microfone, que começamos a cantar, o povo começou a correr. E eu pensei, meu Deus será possível? Limpou a frente! Quando vê era a chuva, só que muito forte. Mas nós insistimos e continuamos. Aí o pessoal, para não perder o show, eles começaram a pegar aquelas mesas de bar, e colocar na cabeça. Você olhava, só tinha aquele tanto de mesa e o povo debaixo assistindo o show. Muito engraçado.

Na família só tem briga quando é para viajar. A confusão começa quando não cabe todo mundo no ônibus. Afinal é muita gente! O jeito para amenizar o atrito é fazer sorteio para ver quem vai de carro ou de avião.

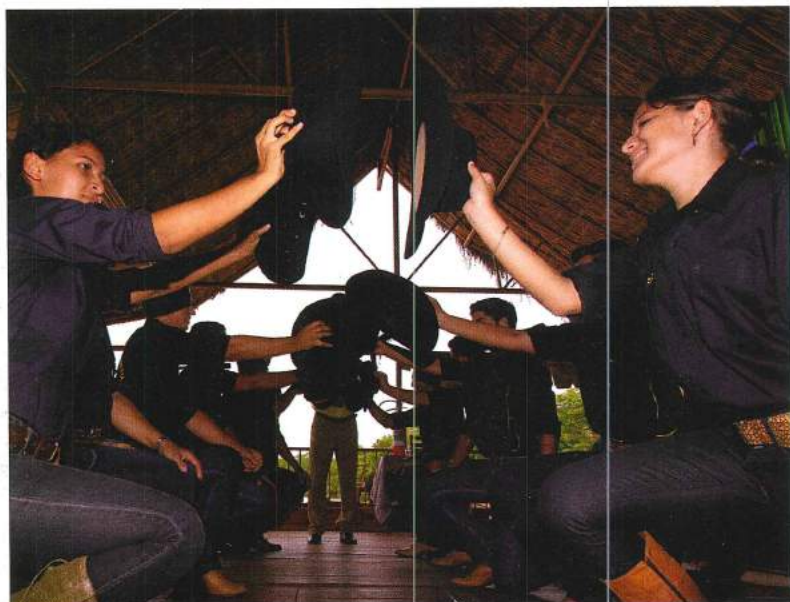
Orlando conta que todos se dão bem e Joana acredita que o Catira é um divertimento. Ela pretende levar por esse ritmo, a união da família, para vida toda.

O mais importante que eu peço sempre, e vou morrer pedindo, é a paz na família. Que essa tradição não se acabe e que Deus nosso Senhor ilumine sempre. Dinheiro é bom, mas só ajuda, não traz felicidade. Que a nossa família viva sempre com o necessário pra sobreviver, e vivendo bem, um entre os outros, isso eu deixo falado. E nesse caminho de valorizar a família, o Catira continua a viver.

A vida é isso. Chegará um dia que não estarei mais aqui e já tem que ter outro. Esses dias mesmo eu fiquei contente, fiquei sabendo que eles dançaram um Catira aí e meu neto bateu a viola, porque não é fácil, tem muitos violeiros, mas bater um Catira é diferente.

Joana também acredita no futuro do Catira e conta do encontro com Almir Sater.

Esses dias encontramos com Almir Sater, cantamos juntos. Aí falamos para ele: - 'Nós vamos morrer Almir, já estamos perto do fim, mas nós vamos deixar muita semente'. Ele falou: - 'Dona Joana, não é semente, vocês já estão com as mudas prontas, vão deixar muita muda! Nós fomos na Fátima Bernardes cantar e eles quiseram que nós levássemos até a quarta geração. Nós levamos. Então, graças a Deus, nós vamos deixar mudas prontas.





Não vai acabar. Se Deus quiser não vai acabar.

A importância de preservar a cultura raiz é preocupação do prof. Miro, que afirma ser a raiz o que sustenta e nutre as tradições.

Eu trabalho há 20 anos com formação de professores, com formação de pessoas que vão trabalhar no mercado, sou professor universitário e sempre digo para os meus alunos que aquilo que é tradição é muito importante preservar. Quando agente fala de música raiz, às vezes, a gente não entende o significado. Significa aquilo que está ali dando nutriente à árvore e também segurando, sustentando. É a tradição genuinamente caipira, brasileira. Se não formos pela raiz que segura isso, que sustenta, que dá sustentação, ela cai. Assim é a música raiz. Ela é muito importante porque vai mantendo a tradição que é nossa, que é do povo, que é do povo caipira, que é o povo da roça. Para mim foi muito importante a questão do Catira, da tradição, porque isso me deu um direcionamento na vida, dos meus filhos.

Eu sempre digo que o meu pai e a minha mãe foram os maiores pedagogos que eu já conheci. Eles conseguiram colocar nove filhos tudo no mesmo caminho, do jeito que eles queriam e, conseqüentemente, os netos também, e os bisnetos vieram do mesmo jeito. Isso é difícil hoje. Se você for analisar, pais que têm um filho, dois filhos, não conseguem transmitir as tradições. E meu pai e a minha mãe conseguiram. Já temos quatro gerações de pessoas que vão continuar essa tradição por muito tempo, eu tenho certeza que pelo menos na nossa família não vai acabar tão cedo. Destaca o professor Miro.

E finaliza deixando um legado de gratidão.

Aproveitando, queremos parabenizar e também agradecer aos participantes do projeto. Eu acho que é uma coisa muito importante. Quem idealizou esse projeto tem uma consciência muito grande de que isso é uma coisa fundamental para o Brasil. Essa tradição, essa cultura, eu acho que isso precisava mesmo.



*Grupo de Catira Irmãos Florêncio
Jaraguá-GO*



*Catireiros de Araras
Araras-SP*



*Catira Nova Geração
Ituiutaba-MG*



*Grupo de Catira Viana
Rio Verde-GO*



*Grupo de Catira Tradição de Minas
Uberaba-MG*



*Grupo de Catira Mineiros dos Pés Quentes
Divinópolis-MG*



*Grupo Viola e Catira Terra Batida
Socorro-SP*



*Grupo de Catira Marrequitos
Itaberaí-GO*



*Grupo os Defensores do Catira
Santa Eudóxia-SP*



*Grupo de Catira Revelação
Uberaba-MG*



*Grupo de Catira Por Amor à Pátria
Alcinópolis-MS*



*Grupo de Catira de Extrema
Extrema-MG*



*Grupo de Catira Novos Araçás
Araçatuba-SP*



*Grupo de Catira dos Guarás
Poxoréu-MT*



*Grupo de Catira Geração por Geração
Uberaba-MG*



*Os Brutos do Catira e Sistema Brutus de Catira
Planaltina-DF*



*Catira os Considerados
Silvania-GO*



*Catira Sangue Novo
Silvania-GO*



*Grupo de Catira Lasca Tábua
São José do Rio Preto-SP*



*Grupo Violeiros do Catira
Hortolândia-SP*



*Grupo Catireiros de Joanópolis
Joanópolis-GO*



*Grupo de Catira Flor do Mato
Itapira-SP*



*Grupo de Catira os Amigos
Formosa-GO*



*Grupo de Catira Expora de Prata
Barretos-SP*



*Grupo de Catira Tradição Manoel Teles
Uberaba-MG*



*Grupo de Catira Irmãos Oliveira
Itaguari-GO*



*Grupo de Catira Botas de Ouro
Guarulhos-SP*



*Companhia de Catira do Tabuado
Aparecida do Taboado-MS*



*Catira Pedro Pedrinho
Martinho Campos-MG*



*Grupo de Catira Raízes do Sertão
Uberlândia-MG*



*Grupo de Catira Viola em Caco
Bauru-SP*



*Grupo de Catira Os Filhos de Aparecida
Aparecida de Goiânia-GO*



*Grupo de Catira As Meninas de Aparecida
Aparecida de Goiânia-GO*



*Grupo de Catira Orgulho Caipira
Itaguari-GO*



*Grupo de Catira dos Borges
Uberaba-MG*



*Grupo Catireiros dos Araguaia
Barra do Garças-MT*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. 19p.
2. ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. V. II. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
3. Idem. Documentário Folclórico Paulista. Revista do Arquivo Municipal. 1952.19-20p
4. BELLINHTTP, Lígia. Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português do Século XVI. Disponível em: www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg7-7.pdf. Acesso em 05.04.2014.
5. SASPORTES, José. Trajetória da Dança Teatral em Portugal. V. 27. Série Artes Visuais. Amadora (Portugal): Edit. Biblioteca Leve, 1979.
6. FARIA, Ítalo Rodrigues. História da dança a dois: processos de criação em dança contemporânea. 2013. Arterevista. V.2, n.2, jun/dez 2011. 20p. Apud ELLMERICH, Luís. História da dança. São Paulo: Ricordi, 1987. Disponível em http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/dissertacaoitalo_rodriguesfaria.pdf.
7. CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 5ª Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
8. MAGALHÃES, G. José Vieira Couto de. O Selvagem. São Paulo: Ed. Cia Editora Nacional, 1935. 611 p. 317 e 323p.
9. Idem, ibidem. 317 p.
10. Idem, ibidem. 317 p.
11. BISPO, Antônio Alexandre. Universal/Nacional na pesquisa e na interpretação:* O Caso do Cateretê. 1966. Disponível em: www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-18.htm. Acesso em: 25.03.2014.
12. Idem. Ibidem.
13. NEPOMUCENO, Rosa. Música Caipira – Da Roça ao Rodeio. São Paulo: Ed.34, 1999. 440p. (Coleção Todos os Cantos) P. 59.
14. REZENDE, Gilberto de Andrade. Catira – A Poesia do Sertão. Uberaba (MG): Ed. Oficina das Artes, 2004.
15. Idem, ibidem. 46p.
16. TABORDA, Márcia. A viola de arame: origem e introdução no Brasil. Porto Alegre: Revista Em Pauta. V. 13, n. 21, dez. 2002. 143p. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8530/4951>. Acesso em: 15.03.2014.
17. MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. O Teatro de José de Anchieta Entre a Literatura e a História. UFBA/CNPq 34. Apud CARDIM, Fernão. Tratados da terra e gente do Brasil. São Paulo/ Belo Horizonte: EdUSP/Itatiaia, 1980. 145p.
18. BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. As Letras e a Cruz - Pedagogia da Fé e Estética Religiosa na experiência missionária de José de Anchieta, S.I. (1534-1597). Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2006. 365p. Apud CARDOSO, A. Introdução histórico-literária, in J. Anchieta. Teatro, 57.
19. VILELA, Ivan. A Viola. Ensaio escrito para “Músicos do Brasil – Uma Enciclopédia”. 8-12p. Disponível em: www.ivanvilela.com.br/pesquisador/ivanvilela-aviola.pdf. Acesso em: 15.03. 2014.
20. GUERRA, Gregório de Matos. Crônica do Viver Baiano Seiscentista – andanças de uma viola de cabaça. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000227.pdf. Acesso em: 15.03.2014.
21. VILELA, Ivan. A Viola. Ensaio escrito para “Músicos do Brasil – Uma Enciclopédia”. 8-12p. Disponível em: www.ivanvilela.com.br/pesquisador/ivanvilela-aviola.pdf. Acesso em: 15.03. 2014. 8p.
22. Idem, ibidem. 12p.
23. Idem, ibidem. 13p.
24. CAMPOS, José Maria. Trecho de entrevista concedida na cidade Martinho Campos à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos. 28 dez 2013.
25. ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro, op. cit., p. 343.
26. REZENDE, Gilberto de Andrade. Catira – A Poesia do Sertão. Uberaba (MG): Ed. Oficina das Artes, 2004. 21p.
27. Idem, ibidem, pag. 21p
28. Idem, ibidem, pag. 29
29. SILVA, Armínio Rodrigues. Jaraguá (GO). 2013. Trecho de entrevista concedida à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos.
30. SAENGER, Juliana. Tocadores homem, terra, música e cordas. Lia Marchi - Olaria projetos de arte e educação. 2002. Impresso no Brasil. 41 p.
31. SOUZA, Anair Alves de. Aparecida do Taboado. 2013. Trecho de entrevista concedida à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos.
32. SANTANA, JR, Francisco. Barretos-SP. 2013. Trecho de entrevista concedida à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos.
33. BENJAMIM, Roberto. Globalização não vai extinguir folclore. Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Bernardo do Campo, SP. Ano 7, N. 266. Jan 2005. Apud Diário do Nordeste. Acesso em: mar 2014. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc266/dialogo_globalizacao.htm.
34. TORQUATO, Wosley. 2013. Uberaba (MG). Trecho de entrevista concedida à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos.
35. SIQUEIRA, Nilmaria Alves. 2013. Aparecida de Goiania (GO). Trecho de entrevista concedida à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos.
36. BORGES, Romeu. 2013. UBERABA (MG). Trecho de entrevista concedida à equipe do documentário do projeto Catira - Uma Tradição de 450 anos.



PATROCÍNIO:



VALE

O projeto Catira – Uma Tradição de 450 Anos foi realizado com o objetivo de mapear os grupos de Catira em atividade no País. Sendo a ocorrência do Catiramaís comum em algumas regiões do Brasil, uma expressiva amostragem foi coletada fornecendo um importante panorama sobre essa atividade cultural nos dias de hoje.

Apoiado pelo Ministério da Cultura por meio da Lei Rouanet e, patrocinado pela empresa VALE, este documentário pretende evidenciar a relevância do papel da cultura e, especialmente, do folclore na construção da identidade nacional.

A pesquisa foi realizada em duas regiões do país: Sudeste (Minas Gerais e São Paulo), e Centro-Oeste (Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal). Os grupos de Catira foram entrevistados, filmados, fotografados, e o resultado se materializa neste registro, bem como em um DVD e, ainda, pelo site www.catiranobrasil.com.br.

APOIO:



REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



VALE

